UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)

WANDERSON PEREIRA LIMA

Ao redor do Olimpo: entre a cultura da competição e a da solidariedade humana nas atividades esportivas

GOIÂNIA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[ ] Dissertação [**X**] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

WANDERSON PEREIRA LIMA

3. Título do trabalho

Ao redor do Olimpo: entre a cultura da competição e a da solidariedade humana nas atividades esportivas

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [**X**] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Wilson Alves De Paiva**, **Professor do Magistério Superior**, em 18/04/2024, às 16:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Wanderson Pereira Lima**, **Usuário Externo**, em 18/04/2024, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4472713** e o código CRC **EE3F3264**.

Referência: Processo nº 23070.001377/2024-33 SEI nº 4472713

WANDERSON PEREIRA LIMA

Ao redor do Olimpo: entre a cultura da competição e a da solidariedade humana nas atividades esportivas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.
Área de concentração: Educação
Linha de pesquisa: Cultura e Processos Educativos

Orientador (a): Professor Doutor Wilson Alves de Paiva

GOIÂNIA

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Wanderson Pereira
Ao redor do olimpo: entre a cultura da competição e a da solidariedade humana nas atividades esportivas. [manuscrito] / Wanderson Pereira Lima. - 2024.
CLVII, 157 f.

Orientador: Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2024.
Anexos. Apêndice.

1. Competição. 2. Educação. 3. Educação Física. 4. Formação Humana. I. Paiva, Wilson Alves de, orient. II. Título.

CDU 37

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº 09 da sessão de Defesa de Tese de **WANDERSON PEREIRA LIMA** que confere o título de **Doutor em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás - PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em **Educação.***

Aos **vinte e nove dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e quatro (29/02/2024)**, a partir das **14h**, nas dependências da Faculdade de Educação, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **"Ao redor do Olimpo: entre a cultura da competição e a da solidariedade humana nas atividades esportivas".** Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Prof. Dr. **Wilson Alves de Paiva (PPGE/FE/UFG),** doutor em **Filosofia da Educação** pela **USP,** com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof.ª Dr.ª **Amone Inácia Alves (PPGE/FE/UFG),** doutora em **Educação** pela **UFG** - integrante titular interna, Prof.ª Dr.ª **Linda Denise Fernandes Moreira (FacUnicamps)**, doutora em **Ciências (Medicina)** pela **Unifesp -** integrante titular externa, Profª. Drª. **Elianda Figueiredo Arantes Tiballi (PPGE/PUC-Goiás),** doutora em **História e Filosofia da Educação** pela **PUC-SP** - integrante titular externa e Prof. Dr. **Sebastião Carlos Ferreira de Almeida (UEG),** doutor em **Sociologia** pela **UFG** - integrante titular externo. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos vinte e nove dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e quatro.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva

Prof.ª Dr.ª Amone Inácia Alves

Prof.ª Dr.ª Linda Denise Fernandes Moreira

Profª. Drª. Elianda Figueiredo Arantes Tiballi

Prof. Dr. Sebastião Carlos Ferreira de Almeida

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Amone Inacia Alves**, **Professora do Magistério Superior**, em 29/02/2024, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Wilson Alves De Paiva**, **Professor do Magistério Superior**, em 29/02/2024, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Linda Denise Fernandes Moreira**, **Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 17:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Sebastião Carlos Ferreira de Almeida**, **Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Marilza Vanessa Rosa Suanno**, **Vice-Coordenadora de Pós-Graduação**, em 25/03/2024, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4312614** e o código CRC **B0B7CDAE**.

Referência: Processo nº 23070.001377/2024-33 SEI nº 4312614

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva
Universidade Federal de Goiás (PPGE-FE)
(Presidente)

Profa. Dra. Amone Inácia Alves
Universidade Federal de Goiás (PPGE-FE)

Profª. Dra. Elianda Figueiredo Arantes Tiballi
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

Profª. Dra. Linda Denise Fernandes Moreira
Faculdade FacUnicamps

Prof. Dr. Sebastião Carlos Ferreira de Almeida
Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO)

DEDICATÓRIA

À minha família: meu pai Francisco José Ferreira Lima, minha mãe Vanderlucia dos Reis Pereira Lima e minha irmã Ana Maria Pereira Lima.

À minha esposa e amor da minha vida, Nádia Francielle Borges Alves.

À toda minha família: tios, tias, padrinhos e madrinhas, primos, primas e avós.

Aos amigos/irmãos que são parte da minha família.

Ao meu mestre, amigo e sempre orientador Prof. Me. Ali Kalil Ghamoum.

Aos meus avôs que hoje moram e cuidam de mim lá do céu: João Alves e Francisco Ferreira.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva, o qual tenho a honra em dizer que é meu orientador. Muito obrigado pelas orientações, pelos conselhos, pelas dicas e pelos “puxões de orelha”. Sem dúvida alguma, sob a sua orientação meu curso de doutorado se tornou algo fundamental em minha vida, não somente pela formação ou titulação, mas verdadeiramente contribuiu em minha formação como ser humano.

Às professoras Dra. Elianda Figueiredo Arantes Tiballi, Dra. Linda Denise Fernandes Moreira, Dra. Amone Inácia Alves e ao professor Dr. Sebastião Carlos Ferreira de Almeida pela leitura cuidadosa de meu trabalho e pelas preciosas contribuições.

Ao meu pai Francisco José Ferreira Lima, por ser um pai protetor, amoroso e exemplar. Sempre será meu ídolo.

À minha mãe Vanderlucia dos Reis Pereira Lima, uma mãe cuidadosa, amorosa e exemplar. Sempre será minha rainha.

À minha irmã Ana Maria Pereira Lima, uma irmã alegre, carinhosa, temperamental, de quem eu sempre vou cuidar.

À minha esposa Nádia Francielle Borges Alves, por dividir comigo minhas alegrias, tristezas e me ajudar a ser um homem cada vez melhor.

Aos meus familiares que sempre me deram apoio.

Aos amigos/irmãos, que sempre estiveram ao meu lado.

Ao meu mestre Prof. Me. Ali Kalil Ghamoum, que desde o início da minha vida acadêmica está me apoiando, me orientando e servindo de exemplo profissional. Tenho honra de me considerar seu discípulo.

RESUMO

Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa, Cultura e Processos Educacionais do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, e tem como temática a importância da competição para a formação humana, destacando seus elementos constitutivos. Desde os tempos remotos até a atualidade, a competição sempre esteve presente de modo implícito ou explícito na vida do ser humano, seja em práticas competitivas com outrem ou consigo mesmo, não limitando-se ao esporte ou ao campo econômico, duas áreas que na Modernidade tem mobilizado as discussões sobre competição. No entanto, constatamos com essa pesquisa que as práticas competitivas mobilizam os interesses e necessidades humanas de sobrevivência, socialização e principalmente nas ações educativas. Objetiva-se por meio de uma pesquisa bibliográfica, compreender como importância da competição para a formação humana, enfatizando seus elementos constitutivos, tais como, saúde, educação, ética, estética, arte, entre outros. Assim, pode-se captar o movimento do real em suas múltiplas determinações, ou seja, analisar e refletir sobre nosso objeto de estudo ao longo do tempo, sobretudo suas transformações no decorrer da história da humanidade. Logo, o estudo apresenta como suas principais referências, Rousseau (1972), Jaeger (2013), Paiva (2021), Huizinga (2005), Godoy (1996), Ghiraldelli Júnior (1991), Castellani Filho *et al* (2012), Soares *et al* (1992), Le Breton (2012), entre outros. Entretanto, destacamos que a obra de Jean-Jacques Rousseau (1972), *Emílio: ou da Educação*, foi fundamental para contextualizar o objeto de estudo, discutindo conceitos roussenianos sobre temas como corpo e mente, objetividade e racionalidade, aspectos biológicos e fisiológicos com elementos psicológicos e sociais, adaptações de regras e lições morais, consolidando a ideia de que Rousseau é um clássico da Educação Física, pois está presente nas raízes teóricas e metodológicas dessa área. Portanto, conclui-se que a competição é fundamental para a formação humana. Porém, para interpretá-la e conduzi-la de modo correto nos ambientes educativos é necessário superar os reducionismos, compreender as práticas competitivas como elemento vinculado a educação, cultura, política e filosofia, independentemente das determinações históricas da sociedade. Enfim, a competição é uma condição humana. Assim, há um sentido pedagógico na competição.

Palavras-chave: Competição. Educação. Educação Física. Formação humana.

ABSTRACT

This PhD thesis is related to the following area of expertise: *Culture and Educational Processes* of the Postgraduate Program in Education at the School of Education of the Federal University of Goiás. The object of study is the importance of competition for human development, highlighting its constituent kinesthetic elements. From ancient times to the present, competition has always been implicitly or explicitly present in the lives of human beings, whether in competitive practices with others or with oneself, not limited to the sports or the economic field. However, we found from this research that competitive practices mobilize human interests and needs for survival, socialization and especially in educational actions. The objective is, through bibliographical research, to understand the importance of competition for human development, emphasizing its constituent elements, such as health, education, ethics, aesthetics, arts, among others. Thus, it is possible to capture the movement of reality in its multiple determinations, that is, to analyze and reflect on our object of study over time, especially its transformations throughout the history of humanity. Therefore, the study presents as its main references, Rousseau (1972), Jaeger (2013), Paiva (2021), Huizinga (2005), Godoy (1996), Ghiraldelli Jr. (1991), Castellani Filho *et al* (2012), Soares *et al* (1992), Le Breton (2012), among others. However, we highlight that the writings of Jean-Jacques Rousseau, mostly the book *Emile or on Education* has been fundamental to contextualize the object of study. Discussing Rousseauian concepts on topics such as body and mind, objectivity and rationality, biological and physiological we came to realize that Rousseau can be classified as classic of Physical Education, since he is present in the theoretical and methodological roots of this area. Therefore, the final considerations points out that competition is fundamental for human development. However, to interpret it and conduct it correctly in educational environments, it is necessary to overcome reductionism, understanding competitive practices as an element linked to education, culture, politics and philosophy, regardless of the historical determinations of society. Ultimately, competition is a human condition. Thus, there is a pedagogical meaning to the competition.

Keywords: Competition. Education. Physical education. Human formation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E SAÚDE 23

1.1 Aspectos Históricos e Epistemológicos da Educação Física 24

1.2 Sociedade, educação e saúde 39

1.2.1 Higiene, Saúde e Ginástica/Educação Física 53

1.2.2 Os Métodos Ginásticos: Francês, Sueco e Alemão 59

1.3 Contextualização inicial sobre Esporte e Competição 62

CAPÍTULO II – COMPETIÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO 74

2.1 Críticas à competição 78

2.2 Rousseau: um clássico da Educação (Física) 82

CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO, CULTURA E FORMAÇÃO HUMANA 101

3.1 O episódio dos doces: a competição como elemento educativo..... 102

3.2 A competição é uma condição humana 113

3.2.1 Competição e Educação Física: Formação e Condição Humana 115

CONSIDERAÇÕES FINAIS 137

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 145

ANEXO 158

APÊNDICE 160

EPÍGRAFE

"QUANDO O SUCESSO
RECOMPENSA O ESFORÇO,
PRECISA O ATLETA
DA DOÇURA DOS HINOS, QUE
PRELUDIAM AS GLÓRIAS
LONGÍNQUAS,
EM TESTEMUNHO VERÍDICO DOS
GRANDES FEITOS".

XIa. Olímpica

Citado por Mireaux (p. 234)

INTRODUÇÃO

A competição é um tema emblemático e por sua vez, muito polêmico na Educação Física devido suas fortes relações com o esporte de alto rendimento, com o mundo econômico e com o passado de grandes guerras na humanidade. Assim, a mesma tem sido um problema nas discussões da literatura dessa área, sobretudo, quando diz respeito à Educação Física escolar. Termos como exclusão, monopólio, hierarquia, vencedor, perdedor, fazem com que as práticas competitivas sejam verdadeiramente um tabu.

Discutir sobre competição e sua relação com a formação humana requer a superação de grandes desafios, entraves e reducionismos que tendem a apequenar a reflexão e a produção de conhecimento. Desde já afirmamos que reduzir as práticas competitivas à economia e/ou simplesmente ao mundo esportivo é um erro acadêmico e intelectual, pois, como buscaremos demonstrar ao longo deste trabalho, a competição é algo que está intrínseco ao ser humano, seja na disputa com outrem ou consigo mesmo, em questões de sobrevivência ou em aspectos de premiações e glorificações.

No entanto, restaurar algo que é tão disseminado na literatura e no senso comum não é uma tarefa fácil, torna-se necessário investigar a fundo os elementos constitutivos da competição, e principalmente, relacioná-los com a formação humana, não se limitando à escolarização. Haja vista que compreender as práticas competitivas como algo natural ao ser humano é simplesmente mergulhar em um profundo mar de incertezas e certezas cristalizadas que carecem de uma remodelação, ou pior, necessita puramente de uma destruição e reconstrução de novas reflexões. Assim, essa intensa "viagem ao mundo desconhecido" indica leituras e pesquisas aos clássicos de diferentes épocas ao longo da história da humanidade, bem como de autores contemporâneos que discutem sobre as problematizações atuais. Compreender as contradições e as reciprocidades de um objeto de estudo é algo que carece de tempo, dedicação e pesquisa sem pré-conceitos ou paixões ideológicas.

Superar os reducionismos e se livrar das amarras acadêmicas significa reconhecer o objeto de estudo como uma síntese de múltiplas determinações e entender que as teorias e suas abordagens, assim como os discursos e suas interpretações, são engendradas na materialidade das relações sociais. Em suma, para destacar os elementos constitutivos da competição e suas

relações com a formação humana é necessário analisar o movimento do real ao longo do tempo, ressaltando suas especificidades e particularidades na relação indivíduo-sociedade e sujeito-objeto.

Porquanto, para compreendermos as modificações das intepretações sobre competição e principalmente sobre o conceito Educação Física no decorrer da história, sobretudo na Modernidade, é fundamental se atentar às transformações e contradições dos discursos e das teorias. Por exemplo, no período pós Idade Média, foram se constituindo novos caminhos que se contrapuseram às explicações metafísicas do período medieval e da Idade Antiga. Assim, dois métodos se consolidaram, o Racionalismo e o Empirismo, cada qual com suas especificidades. Sobre as características do método científico, Comte[1] fundamentou a Física Social e Durkheim[2] a aprimorou, o que possibilitou o desenvolvendo do Positivismo. Busca-se assim, a neutralidade do sujeito/pesquisador perante o objeto de estudo, com as características de descrever, calcular, experimentar e justificar os fatos sociais (SEVERINO, 2007). Mediante essas premissas, novas ciências foram fundamentadas, tais como a Sociologia e a Psicologia, que vieram dar um novo tom à Educação Física, à Ginástica e aos Esportes em geral, em todo o mundo. Já em relação à Educação Física no Brasil, o positivismo nessa área foi hegemônico no fim do século XIX e século XX. Com o intuito de construção de um país urbano, industrial e moderno, tendo como exemplo as potências europeias e os Estados Unidos da América, o movimento higienista utilizou-se dos exercícios físicos como um de seus principais instrumentos, visando formar indivíduos fortes, sadios, disciplinados, vinculando essas características à moral e a uma nova formação cultural. Do mesmo modo aconteceu com as tendências posteriores, o militarismo, o pedagogicismo e o esportivismo, cada qual com suas particularidades (CASTELLANI FILHO, 1988). No entanto, vale destacar que a ginástica, primeiro nome da Educação Física, se consolidou em solo brasileiro por meio das instituições militares e por estudos dos médicos-higienistas, sendo hegemônicas até as últimas décadas do século XX.

A Educação Física foi constituída historicamente por grandes debates ideológicos, políticos, sociais e culturais, apresentando diferentes tendências educacionais e implicações

[1] Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) foi um filósofo francês fundador do Positivismo. De acordo com Paiva (2014, p. 33) o autor defende a fundação da *física social* – a ciência capaz de analisar os fenômenos sociais pela lógica matemática e a partir de leis naturais que permitam classificar, ordenar, comparar, avaliar e chegar a um resultado quantitativo que demonstre a natureza mesma do fato observado.

[2] David Émile Durkheim (1858-1917) foi um intelectual francês "foi um dos pensadores que mais contribuiu para a consolidação da Sociologia como ciência empírica e para sua instauração no meio acadêmico" (QUINTANEIRO, 2009, p. 67). De acordo com Paiva (2014, p. 40) Durkheim é "considerado um dos pais da sociologia moderna, quem mais insistiu na exigência de se tomar os fatos como coisas a fim de que, como um organismo sistemático, poder encontrar os sintomas de normalidade ou de patologia social".

pedagógicas distintas. Há que se reconhecer que as tendências se imbricam, evidenciando embates teóricos e epistemológicos com compromissos diferenciados em relação à escola. Entretanto, ultrapassando os muros da escola e alcançando suas finalidades sociais, o estudo sobre a Educação Física, e principalmente a competição como elemento essencial a formação humana, é imprescindível destacar que o homem não nasceu andando, correndo, saltando, nadando, arremessando, jogando. Essas são atividades corporais que se desenvolveram ao longo do tempo objetivando superar os obstáculos à sobrevivência humana, numa relação direta do homem com o mundo concreto (SOARES *et al*, 1992). Isso nos indica a ideia da competição do homem com o mundo que o cerca, com outrem e até mesmo com ele próprio, aprimorando seus códigos, linguagens e instrumentos, visando sua adaptação e transformação ao meio.

Desse modo, os jogos e brincadeiras, o esporte, a ginástica, a dança, as lutas, o malabarismo, as práticas corporais de saúde, são temas/conteúdos da Educação Física que se desenvolveram também, ao longo do tempo nessa mútua relação do homem com o mundo em que está inserido (SOARES *et al*, 1992), mediante seus diversos motivos, por exemplo, cultos, festas, guerras, disputas por territórios, entre outros. Logo, assim como esses conteúdos de ensino-aprendizagem da Educação Física se constituíram, a competição também se tornou objeto de estudo de uma pesquisa de doutorado culminando no presente trabalho, ao passo de toda uma trajetória acadêmica, leituras por leituras, discussões por discussões, debates por debates.

Em suma, a competição se concretizou como objeto de estudo da nossa tese de doutorado mediante a conclusão da dissertação de mestrado, ou seja, a linha de chegada da pesquisa de mestrado transformou-se na linha de partida da pesquisa de doutorado. A pesquisa de mestrado em educação baseou-se na abordagem crítico-superadora, consolidada por Soares *et al* (1992), analisando sua repercussão nos periódicos da área da Educação Física, bem como suas implicações para a prática pedagógica. Ela conclui que o discurso hegemônico do século XX é o do biologicismo, o qual consagra o esporte em sua modalidade puramente corporal, deixando à margem do processo ensino-aprendizagem os demais conteúdos.

A obra de Castellani Filho *et al* (2012, p. 37) enfatiza como seu objetivo central a contraposição ao processo de desenvolvimento da aptidão física do indivíduo nas aulas de Educação Física, pois essa ênfase à aptidão física contribui “historicamente para o interesse de classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista”, assim, de acordo com essa obra, a esse mesmo desenvolvimento exclusivamente das questões corporais para a manutenção da hierarquização dos indivíduos/alunos nas aulas, excluindo aqueles considerados menos fortes, menos rápidos, etc. Percebe-se que o modelo de Educação Física que tem como fim de seu

processo educativo o desenvolvimento da aptidão física tem como fundamento básico o discurso biologicista, neutro para com relações sociais e imparcial para com questões sociais e políticas. Em suma, constata-se que essa obra é radicalmente contra a competição nas aulas de Educação Física escolar, fato que se discute e se contrapõe ao longo do presente trabalho.

O encontro com essa emblemática obra ainda na graduação em Educação Física estimulou o estudo realizado no mestrado em educação. Pois, nos anos iniciais de graduação, as disciplinas vinculadas às Ciências Humanas e Sociais sempre nos chamaram a atenção devido a premissa de problematizar o que se propunha a estudar, destacando aspectos históricos, sociais, culturais e políticos que constituem os esportes, os jogos, as danças, a saúde, entre outros. Esse pressuposto de analisar os elementos que estão velados nas relações sociais, nos provocava e ainda provoca a necessidade de estudar, pesquisar e escrever sobre esses aspectos que circundam e norteiam os debates na área da Educação Física. De certo modo, percebia-se que estava percorrendo um caminho diferente daquilo que muito se via na área, pois a tendência de uma pós-graduação era se especializar em Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Cinesiologia, Treinamento Esportivo, ou seja, áreas vinculadas às Ciências da Saúde e Ciências do Movimento Humano. Todavia, nadando contra a corrente, buscamos outro caminho, caminhando sobre as trilhas das Ciências Humanas, em especial da Educação. Dentre as temáticas dessa área, a que mais instigava eram os fundamentados da educação, cultura e processo educacionais.

Assim, o ingresso no mestrado em educação ofereceu a oportunidade de aprofundar os estudos da obra *Metodologia do Ensino de Educação Física*, que desde o primeiro contato na graduação me provocou muito devido seu caráter crítico, radical, desmistificador e que traz em si a perspectiva da transformação social. Não conhecia outra obra que sintetizasse uma teoria com essas características na área da Educação Física. Desse modo, a obra me sensibilizou e me mobilizou rumo à busca de novos motivos e interesses para seu estudo de modo a compreender sua importância para a Educação Física, pois nos pareceu um livro muito diferente de tudo aquilo que já havíamos estudado.

Desse modo, mediante o estudo de uma obra inédita em minha formação, o interesse pela formação humana foi se fortalecendo, estimulando a investigação pelas diferentes áreas que constituem os fundamentos da educação, ou seja, contribuições vindas da história, filosofia, sociologia. Logo, esse interesse foi se desenvolvimento e consolidando nos estudos com o intuito de compreender a importância da Educação Física e suas influências nos processos educativos nos diferentes períodos da história da humanidade. Relacionando as intrínsecas relações, por exemplo entre a Ginástica nas práticas educativas da Grécia Antiga e sua herança

para a Educação Física contemporânea em suas múltiplas práticas corporais envolvidas nas reciprocidades e contradições sociais.

A grande questão e o ponto chave da pesquisa de mestrado é que essa premissa de formação de consciência de classe nos alunos e a transformação social pregada pela abordagem crítico-superadora, encontrava diversos obstáculos em seu caminho, um exemplo disso é o que se apresenta no trabalho de Mello *et al*. (2011) que analisou um projeto social numa cidade do estado do Espírito Santo. Constatando-se que este projeto social iniciou suas atividades tendo como referência a abordagem crítico-superadora e encerrou com competição, treinamento e disputa, pois percebeu-se que ao longo do tempo os alunos estavam abandonando o projeto por falta de motivação, e, com a inserção da competição e treinamento nas atividades, notou-se a diminuição da evasão dos participantes e até mesmo o retorno de alunos que haviam se deixado do projeto social. Desse modo, inferiu-se que a competição é cativante e promoveu nos alunos a adesão às características de disputa e motivação, ou seja, essa é uma questão histórica e epistemológica da própria Educação Física e dos processos culturais – formação humana presente entre as práticas competitivas e práticas educacionais – que se apresentam na relação indivíduo-sociedade.

Assim, é justamente desses processos culturais que fizeram surgir a glorificação à competição na Grécia Antiga, berço da competição mais respeitadas e condecoradas da história da humanidade, os Jogos Olímpicos. Esse evento esportivo, político, social, cultural, artístico, estético e filosófico, era o mais valorizado pelos gregos antigos, sendo que até mesmo guerras e grandes disputas por sobrevivência eram paralisadas visando vivenciar e saudar o espírito esportivo proporcionado por esses jogos. O lugar escolhido para acontecer os Jogos Olímpicos foi Olímpia, uma cidade neutra, um local sagrado. "Olímpia: cidade da paz" (GODOY, 1996, p. 55), assim era considerada essa cidade para se desenvolver um dos eventos mais glorificados pelos homens e pelos deuses da Grécia Antiga: "A atração que Olímpia exercia sobre os gregos era tão intensa que, pelo menos uma vez em suas vidas, sonhavam visitá-la. E o motivo principal era assistir aos Jogos Olímpicos" (Idem, p. 57).

De acordo com Godoy (1996, p. 53) "Não é possível precisar quando e por quê os Jogos Olímpicos foram instituídos, pois na história da Grécia lenda e realidade confundem-se. As aventuras vividas por deuses e heróis eram transmitidas de uma pessoa a outra"[3]. Isto é, ao redor do Olimpo criou-se o arcabouço mitológico necessário para a consolidação de uma cultura

[3] "Oficialmente, são considerados como os primeiros Jogos Olímpicos da Antiga Grécia os realizados em 776 a. C. Surgiu ali a primeira descrição histórica e a partir de então os nomes dos campeões passaram a constar dos registros públicos" (GODOY, 1996, p. 56).

competitiva esportiva que perdurava ao longo dos séculos, influenciando decisivamente a educação, saúde, arte, entre outros elementos não somente do mundo grego antigo, mas também da cultura ocidental moderna. Essa influência mobilizou diferentes áreas do conhecimento, o esporte moderno se desenvolveu por meio do discurso humanista e de estudos vindos das ciências biológicas. O campo da educação utilizou-se dos exercícios físicos para constituir uma nova formação educacional, com novos padrões educativos vinculados à psicologia, à sociologia e à medicina higienista. Logo após, um levante com diversas pesquisas vinculadas às ciências humanas e sociais associado ao materialismo histórico e dialético e à fenomenologia rompeu com o discurso até então hegemônico, ou seja, o fio condutor da competição ao longo da história da humanidade são seus próprios elementos constitutivos condicionando o homem e sua relação com a sociedade, bem como, a própria produção de conhecimento sobre esses mesmos elementos. Sendo que o presente estudo é um exemplo disso.

Assim sendo, esta tese de doutorado que discute a importância da competição para a formação humana, como resultado da pesquisa desenvolvida, está organizada em três capítulos, cada qual com seus assuntos diferenciados. Entretanto, os mesmos se relacionam de modo a fortalecer uma síntese enfatizando a importância da competição na formação humana, destacando seus elementos constitutivos: saúde, esporte, educação, cultura, arte, ética, estética, entre outros. Com isso, o primeiro capítulo intitulado *Educação Física, Esporte e Saúde* apresenta a polêmica discussão sobre a constituição da área da Educação Física, pois, implícito ou até mesmo explícito a essa própria constituição há o fio condutor dos elementos integrativos das práticas competitivas na e para a formação do ser humano. Assim, analisando as principais tendências e abordagens teóricas em sua estrutura interna, contextualizando e refletindo suas contribuições, bem como as contradições históricas, movidas por setores políticos, sociais e culturais.

O segundo capítulo intitulado *Competição, Educação Física e Educação* inicia de modo central a discussão sobre competição. Há relatos de práticas competitivas ao longo do tempo, ressaltando a necessidade do ser humano em se proteger, cuidar de si mesmo e da própria comunidade. Fato que foi se modificando e se especializando no decorrer da história da humanidade. Logo, percebe-se que um dos pilares desse capítulo é a função de desvincular o sinônimo de competição com esporte. Afirmamos que não há esporte sem competição, no entanto, há competição sem esporte. Vários são os exemplos na história da humanidade e até mesmo nos dias atuais de práticas competitivas desenvolvidas pelo ser humano com outras pessoas e consequentemente com consigo mesmo. Entende-se que os fatores educacionais proporcionados pelas práticas competitivas vão além da própria competição e do esporte, mas

sim, são refletidos na vida como um todo, possibilitando a compreensão de que competir é uma característica humana e seus efeitos, tantos os positivos quantos os negativos, são verdadeiramente educativos. Em vista disso, ao final deste capítulo, fazendo uma passagem para o próximo capítulo, enfatiza-se Jean-Jacques Rousseau[4] como um verdadeiro clássico da Educação Física, bem como o é na área da Educação. Afirmamos que Rousseau está presente nas raízes das discussões e práticas sobre atividades físicas, exercícios físicos, jogos e brincadeiras, esporte, práticas competitivas, como ele mesmo vai ressaltar, dizendo: "A vida fácil e sedentária é um perigo" (ROUSSEAU, 1972, p. 24). Em suma, o filósofo genebrino contribuiu decisivamente nas duas grandes vertentes da Educação Física, seja na Licenciatura como no Bacharelado.

O terceiro e último capítulo deste trabalho intitulado *Educação, Cultura E Formação Humana* inicia-se discutindo sobre o *episódio dos doces*, uma das cenas pedagógicas presentes no tratado educacional de Rousseau (1972), *Emílio: ou da Educação*. Esse é um momento em que se apresenta lições não somente sobre a competição em suas funções físicas, motoras e adaptativas, mas também, em suas questões psicológicas, sociais e sobretudo, moral. Assim, como se pretende neste trabalho desde as primeiras elaborações do projeto de pesquisa, ampliamos a visão sobre as práticas competitivas, extrapolando os limites biológicos e fisiológicos, elucidando elementos psicológicos, sociais, filosóficos e culturais. Enfim, no desenvolver da escrita, vamos consolidando a tese central, jogando luz sobre elementos que por vezes estão velados e cristalizados, presos a amarras que tendem a apequenar as discussões sobre as práticas competitivas.

Portanto, o objetivo central desta tese de doutorado é destacar os elementos constitutivos da competição para a formação humana, abordando suas características essenciais nas relações sociais e na própria constituição do ser humano, como a educação, saúde, política, filosofia e cultura. Desse modo, construiu-se uma linha de raciocínio adotando como fontes autores clássicos desde a Grécia Antiga até os contemporâneos, no intuito de desmistificar e elucidar a competição como uma prática de sobrevivência, sociabilidade e principalmente, uma ação educativa, bem como um elemento constitutivo de nossa cultura. Nesta tese utilizo o seguinte conceito de "cultura" elaborado por Bauman (2012, p. 302): "A cultura é singularmente humana no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade

[4] Jean-Jacques Rousseau (1772-1778) natural de Genebra-Suíça, "é considerado por muitos o grande escrito e filósofo do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau revela ao seu leitor uma existência fora do comum, bem como um pensamento que mesmo depois de mais de dois séculos continua a causar grande interesse. É impossível lê-lo e permanecer indiferente" (PISSARRA, 2002, p. 5). A discussão sobre esse autor, bem como sua influência na Modernidade e sobretudo, na educação e Educação Física, nos próximos capítulos deste trabalho.

e reivindicar um significado mais profundo, a justiça, a liberdade e o bem – seja ele individual ou coletivo".

Quanto ao método, a pesquisa realizada resulta de um estudo teórico, com base em uma vasta pesquisa bibliográfica e reflexão do problema levantado à luz do que os textos propõe e da experiência do pesquisador, numa revisão sistemática - que significa: "é uma revisão planejada para responder uma pergunta específica e que utiliza métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos, e para coletar e analisar os dados destes estudos incluídos na revisão" (Castro, 2001, p. 1). Ao debruçar sobre alguns textos mais filosóficos, como a obra *Emilio ou da Educação*, de Jean-Jacques Rousseau, o método foi especificamente o hermenêutico. A palavra "hermenêutica" vem do grego ἑρμηνευτικὴτέχνη (hermeneutiké tejne), que se compõe de três palavras: *hermeneuo*, que significa "decifrar"; *tekhné*, que significa "arte"; e o sufixo *tikos* que significa "relacionando-a". Embora o método tenha sido usado mais na teologia[5], sobretudo na Idade Média, posteriormente foi usado na filosofia e nas demais ciências humanas e sociais. O método passa pelas seguintes fases: 1) Identificação do problema - feito, no caso desta pesquisa, no momento em que se identificou a questão da desvalorização da competição; 2) Identificação de textos relevantes; 3) Leitura e análise dos textos. A hermenêutica filosófica é uma perspectiva de investigação que se ocupa de saberes e lida com certos pressupostos acadêmicos de modo dialógico.

Por fim, nas considerações finais afirmamos que competição é uma condição humana constituída nas próprias contradições individuais do ser humano, bem como no turbilhão social em que está inserido, ressaltando seus aspectos positivos e negativos. Destacamos também que enfatizar a competição como elemento de formação humana é construir um polo diferenciado da ambiguidade entre a crítica e negação, e, adesão e aceitação. É evidenciar um polo em que a competição propicia a valorização do processo, vencer e perder, problematizar e contextualizar, trabalhar de modo interdisciplinar, vivenciar valores morais, entre outros. Significa dizer que há um sentido pedagógico na competição.

[5] Quando a experiência hermenêutica enseja outras possibilidades interpretativas, a educação como se desprende das amarras conceituais provenientes da visão científico-objetivista e da tradição metafísica, passa então a produzir os efeitos benéficos da abertura de horizontes e da ampliação da base epistemológica. Assim, a possibilidade compreensiva da hermenêutica desfaz o prejudicial equívoco que há entre educação compensatória e educação no sentido amplo da formação (HERMANN, 2003, p. 9-10).

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E SAÚDE

Para iniciar a discussão, é necessário destacar que compreendemos Educação Física como um conjunto de ciências que estudam o corpo[6] em "movimento", ou seja, é uma área cujo o objeto de estudo é tão plural que não há consenso sobre a especificidade de sua linguagem e seu método, como veremos ao longo deste capítulo, mas sim, possui grandes contribuições de diferentes áreas do conhecimento, sejam das biodinâmicas[7] ou então das socioculturais[8]. Doravante, não é nosso intuito enfatizar somente um paradigma do que diz ser ou não a Educação Física, pois, por exemplo, há a abordagem Desenvolvimentista que defende o movimento como meio e fim do processo educativo, a abordagem da chamada Saúde Renovada que se dedica aos aspectos fisiológicos e biológicos dos exercícios físicos, a abordagem Cultural que ressalta aspectos antropológicos dos jogos e práticas corporais a serem estudadas e desenvolvidas nas aulas (BRACHT, 1999; BRACHT, 2014; DARIDO, 2011). Desse modo, descrever as principais leituras realizadas sobre a constituição da área é fundamental para compreender os elementos que envolvem a própria Educação Física com o esporte, saúde e educação.

---

[6] O corpo retrata as experiências vividas pelos seres humanos ao longo do tempo, demonstra não somente aparências física e materiais, como braços, pernas, mãos, pés, entre outros membros, mas também, caraterísticas como sorriso, choro, saúde, doença. Por muitas vezes, o corpo diz muito mais do que queremos falar, o corpo pode expressar e representar o que somos no mundo social. De acordo com Soares (2001, p. 109), o corpo "é inscrição que se move a cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence. Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades". O corpo em acordo com seu tempo histórico está inserido em uma determinada sociedade com seus códigos, com suas regras e leis, com seus mecanismos de sobrevivência. Ele pode refletir os processos educacionais em que foi ensinado e que o ser humano está inserido. Não é possível e nem aconselhável viver nos dias de hoje como os gregos antigos viviam ou como eram estipuladas as regras de convivência na Idade Média, pois o ser humano de hoje não é o mesmo de um milênio ou um século atrás, por mais que existem grandes semelhanças e heranças oriundas dessas antigas sociedades. Complementando, vamos à Le Breton (2020, p. 92) que por meio de uma leitura sociológica cita que mediante as relações humanas que têm repercussões diretas no cotidiano, seja no sentido mercadológico, pessoal, cultural, entre outros, consolidam o corpo como um objeto dualista, simbólico e natural. O corpo "é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico".

[7] Anatomia, cinesiologia, biomecânica, fisiologia, treinamento esportivo, nutrição.

[8] Filosofia, sociologia, antropologia, história, psicologia.

Portanto, serão apresentadas aqui reflexões acerca de temas polêmicos em âmbito acadêmico, sobretudo para a área da Educação Física. Desta feita, torna-se imprescindível ressaltar que o objetivo aqui não é adotar uma ou outra ideia, concepção de mundo, de sociedade e de homem, mas analisar as principais tendências em sua estrutura interna, contextualizando e refletindo sobre suas contribuições, bem como as contradições históricas, movidas por setores políticos, sociais e culturais.

1.1 Aspectos Históricos e Epistemológicos da Educação Física

Este é um texto que busca fazer referência à epistemologia da Educação Física. Um tema polêmico, pois, ao longo da constituição histórica da área tem existido várias abordagens teóricas e tendências que norteiam os discursos e os debates em torno da mesma. Além disso, a Educação Física tem sido também influenciada pelos diferentes paradigmas políticos, sociais e culturais ao longo do tempo. Por exemplo, a ginástica como preparação de soldados e fortalecimento corporal na Grécia ou em Roma da Antiguidade; o treino sistemático dos cavaleiros medievais, a brutal tradição italiana do Calcio[9], a ginástica científica, fruto da Modernidade nos séculos XIX e XX; os esportes olímpicos e paraolímpicos; o esporte de alto rendimento e todas as modalidades desportivas que possam existir, todas elas são fruto de seu tempo e devem ser compreendidas no seu contexto. Seu caráter epistemológico se desenvolveu tendo como base essas diferenças tanto em sua constituição categórica quanto na medição de suas tendências, inclusive modernas. Por exemplo, a tendência higienista, a militarista, a pedagogicista e a esportivista que surgiram ao longo do século XX. Ademais, se acrescentarmos aqui as diferentes abordagens teóricas nas décadas de 1980 e 1990, tais como, a desenvolvimentista, a construtivista, a crítico-superadora, a crítico-emancipatória, a cultural, entre outras (DARIDO, 2011; JAEGER, 2013; SOARES, 2007; GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991), é possível ter uma ideia da complexidade de discutir a área, suas lutas históricas e os problemas que delas advêm, não apenas do nível epistemológico mas também do metodológico e até do axiológico. Deste último, por exemplo, um dos problemas que permeia as discussões é sobre o valor da competição, que é um dos aspectos primordiais que esta tese busca desenvolver.

[9] Jogo da Itália Medieval, denominado também de *gioco del calcio*. Era praticado nas praças e o objetivo era levar a bola de um canto para o outro da praça, mas a violência era tão grande que o rei Eduardo II decretou uma lei proibindo a pratica do jogo (FRISSELLI, MANTOVANI, 1999).

Portanto, entendemos que a Educação Física é uma área que lida com cultura corporal. De acordo com Escobar (2005), a cultura corporal é parte da cultura[10] humana, que se configura como conhecimento socializado e determinado historicamente em suas dimensões políticas, ideológicas, filosóficas e científicas, destacando seus aspectos lúdicos, artísticos, agnósticos e competitivos. Enfatizar a cultura corporal representa refletir, discutir, buscar a essência, as mediações, as contradições, o desvelar daquilo que está oculto, por exemplo, a competição (LAVOURA, 2020) cujo sentido ficou velado por uma nuvem de preconceitos contrários e até hoje sofre resistência.

Desse modo, deve-se atentar para a premissa de que todo indivíduo é um ser histórico e culturalmente constituído. Com isso, quanto mais o indivíduo entra em contato com a cultura produzida e reproduzida através da história, o mesmo desenvolve suas capacidades cognoscitivas enquanto ser consciente, ou seja, se humaniza.

> Sabe-se que o que caracteriza o homem é o fato de ele necessitar continuamente produzir a sua existência. Em outros termos, o homem é um ser natural peculiar, distinto dos demais ser naturais, pelo seguinte: enquanto estes em geral – os animais inclusive – adaptam-se à natureza e, portanto, têm já garantidas, pela própria natureza, suas condições de existência, o homem precisa adaptar a natureza a si, ajustando-a, segundo as suas necessidades. (...) Eis a razão pela qual o que define a essência da realidade humana é o trabalho, pois é a através dele que o homem age sobre a natureza, ajustando-a às suas necessidades (SAVIANI, 2013, p. 80-81).

Em contato com a natureza o homem é transformador e ao mesmo tempo é transformado. De acordo com o processo de mediação na relação homem-mundo e homem-homem, é por meio da atividade, do trabalho que o indivíduo desenvolve seu processo de humanização – torna-se um sujeito ativo e pensante. O ser humano não é uma *tabula rasa* que, ao nascer, sofrerá a ação dos mais velhos que irão imprimir sobre ele suas características, opiniões, opções, de modo automático e mecânico. Por outro lado, nascer o homem não possui sua personalidade formada. Entre a folha em branco e a personalidade pré-formada, o homem é o ser histórico que tem sua personalidade estimulada ao decorrer de sua vida. “Agindo sobre

[10] Conceituar cultura é muito complexo e ambíguo devido a sua capacidade de gerar discussões e amplitude de relações conceituais, no entanto, apresentamos o conceito de cultura por Bauman (2012, p. 302) visando solidificar nossa discussão: “A cultura é singularmente humana no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, a justiça, a liberdade e o bem – seja ele individual ou coletivo. Assim, normas e ideais não são relíquias de um pensamento metafísico pré-racional que deixa o homem cego às realidades de sua condição. Pelo contrário, elas oferecem a única perspectiva a partir da qual essa condição é vista como a realidade humana e adquire dimensões humanas”. Destacamos também mais duas definições que cultura que nos ajudam na reflexão sobre esse importante conceito: Marconi e Presotto (2006, p. 21) afirma que “Para os antropólogos, a cultura tem significado amplo: engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade”. Assim, são conhecimentos, costumes, padrões de comportamentos tipicamente humanos que são transmitidos de geração em geração. Pois, cultura é “toda produção material e não-material do ser humano. Abrange desde bens materiais (vestimentas, instrumentos, etc) até conhecimentos, crenças, artes, tradições, costumes religiões, idiomas, leis e experiências” (COTRIM, 2002, p. 24).

a natureza, ou seja, trabalhando, o homem vai construindo o mundo histórico, vai construindo o mundo da cultura, o mundo humano" (SAVIANI, 2013, p. 81).

É imprescindível evidenciar essa ideia logo no início deste capítulo, remetendo-nos até ao domínio sagrado dos mitos clássicos, como o do nascimento da Ginástica e dos Jogos Pan-Helênicos,[11] sob influência dos deuses. Pois a constituição da Educação Física data de longa história e foi muito influenciada por diferentes concepções de mundo, sociedade e homem, inclusive mítica. Essas concepções moldaram os discursos que transformaram o próprio campo de estudo e a atuação da Educação Física em todas as suas modalidades, influenciando seus objetivos, principalmente no que diz respeito à formação de profissionais[12], à didática e à produção de conhecimento. Ou seja, a partir do Olimpo os exercícios físicos tornaram-se parte da cultura, do processo de humanização não apenas do grego, mas de todos os povos em todo o mundo.

Desta feita, de acordo com Jaeger (2013) a Ginástica na Grécia Antiga era tratada como um dos principais instrumentos para a formação do homem grego. Segundo Pereira e Cesário (2019, p. 3): "Na Antiguidade as atividades corporais, realizadas nos ginásios, eram: corridas, saltos, arremessos, lançamentos, lutas, jogos de pelota, exercícios de alteres e exercícios de natação, era denominado Ginástica e tinha por objetivo e finalidade principal, proporcionar a educação e a formação integral do homem grego". Quando falamos em "homem grego", temos a consciência de que não havia um padrão específico, até porque cada cidade delineava seu próprio objetivo quanto à finalidade dos esportes, da ginástica e de todo exercício físico: Em Atenas o foco era voltado para a formação do homem integral e em Esparta para a preparação de soldados para guerra. Entretanto, é possível destacar que havia em geral a preocupação com três aspectos primordiais: saúde[13], força e competição. Vale ressaltar que embora essas

[11] "Os jogos Pan-Helênicos, denominação de quatro grandes competições - Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeus - eram realizados para celebrar homenagens a deuses como Zeus, em Olímpia, Jogos Olímpicos; Apolo, em Delfos, com o nome de Jogos Píticos; em Corintio, festejavam-se os Jogos Ístmicos a Poseidon; em Nêmea os Jogos Nemeus, dedicados a Héracles. Além dos Jogos Pan-Helênicos, outras celebrações aconteciam em forma de Jogos. Eram eles os Jogos Heranos, dedicados à deusa Hera, esposa de Zeus, com a participação exclusiva de mulheres; e os jogos Fúnebres, considerados os mais antigos e talvez precursores dos Jogos Olímpicos, dedicados aos mortos, como descreve Homero na Ilíada, sobre a homenagem a Pátroclo; as Panatéias, evento realizado em honra a Athena, tendo sido construído especialmente para esse evento, em 380 a.C. por Licurgo, o estádio Panatenaico, em Atenas, e reconstruído e ampliado por Herodes Ático no século II, para abrigar 50 mil espectadores" (RUBIO, 2002, p. 131).

[12] Professores de Educação Física escolar, técnicos esportivos, preparadores físicos esportivos, treinadores pessoais (personal trainer) (SOUZA NETO *et al.*, 2004).

[13] O conceito de saúde será enfatizado no terceiro capítulo deste trabalho, no entanto, destacaremos agora duas intepretações que são bem valorizadas pelos estudiosos dessa área atualmente. O primeiro está especificamente distante do contexto histórico em que estamos discutindo neste momento do trabalho, que é a definição elaborada pela Organização Mundial da Saúde (OMS): saúde como um completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade (BATISTELLA, 2007a). Já a segunda, é a definição elaborada pelo Ministério da Saúde do Brasil no Relatório Final da 8ª Conferência Nacional da Saúde no ano de 1986: a

atividades corporais fizessem parte da *Paideia* greco-romana, tão distante de nosso tempo, o "espírito olímpico"[14] foi legado à posteridade e diversas modalidades constituem hoje os Jogos Olímpicos modernos, como o maior evento esportivo do mundo, que acontecem de quatro em quatro anos. Mas mais do que isso, o "espírito" do exercício corporal plasmou a Modernidade e muitas modalidades são hoje utilizadas e desenvolvidas em locais de fácil acesso, como academias, praças, parques e clubes, aliadas a escolas, a hospitais e a outras instituições:

> A Ginástica aliada à Medicina tinha objetivo de cuidar da saúde dos homens por meio de exercícios moderados, com finalidade de obter bons hábitos ao corpo. A Ginástica Militar preparava para a guerra homens, jovens e mulheres a portar-se com fortaleza para vencer os inimigos, defender a pátria por meio de um corpo saudável e de uma moral idónea. E, finalmente, a Ginástica Viciosa ou Atlética, denominada por Galeno, que objetivava tornar os homens robustos e fortes, em detrimento da boa saúde, com o intuito de vencer competições para adquirir prêmios. Os gregos chamavam as competições de Ginástica Agonística ou Sagradas Peleas, ou ainda, de Atléticas, por isso aqueles que disputavam prémios foram chamados de atletas (PEREIRA e CESÁRIO, 2019, p. 3).

Assim, os primórdios dos exercícios físicos e das práticas esportivas da cultura ocidental influenciaram o esporte moderno e os megaeventos atuais, como os Jogos Olímpicos Modernos, bem como os diferentes métodos de estudar e definir o conceito de saúde, estética corporal e qualidade de vida[15], mobilizando estudos sobre fatores biológicos, fisiológicos, físicos, psicológicos, sociais e culturais. Segundo Pereira e Cesário (2019) a concepção mais antiga de corpo é a de Platão, que considerava o mesmo como uma prisão para a alma, haja vista, que para o filósofo da Grécia Antiga, existia uma dualidade entre mundo sensível e mundo inteligível, e, o corpo era responsável por cuidar da alma, havendo assim uma tensa dualidade[16]. É o próprio Platão, ao discutir o tema no *Fédon*, afirma que corpo é o lócus do sensível (*tópos aistetis*), e a alma é o lócus do inteligível (*tópos urânus*). Diz ele:

> E com referência à aquisição do conhecimento? O corpo constitui ou não constitui, quando chamado para participar da pesquisa? O que digo é o seguinte: a vista e o ouvido asseguram aos homens alguma verdade? Ou será certo o que os poetas não se cansam de afirmar, que nada vemos nem ouvimos com exatidão? Ora, se esses dois sentidos corpóreos não são nem exatos nem de confiança, que diremos dos

saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. Essa segunda de modo implícito, por ser relacionada com o contexto grego em que estamos discutindo, pois, menciona um sentido amplo e que aborda de modo mais incisivo particularidades importantes que estão inseridas na realidade social.

[14] "Graças à religiosidade e à sabedoria, os gregos instituíram os Jogos Olímpicos e com eles escreveram o mais belo capítulo esportivo da Antiguidade" (GODOY, 1996, p. 115).

[15] "Para os antigos gregos, a saúde caminhava lado a lado com o esporte, da mesma forma que a prática esportiva estava associada ao enobrecimento espiritual. A superioridade física era fundamental" (GODOY, 1996, p. 111).

[16] Os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem (SOARES, 2001, p. 110).

> demais, em tudo inferiores aos primeiros? Não pensas desse modo? Perfeitamente, respondeu. Então, perguntou, quando é que a alma atinge a verdade? É foda de dúvida que, desde o momento em que tenta investigar algo na companhia do corpo, vê-se lograda por ele (FEDÃO, 65b, 2002, p. 259-260).

É notório que para a sociedade grega, a formação do homem harmonioso era o ideal a ser alcançado e isso se daria mediante o equilíbrio entre corpo e mente (VERENGUER, 1993). Essa valorização da relação corpo e mente, sobretudo, no que diz respeito à ginástica, se estendeu à sociedade do Império Romano, porém, com algumas modificações, destacando-se a cavalaria, a corrida, as disputas com arcos e flechas lançamento de dardos, bem como jogos que preparavam os participantes para a guerra, fomentando a educação moral e cívica para as novas gerações (MANACORDA, 2010).

De acordo com Pereira e Cesário (2019) com o início da Idade Média, os exercícios físicos foram perdendo suas características clássicas da Grécia Antiga, passando a ser tratados estritamente como produção de soldados para lutar em cruzadas, com o teor formativo para guerras, treinos militares. Atividades como cavalarias, arco e flecha, manejo de lança, foram tornando-se hegemônicas (PEREIRA e CESÁRIO, 2019). Sobre esporte, nessa época a principal referência é a Inglaterra, "que desde essa época destaca-se como o núcleo de uma mentalidade verdadeiramente esportiva no mundo ocidental. Ao contrário dos gregos – que consagraram um lugar de honra ao atletismo –, o esporte medieval preferiu as atividades coletivas" (OLIVEIRA, 2004, p. 34).

Com o fim da Idade Média e início do período chamado Renascimento, as antigas concepções de corpo, exercício físico e saúde, retovam suas perspectivas de formação do homem e preparação militar. A pedagogia e a medicina ditavam o rumo em que os exercícios físicos trilhavam com destino à valorização social. Com a Modernidade no período pós Idade Média e, sobretudo, no período do Iluminismo, o Racionalismo Cartesiano, o Empirismo e os ideais de progresso expressas no século XVIII, fizeram com que as concepções de René Descartes[17], John Locke[18], Jean-Jacques Rousseau norteassem um novo tipo de saber e o fazer da ginástica, influenciando a educação e o discurso sobre o corpo, além da saúde e do movimento humano, como um todo. Por exemplo, as reflexões cartesianas e lockeanas

[17] René Descartes (1596-1650) natural de Estocolmo-Suécia, foi um importante intelectual que modificou verdadeiramente revolucionou a filosofia e a ciência moderno com seu interesse sobre a metafísica, epistemologia e matemática. A partir de seus estudos e obras, inaugurou-se na Modernidade o Racionalismo, "o qual dera uma base metodológica ao pensamento moderno fora dos princípios dogmáticos da teologia" (PAIVA, 2014, p. 28).

[18] John Locke (1632-1704) foi um pensador inglês, "fundador do empirismo com o *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690), em nível gnosiológico e metafísico, mas foi também o teórico da tolerância (Carta sobre a tolerância, 1690); foi, de maneira geral, o representante de um pensamento crítico que pretende submeter toda afirmação à prova da experiência e, portanto, colocar no centro do próprio trabalho os princípios da verificação experimental e da inferência empiricamente provada" (CAMBI, 1999, p. 316)

trouxeram de volta a velha divisão entre corpo e alma, inaugurada por Platão. Segundo Pereira e Cesário (2019, p. 6-7), Descartes apresenta,

> o corpo e a alma como duas substâncias diferentes e independentes, duas formas distintas de realidade: a primeira substância é o pensamento ou a alma, a outra é a extensão ou a matéria. Para ele, o corpo não é conhecido pelos sentidos, mas pelo entendimento, sendo considerado verdadeiro o que se percebe com a razão.

Para Surdi e Kunz (2007) "esse dualismo dificulta o processo de entendimento do ser humano como unidade. As influências desse pensamento ainda são fortes, é como se o movimento humano fosse destituído de pensamento e vice-versa". Em Locke, portanto, percebemos o que até hoje influencia a sociedade, a divisão entre educação intelectual e educação do físico, desse modo: "Ao provocar a ruptura, no âmbito da educação, provoca também o primeiro corte epistemológico em relação à Ginástica. Eis aqui o marco inicial da passagem da Ginástica para a Educação Física" (PEREIRA e CESÁRIO, 2019, p. 8). Assim, as discussões sobre a dicotomia entre corpo e alma, intelecto e físico, intrínsecas à própria constituição da Ginástica/Educação Física não ressaltaram somente a cisão desses elementos, mas sim, uma "harmonia" entre corpo e alma, ou seja, a reflexão sobre essa dualidade nasceu com Platão e perdurou ao longo da história da humanidade. Logo, essas discussões e reflexões foram se alterando ao passar dos séculos, sendo que essa "harmonia" foi fortalecida, por exemplo, por Comenius (2002, p. 65) citando que:

> O homem também é harmonia no que diz respeito ao corpo e à alma. Tal qual o mundo, que é semelhante a um enorme relógio, formado artificialmente de rodas e engrenagens, de modo que uma governa a outra, e o movimento e a harmonia são propagados perpetuamente por todas as peças, assim é o homem.

Tal tendência de "harmonia" se reforça no período posterior a Comenius, com os empiristas, até mesmo com Locke que por vez afirmava a dicotomia entre corpo e alma (PEREIRA, CESÁRIO, 2019). Por exemplo, Locke (2017, p. 25) em seu tratado, *Some Thoughts Concerning Education*, afirma que "uma mente saudável representa um tranquilo feliz estado mental no meio em que vivemos. Quem tiver essa 'harmonia' entre ambos, não precisa de mais nada".[19] John Locke adianta Rousseau não é apenas no sentido dessa "harmonia" entre corpo e alma, mas nas formas como se deve utilizar esse corpo no sentido de prevenção da saúde. O filósofo inglês fala abertamente da necessidade que a criança tem de espaços abertos, ao ar livre, no campo, onde possam correr, fazer seus exercícios e estar em contato com a natureza. Compreensão que Rousseau vai colocar como fundamental em sua

[19] "A sound mind in a sound body, is a short but full description of a happy state in this world: he that has these two, has little more to wish for; and he that wants either of them, will be but little the better for anything else" (LOCKE, 2017, p. 25).

pedagogia. A grande discordância entre eles é que para Locke esses exercícios, ainda que físicos, devem ser acompanhados de lições morais, de exercícios de reflexão. Para Rousseau, tais lições devem ser retardadas o máximo possível e deve-se deixar que as crianças brinquem e aproveitem tais espaços para o desenvolvimento de sua sensibilidade.

Entretanto, a perspectiva rousseauniana do corpo está atrelada à sua concepção de mundo[20], pois nela desenvolve-se uma crítica contundente da realidade, qual seja a de que a sociedade estava corrompida e contaminada por crenças e tradições irracionais, destacando a dificuldade da razão em libertar o homem da ignorância e do mito. Embora o filósofo genebrino não tenha superado a classificação dicotômica entre corpo e alma, suas reflexões em torno da formação do corpo primam por uma relação mútua entre corpo e espírito, na qual um só age em dependência do outro, até que possa ser desenvolvida uma espécie de "razão sensitiva", isto é, uma razão (espírito) cujo desenvolvimento é diretamente influenciado pela sensibilidade (corpo) em suas experiências concretas, como vamos desenvolver no capítulo específico, quando trataremos da pedagogia rousseauniana. Perspectiva que foi bem aceita por muitos educadores pois, como bem salientam Pereira e Cesário (2019, p. 8), "o corpo auxiliava a razão na aquisição do conhecimento que levaria à boa educação". Assim, Rousseau foi referência para grandes intelectuais do século XIX e XX no processo de fundamentação da Escola Nova[21] e ainda hoje figura como uma fonte inesgotável para a Filosofia, a Pedagogia e, como defenderemos mais à frente, nesta tese, para a Educação Física.

Destarte, ao adentrar no século XX, dando um salto[22] para as suas últimas três décadas, nossa reflexão sobre a constituição histórica e epistemológica da Educação Física se complexifica, pois, é justamente nesse período histórico em que a área entra em crise de identidade (BRACHT, 2014) e desenvolve-se um processo de elaboração e consolidação de diferentes abordagens teóricas com suas diferentes visões de mundo, sociedade, educação, relação professor-aluno e ensino-aprendizagem. Com o intuito de adentrar a discussão sobre a crise de identidade da Educação Física, começo citando o artigo de Almeida, Bracht e Vaz (2012) que ressalta duas ramificações na área da Educação Física, uma que considera e se adequa às três grandes matrizes teórico-metodológicas: a empírico-analítica, a fenomenológico-hermenêutica e a crítico-dialética. Já a outra ramificação diz respeito àquela que se adequa ao modernismo e ao pós-modernismo. Percebe-se que os autores apresentam e discutem a

[20] Rousseau e suas ideias sobre concepção de mundo, sociedade e homem serão abordados com ênfase no segundo capítulo desta tese.
[21] Contexto que será abordado no próximo subtítulo deste capítulo.
[22] Pois os próximos 3 subtítulos desse capítulo serão dedicados a primeira metade do século XX, discutindo sociedade, educação e Educação Física.

epistemologia da Educação Física de modo a tentar interpretá-la em acordo às suas vicissitudes que ocorrem na história.

Assim sendo, Almeida, Bracht e Vaz (2012) destacam o trabalho de Souza e Silva (1990 e 1997) em suas dissertações de mestrado e teses de doutorado, influenciados por Gamboa (1987) e seu modelo de 'esquema paradigmático' "para discriminar as concepções de ciência que seriam predominantes na Educação Física. Sua análise popularizou a classificação que dividia as pesquisas em três matrizes teóricas: empírico-analítica, fenomenológico-hermenêutica e crítico-dialética" (ALMEIDA, BRACHT e VAZ, 2012, p. 243) mas não concordam com esse modo de organização e seleção das produções científicas na área da Educação Física, afirmando ser "insuficiente para caracterizar a complexidade, as nuanças e a diversidade teórica e política presentes atualmente no âmbito de nossa discussão epistemológica" (ALMEIDA, BRACHT e VAZ, 2012, p. 243). Portanto, fica evidente a preocupação desses autores com o reducionismo que acontece e tende muito a acontecer na área da Educação Física.

Portanto, é necessário compreender as transformações ocorridas no processo de constituição da Educação Física e sua produção do conhecimento, compreender logicamente de modo crítico, buscando as contradições, sem paixões incontestáveis pelos autores. Esse pluralismo diz respeito às diversas abordagens teóricas que são fundamentadas na área da Educação Física. Respeitar e entender esse pluralismo é necessário para entender o quão complexa é a constituição histórica da área, sobretudo em relação ao diálogo e ao debate epistemológico

Em relação ao debate epistemológico, Fensterseifer (2011) discute a relação entre Educação Física e Epistemologia não se baseando em um objetivo central de enquadrar essa área em ser científica ou não. Esse autor baseia-se em entender como novos conhecimentos vão legitimando a própria Educação Física como uma área de estudos e atuação. Além disso, o autor cita que essa proposta reflexiva sobre o conhecimento "produz um efeito antidogmático em torno das 'verdades' que produzimos e ensinamos" (FENSTERSEIFER, 2011, p. 100). Desse modo, Fensterseifer (2011, p.103) em sua perspectiva de atividade epistemológica, afirma que "toda objetivação, científica ou não, que não pressupõe a reflexão crítica (sem "teto" ou "ponto de chegada"), carrega o germe do dogmatismo". Assim sendo, uma das funções principais da atividade epistemológica é desvelar, contextualizar, interpretar os contextos em que os conhecimentos de determinada área são constituídos e não somente confirmar de modo não crítico, não histórico e não reflexivo. No caso da Educação Física, todos os elementos que a constituem, por mais variados que sejam, os jogos, o esporte, a dança, a luta, a ginástica, ou

mesmo os exercícios voltados para a saúde, entre outros, são temas que devem ser contextualizados e problematizados.

Nessa perspectiva de não dogmatismo, pode-se cair por terra até mesmo o conhecimento científico que se diz inabalável, ou seja, o aparato científico que é por vezes intocável e inquestionável, passa a ser questionável, criticado, desvelado. Afinal, até mesmo o conhecimento científico, isto é, a ciência, possui suas determinações históricas, seus lastros políticos e sociais, além de ter a característica da refutabilidade ou falseabilidade, como nos ensina Popper (1972), toda teoria, proposição ou hipótese só pode ser científica se puderem ser refutadas. Proposição que está de acordo com as afirmações de Fensterseifer, pois o mesmo diz: "Essa perda da aura da ciência torna as relações, entre ela a sociedade, mais democráticas, pois reconhecem a atividade científica como sujeita à historicidade e às 'impurezas' de um meio atravessado por interesses humanos dos mais diversos matizes" (2011, p. 103).

Portanto, Fensterseifer (2011, p.103), utilizando como referência a hermenêutica, afirma que a atividade epistemológica nega o dogmatismo e o relativismo científico. O autor cita que "a laicização da ciência, a perda da sua exclusividade na produção de objetividades, que ela seja reconhecida como 'um' modo de linguagem e não 'o' modo referencial para pensarmos a linguagem[23]". Desse modo, o princípio da atividade epistemológica é compreender e refletir sobre os conhecimentos que são produzidos em uma determinada área de investigação, em nosso caso, a Educação Física.

Assim sendo, a produção do conhecimento e principalmente a própria constituição do campo da Educação Física, de acordo com Bracht (2014) inicia-se com um olhar pedagógico. Tal olhar já estava presente "ao redor do Olimpo", quando os competidores se reuniam para os treinos e as disputas. O olhar do preceptor, ou do mestre da Ginástica sobre seu discípulo não era outro que o pedagógico. Como um pedagogo (*paidos+gogos*), isto é, condutor de crianças e jovens, o treinador agia de forma propedêutica, como um auxiliar da formação geral do cidadão. No processo de diversificação desse campo, o olhar também ampliou-se para outros tipos de olhares que, além da pura competição e preparo militar, passou a focar a saúde e os bons costumes, numa espécie de olhar "médico-pedagógico, moral-pedagógico, ou seja, as práticas corporais eram construídas e vistas como instrumentos para a educação, para a saúde e para a educação moral" (BRACHT, 2014, p. 27).

No contexto do "Olimpo brasileiro", essas práticas, nas décadas inicias do século XX no Brasil, eram trabalhadas mediante os métodos ginásticos de origem europeia, em que se

[23] Uma linguagem própria e específica da Educação Física. Assim, concordamos com Fensterseifer (2011), pois não acreditamos que a Educação Física tenha uma linguagem própria.

destacam os métodos francês, sueco e alemão[24]. Nesse contexto de predomínio dos métodos ginásticos em âmbito escolar e também social, haja vista que os benefícios da ginástica eram entendidos como ferramentas para a constituição de uma sociedade capaz de atender às demandas de um país que visava se modernizar e industrializar, como os próprios países europeus e os Estados Unidos da América, de acordo com Soares (2007), e, a teorização desses métodos era realizada por intelectuais de outras áreas, tais como: "Medicina, Forças Armadas, Pedagogia, Ciências Políticas" (BRACHT, 2014, p. 27), pois a Educação Física ainda estava em processo de consolidação e estruturação visando formar profissionais para atuar na até então denominada ginástica.

Essa formulação pedagógica (caraterizada pelo viés higienista e militarista) da Educação Física se estendeu até as décadas de 1960 e 1970 no Brasil, pois nessas décadas iniciou-se um forte movimento que caracterizou o embate por saber se a Educação Física era uma ciência ou não. De acordo com Bracht (2014) esse movimento em solo brasileiro demorou a ser iniciado, visto que:

> Whitson e Macintosh (1990), retratam como, no Canadá, nas décadas de 60 e 70, o discurso humanista da EF foi substituído por um outro, de tipo cientificista, com base nas Ciências do Esporte (CE) ou Ciências do Movimento Humano, sob influência dos EUA. Willimczik (1987), por outro lado, analisando o desenvolvimento da Ciência Desportiva *(Sportwissenschaft)* na Alemanha, afirma que a discussão teórica-científica naquele país sobre a questão do objeto desta 'área', centrou-se no período de 1935 a 1970, na contraposição entre teoria da EF (Leibeserziehung) e teoria dos exercícios corporais (Leibesübungen) (BRACHT, 2014, p. 29).

Pode-se dizer que o discurso sobre a Educação Física nas décadas de 1960 e 1970 era inclinado ao desempenho esportivo nos principais países que estudavam a importância da ginástica em âmbito social. No Brasil, segundo Bracht (2014) mobilizado por um documento chamando

> Diagnóstico da EF/Desportos no Brasil" o poder político e acadêmico viu a necessidade de investir na área, sobretudo no que diz respeito à Medicina Desportiva. Portanto, "como investimento em pós-graduação e os investimentos em laboratórios de fisiologia do exercício. Nesse contexto é fundada, no final dos anos 70, uma nova entidade científica, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (BRACHT, 2014, p. 29-30)[25].

[24] Esses métodos ginásticos serão abordados com mais especificidade logo adiante.

[25] O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) "é uma entidade científica que congrega pesquisadores/as ligados/as à área de Educação Física/Ciências do Esporte, que foi criado em 1978, por pesquisadores da área". Atualmente está "organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos, liderados por uma Direção Nacional, o CBCE possui representações em vários órgãos governamentais. Afiliado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o CBCE está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento". O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (RBCE) é responsável pela organização da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, sendo editada nos dias atuais pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Essa revista há mais de 30 anos, desde a sua fundação, tem o objetivo de "contribuir com a tarefa de divulgar e intervir na produção de conhecimento em Educação Física/Ciências do Esporte". Links de acesso para acessar o CBCE e RBCE; <www.cbce.org.br> e < www.scielo.br/j/rbce>.

Desse modo, a Educação Física foi muito influenciada pelo desejo social e político de consolidá-la como uma área científica. Tal perspectiva foi influenciada pelo discurso europeu e norte-americano, o qual se tornou hegemônico entre os diversos discursos esportivos sobre a área. Em suma, "é a importância política e social do fenômeno esportivo (ou do desempenho esportivo do país em âmbito internacional) que confere legitimidade ao próprio campo acadêmico da EF ou das Ciências do Esporte" (BRACHT, 2014, p. 30). Assim, a performance esportiva, o desempenho esportivo, o desejo por medalhas e competições, tornaram-se pilares centrais na arquitetura da área da Educação Física em solo brasileiro, sendo que essa área tinha como principal objetivo "elevar o nível de aptidão física da população" (BRACHT, 2014, p. 31), ou seja, literalmente o discurso sobre saúde e corpo saudável ganhou uma nova roupagem, um pouco diferente daquela do início do século XX, pois nas décadas de 1960 e 1970, é grande a quantidade de profissionais dessa área produzindo conhecimento e praticando em competições nacionais e internacionais, consolidando o teor científico da Educação Física/Ciências do Esporte.

Nesse contexto de legitimação da área com formação de novos profissionais, congressos, simpósios, artigos e livros publicados, ocorreu algo muito interessante e decisivo na Educação Física. Mesmo com um grande levante de investimento na vertente das ciências do esporte, com o aporte vinculado à biologia, fisiologia, biomecânica e cinesiologia, alguns dos principais intelectuais da área da Educação Física no Brasil cursaram a pós-graduação em nível de mestrado em programas da Educação, portanto, na área das ciências humanas e sociais, discutindo os processos pedagógicos, o debate político etc.; e não em ciências do esporte. Esse fato fez com que ocorresse um polo de resistência aos interesses até então hegemônicos, por exemplo, os sistemas esportivos e o cientificismo das ciências do esporte (BRACHT, 2014).

Destarte, houve então duros embates em torno da Educação Física, com o objetivo de delimitar seu campo acadêmico, objeto de estudo e produção do conhecimento. De modo que até nos dias atuais a área sofre com essa chamada "crise de identidade" (BRACHT, 2014). A ilustração 1, Apêndice 1, demonstra a constituição histórica da Educação Física ao longo do século XX e seu princípio de consolidação como área científica e consequentemente sua produção do conhecimento, enfatizando duas grandes áreas, Ciências Humanas e Sociais, e, Biodinâmicas, bem como, suas subdivisões.

A Educação Física moderna, trilhou os rumos do discurso de industrialização e urbanização visando formar indivíduos saudáveis e capazes de atender às demandas do sistema produtivo. O campo acadêmico da Educação Física moderna, desde seus primeiros passos é fruto do pensamento científico, como já foi dito anteriormente, os métodos ginásticos foram

sistematizados por ciências médicas, ou seja, a Educação Física, então ginástica no fim do século XIX e início do século XX foi vista como um campo de aplicação de conhecimento e não como produtora de conhecimento, fato que aos poucos foi se alterando a partir das décadas de 1960, 1970 e 1980.

Por sua vez, o trabalho de Lima (2000) tenta explicar a crise de identidade da Educação Física, citando que a mesma pode ser apresentada por duas vertentes, a) crise político-ideológica e, b) crise epistemológica. Inicialmente o autor cita que na década de 1980 as publicações na área eram de fundamentação no materialismo dialético, visando uma Educação Física revolucionária, engajada politicamente, interessada no compromisso político histórico da classe trabalhadora, fomentando fortes críticas ao paradigma do desenvolvimento da aptidão física vinculado ao modelo biomédico. Na década de 1990 surgem novas problemáticas e com isso novas questões de ordem acadêmicas a serem resolvidas, por exemplo, a situação científica e epistemológica da Educação Física, devido às várias abordagens[26] que foram estruturadas na década anterior. Nesse contexto, ao elaborar uma discussão sobre o pensamento epistemológico da Educação Física brasileira, Lima (2000) dividiu a área em duas vertentes: 1) Científica: A Ciência da Motricidade Humana (Manuel Sérgio), Ciência do Movimento Humano (Canfield), Cinesiologia (Go Tani), e as Ciências do Esporte (Gaya); 2) Pedagógica: A Cultura Corporal de Movimento (Bracht), A Educação Física como ciência da prática: do "colonialismo epistemológico" à articulação de um campo interdisciplinar (Gamboa), A Educação Física como arte da mediação (Lovisolo), A teoria da Educação Física como um campo dinâmico de pesquisa e reflexão (Betti).

A vertente científica tem como pilar central o movimento humano, ou seja, toda sua fundamentação em torno da Educação Física tem como eixo principal a movimentação e as análises técnicas do corpo humano. Lima (2000) cita que de acordo com o entendimento dessa vertente, os conhecimentos podem ser produzidos pela própria Educação Física como também pelas disciplinas auxiliares[27] que lhe deram sustentação ao longo do tempo, tendo como foco os autores Canfield e Go Tani.

Entretanto, Lima (2000) tem a preocupação de que essa vertente pode verdadeiramente fortalecer a busca incessante da Educação Física em se tornar ciência, ou seja, buscar uma legitimação científica acima de tudo, inclusive ser capaz de ignorar aspectos fundamentais como as questões sociais e culturais do movimento humano. Esse entendimento nos leva mais uma vez às interpretações de Surdi e Kunz (2007), pois, para estes autores, a racionalidade

[26] As abordagens teóricas da Educação Física são apresentadas a seguir, utilizando como referência: Darido (2011).
[27] Medicina, biologia, fisiologia, química, anatomia.

moderna trouxe problemas para a Educação Física que podem ser observados em todos seus aspectos, sobretudo, na relação entre corpo e mente, pois, o corpo tornou-se um dos principais objetos de quantificação na atualidade, ou seja, gráficos, tabelas, dados estatísticos robotizam o movimento humano em treinamentos nas diversas academias de ginástica, equipes esportivas de altas performance ou até mesmo nas práticas corporais que visam somente a estética visual, sendo predominante estudos, pesquisas, produção do conhecimento e atuação profissional voltadas às ciências naturais vinculadas à Educação Física, pois:

> O movimento humano é cientificamente estudado por essas ciências como a biologia, fisiologia, biomecânica e outras áreas afins. O movimento humano tratado e estudado preferencialmente dessa forma reforça que a res extensa adquire a totalidade do entendimento que se possui sobre o corpo por ser essa a única forma científica de comprovação quantitativa dos dados. Aceitar essa forma fragmentada e reducionista de compreensão do movimento humano é pensar o problema do movimento humano segundo uma visão unilateral (SURDI e KUNZ, 2007, p. 23-24).

Portanto, esse reducionismo, que é fomentado pela ênfase matemática e biomédica do movimento humano em detrimento dos aspectos culturais e sociais, é trabalhado de modo a tratar o estudo do movimento humano como um objeto somente quantificável, com a necessidade de apresentar respostas às diversas áreas que estudam o esporte, os jogos, a saúde, a Educação Física de um modo geral. Nesse sentido, de um jeito ou de outro, a reflexão, os questionamentos, as interpretações ficam a par da elaboração científica da área da Educação Física.

> A relação teoria e prática baseia-se em uma prática que poderia ser descrita de forma teórica, reforçando uma concepção empirista. Fazendo uma relação com a Educação Física escolar, o aluno deve repetir um movimento o mais parecido possível com um modelo sugerido pelo professor para o rendimento. Esses procedimentos e padrões conceituais e de desempenho podem ser facilmente observados, diariamente, nas escolas e academias de Educação Física dos dias atuais (SURDI e KUNZ, 2007, p. 25).

Acirra-se assim, a relação sujeito e objeto, ocorrendo um distanciamento entre os mesmos, dificultando cada vez mais o profissional que é formado em Educação Física compreender sua função em uma totalidade, um profissional que não trabalha simplesmente com o físico e material, mas também com todo o aspecto biológico, psicológico, social, político e cultural dos indivíduos, seja no ambiente escolar ou fora. Por fim, esse processo colabora com a função reducionista da Educação Física ficando compreendido que

> pela sua exterioridade, pelo visível e que possa ser descrito de forma analítica. Nesse sentido, todo o aspecto interno do movimento não é considerado. A pesquisa é desenvolvida e embasada nas leis e teorias da física e da mecânica, por isso criou-se a biomecânica para estudar a mecânica da vida presente no homem (SURDI e KUNZ, 2007, p. 28).

Portanto, concretiza-se um movimento repleto de análises matemáticas e quantificáveis que visam minimizar o gasto de energia e maximizar a distância, fazendo com o que o indivíduo se torne um verdadeiro batedor de recordes e vitorioso, mas o problema é quando isso tem uma forte adesão e chega à Educação Física escolar, pois, nesse ambiente, decididamente não é local de formar atletas, pode-se até descobrir algum aluno que se destaque mais que outro, mas não é laboratório para criar futuros batedores de recordes ou atletas de alto rendimento, pelo contrário, a Educação Física escolar promove a participação, inclusão, competição, reflexão, construção e reconstrução do movimento humano mediante o jogo, esporte, dança, luta, ginástica, etc.

Ao retornar a Lima (2000), no entanto, agora ressaltando a vertente pedagógica, o autor ressalta a Educação Física enquanto prática pedagógica/social. Por exemplo, em Surdi e Kunz (2007) o movimento humano é tratado como uma linguagem, um sentimento que o indivíduo expressa ao mundo em atividade.

> Nesse movimentar, o homem conhece o mundo à sua volta e se conhece. Dentro desse diálogo, ele identifica significações e o sentido das coisas e das outras pessoas. O movimento é uma forma de conhecimento que proporciona identificar o significado do próprio movimento. As formas de movimentos não existem. Essa relação dialógica entre homem e mundo possibilita a construção de movimentos, que recebem significações e sentidos apropriados a cada execução (SURDI e KUNZ, 2007, p. 30).

Assim, o indivíduo, então aluno na escola, pode expressar e apresentar aos seus semelhantes suas formar de jogar, dançar e praticar esporte, pois nessa instituição esse mesmo indivíduo terá contato com diferentes culturas, crenças, aspectos sociais e econômicos, favorecendo a formação científica e divulgação cultural própria da escola. Lima (2000) destaca que a vertente pedagógica enfatiza uma Educação Física preocupada com questões sociais, políticas, econômicas, culturais, do movimento humano, sobressaindo assim, área do conhecimento como Educação, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Economia, História, ou seja, Ciências Humanas e Sociais.

Nesse caso então, há duas vertentes contraditórias com suas particularidades e visões sobre a própria função da Educação Física, seja no âmbito escolar ou fora da escola, porém, existe um fio condutor entre eles, pois todos tratam a Educação Física como ponto de partida e de chegada para as discussões e reflexões sobre suas ações na prática social. Entretanto, esse fio condutor notabiliza as próprias transformações da Educação Física ao longo do tempo, contribuindo com a sociedade de diferentes formas nos diferentes períodos históricos da humanidade.

Desta feita, em relação aos embates e conflitos entre as diferentes perspectivas teóricas em meio à crise de identidade da Educação Física, Darido (2011) por sua vez apresenta as

abordagens teóricas e suas especificidades que se consolidaram nas décadas de 1980 e 1990, elas são: Abordagem Desenvolvimentista, Construtivista, Saúde Renovada, Crítico-superadora e Sistêmica. Suas principais características estão apresentadas no Quadro 1, Anexo 1. Além de diferentes áreas do conhecimento e diferentes autores, é possível identificar algumas aproximações como aquelas relacionadas à cultura corporal em suas diversas possibilidades de estudo em relação à Abordagem Sistêmica e à Crítico-superadora. A cultura popular tem na abordagem Construtivista sua referência principal. No âmbito dos conteúdos, é possível identificar a presença de jogos, esportes e danças na maioria das abordagens, exceto em relação à abordagem Saúde Renovada. Nota-se que esta última abordagem citada, Saúde Renovada, tem um viés biológico que parece ser mais forte à medida que traz preocupações com a melhoria do estilo de vida, melhoria da saúde com referências à saúde.

Logo após, outras abordagens surgiram como a Abordagem Crítico-emancipatória, Cultural, Jogos Cooperativos e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nota-se que na Abordagem Crítico-emancipatória o esporte é tratado como um conteúdo capaz de formar a consciência crítica do aluno; a Abordagem Cultural tem suas bases referências na Antropologia; os Jogos Cooperativos visam a adaptação de brinquedos, brincadeiras e esportes objetivando a participação; já os Parâmetros Curriculares Nacionais possuíram como princípios norteadores a inclusão, a diversidade e as categorias de conteúdo. As principais características dessas abordagens estão apresentadas no Quadro 2, Anexo 2.

Portanto, em meio a essa multiplicidade de perspectivas, discursos, pesquisas, produção do conhecimento, constituição e consolidação de abordagens teóricas, Bracht (2014) afirma que a obrigatoriedade da Educação Física de oferecer respostas científicas à sociedade ou participar de movimentos políticos e sociais estimulou a vasta produção intelectual na área nessas décadas finais do século XX, fomentando a chamada crise de identidade. No campo da pós-graduação seja ela, *lato sensu* ou *stricto sensu*, a crise e o debate são ainda maiores:

> No campo da EF, no que diz respeito à produção do conhecimento, surgiram especialistas, não em EF, mas sim em fisiologia do exercício, em biomecânica, em Psicologia do Esporte, em aprendizagem motora, Sociologia do Esporte, etc. Os professores de EF, na condição de "cientistas", passaram a se identificar como especialistas em fisiologia, em biomecânica, etc., e não em EF. Em função do processo de especialização não demorou a se instalar no campo um "diálogo de surdos" (BRACHT, 2014, p. 40).

Esse "diálogo de surdos" (BRACHT, 2014) diz sobre uma forte valorização da ciência na sociedade e sobretudo no ambiente acadêmico, com isso, a "EF coloca como meta tornar-se ela própria uma ciência" (BRACHT, 2014, p. 40). Nota-se que novamente retorno à crise de identidade da Educação Física. Esse é um fato constante neste trabalho, pois em nosso

entendimento, ao se discutir a História da Educação Física, Epistemologia da Educação Física e a produção do conhecimento nessa área, é fundamental elucidar a importância desse momento de reconfiguração da Educação Física, haja vista que esses acontecimentos acadêmicos norteiam as discussões da área até os dias atuais. Nesse fervoroso contexto histórico no Brasil, de discussões políticas, sociais, culturais, que se desenvolveram no fim da ditadura militar, Saviani (2013a, p. 402) cita que "do ponto de vista da organização do campo educacional, a década de 1980 é uma das mais fecundas de nossa história, rivalizando apenas com a década de 1920". Pois, é um momento de intensa movimentações políticas, sociais e científicas, e a Educação Física, bem como, a Educação de um modo geral, está imbricada nessas discussões, debates e movimentações.

1.2 Sociedade, Educação e Saúde

As décadas iniciais do século XX no Brasil foram marcadas por profundas mudanças na sociedade, na economia e na educação. Essas transformações se fundamentaram na abolição da escravatura e na proclamação da República em fins do século XIX. Da colônia ao fim do Império a principal fonte econômica do país se encontrava na zona rural, nas grandes fazendas que exploravam a mão de obra dos negros escravizados. A publicação da Lei Áurea e a República proclamada colocou a sociedade brasileira em condição de reorientar as disputas internas por poder, principalmente no que diz respeito às orientações econômicas e ideológicas. A modernização, vislumbrada pelo processo de industrialização e a Modernidade pela elevação cultural da população e pelo processo de urbanização, compunham a pauta dos debates em favor da constituição de uma identidade nacional. Esse novo momento exigia uma reforma moral no país e, entre as muitas vias para essa reforma estava a constituição de um programa de política educacional. Nesse sentido, o ensino tornou-se símbolo tanto da regeneração moral quanto de difusor da cidadania. Do ponto de vista econômico, o processo de escolarização e, portanto, a criação de novos parâmetros para o ensino significou também instrumento para o crescimento da produtividade.

Nesse período, é perceptível a expansão das cidades, uma vez que a cada ano a população urbana apresentava notável crescimento, motivado pela migração das populações das fazendas e pela imigração de estrangeiros para o Brasil. Consolidado no ocidente, o capitalismo expande-se pelo mundo, o que é também observado no Brasil dado que em trinta anos o crescimento industrial foi considerável. Em 1889 havia cerca de 600 fábricas, onde

trabalhavam em média 54 mil operários e na década de 1920 já estavam instaladas cerca de 13 mil indústrias que empregavam 275 mil operários. (COTRIM, 2002).

Ainda nesse tema, de acordo com Schueler e Magaldi (2008), os parâmetros políticos da República Velha, a *República que não foi,* que não cumpriu suas promessas de extensão de direitos da cidadania, que não se tornou efetivamente uma *res publica*, uma *coisa de todos*, com *um governo para e por todos*, criou uma situação política que se desenvolveu por meio de troca de favores entre as "elites" dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, sendo posteriormente alcunhada de República do "Café com Leite". Destaca-se que a forma de poder público estabelecido no Brasil durante o primeiro período republicano tinha como perspectiva a constituição de uma nova civilização, o que exigia a universalização do ensino público, e, nesse sentido, o governo estabelecido buscou utilizar a educação como ferramenta para adequar o povo ao novo sistema econômico com o objetivo, entre outros, de consolidar o mercado industrial. Considerando que a economia começa a ser baseada em parâmetros de mercado, a educação também se modifica nessa reconfiguração do sistema social, principalmente a educação oferecida na escola estatal que adquiriu no passar do século XX a forma social do ensino público brasileiro. No período imperial a ampliação da escola pública foi uma forte bandeira na luta por um futuro republicano no país, tornando-se uma conquista com a chegada do século XX, provocado pelo aumentando da população urbana e diminuição da população rural (FREITAS e BICAS, 2009).

Nesse contexto, de acordo com Ghiraldelli Júnior (2000, p. 15) destacam-se dois movimentos que foram fundamentais para as discussões sobre a formação cultural do povo brasileiro, o "entusiasmo pela educação" ao "otimismo pedagógico". Sendo que o entusiasmo "em última instância resumiu-se na ideia de expansão da rede escolar e na tarefa de desanalfabetização", já o otimismo pedagógico "insistiu na otimização do ensino, ou seja, na melhoria das condições didáticas e pedagógicas da rede escolar. Com isso, o ideário da formação de um novo homem para contribuir na construção de um novo país, mobilizou a difusão de novas práticas educativas, novos padrões educacionais, verdadeiramente, viviam-se a caminho de uma escola nova, de uma escola ativa de processos educacionais que mais abertos e mais dinâmicos.

A Educação Nova, projeto de educação para uma sociedade escolarizada, foi constituída a partir da expectativa de consolidação de um mundo moderno, que caracteriza a sociedade industrial. No Brasil, os educadores e intelectuais envolvidos nos debates sobre os rumos da educação nacional, observavam o país sob uma ótica de futuro, acreditaram que era possível a formação de um indivíduo educado e disciplinado para atender tanto às demandas postas pelo

sistema econômico quanto para a desejada elevação cultural dos brasileiros. Antes, porém, de discutir mais esses aspectos, vale ensaiar aqui uma breve conceituação desse movimento. Tomando as palavras do próprio escolanovista Lourenço Filho (2002, p. 57):

> Em vários países, muitos educadores então passaram a considerar novos problemas, intentando solvê-los com a aplicação de recentes descobertas relativas ao desenvolvimento das crianças. Outros experimentam variar os procedimentos de ensino, ou logo transformar as normas tradicionais da organização escolar, com isso ensaiando uma escola nova, no sentido de escola diferente das que existissem.

Assim, esse processo de reformulação das práticas educativas, da organização escolar, e sobretudo, do processo ensino-aprendizagem foi elemento fundamental na construção cultural da sociedade brasileira. Essa transformação educacional mobilizou reuniões, estratégias, propostas para um novo homem, assim se fez a educação moderna no Brasil, assumindo os pressupostos de uma Escola Nova e ir formalizando um crivo científico na educação em todo o território nacional e internacional. Esses pressupostos escolanovistas representavam para Lourenço Filho (2002, p. 58) verdadeiramente uma reorganização do sistema educacional:

> O que aqui chamamos de *estudo da escola nova* corresponde, pois, ao exame de muitos ensaios, primeiramente dispersos e depois sistematizados, com o intuito de rever o trabalho escolar, suas condições e resultados, mediante novos pressupostos e métodos de investigação. Como uns e outros estão agora integrados à pedagogia, o leitor poderá substituir no título deste livro, se assim quiser, as palavras "estudo da escola nova" pelas de "pedagogia contemporânea", sem que com isso haja prejuízo para a compreensão da matéria.

Desse modo, ao longo dos escritos de alguns escolanovistas, como de Lourenço Filho, é evidente o foco no desejo de renovar a cultura, de ampliar a formação cultural. Para essa formação cultural, intelectual e moral da sociedade brasileira que aspirava ares de Modernidade assim como as grandes potencias internacionais, era necessária uma concepção de educação moderna, científica, capaz de atender esses anseios. Assim sendo, foram sobre os pilares da psicologia e da sociologia que a educação brasileira iniciou seu processo de construção educacional, cultural e moral. Nesse sentido, que em breves linhas trataremos da forte presença da sociologia no pensamento pedagógico, principalmente a sociologia durkheimiana que entre outros fatos sociais, buscou explicar as relações entre educação e sociedade. As reflexões desse autor permitiram que ele construísse uma teoria sobre a educação que balizou a forma de vida instituída pelo mundo moderno.

Respaldando-se na sociologia, a ciência que explica a organização da sociedade e na psicologia que explica a estrutura psíquica dos indivíduos desta sociedade, Durkheim tornou a educação um dos temas centrais no conjunto de sua obra. Para Durkheim (1984), a educação sustenta os laços sociais nas sociedades modernas, é a ação da sociedade em favor das novas gerações, na medida em que suscita e desenvolve na criança a disciplina, o pertencimento e a

autonomia individual. É por meio da educação que as sociedades modernas transmitem seu ideal de sociedade e de homem, isto é, transmitem os valores sociais imprescindíveis para a coesão social. Como bem reconheceu Lourenço Filho (2002, p. 202):

> A um e a outro desses aspectos tem-se indistintamente dado o nome de *educação*. Certo número de investigadores e pensadores sociais destacam a função homogeneizadora, que leva à formação de certos elementos básicos da personalidade. Assim, *Durkheim* vê a educação fundamentalmente como "socialização da criança", isto é, a assimilação dela aos quadros gerais e característicos de uma cultura estabelecida. Note-se, de passagem, que o termo socialização, para esse investigador como para tantos outros, não possui qualquer conotação de ordem política, nada tendo a ver com a ideia de regimes políticos. O que com o termo se pretende salientar é que a vida social é uma realidade, mediante a qual as crianças se tornam, por formas de interação simbólica, homens de seu meio, similares a seus maiores.

É a partir dessa afirmativa que Durkheim traz os conhecimentos da psicologia para compor seus argumentos sobre o lugar da educação na sociedade moderna. Para esse autor, o psiquismo tem leis próprias, que devem ser conhecidas pelos educadores com o objetivo de promover nas crianças a adaptação aos novos ideais da sociedade, incluindo-se o amor à pátria e o sentimento de humanidade[28]. Assim, os conhecimentos fornecidos pela psicologia infantil permitem a criação de métodos pedagógicos de ensino mais apropriados para o tipo de desenvolvimento já alcançado ou almejado por cada sociedade. Para ele a psicologia auxiliaria a reconhecer os diversos tipos de inteligência e é da maior importância para o educador apropriar-se dos conhecimentos oferecidos pela psicologia coletiva, uma vez que a sala de aula não pode ser conduzida como um aglomerado de pessoas e sim como uma pequena sociedade. (DURKHEIM, 1978).

O que Durkheim estava a dizer é que esse ideal de sociedade não se realizaria na sua totalidade sem que houvesse empenho de todas as partes que a compunham. A ciência, especialmente aquelas que passaram a se dedicar às questões próprias dos homens tinham a responsabilidade de criar a partir da definição de seu objeto de estudo, do delineamento do método de investigação, bases seguras para a ação do homem na sociedade[29]. Cativado pelo trabalho de pesquisa empírica realizado por Wundt[30] e a partir das críticas realizadas sobre os

---

[28] Nota-se que essa premissa durkheimiana influenciou a educação e também os princípios de constituição da Educação Física, sobretudo a tendência militarista de Educação Física compreendida entre 1930 a 1945, segundo Ghiraldelli Júnior (1991) e Castellani Filho (1988).

[29] Além da Sociologia e Psicologia, tinha também a Medicina, Biologia e Fisiologia, que contribuíram muito para a consolidação dos métodos ginásticos, que por sinal serviram como instrumentos essenciais para a formação de um novo homem.

[30] Segundo Araújo (2009), no ano de 1879 Wundt (1832-1920) considerado fundador da psicologia científica, inaugurou o Laboratório de Psicologia Experimental, na Universidade de Leipzig. O trabalho desenvolvido por Wundt e seus colaboradores, foi fundamental para a aprovação da Psicologia como uma ciência original e independente da filosofia. Do ponto de vista de Wundt, a psicologia é uma ciência que estuda a mente por meio da experiência imediata tal como é dada ao observador. No laboratório experimental, Wundt reuniu muitos cientistas preocupados em explicar os processos mentais, corporais e fisiológicos que compõem o complexo

trabalhos de seus antecessores, Durkheim sistematizou o método positivista científico que lhe pareceu o mais seguro e adequado para a elaboração de conhecimentos científicos sobre a sociedade e sobre o homem.

Contemporâneo de Durkheim, Jean Piaget[31], por sua vez, faz seu caminho a partir da biologia. Ainda muito jovem, o biólogo suíço é fortemente influenciado pelos estudos voltados ao conhecimento crítico da origem do conhecimento científico, que em muito contribuíram para a elaboração de suas teorias. Nas primeiras décadas do século XX chega definitivamente à psicologia. Auxiliado por Théodore Simon[32], que o convidou para desenvolver pesquisas no renomado instituto de pesquisa europeu Jean-Jacques Rousseau, Piaget passou a realizar estudos e pesquisas sobre o pensamento infantil e percebendo na criança uma forma singular de raciocínio, propôs a existência de estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano. Sua presença nesse instituto foi tão duradoura e significativa que chegou a ser presidente, deixando claro que conhecia bem a produção teórica de Rousseau, sobretudo o *Emílio*, de onde pode ter retirado, segundo Paiva e Magalhães (2023) sua epistemologia genética, dando atenção ao clamor de Rousseau que disse: "Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica" (ROUSSEAU, 1973, p. 22)

No conjunto, os trabalhos desenvolvidos por Piaget sobre as estruturas operatórias demonstraram que o sujeito epistêmico apresenta características comuns em um mesmo estágio de desenvolvimento. Para Piaget, as crianças aprendem somente quando estão preparadas para assimilar o que lhes é ensinado, daí a importância de compreender os estágios de desenvolvimento cognitivo. O autor observou que as crianças apresentam uma forma própria de raciocínio que depende, inicialmente, de sua interação direta com o objeto, sensório-motor, até o operatório formal quando apresenta capacidade de abstração, reflexão, raciocínio lógico e sistemático. Para Piaget a origem do conhecimento é a ação[33], isto é, a interação sujeito-objeto e, a partir dessa percepção, apresenta importantes questões para a educação,

---

funcionamento da mente humana, conferindo a estes estudos notoriedade e uma condição especial de circularidade de ideias e descobertas que permitiu o desenvolvimento significativo da psicologia e a fundação de tendências teóricas que reafirmaram ou negaram seus posicionamentos, dentre elas destacam-se o behaviorismo, gestalt, a psicanálise, o construtivismo.

[31] O suíço Jean William Fritz Piaget (1886-1980) foi um grande pensador do século XX. Se dedicou a estudar a epistemologia do conhecimento, influenciando grandiosamente o campo educacional. Jean Piaget tinha a preocupação com a metodologia de ensino, enfatizando a necessidade de formar uma criança ativa, ressaltando a importância da atividade, do movimento, da reflexão, do aprender fazendo, ou seja, a criança precisa pensar (PIAGET, 2008).

[32] Théodore Simon (1872-1961) foi um importante médico francês na passagem do século XIX para o século XX, no entanto, se notabilizou por seus estudos dedicados a psicologia.

[33] Para insistir na definição desse importante movimento, nota-se a importância da ação, da atividade, da movimentação, de colocar o ser humano em movimento, em constante interação com os objetos, com esses

> Aqui se coloca um problema fundamental: o dos próprios mecanismos do desenvolvimento do espírito. Suponhamos que as variações estruturais do pensamento da criança sejam determinadas de dentro, segundo uma ordem rígida de sucessão e uma cronologia constante, cada estágio vindo em sua hora e ocupando um período preciso da vida da criança; em poucas palavras, suponhamos que a evolução do pensamento individual seja comparável a uma embriologia regulada hereditariamente; as consequências seriam incalculáveis para a educação: o professor perderia seu tempo e seu esforço em querer apressar o desenvolvimento de seus alunos, o problema seria simplesmente o de encontrar os conhecimentos correspondentes a cada estágio e apresenta-los de maneira assimilável para a estrutura mental do nível considerado (PIAGET, 2008, p. 170).

A importância desses estágios (que se parecem com as fases da educação rousseauniana dispostas nos "livros" que compõem o *Emílio*) se concentra em encontrar um parâmetro para que os conhecimentos sejam assimilados de acordo com a estrutura mental da criança. Nesse sentido, a psicobiologia tornou-se ferramenta primordial para educação. Por meio de testes e experimentações e utilizando-se de uma metodologia científica própria, Piaget discutiu a adequação dos métodos de ensino na escola, fundamentando também, deste ponto de vista, os pressupostos teóricos e metodológicos da Escola Nova[34].

Nessa intensa viagem ao mundo da educação, Piaget define educação como a forma de:

> Adaptar a criança ao meio social adulto, isto é, transformar a constituição psicobiológica do indivíduo em função do conjunto de realidades coletivas às quais a consciência comum atribui algum valor. Portanto, dois termos na relação constituída pela educação: de um lado o indivíduo em crescimento de outro, os valores sociais, intelectuais e morais nos quais o educador está encarregado de inicia-lo (PIAGET, 2008, p. 139).

Nesse paradoxo de educação que Piaget (2008) cita entre o indivíduo em crescimento e atribuição de valores sociais, morais e intelectuais pelo educador, os antigos métodos de ensino

pressupostos a importância dos jogos e dos exercícios físicos vão ganhando sustentação científica para sua consolidação e contribuição para a educação nova.

[34] A Escola Nova, a nível nacional, teve como concepção de formação por em andamento o desenho civilizatório que transformaria por meio da educação escolar o comportamento da população. Pretendia mudar a autoimagem do país, incentivar a modernização e o progresso econômico. Dentre os protagonistas desse movimento considerados pioneiros da educação nova no Brasil, destacamos Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, entre outros, pelas atuações decisivas em suas regiões e também pela capacidade de agregar no mesmo caminho distintas interpretações. A nível internacional o nome que mais se destacou foi John Dewey preconizando a liberdade, autonomia, democracia no sistema de organização do ensino. O pragmatismo, o progressivismo, o funcionalismo, são características marcantes de John Dewey. Para ele a inteligência possui função civilizadora da sociedade democrática: "É a inteligência que, nascida no social e socialmente articulada, que permite ao indivíduo desenvolver em si mesmo o espírito de integração que o une ao todo" (CUNHA, 2011). A educação baseada na atividade, partindo dos interesses e da experiência infantil: jogos, vida ao ar livre, descoberta, estudo do meio, solução de problemas, trabalho em grupo. A criança constrói sua aprendizagem mediante a própria experiência de sua ação sobre o ambiente: "A experiência é um fenômeno ao mesmo tempo individual e cultural; o indivíduo contribui para a cultura e esta, por sua vez, fornece o sustentáculo sobre o qual a existência do indivíduo ganha significado" (CUNHA, 2011). Foi justamente Dewey uma das principais fontes, senão a principal, a influenciar Anísio Teixeira a desenvolver perspectivas escolanovistas em solo brasileiro, com o intuito de modernização, urbanização, democratização, industrialização da sociedade e uma nova formação cultural (DIAS, CAMARGO, ALMEIDA, 2020).

preocuparam-se em controlar as crianças, enfatizando a memorização, preocuparam-se com os fins do trabalho educativo e não com suas técnicas. Na escola tradicional, tanto na versão jesuítica quanto na versão herbartiana, o professor era o centro do conhecimento, o portador da sabedoria, aquele que dominava/controlava o conhecimento. Por mais que Durkheim visse a educação como "socialização da criança", tal como comentou Lourenço Filho, sua perspectiva era positivista, na linha da defesa dos conhecimentos prontos, os quais deviam ser transmitidos às gerações novas. A "socialização" era processo vertical, portanto tradicional, de transmissão dos conhecimentos[35]. As aulas aconteciam de maneira expositiva, em que o professor era simplesmente o transmissor do saber. O poder estava na figura do professor e, por isso mesmo, não poderia ser questionado. Os alunos, nesse modelo tradicional eram meros expectadores. Restava-lhes ouvir e tentar provar aos mestres através de avaliações que tinham discernimento sobre aquilo que era apresentado em sala de aula[36].

Na contramão desse entendimento sobre as formas de aprendizagem e baseado no princípio da construção de uma inteligência contínua, "os novos métodos são os que levam em conta a natureza própria da criança e apelam para as leis da constituição psicológica do indivíduo e de seu desenvolvimento" (PIAGET, 2008, p. 140). E nessa constituição psicológica do desenvolvimento do indivíduo, a Escola Nova toma por base a "ação", ocasião que a Psicologia Funcional se torna protagonista nesse processo, atendendo aos interesses e necessidades das crianças. Assim, o aprendizado se realiza transversalmente ao conflito cognitivo, organizando as estruturas, pois, do ponto de vista funcional, a criança aprende como um adulto/pesquisador/cientista, todavia, as estruturas cognitivas são diferentes. Por fim, enfatiza que a infância não é um "mal necessário", mas uma etapa do ciclo de vida biologicamente útil e necessário, ao qual o significado é o de uma adaptação progressiva[37] ao meio físico e social (PIAGET, 2008).

De acordo com Piaget (2008), os novos métodos para a educação das crianças começaram antes da Psicologia se consolidar como ciência, não com tanta ênfase, porém já

---

[35] "A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na crianças, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança particularmente se destine" (DURKHEIM, 1967, p. 41).

[36] Embora podemos destacar as contribuições de Comenius e Rousseau, anteriormente à Piaget, que destacaram uma educação que valoriza a formação humana livre, espontânea, reconhecendo a psicologia da criança e o conhecimento vinculado ao cenário social (COMENIUS, 2002; GASPARIN, 2011; ROUSSEAU, 1973). Sendo que Comenius e Rousseau, sobretudo o segundo, foi uma das principais fontes teóricas de Jean Piaget.

[37] Portanto, essa adaptação progressiva ao meio físico e social por meio de novos padrões educacionais, a ginástica é utilizada como importante ferramenta, pois, se o indivíduo entender que é necessário cuidar do próprio corpo desde a infância, se tornará um adulto consciente de suas ações em relação à saúde.

existiam. Legando honras nesse sentido à Rousseau, Pestalozzi[38], Froebel[39], Piaget afirma que esses autores deram atenção para o modo particular das crianças incorporarem a vida social, discutindo e criando espaços mais apropriados para que elas desenvolvessem suas potencialidades, escreveram ensaios sobre educação afirmando que a experiência é base para uma formação sólida. Em comum eles tinham, assim como Wundt, Durkheim e Piaget, a busca por elementos que permitissem o estabelecimento de um padrão moral capaz tanto de diferenciar o indivíduo no conjunto da sociedade, quanto de perceber nesse mesmo indivíduo o estágio de civilidade da própria sociedade.

As ideias sobre os novos métodos não eram lineares e nem sempre concordavam umas com as outras, mas sempre com o mesmo propósito, contrapor a educação clássica, doutrinária ou tradicionalista (PIAGET, 2008), diferentes teóricos em diferentes países, como Dewey[40] nos Estados Unidos da América, Claparède[41] na Suíça e França, Decroly[42] na Bélgica e Montessori[43] na Itália, foram colocando em prática seus métodos. Esse empolgante debate sobre

[38] Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) natural de Zurique-Suíça, foi um importante educador, responsável por reformas educacionais em seu país. Influenciado por Rousseau, defendia a natureza em suas concepções de criança e educação. Influenciou, também, diferentes educadores de sua época, uma delas foi educadora russa Helena Antipoff, que a convite do governo de Minas Gerais, desenvolveu trabalho fundamentais em solo brasileiro, sendo responsável pela fundação da Sociedade Pestalozzi nesse estado brasileiro em 1932, e, "em 1940, a fundação da Fazenda do Rosário, com finalidade de educar crianças da zona rural, além das crianças "excepcionais" e "abandonadas", com base no método centrado na atividade espontânea da criança; em 1944, foi institucionalizado o Departamento Nacional da Criança e fundada a Sociedade Pestalozzi do Brasil, sendo que ambas instituições contaram com a participação ativa de Antipoff" (ANTUNES, 2000, p.81-82).

[39] Importante educador alemão influenciado pelas obras de Rousseau. Froebel dedicava sua atenção a educação das crianças, sobretudo, as crianças em idade pré-escolar. "Não é muito difícil adivinhar por que Froebel denominou assim as instituições voltadas para o trabalho educativo com crianças em idade pré-escolar: para ele, a infância, assim como uma planta, deveria ser objeto de cuidado atencioso: receber água, crescer em solo rico em nutrientes e ter a luz do sol na medida certa. O jardim é um lugar onde as plantas não crescem em estado totalmente silvestre, totalmente selvagem, é um lugar onde elas recebem os cuidados do jardineiro ou da jardineira. Mas o jardineiro sabe que, embora tenha por tarefa cuidar para que a planta receba todo o necessário para seu crescimento e desenvolvimento, em última instância é o processo natural da planta que deverá determinar quais cuidados a ela deverão ser dispensados. Certas plantas não crescem bem quando regadas em demasia, já outras precisam de muita água; algumas plantas precisam de muito sol, ao passo que outras crescem melhor à sombra. O bom jardineiro sabe "ouvir" as necessidades de cada planta e respeitar seu processo natural de desenvolvimento. Para Froebel, assim também ocorre com as crianças e, portanto, os adultos encarregados da educação delas deveriam comportar-se tal como o jardineiro. Data de 1840, na cidade de Blankenburg, a fundação do primeiro dos muitos *kindergartens"* (ARCE, 2002, p. 108).

[40] John Dewey (1859-1952) considerado é considerado fundador e precursor da Escola Nova nos EUA. O brasileiro Anísio Teixeira viajou aos país norte americano, para estudar e consolidar suas análises sobre a Nova Educação e propagar seus ensinamentos em solo brasileiro.

[41] Éduard Claparède (1873-1940) natural de Genebra-Suíça, foi um importante neurologista e psicólogo que se dedicou aos estudos do desenvolvimento infantil. Fundou o importantíssimo, Instituto Jean-Jacques Rousseau, que se tornou o principal centro de pesquisa e divulgação escolanovista europeu. Sendo um dos ilustres pesquisadores desse instituto, Jean Piaget.

[42] Jean-Ovide Decroly (1871-1932) natural de Renaix-Bélgica, foi um médico neurologista que se interessou e dedicou-se a educação, sobretudo, a aprendizagem. Enfatizava que a necessidade gera o interesse, sendo ela a verdadeira motivação para a aprendizagem.

[43] Maria Montessori (1870-1956) natural de Chiavalle-Itália, foi uma importante educação do cenário mundial, principalmente do que diz respeito aos novos métodos de educação. Montessori valorizava uma educação para a

a pertinência dos conhecimentos científicos tanto da sociologia quanto da psicologia não passou despercebido pelos intelectuais brasileiros que se dedicaram a discutir a questão educacional e sua importância para a vida nacional.

Para Paschoal Leme (2005, p. 167), a Escola Nova, "baseava-se nos processos mais recentes da psicologia infantil, que reivindicava uma maior liberdade para a criança, o respeito às características da personalidade de cada uma, nas várias fases do seu desenvolvimento, colocando o "interesse" como o principal motor da aprendizagem". Logo após, faz referência a Dewey e sua teoria sobre a Escola Nova desenvolvida nos Estados Unidos; afirmando: "Era o que John Dewey, considerado o maior filósofo e educador norte-americano, pregava como uma verdadeira revolução – 'a revolução copernicana' – em que o centro da educação e da atividade escolar passava a ser a criança com suas características próprias e seus interesses e não a vontade imposta pelo educador" (Idem, p. 167).

A Escola Nova vista pelo duplo sentido de sua nomenclatura, pelo substantivo ou pelo adjetivo, deu início a um "novo" projeto de educação que incidiu diretamente no processo de ensino e aprendizagem; diferenciando-se das características dos métodos antigos, racionalizando a educação de modo a usufruir da ciência como seu principal recurso metodológico[44]. Assim;

> Um conjunto de doutrinas e princípios tendentes a rever, de um lado, os fundamentos da finalidade da educação; de outro, as bases de aplicação da sciencia à technica educativa. Taes tendências nasceram de novas necessidades, sentidas pelo homem, na mudança de civilização em que nos achamos, e são mais evidentes, sob certos aspectos, nos países que mais sofreram directa ou indirectamente, os efeitos da conflagração européia. Mas a educação nova não deriva apenas da grande guerra. Ella se deve, em grande parte, ao progresso das ciências biológicas, no ultimo meio século, ao espírito objetivo, introduzido no estudo das ciências do homem (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 68 apud SGANDERLA e CARVALHO, 2010, p. 111).

As consequências da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) levaram os educadores e políticos a investirem no propósito de melhorar a ação social fundamentando-se nas técnicas e didáticas escolares. Essa aposta na educação garantiu o desenvolvimento dos sistemas públicos de ensino, que em sua maioria introduziram os princípios da educação renovada (SGANDERLA e CARVALHO, 2010).

> Em termos mundiais vê-se, com o final da Primeira Guerra Mundial (1918), um forte movimento em favor da educação da infância, notadamente pelas ações do Bureau International de Sécoursaux Enfants (1899) que propôs em 1924 à Sociedade das Nações a assinatura da primeira Declaração Universal de Direitos da Criança, a Declaração de Genebra (1924) (Campos, 1999; Vidal, 1998 apud SGANDERLA e CARVALHO, 2010, p. 112).

liberdade, enfatizando o aluno como um ser pensante, visando a formação de uma personalidade autônoma (COSTA, 2001).

[44] É justamente nesse levante científico, que a ginástica foi conquistando seu respeito em meio aos discursos acadêmicos.

Segundo Sganderla e Carvalho (2010), a propagação da Escola Nova em parâmetro internacional, ganha relevância no ano de 1912 com a criação do Instituto Jean Jacques Rousseau, tornando-se um dos principais centros de divulgação do escolanovismo da Europa no século XX. Sendo fundador deste grande marco europeu da Nova Escola o psicólogo Edouard Claparéde. Este instituto de ciências da educação realizou diversos estudos e pesquisas nas áreas da psicologia e pedagogia, formalizando também a capacitação de docentes a favor da reforma escolar e dos direitos da criança.

No Brasil, a partir do ano de 1920, o processo de renovação da educação obteve como principal instância a Associação Brasileira de Educação (ABE), composta por teóricos, educadores, idealizadores que defendiam um mesmo proposito a "causa cívico-educacional" (CARVALHO, 2002). Nas palavras de Antunes (2000, p.74) "Esse projeto de construção de uma nova nação, demandava por sua vez a formação de um *homem novo*, apto para as exigências de um novo modelo produtivo e de novas relações de trabalho, tarefa esta que deveria ser empreendida pela Educação". No pressuposto de uma educação moderna, "assim, o ideário escolanovista, antes apenas pontual em algumas expressões pedagógicas, aparecia como o caminho mais adequado para se atingir as novas metas" (Idem, p. 74-5).

Tendo como base a reforma cearense do ensino público (inspirada na reforma de São Paulo[45] por Sampaio Dória em 1920), educadores, pensadores, teóricos foram convidados a elaborar as reformas educacionais em seus estados. Entre as reformas da década de 1920, estão a Reforma José Augusto no Rio Grande do Norte em 1925; Reforma Lysímaco da Costa no Paraná em 1927; Reforma Francisco Campos em Minas Gerais em 1927; Reforma Carneiro Leão em Pernambuco em 1928; Reforma Fernando de Azevedo no Distrito Federal[46] em 1928 e Reforma Anísio Teixeira na Bahia em 1928.

Assim, é possível dizer que esse foi um período pleno para a Escola Nova, difundida por meio das reformas educacionais e consolidando-se em todo o território brasileiro. Aos poucos, dada a pressão exercida pelos grupos conservadores e religiosos sobre os pioneiros tornou-se necessária a criação de entidades de parâmetro nacional que fossem responsáveis

[45] Segundo Lemme (2005, p.168), "pode ser considerada como a primeira dessas reformas regionais de ensino".
[46] Esta viria a ser a reforma mais importante e profunda de todas, de acordo com Lemme (2005, p.168). "Dela resultou um verdadeiro código moderno de educação, o que se verifica pela primeira vez no Brasil, Decreto nº 3.281 de 23 de janeiro de 1928 (...)".

pelos assuntos educacionais no país. A partir dos anos 1930, essas entidades se concretizam em forma do Mistério da Educação e Saúde[47] e do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Com as reformas educacionais em execução no país, levadas pelo ímpeto do desenvolvimento social e econômico, a crença de que a educação seria a ferramenta providencial nesse processo e motivo de esperança em um futuro moderno, os profissionais da educação, que lutavam em prol de um ensino público democrático e laico, vislumbraram um projeto por meio do qual seriam responsáveis pela organização da educação em nível nacional. Assim,

> (...) no período pré-1930 a crença na necessidade de implementação de um projeto educacional nacional era compartilhada por todos. Era momento da substituição da política da República Velha (café-com-leite e oligarquias rurais) pela política nacionalista: centralizar era sinônimo de democratizar, pois significava retirar o poder das oligarquias rurais, fazendo com que o Estado "cruzasse as porteiras" do poder privado. Os educadores "profissionais" sentiam a necessidade de um projeto nacional para a educação (por mais que alguns deles, como Anísio Teixeira, nunca tenham deixado de ressaltar a importância de se manter um grau de descentralização em respeito às diferenças regionais brasileiras). Essa centralização se efetua no novo governo de Getúlio Vargas com criação do Ministério da Educação e Saúde sob a responsabilidade de Francisco Campos, membro da tradicional oligarquia mineira, reformador educacional da década de 1920 e simpatizante de teorias fascistas (SILVA, 2002, p. 56-7).

No período pós 1930 a ideia de centralizar a educação nacional se consolidou. Sobre o aparato político de Vargas, o projeto de organização e sistematização do ensino em todo o território brasileiro foi, até certo ponto efetivado. O Ministério da Educação e Saúde segundo Silva (2002) foi criado com o objetivo de organizar o ensino nacional sobre o arcabouço científico, inicialmente comandado por Francisco Campos e logo depois em 1934 por Gustavo Capanema, sendo que em 1938 foi criado o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos responsável pelas pesquisas educacionais. Tendo Lourenço Filho como primeiro diretor, símbolo da psicologia da educação no Brasil e um dos pioneiros da Educação Nova no país.

Ainda sobre a criação de órgãos federais responsáveis pela organização da educação nacional, Silva (2002) observa que na década de 1930, o caráter técnico das reformas educacionais realizadas pelos "educadores profissionais"[48], foram se perdendo através da politização da educação e seus fatores. Diferentes rumos tomaram os escolanovistas, alguns foram mais radicais para a manutenção da lógica proposta pela Escola Nova, outros aliaram-se ao Estado, acreditando na possibilidade de neutralidade da educação. Assim fez Lourenço

[47] A partir da própria nomenclatura do ministério, constata-se a intrínseca relação entre educação e saúde, ou seja, a nova educação, a educação que visava formar um novo homem, era constituída por princípios ligados a saúde, higiene, exercício, ação, movimento, atividade.

[48] É necessário ressaltar que entre estes "educadores profissionais" existiam médicos, advogados, sociólogos etc. (Silva, 2002).

Filho, aplicando métodos de caráter científicos e realçando a psicologia como principal aparato científico à educação. Para concretizar essa opção, as atribuições do Inep estavam bem definidas:

> Organizar documentação relativa à história e ao estado anual das doutrinas e técnicas pedagógicas, bem como das diferentes espécies de instituições educativas; manter intercâmbio com as instituições educacionais do estrangeiro: promover inquéritos e pesquisas sobre todos os problemas atinentes à organização do ensino, bem como sobre métodos e processos pedagógicos: promover investigações no terreno da psicologia aplicada à educação, bem como relativamente ao problema da orientação e seleção profissional; prestar assistência técnica aos serviços estaduais, municipais e particulares de educação e divulgar os conhecimentos relativos à teoria e à prática pedagógica (CASTRO, 1999, p. 3 apud SILVA, 2002, p. 72).

Portanto, nesse mesmo contexto histórico, em 1932 foi instaurado o Movimento dos Pioneiros da Educação, que: "Do ponto de vista de seu redator, Fernando de Azevedo, no *Manifesto* foram lançadas as diretrizes de uma política escolar inspirada em novos ideais pedagógicos e sociais e planejada para uma civilização urbana e industrial". (GEBRIM, 2002, p. 50). O Manifesto dos Pioneiros da Educação Ao povo e ao Governo[49], de acordo com Lemme (2005) é um documento histórico, pois apresenta o caráter de uma redefinição do ensino e da educação sobre a política nacional, em uma época de aspirações renovadoras em questões sócio educacional e político-econômicas.

Lemme (2005) discutindo o Manifesto, apresentou algumas características fundamentais baseadas nos objetivos e funções daquele documento, entre elas destaca-se o "crivo científico" comentando anteriormente neste estudo;

> Os métodos e processos de ensino obedecerão às mais modernas conquistas das Ciências Sociais, da Psicologia e das técnicas pedagógicas. Os mesmos critérios serão adotados para a medida da aprendizagem e a apuração do rendimento dos sistemas escolares. (LEMME, 2005, p. 172).

A partir dessa lógica de educação renovadora, capaz de atender às necessidades e interesses da criança, objetivos originários nas pesquisas na Europa sobre as crianças e de numa época em que os horrores da Primeira Guerra ecoavam, e visando um novo projeto de civilização, os pioneiros compartilharam a ideia de que pela educação o Brasil poderia tornar-se um país moderno. Lógica que permitiu uma visão de educação que não focava apenas na formação intelectual e moral, mas também a física. Pois, como diz Vago (1999, p. 32):

> No cerne, como alvo para o qual convergiriam os dispositivos dessa nova cultura escolar, estava o corpo das crianças: a organização da cultura escolar deveria cultivar um corpo belo, forte, saudável, higiênico, ativo, ordeiro, racional, em contraposição àquele considerado feio, fraco, doente, sujo e preguiçoso. Para essa "educação physica" das crianças, em sentido alargado, muitos dispositivos foram mobilizados.

[49] Esse manifesto foi decisivo para a educação e principalmente para a Educação Física, até então, ginástica, que estava incluída nesse marco científico dos novos padrões educacionais.

É nesse contexto de reformas e disputas políticas, sociais, econômicas e pedagógicas que a educação e principalmente os processos educativos promovidos pela escola se aproximam quase que definitivamente na história da educação brasileira, do desenvolvimento econômico e se afastam do princípio da formação humana. "Foi por meio da ação dos pioneiros de 1932 e do uso que fizeram de algumas teorias sociológicas – e também filosóficas e psicológicas – que a educação foi "cientificamente" inserida dentro do projeto mais amplo de construção de uma nova sociedade brasileira" (SILVA, 2002, p. 51).

Combinando a perspectiva da Escola Nova e as diferentes ideologias dos pioneiros,

> o *Manifesto dos Pioneiros* de 1932, defendia uma educação pública, laica e sem discriminação por gênero (co-educação). O *Manifesto* contribuiu não só para o debate sobre democratização do ensino, mas também para a profissionalização do papel do intelectual como assessor técnico das reformas sociais. De acordo com os pioneiros, a ciência seria a chave para o progresso nacional. Além de Anísio e Fernando de Azevedo, assinaram o *Manifesto* nomes como Julio de Mesquita (editor do jornal *O Estado de S. Paulo*), Delgado de Carvalho (o único entre os pioneiros com a formação em sociologia no exterior, e membro da ABE desde seus primeiros anos), Paschoal Lemme (o discípulo marxista de Anísio Teixeira), Cecília Meireles, entre outros. Com o Manifesto de 1932, o movimento de priorização da educação, que já se encontrava em curso com o debate sobre a filosofia da Escola Nova e as reformas educacionais estaduais da década de 1920, ganha uma sistematização que o transformou em marco do debate educacional nacional (SILVA, 2002, p. 51-52).

Para Silva (2002, p. 53), a base intelectual comum entre os pioneiros é Anísio Teixeira[50]. Formado em direito e com estudos nos Estados Unidos, onde tornou-se discípulo de Dewey, formalizou a ideia de que a sociedade brasileira era injusta, pois, favorecia determinados grupos sociais e a educação a partir de um modelo estatal poderia independentemente de classes, transformar-se numa nova escola e promover a igualdade de condições para o conjunto da sociedade. Para Cunha (1994, p. 66) os signatários desse documento pleiteavam reformas firmemente ancoradas no movimento de transformação da sociedade. Em um contexto baseado nas ciências sociais cita ainda que; "O manifesto situa a origem do movimento reformador nos ideais e reflexões pertencentes ao âmbito das relações sociais".

Assim, ainda pelo olhar de Cunha (1994), com o propósito de "renovar a sociedade e construir" um país moderno, que eram características próprias daquela época, o Manifesto foi à tona como documento providencial para atingir estes objetivos. Regulamentado por educadores-idealistas que se julgavam os Pioneiros da Educação no Brasil, visavam um futuro democrática, moderno e culturalmente educado. Instrumentalizando a educação[51] como a

[50] Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) natural de Caetité-Bahia-Brasil, "pertence a uma geração de intelectuais que se destaca no campo político, literário, social e educacional. Situa-se junto ao grupo de pensadores liberais que expressam o desejo de construção do país em bases urbano-industriais e democráticas e que endossam as teses gerais da Pedagogia Nova" (BRITO, 2006, p. 34).

[51] A ginástica estava decisivamente incluída nesse processo.

ferramenta principal desse processo renovador, de forma que se tornasse "científica e funcional".

Dentre os signatários do *Manifesto da Educação de 1932*, destacamos o médico José Paranhos Fontenelle (S/D) que escreveu uma obra totalmente dedicada à Higiene. Essa obra discorre sobre a higiene individual, higiene do meio, doenças transmissíveis e também sobre a escola. Sobre esse último item, o autor aborda a amplitude do que vem a ser o ambiente escolar, ressaltando a situação da escola, tipo de edifício, as salas de aulas, tipos de iluminação, questões como limpeza da escola, vestiário, suprimento de água, entre outros.

Dentre os diversos aspectos didático-pedagógicos desenvolvidos por Fontenelle (S/D) destacam-se o recreio e campos de jogos, percebendo-se a preocupação com atividades que coloquem os alunos em movimentação, vinda de um intelectual de discute sobre higiene escolar. Quanto a isso, o autor destaca que as atividades devem ser em locais de espaços livre, em contato com a natureza, mas deve-se atentar com locais cobertos, para que os alunos se mantenham em atividades físicas, inclusive em dias de chuva. Outra preocupação do autor, e essa também merece nosso destaque, porque tem a ver com a postura – que é algo que a Educação Física também trabalha – é a carteira escolar, pois, na obra é dedicada mais páginas que os outros itens e também serve como assunto para destacar um tema que é muito discutido nos dias atuais, as dores na coluna e suas complicações. A Organização Mundial da Saúde em seus relatórios apontou a estimativa de que em cada dez pessoas, oito apresentam dores na coluna, portanto, Fontenelle (S/D) a décadas atrás analisava a importância de se ter a carteira escolar de modo adequado para comportar bem a estabilidade da coluna vertebral.

De acordo com Fontenelle (S/D), a carteira é o móvel mais importante da escola, representando também um importante problema com a higiene, sinônimo de saúde, pois lida com uma das principais bases do corpo humano, que é a coluna vertebral. Para o autor, as bases científicas para a construção da carteira escolar devem atender alguns requisitos, os primeiros são anatômicos e fisiológicos, valorizando a curvatura da coluna, as outras condições devem atender as demais partes do corpo que servem como sustentação da coluna, como pernas, braços, busto, etc. Daí em diante, o autor vai construindo suas análises sobre a carteira escolar, suas funções e capacidades de colaborar não só com o aprendizado das crianças, mas também com a saúde dos alunos. Observando o indivíduo, desde seus primeiros anos de vida como um ser humano composto de várias características e aptidões, inserido em um ambiente de mudanças sociais e culturais.

Desse modo, autor destaca o fato de observar o aluno de modo integral, ou seja, o ser humano como um todo, "a criança vai toda para a escola, - corpo, inteligência e alma. Vai fazer

Educação Física, intelectual e moral, que todas devem ser fiscalizadas pela higiene" (FONTENELLE, S/D, p. 534). Portanto, para o mesmo, a higiene é a engrenagem principal para o aprendizado no ambiente escolar e consequentemente refletindo-se no ambiente extraescolar. Enfim, a atenção para higiene representa atenção com o desenvolvimento individual e social.

Exercícios físicos e o trabalho intelectual era regulamentado e fiscalizado bem como a higiene, estando totalmente relacionados com a questão da produtividade e desenvolvimento da nação, reforçando o ideário positivista, pois, resumindo, objetivo central da higiene escolar é:

> Procurar que durante a educação se faça do melhor modo o desenvolvimento do aluno, não sendo criadas deformidades corporais; facilitar as crianças o aproveitamento de seu esforço; traçar as regras da educação dos débeis e dos anormais, integrando-os na comunidade produtiva; evitar finalmente, a propagação de doenças, o que acabaria sendo um desperdício econômico em educar a criança e vê-la morrer antes de alcançar o período de produtividade. Está claro, assim, que se o proveito direto é das crianças, o indireto, muito maior, é da Nação (FONTENELLE, S/D, p. 535).

Assim, pode-se observar a dupla preocupação dos higienistas naquela época: uma que diz respeito aos cuidados com a formação do aluno, pois na escola o mesmo aprende conteúdos científicos e desenvolve suas capacidades cognitivas; e a segunda o fato que as capacidades cognitivas serão utilizadas para atender as demandas de um país em transformações sociais, políticas e culturais.

1.2.1 Higiene, Saúde e Ginástica/Educação Física

A partir da segunda metade do século XIX no Brasil, o discurso médico tornou-se uma das principais bandeiras visando a constituição de uma nova sociedade, objetivando colocar a sociedade brasileira rumo ao desenvolvimento. Essa mobilização pelo desenvolvimento e modernização do país foi acentuada pela proclamação da república e pela influência positivista, mas não se pode desmerecer as tentativas anteriores, como a que teve início após a chegada da corte portuguesa no Brasil em 1808. Desde então, é possível registrar alguns acontecimentos importantes, como, por exemplo, a construção de hospitais, bibliotecas, colégios e os primeiros livros sobre a Educação Física, no entanto, tratando sobre assuntos diversos, como "eugenia, puericultura, gravidez etc." (OLIVEIRA, 2004, p. 52).

Com esses acontecimentos e a importante ênfase na formação de uma nova sociedade brasileira, a Educação Física era muito bem vista pela medicina e seus profissionais, haja vista que o discurso era mobilizado mediante a ideia de que ter um corpo sadio e disciplinado representaria a um homem adequado aos moldes de um novo mundo. Com a Educação Física

sendo um dos principais instrumentos de ordem e formação moral da sociedade, a ginástica foi utilizada para tais fins. Os higienistas alegavam que com ela poderia "responder à necessidade de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante e a raça branca, atribuindo-lhe superioridade" (SOARES, 2007, p. 72). Portanto, esses intuitos conduziram uma nova proposta de sociedade que estava se consolidando no Brasil, muito influenciada pelos países da Europa, com apoio de muitos intelectuais os quais seguiam a visão preconceituosa de que a mistura das raças poderia induzir à fraqueza e à degeneração. Basta ler *Os sertões,* de Euclides da Cunha[52] para constatar esse "espírito da época", mas que, evidentemente, era combatido por outros, como Manoel Bomfim (1868-1932), que, com seu patriotismo crítico, disse: "Não há na história da América Latina um só fato provando que os mestiços houvessem degenerado de caráter, relativamente às qualidades essenciais das raças progenitoras" (2008, p. 211).

As famílias eram as primeiras a serem atingidas por esses intuitos, era necessário o controle e administração familiar, ou seja, a preocupação com o melhoramento da raça, a elite política e social dirigente estava preocupada com a manutenção de seus interesses e com a transformação do país, portanto, os higienistas pensavam em uma educação que estava associada à Educação Física e educação sexual, "transformando homens e mulheres em reprodutores potenciais e, ao mesmo tempo, vigilantes da pureza de sua própria raça" (SOARES, 2007, p. 74). Assim, o pensamento higienista era uma forma de disciplinar e reestruturar o núcleo familiar, ocorrendo somente com o poder médico que se insere na política de transformação social. Desse modo, no "casamento higienista deveriam existir três princípios básicos: o status social, uma boa saúde física e uma boa formação moral" (COLOMBANI, MARTINS, 2017, p. 282).

A Educação Física é desse modo valorizada pelas elites dirigentes e figuram entre as publicações, especialmente de médicos higienistas, de trabalhos científicos da área da saúde em geral, da moral e da educação. Esses pilares de uma nova sociedade ajudaram a consolidar algo que Soares (2007, p. 74) afirma ser uma "pedagogia da boa higiene".

> Essas obras imiscuíram-se na intimidade das famílias, e, em nome de uma *educação física, moral, sexual, intelectual e social*, ditaram normas de vida, referindo-se à conduta de mulheres e homens, aos cuidados com os recém-nascidos, ao asseio, aos banhos, aos *exercícios físicos*, chegando até à vestimenta e aos hábitos alimentares (SOARES, 2007, p. 74 – Grifo nosso).

Essa "pedagogia da boa higiene" visava formar um novo homem, um homem diferente daquele que vivia na zona rural, um homem que deveria atender ao desenvolvimento e a

[52] "A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial" (CUNHA, 1998, p. 113).

modernização do país, portanto, constituir o indivíduo urbano, moderno, educado e formado mediante os novos pressupostos culturais em tramite. Desse modo, de acordo com Soares (2007) a elite vislumbrava a necessidade de mudar as concepções de família e também as diretrizes das instituições de ensino formais, nos colégios era necessário ter hábitos saudáveis e isso era uma deixa importante para a consolidação dos exercícios físicos.

> Neste conjunto – disciplina-tempo-ordem – em que se fundamenta a educação das elites (educação ministrada pelos Colégios) ganha espaço a Educação Física, uma vez que o físico disciplinado era uma exigência da nova ordem em formação. Disciplinar o físico, portanto, era o mesmo que disciplinar o espírito, a moral e, assim, contribuir para a construção daquela nova ordem (SOARES, 2007, p. 79).

Desse modo, a educação higiênica foi se consolidando em meio às relações sociais, ditando as normas do chamado comportamento saudável, havendo assim a manutenção de interesses políticos, sociais e econômicos, por exemplo, "inculcar valores de urbanidade, racismo, superioridade masculina, entre outros" (SOARES, 2007, p. 82). Influenciando o desejo pelo exercício físico, diferente daquele trabalho físico produtivo, que era ridicularizado pela sociedade, mas sim aquele exercício físico vinculado ao descanso merecido, considerado digno[53]. Essa dignidade e supervalorização das atividades físicas eram verdadeiramente reconhecidas pelos intelectuais da época, como por exemplo, o médico Dante Costa em seu livro, *Infância e Recreação*, em que do mesmo modo que Fontenelle enfatiza a importância das práticas corporais para as relações sociais amplas em que o sujeito estava envolvido e sobretudo, para si próprio: "Amparar a criança significa defender-lhe a saúde, facilitar-lhe o desenvolvimento físico, garantir-lhe o progressivo aperfeiçoamento do espírito, dar-lhe saúde moral e permanência na alegria abrindo caminho para a sua evolução normal toda a infância e até a adolescência" (COSTA, 1960, p. 8).

Pode-se perceber assim o caráter instrumental e funcional que a ginástica, os exercícios físicos, a Educação Física, tinha na sociedade e sobretudo nos interesses dos médicos higienistas (SOARES, 2007). Pois, construir um corpo forte, robusto, disciplinado, representava[54] e digamos que ainda nos tempos de hoje representa antes de qualquer coisa, saúde.

---

[53] Que por sinal, nas décadas iniciais do século XX, os exercícios físicos no momento fora do expediente de trabalho, doravante intitulado de lazer, foi utilizado para manter os trabalhos em boa forma e saudável. Esse assunto será abordado com mais ênfase mais adiante.

[54] Como bem registrou nossa literatura, a exemplo de Raúl Pompéia que no livro, O ateneu, comenta o dia da "festa da Educação Física" a qual "apresentaram-se os exercícios. Músculos do braço, músculos do tronco, tendões dos jarretes, a teoria toda do *corpora sano* foi praticada valentemente ali, precisamente com a simultaneidade exta das extensas máquinas. Houve após, o assalto aos aparelhos. Os aparelhos alinhavam-se a uma banda do campo, a começar do palanque regente. Não posso dar ideia do deslumbramento que me ficou desta parte. Uma desordem de contorções, deslocadas e atrevidas; uma vertigem de volteios à barra fixa, temeridades acrobáticas ao trapézio, às perchas, às cordas, às escadas; pirâmides humanas sobre as paralelas, deformando-se para os lados em curvas

Com a constituição de um novo setor dirigente que tinha mais identificação com o desenvolvimento e a modernização, a educação do povo contra a ignorância social era uma bandeira fundamental, pois a ignorância e analfabetismo eram vistos como grandes entraves para os anseios desenvolvimentistas. Entre os nomes daqueles que estavam engajados nos tramites do movimento de higienização, modernização e urbanização da sociedade, destaca-se Rui Barbosa[55].

Quando os olhares se voltam para a Educação Física nesse contexto de transformação da sociedade brasileira, Rui Barbosa ressalta sua preocupação e atenção para a conjuntura da época, defendendo a ginástica e os exercícios físicos, vinculados a educação escolar. "Para Rui Barbosa, a educação escolar teria a função do artífice e moldaria, conforme os mais caros ideais de liberdade humana, a grande massa que era constituída pelo povo" (SOARES, 2007, p. 88). Desse modo, Rui Barbosa pensava a saúde/higiene e educação alinhadas ao movimento modernista. "Higiene e educação juntas poderiam mudar a face do país, promover o seu desenvolvimento, viabilizar o progresso. Higiene e educação passam a ser remédios adequados para "curar" as doenças do povo e do país. Dessa união bem conduzida nasceria um outro Brasil" (SOARES, 2007, p. 89).

A obrigatoriedade de "cuidar do corpo" tornou-se então um dos princípios para a população e isso era pregado desde o seio familiar até e principalmente nos colégios[56]. Assim sendo, Rui Barbosa alertava que a ginástica não poderia ficar fora da escola, "afirmando ser a sua obrigatoriedade universalmente aceita. Uma educação popular que não incluísse a ginástica seria considera indigna desse nome, porque a ginástica deveria acompanhar todo o ensino e plantar no homem o sentimento de sua necessidade" (SOARES, 2007, p. 91). Pode-se concretizar que os primeiros passos da Educação Física no ambiente escolar, foi dado mediante as trilhas indicadas pelo higienismo, eugenismo e valores morais.

---

de braços e ostentações vigorosas de tórax; formas de estatuária viva, trêmulas de esforço, deixando adivinhar de longe o estalido dos ossos desarticulados; posturas de transfigurações sobre invisível apoio; aqui e ali uma cabecinha loura, cabelos em desordem cacheados à testa, um rosto injetado pela inversão do corpo, lábios entreabertos ofegando, olhos semicerrados para escapar à areia dos sapatos, costas de suor, colando a blusa em pasta, gorros, sem dono que caíam do alto e juncavam a terra; movimento, entusiasmo por toda a parte e a soalheira branca nos uniformes, queimando os últimos fogos da glória diurna sobre aquele triunfo espetaculoso da saúde, da força, da mocidade (POMPÉIA, 1996, p. 14).

[55] Rui Barbosa (1849-1923) natural de Salvador-Bahia-Brasil, foi um importante intelectual destacando-se nas áreas do Direito, Jornalismo e na Política. Na área da Educação Física se notabilizou como sendo o principal responsável pela consolidação da Educação Física, então ginástica na época, no Ensino Primário, com as seguintes proposições: Ginástica para ambos os sexos; Seção de ginástica nas escolas; Professor estrangeiro; Equiparação com outras disciplinas. Suas principais influências são: Grécia Antiga; Fisiologistas; Nações modernas; Pensadores da ginástica; Pensadores da educação (CAVALCANTE, BUNGENSTAB, LAZAROTTI FILHO, 2020).

[56] Vale lembrar que o momento histórico em que estamos discutindo é o fim do Império e os anos iniciais da República.

Essa moral propagada por Rui Barbosa foi fortalecida ainda mais com a chamada ginástica científica[57], vinda da Europa, principalmente por países como França, Suécia e Alemanha. A relação educação, medicina, ginástica e Educação Física, foi agraciada pela ciência europeia: "Procurou sempre, em nome do novo, do moderno, do científico, colocar a ginástica como potencialmente capaz de, em si mesma, desenvolver corpos saudáveis em meio à miséria social do povo, em meio a doenças, epidemias e morte" (SOARES, 2007, p. 94). O advento da proclamação da república representou o "sinônimo de libertação de ideias, de sentimentos, de atitudes, e, sobretudo, mudança" (SOARES, 2007, p. 95), mudanças essas principalmente nas relações sociais que se estabeleciam com a educação e saúde. Portanto, o que antes do processo de proclamação da república estava se constituindo, no período pós 1889, era necessário concretizar, pois para o projeto de modernização não bastava mais somente pensar e ir construindo aos poucos, nesse momento era imprescindível colocá-lo em prática. Percebe-se esse movimento em prática quando os médicos higienistas neste momento histórico pregam a necessidade de reorganização das cidades, ou seja, o indivíduo era responsável pela sua saúde, mas também o Estado deveria contribuir com esse levante saudável da população. Pressupostos esses que contribuíram alguns anos depois na criação do Ministério da Educação e Saúde[58].

Os cuidados corporais normatizados e derivados dos pensamentos médico-higienista, colocaram a Ginástica/Educação Física em um lugar de status social na escola:

> A Educação Física preconizada pelo pensamento médico-higienista era estruturada em bases fisiológicas e anatômicas, as únicas consideradas "científicas". A partir, portanto, de um entendimento anatomofisiológico do movimento humano, os médicos colocavam o estudo da higiene elementar como complemento preparatório da Educação Física, tornando-a, particularmente na escola, um procedimento higiênico a ser adotado naquela instituição e incorporado com hábito para toda a vida (SOARES, 2007, p. 101).

Portanto, o poder político, social e intelectual da época viu a necessidade de formar higienicamente as crianças, que é colocar em prática a "pedagogia da boa higiene", pois a "ginástica é parte constitutiva da "educação higiênica", é o seu "complemento necessário"

[57] Algumas das importantes recomendações de Rui Barbosa, são: "a) obrigatoriedade de Educação Física no jardim de infância e nas escolas primária e secundária, como matéria de estudos em horas distintas das do recreio e depois das aulas; b) distinção entre os exercícios físicos para alunos (ginástica sueca) e para as alunas (calistenia); c) prática de exercícios físicos pelo menos quatro vezes por semana, durante 30 minutos, sem caráter acrobático; d) valorização do professor de Educação Física, dando-lhe pariedade, em direitos e vencimentos, categoria e autoridade, aos demais professores; e) contratação de professores de Educação Física, de competência reconhecida, na Suécia, Saxônia e Suíça; f) instituição de um curso de emergência em cada escola normal para habilitar os professores atuais de primeiras letras ao ensino de ginástica" (OLIVEIRA, 2004, p. 54-55).

[58] O Ministério da Educação e Saúde foi criado com o objetivo de organizar o ensino nacional sobre o arcabouço científico, inicialmente comandado por Francisco Campos e logo depois em 1934 por Gustavo Capanema (SILVA, 2002).

conforme expressão dos higienistas" (SOARES, 2007, p. 112), e é prescrita pelos médicos como "receita, uma receita que deveria tornar-se hábito e constituir-se em uma segunda-natureza" (Idem, p. 112). Desse modo, o discurso higienista da época preconizava que somente assim o indivíduo poderia ter saúde, ou seja, ser saudável era uma causa possível, "desde que o indivíduo possuísse 'conhecimentos', que ele fosse 'educado higienicamente'" (Idem, 2007, p. 113). Esses conhecimentos eram ensinados, pregados, inculcados, condicionados principalmente na escola, nas aulas de Educação Física. Nesse contexto de Educação Física e moral, visando formar uma nova sociedade brasileira, que caminhasse sobre os trilhos da modernização e industrialização que eram vistas como progresso e desenvolvimento social, sob um discurso de patriotismo, essa educação higiênica era conduzida pelo profissional que detinha o poder sobre os conhecimentos científicos, os médicos.

> Entre os cuidados com a saúde destaca-se a Educação Física que tem o médico como tutor do professor que ministrará a matéria na escola pública ou nas instituições particulares. Essa tutela é tal que a promoção funcional dos professores está diretamente ligada aos cuidados por eles destinados à Educação Física, à saúde das crianças e a higiene da classe (SOARES, 2007, p. 114).

Percebe-se então que o professor era um mero reprodutor dos "ensinamentos" dos médicos, tudo o que o médico pregava para o professor deveria ser executado, sem questionamentos, pois o médico-higienista detinha "todo o poder" da ciência (biologia, fisiologia, anatomia) a serviço da funcionalidade das relações sociais estabelecidas. Assim sendo, o professor sob a tutela do médico-higienista, contribuía com as diferentes formas de condicionamento das crianças, um deles eram os Pelotões da Saúde[59], que "possuíam estatutos que deviam ser rigorosamente seguidos para a sua organização e constituição, incluindo os deveres que seriam cumpridos diariamente pelos seus membros e registrados em fichas que ficariam sob a guarda da professora" (SOARES, 2007, p. 114). Portanto, com o discurso de cuidar da saúde da sociedade, o poder político foi educando os indivíduos a aceitarem seus interesses como se fossem universais e cabíveis de penalidade caso não fosse cumprido.

Esse discurso era defendido também por outra importante personagem da história brasileira, Fernando de Azevedo[60], que assim como Rui Barbosa defendia os interesses de

[59] Para ter-se discernimento dos deveres que as crianças deveriam seguir e que seriam analisados pelos Pelotões da Saúde, ver Soares (2007, p. 114-115). Existem 20 deveres, sendo que um deles é "fiz gymnástica ao ar livre".

[60] Fernando de Azevedo (1894-1974) natural de São Gonçalo do Sapucaí-Minas Gerais-Brasil, foi um importante intelectual dedicado ao campo educacional. Defensor da educação pública, gratuita e laica, se destacou no cenário nacional mediante seus estudos e trabalhos que ajudaram a transformar a formação cultural brasileira. Foi um escolanovista brasileiro e promoveu a reforma educacional no Distrito Federal na década de 1920, Rio de Janeiro, e, foi o redator do célebre, Manifesto dos Pioneiros da Educação em 1932. "Fernando de Azevedo foi um *homem de pensamento*, com múltiplos interesses intelectuais, *para quem nada do que é humano era estranho.* Da Educação Física — área em que foi especialista, tendo escrito uma tese pioneira em 1915 — às ciências sociais, trajetória que completou em 20 anos, transitou pelo ensino de latim e de psicologia, pela crítica literária, pela

transformações políticas, sociais e culturais da sociedade brasileira. A questão da higiene, hábitos saudáveis, industrialização, desenvolvimento e modernização, são pressupostos defendidos por este intelectual (PILETTI, 1994; GÓIS JÚNIOR, 2009). A Educação Física aqui é colocada a serviço do caráter biomédico, seguido a mesma tendência de Fontenelle, mas avançando no sentido epistemológico da área. Para concretizar a ampla proposta social em voga, Fernando de Azevedo como um dos principais intelectuais da época, buscava o "status científico" da Educação Física, destacando-se assim as "virtudes" das ciências biológicas, analisando as escolas alemã, francesa e sueca. Portanto, "lançou as bases para a elaboração de uma concepção biológica e médica de Educação Física, tendo, portanto, como objeto de trabalho, *um corpo biológico destituído de historicidade"* (SOARES, 2007, p. 127 – grifo nosso).

Fernando de Azevedo defendia também a ideia do médico na escola, "Para ele a aula de Educação Física na escola não poderia acontecer sem a presença do médico" (SOARES, 2007, p. 130). Pode-se perceber que a Educação Física para esse intelectual dependia inteiramente da presença do médico, tendo esse profissional da área da saúde poderes inclusive para administrar essa disciplina escolar. Enfim, a escola passou a ser vista como uma instituição científica com aplicações de testes, mensurações e análises que serviram de base para esse propósito, que superava os interesses da própria área da Educação Física, era uma causa ampla, era uma proposta escolanovista, ou seja, de todo um movimento político e intelectual para a formação de uma nova sociedade, mas que ainda via essa disciplina como parte de outras ciências, como a medicina, a biologia etc. e não como uma ciência autônoma. Entretanto, o discurso de modernização, urbanização, industrialização fez com que houvesse uma maior valorização da Educação Física na sociedade, fazendo dela um dos principais instrumentos a favor da ordem desenvolvimentista, vinculada ao viés da higiene e da saúde, ou seja, consolidando-a na mútua relação entre ciência e Ginástica/Educação Física. Isso graças aos novos conceitos e métodos que se desenvolviam na Europa e logo chegaram ao Brasil.

1.2.2 Os Métodos Ginásticos: Francês, Sueco e Alemão

investigação sobre a arquitetura colonial e sobre a educação paulista, pela reforma educacional. Estudioso e amante dos clássicos, nunca escondeu o seu fascínio pelas ciências modernas, que procurou incluir nos currículos escolares, tanto que, nos anos 50, organizou a obra *As ciências no Brasil*, cuja segunda edição acaba de sair pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1994" (PILETTI, 1994, p. 182).

Os métodos ginásticos foram desenvolvidos como uma caracterização do marco científico na área dos exercícios físicos, ou seja, um conjunto de saberes oriundos da conjugação de várias ciências: medicina, biologia, anatomia, fisiologia, psicologia, filosofia, consolidando a base para difundir métodos capazes de legitimar o desenvolvimento individual e social, em uma esfera de profundas mudanças nas diferentes sociedades no mundo ocidental. De acordo com Soares (2001, p. 114) "este conjunto de saberes elaborado no interior da Medicina especialmente a partir do século XVII vai influenciar fortemente o modo de conceber os exercícios físicos e, mais amplamente, o conjunto das práticas corporais", norteando decisivamente os exercícios físicos, destacando-se o discurso científico em meio aos movimentos e técnicas corporais.

Os métodos ginásticos foram desenvolvidos na Europa no século XIX e difundidos pelo ocidente como uma forma capaz de introduzir preceitos científicos para o cuidado corporal, moral e social. De acordo com Darido (2011, p. 1) os métodos foram elaborados "com a necessidade de sistematizar a ginástica na escola" e consequentemente tornar-se hábitos culturalmente aceitáveis e confiáveis pela sociedade. Foram fundamentados pelo "sueco P.H. Ling, pelo francês Amoros e pelo alemão Spiess. Estes autores apresentaram propostas que procuravam valorizar a imagem da ginástica na escola". É importante ressaltar que na Inglaterra também houve um desenvolvimento dos exercícios físicos e da ginástica, porém não de caráter gímnico, mas sim, sobre o paradigma esportivo e dos jogos (OLIVEIRA, 2004). Isso acabou influenciando na França, o grande avanço da Educação Física Desportiva Generalizada, que se caracterizou em uma nova orientação, na qual o exercício físico com sistematização gímnica foi substituído pelo dinamismo dos jogos e desportos.

Com pressupostos de sistematização científica das ações corporais fora do mundo do trabalho; Noções de vigor, energia e moral; Educação dos gestos: corpo ereto, um porte rígido, altivez de postura, os métodos ginásticos logo conquistaram seu espaço de reconhecimento na esfera intelectual da sociedade, sobretudo, por servir como instrumento fundamental para os anseios políticos e econômicos (SOARES, 2014). Vinculados as tendências higienistas e militaristas de Ginástica/Educação Física, tais métodos consolidaram-se de vez no contexto escolar, pois especialmente no Brasil, como foi dito anteriormente, o início do século XX foi movido por grandes transformações políticas e sociais. Nesse contexto, as teses higienistas e, logo após, as militaristas, conquistaram o poder de conduzir os padrões educacionais e culturais no país, de acordo com Darido (2011).

Os métodos ginásticos em geral tinham a mesma finalidade, entretanto, cada um possuía as suas especificidades. O *método francês*, elaborado por Francisco Amoros, visava o

aperfeiçoamento do corpo humano, aumento da resistência orgânica, economia de energia nas atividades que seriam desenvolvidas na vida cotidiana e também no trabalho, valorizando aptidões físicas através de exercícios naturais. A aula era dividida em três partes: 1) preparação, algo que pode ser chamado de aquecimento realizado antes da atividade principal, como saltos, pequenas corridas, alongamentos musculares; 2) Aula propriamente dita, momento mais importante da aula, ou seja, execução dos exercícios físicos fundamentais que foram planejados pelos professores/instrutores para serem desenvolvidos pelos alunos; 3) Volta à calma, algo que pode ser chamado hoje de alongamento final, relaxamento muscular e cardiorrespiratório, momento final da aula.

Essa divisão de aula atravessou as décadas e até os dias atuais diversos professores de Educação Física, atuando em escolas ou não, desenvolvem suas aulas sob esse parâmetro, em três momentos muito bem trabalhados. Diversos profissionais reproduzem essa estrutura esquemática de aula, consciente ou inconscientemente, chegando mesmo a repassá-las a outrem sem se atentar aos fundamentos históricos constituídos nessa proposta de aula.

Já o *método sueco*, elaborado por Henrik Ling, é focado nos aspectos corretivos do exercício na postura corporal; sem a necessidade de aparelhos especiais, o corpo é visto como o principal aparelho; Exercícios bem orientados, do simples ao mais complexo; conservando o equilíbrio físico do indivíduo e aumentando a energia. As práticas corporais desenvolvidas mediante os pressupostos desse método são alongamento de longa duração, atividades de fortalecimento corporal em músculos ou grupos musculares específicos, tais como, coluna, braços, pernas. Esse método também é um exemplo de que os exercícios físicos que são desenvolvidos atualmente têm uma longa história de conservação e preservação do corpo, pois, exercícios como ginástica laboral, treinamento funcional, atividades fisioterapêuticas e correções posturais, consequentemente podem estar vinculadas ao método sueco.

O *método alemão*, elaborado por Guts Muths, possui objetivos parcialmente distintos dos anteriores. Ele se compõe do uso de aparelhos como barras verticais, argolas, pequenos pesos, destaca-se o contato com a natureza e o improviso nas atividades corporais e diversificados movidos. Outro elemento que se destaca nesse método é o caráter patriótico e militar condicionando o indivíduo a adotar um forte discurso nacionalista: “Ao mesmo tempo em que o corpo passa a ser visto como peça-chave para o desenvolvimento do Estado, também passa a ser visto como elemento fundamental na educação da população” (QUITSAU, 2012, p. 360). O caráter patriótico e militar no indivíduo é um marco bem particular desse método, haja vista que a primeira parte do século XX foi marcada pelas duas grandes mundiais com participação decisiva da Alemanha, isso pode ter relação com o caráter militarista e o discurso

nacionalista de um método de ginástica especificamente alemão, além dos "ventos" positivistas que ainda sopravam sobre toda a Europa e a América.

Enfim, ao tratar-se dos métodos ginásticos e suas especificidades, a área da Educação Física começou a desenvolver-se de modo mais sistemático em solo brasileiro e com isso novos estudos foram sendo publicados[61] e ganhando ênfase na comunidade acadêmica, entre os vários temas investigados, o esporte se destacou, sobretudo na segunda parte do século. Pois, o esporte fruto da Modernidade e cientificidade (BÖHME, 2003; BRACHT, 2009; BRACHT, 2014; OLIVEIRA, 2004; TAFFAREL, 2016), diferente, por exemplo da dança e do jogo, que são práticas corporais milenares, o esporte com suas regulamentações sistematizadas, estruturas funcionais, estratégias com dados e estatísticas, tabelas e gráficos em suas análises técnicas e táticas, e, por fim, sua capacidade de mobilização popular, se tornou a prática corporal mais desenvolvida, elaborada, investigada e prestigiada no século XX. Portanto, torna-se necessário discutir essa prática corporal e suas particularidades na formação humana abordando questões físicas, biológicas, históricas, culturais, sociais, reconhecendo a saúde, competição e educação como fios condutores dessas particularidades.

1.3 Contextualização inicial sobre Esporte e Competição

Para iniciar a reflexão sobre esporte e competição, é correto afirmar que não existe uma definição universal sobre o conceito de esporte. O que existe são diferentes concepções que surgem ao longo do tempo, "dado o grande conteúdo de seu significado na linguagem popular e a variabilidade conceitual entre as diversas culturas" (BÖHME, 2003, p. 99) e que essas concepções contribuem para o diálogo do esporte com as demais áreas do conhecimento, seja no campo das Ciências Humanas e Sociais, bem como, das Ciências da Saúde. Desse modo, as afirmações e discussões que serão apresentadas, referem-se àquelas que tive e tenho contato em minha formação, portanto, algumas delas são as mais conhecidas na literatura da Educação Física quando se trata deste assunto.

[61] Metodologia científica do treinamento esportivo, e, Dimensões sociais do esporte, ambos livros de Manoel José Gomes Tubino. Ginástica Geral e Educação Física Escolar, de Eliana Ayoub. Estudos do lazer: uma introdução, de Nelson Carvalho Marcellino. O "mito" da atividade física e saúde, de Yara Maria de Carvalho. Mídias: Aliadas ou Inimigas da Educação Física Escolar? – artigo de Mauro Betti. A Educação Física cuida do corpo ... e "mente": bases para a renovação e transformação da Educação Física, de João Paulo Subirá Medina. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente – artigo de Tarcísio Mauro Vago. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista – artigo de Valter Bracht. Entre outros trabalhos científicos entre livros, artigos e apresentações em eventos que podem ser citados.

Dito isto, Kunz (2006, p. 13) afirma que esporte moderno é "uma atividade corporal de movimento com caráter *competitivo*[62] surgida no âmbito da cultura europeia por volta do século XVIII, e que esta, expandiu-se para o resto do mundo". Embora possamos afirmar que muito antes disso, no contexto da Grécia Antiga, ao redor do Olimpo já se vislumbrava disputas, competições, embates entre os deuses, ou seja, mediante exemplos mitológicos, filosóficos e históricos, o fio condutor do esporte e das práticas competitivas sempre acompanharam o ser humano. Para esse autor o esporte moderno resultou de determinadas modificações realizadas em jogos das classes populares e também da nobreza na sociedade inglesa. Já para a autora Böhme (2003, p. 99) o esporte moderno em seu início teve características educativas favorecendo a formação do homem moderno. Ela diz:

> (...) os jogos físicos praticados pela aristocracia e burguesia inglesa, codificando-os e incorporando-os aos métodos da educação escolar, pelo *fair-play*, que significa a atitude cavalheiresca na disputa esportiva, pelo respeito às regras, adversários e arbitragem, evidenciando a função pedagógica das práticas esportivas. Tal ideia estendeu-se para além dos muros escolares do colégio para o povo inglês de então, assim como para outros países. Junto com a escolarização e popularização mundial do esporte moderno, começaram a surgir os locais de prática esportiva – os clubes e o fenômeno do associacionismo; para coordenar e regulamentar a competição, o esporte foi gradativamente institucionalizado, com o surgimento das federações esportivas. No seu início, portanto, *o esporte moderno tinha por características tratar-se de jogo, competição e formação do ser humano* (grifo nosso)[63].

Com essa premissa educativa no esporte, o Barão de Coubertin[64] iniciou um movimento de restauração dos Jogos Olímpicos, sob as perspectivas humanistas, concretizando seu sonho em 1896, ano este que ficou conhecido como ano dos I Jogos Olímpicos Modernos (BÖHME, 2003). No entanto, a partir desse grande evento esportivo, o esporte desenvolveu grandes modificações em suas práticas e em seu modo de organização, com influências políticas, econômicas e culturais. Houve então, uma verdadeira modernização da racionalidade sobre o esporte, que, por sinal, se diferenciava em vários aspectos dos Jogos Olímpicos Antigos na Grécia, desenvolvendo esses jogos em homenagem a Zeus e envolviam "além de competições atléticas, provas literárias e artísticas" (OLIVEIRA, 2004, p. 24). Portanto, o que antes era um evento vinculado a festas esportivas de caráter cultural e mitológico, na Modernidade tornou-se evento racionalizado, técnico e sistematizado em suas ações, análises e competições.

---

[62] Grifo meu para demonstrar a relação entre esporte e competição, e, ir construindo o raciocínio de que os mesmos podem ser tratados como sinônimos. Haja vista que o dicionário *Mini-Aurélio* (HOLANDA, 2001, p. 168) em seu verbete de competição, cita que é o "Ato ou efeito de competir. Torneio". Já sem seu verbete de torneio, cita que é uma "competição esportiva" (HOLANDA, 2001, p. 677).

[63] Essa fundamental relação entre esporte, competição e formação humana, será tratada no terceiro capítulo dessa tese, quando forem apresentados e analisados os resultados da pesquisa empírica.

[64] Pierry de Frédy (1863-1937) mais conhecido por seu título, Barão de Coubertin, é natural de Genebra-Suíça, foi um pedagogo e historiador, conhecido por ser o fundador dos Jogos Olímpicos Modernos.

Surdi e Kunz (2007) ao discorrer de modo crítico sobre sua concepção de racionalidade moderna, citando que o homem virou refém da mesma e das suas características quantificáveis e mecânicas, os autores citam que uns dos principais instrumentos que foi utilizado pela racionalidade moderna foi o esporte de alto rendimento[65], que verdadeiramente se consolidou mediante tais características.

> O esporte de alto rendimento serve como exemplo da racionalização instrumental e funcional do homem. Com o avanço das tecnologias esportivas, o homem precisa superar seus limites para realizar padrões de *performance* técnica cada vez mais eficazes; padrões estes desenvolvidos por inovações tecnológicas computadorizadas, que buscam melhores resultados, com intenção de competição e superação. Os movimentos técnicos criados mecanicamente servem como modelo para o atleta. Ele deve aprender a executar com sucesso para se sobressair aos demais. Dessa forma, terá um lugar nesse meio; se não, será excluído (SURDI e KUNZ, 2007, p. 19).

Nota-se a preocupação dos autores com a uniformização do esporte e dos movimentos humanos na prática esportiva, pois de acordo com essa concepção de racionalidade moderna, as formas e os padrões estão cada vez mais solidificados para a somente reproduzir e não produzir movimentos, sentimentos, expressões corporais, no esporte, na saúde e principalmente em tudo que diz respeito à Educação Física em geral.

Para Surdi e Kunz (2007, p. 21)[66] o esporte profissional e moderno é entendido "como um dos pilares do capitalismo, está ligado à dominação e controle social. Essa concepção equívoca de esporte compreende o homem com um corpo cheio de articulações e músculos que servem para ser adestrados e manipulados conforme comando externo". Em relação à padronização do esporte de alto rendimento, o trabalho de Lima, Reis Júnior e Bandeira (2020, p. 6) abordam uma discussão sobre o trabalho da ciência em âmbito do treinamento esportivo do seguinte modo:

> Entre os métodos de avaliação, encontram-se os testes, com seus protocolos sistematizados, visando aumentar a produtividade e os resultados, detectando, mesmo que sejam pequenas, alterações que ao final podem provocar grandes diferenças no desempenho. Por exemplo, além de protocolos, muito se tem utilizado vídeos para descrever melhor as capacidades motoras, principalmente em modalidades como: futebol, basquetebol, voleibol, entre outras.

[65] O esporte de alto rendimento, ou, esporte-performance, "traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, e é exercido sob regras preestabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade" (TUBINO, 2011, p. 41).

[66] Veremos no terceiro capítulo deste trabalho que essa visão de Surdi e Kunz (2007) é uma das várias leituras que são desenvolvidas sobre esse campo de estudo da Educação Física, portanto, há a leitura da Pedagogia do Esporte, por exemplo o estudo de SCAGLIA, MEDEIROS, SADI, (2006), que busca realizar adaptações no contexto do trabalho com o esporte tornando-o um verdadeiro elemento de formação humana e não somente de reprodução mecânica de movimentos, busca incessante pela vitória e glorificação dos vencedores em detrimento dos demais.

Por se tratar de filmagens, os avanços tecnológicos permitem, hoje, avaliações mais completas, com outras variáveis para a compreensão do desempenho esportivo. A utilização de plataformas para verificar e quantificar, mediante cálculos matemáticos, avaliar diferentes modelos de treinamento da mecânica do movimento, enfatizando as diferentes forças internas: velocidade angular das articulações e sincronia dos movimentos em geral, são elementos fundamentais que constituem a prática esportiva de alto nível. O uso de biopsias e da biologia molecular, em casos de coleta e análises de fibras musculares durante e pós exercício, com o intuito de avaliar o nível e o tipo de treinamento que está mais efetivo e gerando importantes adaptações e modificações positivas agudas e crônicas no organismo, são exemplos, também, da inovação tecnológica no campo esportivo. Para assim, haver o controle correto do treinamento (LIMA, REIS JÚNIOR e BANDEIRA, 2020).

> Técnicos, preparadores físicos e cientistas têm buscado determinar parâmetros que sejam capazes de controlar a carga de treinamento, visando alterações positivas físicas e fisiológicas no desempenho esportivo. Como exemplo, pode ser citada a avaliação de oxigênio, concentração sanguínea de lactato, frequência cardíaca, percepção subjetiva do esforço. Cada qual com suas contribuições e limitações. Determinar uma sessão de exercícios no organismo é muito importante, considerando a rotina de treinamento dos atletas, buscando evitar o excesso de treino, ou o esforço além do limite, minimizando a ocorrência de lesões (LIMA, REIS JÚNIOR e BANDEIRA, 2020, p. 6).

Para um trabalho de resistência, o preparador físico pode utilizar exercícios para potencializar o funcionamento do sistema cardiovascular para posteriores cargas exigidas pelo ritmo de jogo do basquetebol, utilizando, a título de exemplo, treinamento intervalado, corridas, exercícios técnicos com bola e sem bola, mas sempre com atenção à capacidade cardiorrespiratória (LIMA, REIS JÚNIOR e BANDEIRA, 2020). Outro fator fundamental para o treinamento esportivo é a periodização, sendo que é o período, porção e divisão do tempo em pequenos segmentos mais fáceis de controlar, a fim de propiciar o desempenho máximo nas competições. O treinamento esportivo é dividido em microciclo (menor estrutura do treinamento), mesociclo (conjunto de microciclos) e macrociclo (maior estrutura do treinamento, mensal, anual e plurianual) (BOMPA, 2001).

Para o treinamento esportivo de um modo geral, existem princípios científicos básicos que têm o objetivo de diferenciar o trabalho feito à base de ensaios, erros e aceitos, do científico.

Eles são: Princípio da Individualidade Biológica[67], da Adaptação[68], da Sobrecarga[69], da Continuidade/Reversibilidade[70], e Interdependência[71] – Volume versus Intensidade (DANTAS, 1995). Assim sendo, contata-se como a ciência é fundamental para o estudo e trabalho com o treinamento esportivo de alto rendimento, pois, nesse esporte o conhecimento é executado por profissionais de alto nível, sejam os atletas ou a equipe técnica esportiva.

Agora, em relação à crítica de Surdi e Kunz (2007) sobre a racionalidade moderna e sua instrumentalização do esporte de alto rendimento, será que realmente é possível desenvolver e inovar o esporte profissional sem a constante padronização e evolução dos elementos oferecidos pela ciência moderna, e mesmo sem os padrões de rendimento da lógica capitalista? Essa é uma questão que mobiliza amplas discussões acerca do esporte moderno e suas particularidades na formação humana (SAVIANI, 1996), servindo como ponto de partida para novas pesquisas sobre essa temática.

O esporte de alto rendimento nas últimas décadas conquistou um espaço muito grande na sociedade em relação às crianças que tem sonho de serem atletas profissionais, havendo assim, seus lados positivos e negativos.

> Nos ambientes não-escolares isto se torna complicado devido as grandes cobranças por resultados práticos, imediatos e aparentes. Se a criança é matriculada em uma escolinha de futebol, há uma cobrança para que em uma aula o aluno aprenda a chutar, na outra a cabecear, em seguida, cobrar falta e assim por diante, a busca por resultados suprime a preocupação com a formação do sujeito e não só do futuro atleta (VIEIRA NETO, 2009, p. 1028).

---

[67] O Princípio da Individualidade Biológica "enfatiza que cada ser humano é único, constituído por genótipo e fenótipo. O genótipo faz referência à carga genética transmitida à pessoa, ou seja, sua composição corporal, biotipo, altura máxima esperada, capacidades motoras e possível percentual de tipos de fibras musculares. O fenótipo versa sobre os fatores externos que modificam as características do indivíduo/atleta, somado ao indivíduo a partir do momento de seu nascimento, responsável por aspectos como habilidades motoras e esportivas" (LIMA, REIS JÚNIOR, BANDEIRA, 2020, p. 3).

[68] O Princípio da Adaptação está relacionado as diferentes capacidades de adaptação aos estímulos advindos do exercício e das cargas de treinamento (DANTAS, 1996, TUBINO, 1984), ou seja, a relação entre o stress (treinamento), homeostase (recuperação e equilibração do organismo durante e pós-treinamento) e a adaptação (capacidade de propriamente se adaptar as diferentes cargas do treinamento).

[69] O Princípio da Sobrecarga trata-se da capacidade do organismo recuperar a energia gasta no treino e se preparar para uma nova etapa (TUBINO, 1984).

[70] O Princípio da Continuidade/Reversibilidade diz sobre a necessidade de ir aumentando as cargas, volumes, intensidades dos treinos para que realmente haja desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades físicas, motoras e fisiológicas dos atletas (DANTAS, 1995).

[71] O Princípio da Interdependência refere-se à relação do Volume e Intensidade. "O Volume refere-se à quantidade de treinamento, relacionada ao número de repetições, tempo de corrida, dias/semanas/meses de treinamento. A intensidade, diz respeito à qualidade do treinamento, manipulação de cargas, intervalos de repouso, velocidade da execução. Um organismo submetido ao trabalho muito intenso, somente poderá executá-lo em um curto espaço de tempo, e quando há um aumento desse espaço de tempo, é necessário diminuir a intensidade, valendo-se do pressuposto de que o importante é trabalhar de modo seguro, pesado e ideal. Desse modo, se a intensidade aumenta, o volume diminui e se o volume aumenta a intensidade diminui" (LIMA, REIS JÚNIOR, BANDEIRA, 2020, p. 5).

Essa crítica feita por Vieira Neto (2009) diz respeito à grande parte da sociedade brasileira, principalmente aos pais e jovens de família de baixa renda, que sonham em proporcionar um futuro estável financeiramente para sua família por meio do esporte profissional. Mas cuidados devem ser tomados principalmente quando se trata da formação humana dessas crianças.

> E assim que o aluno mais do que saber chutar, ele compreenda quais as relações sociais que estão presentes na sua prática, tenha consciência do porque se fazer de uma forma e não de outra, que seja trabalhado e desenvolvido junto com o aluno, e não somente imposto a ele, de cima pra baixo, como verdade absoluta, e que assim, o aluno elabore e reflita sobre sua prática (VIEIRA NETO, 2009 p. 1028).

Desse modo, para o treinamento de crianças e adolescentes, é necessário ir além de reconhecer esses princípios científicos do treinamento apresentados por Dantas (1995), deve-se tomar o cuidado para não pular etapas do desenvolvimento humano e trabalhar os exageros do treinamento precoce.

> O treinamento especializado precoce no esporte acontece quando as crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado de longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com objetivo do gradual aumento do rendimento, além de participação periódica em competições esportivas (KUNZ, 2006, p. 49).

A especialização precoce podem afetar a criança de modo integral, ou seja, gerando formação escolar deficiente, devido à grande exigência em acompanhar a carreira esportiva, redução de tempo em participações em atividades infantis e juvenis, que por sinal, diz respeito ao seu próprio período de idade e principalmente em casos futuros, pois em situações de fracassos e desilusões, não saberá lidar com isso, pois foi moldado desde pequeno a cumprir funções e ser um atleta de sucesso e de status social, portanto, sérios problemas de ordem psicológicas (KUNZ, 2006).

As etapas de desenvolvimento natural do ser humano dizem respeito aos fatores biofisiológicos e psicossociais. Como método de valorizar esses aspectos do desenvolvimento do indivíduo/criança/atleta, o lúdico é fundamental, pois a partir do mesmo, vai-se estimulando e desenvolvendo os requisitos motores e cognitivos dos praticantes (LIMA, REIS JÚNIOR e BANDEIRA, 2020).

Malgrado as tendências para um ou outro foco, seja o sanitarista, o militar, o olímpico de alto rendimento, etc., para Santana (2005, p. 3), o esporte em qualquer que seja sua dimensão, é educativo[72]. Diz ele: “esporte e educação estão inexoravelmente associados”. Pois a função da pedagogia do esporte e do profissional que trabalha com esporte, principalmente com

[72] Essa afirmação faz referência e amplia a concepção de esporte apresentada por Tubino (2011), que iremos discutir logo adiante.

crianças e jovens, é "cultivar um modo de pensar e agir comprometido com a condição humana das pessoas. Isso não exclui desenvolver as capacidades e ensinar as habilidades. Vai além: a tarefa da pedagogia é a de favorecer o bem-estar das pessoas e a sua vida social" (SANTANA, 2005, p. 10).

Tratando-se de práticas esportivas lúdicas e sobretudo de lazer para crianças, esse tema logo em sua criação foi considerado como algo fundamental para os anseios políticos e econômicos, ou seja, a constituição do lazer está intrinsecamente relacionada a sociedade capitalista[73]. Na primeira metade do século XX no Brasil, o lazer foi utilizado como um instrumento importante para que os trabalhadores em seu "tempo livre" não caíssem na ociosidade, bares e preguiça, utilizando seu tempo fora do expediente para se manter bem, com o corpo saído, praticando alguma forma de exercício e também, como forma de diversão. Por exemplo, a autora Vivian Bertinni ao realizar uma pesquisa sobre dois dos grandes nomes nos estudos do lazer, o sociólogo francês, Joffre Dumazedier, e, o cientista social Nelson Marcellino, afirma que "o desenvolvimento do lazer e o progresso técnico se relacionam colocando o lazer como uma criação da civilização industrial e um produto constante do progresso técnico. Então, lazer e progresso técnico estabelecem relações complementares" (BERTINNI, 2005, p. 113). Essa autora ainda afirma que Marcellino "confirma a tese de Dumazedier que lazer é fruto da sociedade urbano-industrial" (BERTINNI, 2005, p. 114).

Outrossim, não se pode descartar de todo a influência dos processos de urbanização e industrialização que tomaram o cenário europeu, influenciando também o Brasil, no século XIX e XX. Em sua reestruturação produtiva, a sociedade mudou seu aspecto, centrado antes no ambiento rural, para a aglomeração das populações, das indústrias e do capital. Todo esse fluxo capitalista deu, evidentemente, um ímpeto na reestruturação da sociedade com vistas ao progresso. O discurso higienista, como foi abordado anteriormente, decisivamente modificou as relações sociais, preconizando o desenvolvimento, próprio da Modernidade, da industrialização e de uma nova formação cultural. Até mesmo o tempo fora do trabalho/expediente, necessitou ser bem administrado, pois, segundo Soares (2007) a ociosidade era considerada um nociva para a sociedade que buscava a saúde individual e indivíduos aptos a contribuir com o progresso: "O discurso higienista pregava a melhoria na saúde, a longevidade e a conservação do trabalhador, que poderiam aumentar as forças produtivas da nação" (GOIS JÚNIOR, 2003, p. 30). Com isso a recreação e o lazer passaram a

[73] Embora as práticas lúdicas e os jogos eram enfatizados pelas sociedades ancestrais (HUIZINGA, 2005; OLIVEIRA, 2004). No entanto, o lazer sistematizado, administrado – moderno – se constituiu em meio ao processo urbano-industrial.

ser valorizados como importantes instrumentos na proposta de modernização e nova formação cultural, possibilitando a vinculação entre o tempo de lazer e o tempo de trabalho, pois "disseminou a ideia da recreação como capaz de recuperar as forças que o trabalho exigiu" (SOARES, 2007, p. 78).

Essa compreensão de tempo de lazer e sua relação com o tempo de trabalho atravessou gerações e pode ser encontrado nos dias atuais em situações que diversos trabalhadores entendem como descontração e diversão, diferentes jogos de lazer e recreação em espaços públicos e privados, exercícios físicos em clubes esportivos e praças públicas apropriadas para tais atividades, ou seja, de modo implícito ou explícito, é um modo de se manter saudável e preparado para atender às demandas de seus ofícios. Assim, a questão da prática da atividade física como sinônimo de saúde, que se discute atualmente, tem um passado vinculado à funcionalidade da sociedade industrial que estava a se perpetuar há mais de um século. Nesse contexto, o esporte moderno, também estava se consolidando mediante as bases do até então novo modo de produção, desse modo, o esporte e o lazer tornaram-se bandeiras essenciais utilizadas na busca de uma sociedade urbana, industrial, moderna e sadia.

Em uma perspectiva mais crítica, Saviani (1996) cita que os profissionais que se dedicam a essa área, devem estar preparados para o desenvolvimento de projetos de lazer-educação comprometidos com a promoção do homem, no sentido de torná-lo capaz de conhecer e intervir na realidade, desenvolvendo suas características de autonomia, liberdade, comunicação e coletividade. No que diz respeito aos parâmetros legais, a Constituição Federal do Brasil de 1988, cita em seu Artigo 217, que é dever do Estado fomentar práticas esportivas formais e não formais, como direito de cada um, e, em seu inciso terceiro, do mesmo artigo, diz que o poder público incentivará o lazer como forma de promoção social[74]. Desse modo, o investimento e implementação de políticas públicas para o esporte e lazer, deve ser realizado na direção da constituição humana, contribuindo para a formação da coletividade. Possibilitando a amplitude de conteúdos e manifestações culturais, mesmo perante entraves como a desigualdade social, os indivíduos e principalmente as crianças devem vivenciar o lúdico, produzir cultura e construir história. (MARCASSA e MASCARENHAS, 2014)

---

[74] Artigo 217 da Constituição Federal do Brasil: É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados: I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento; II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento; III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não- profissional; IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional. (BRASIL, 1988)

Nas características da organização social, níveis econômicos, sociais e políticos, o lazer e esporte de cada grupo são escolhidos de acordo com os interesses de cada grupo. Havendo assim, a importância de ser amparado por políticas públicas, a diversidade e sua promoção social. Isso porque nos momentos de lazer que os jovens criam e reforçam seus laços de identidade social, que as crianças por meio da atividade lúdica, interpretam e ressignificam o mundo que as cerca, que os adultos tecem suas relações sociais e renovam valores e comportamentos que fundamentam os princípios éticos, estéticos, e políticos que regem a sociedade. (MARCASSA e MASCARENHAS, 2014)

Em relação ao esporte, e sua mútua relação com o lazer, o esporte-participação (TUBINO, 2011) é essencial para promover verdadeiramente uma ação social voltada a constituição integral do indivíduo. Como o próprio nome diz, nessa dimensão social de esporte, a participação, a inclusão, o lúdico, são bases que a sustenta. Essas características que visam a formação humana do indivíduo mediante as práticas esportivas lúdicas e de lazer, é a parte positiva do esporte trabalhado fora da escola, ou pelo menos deveria ser, pois, atualmente o que mais se vê são escolinhas de iniciação esportiva com ações que objetivam produzir mini atletas de alto rendimento, como se fossem ratos de laboratórios, no intuito de gerar lucros financeiros para instituições, empresários e clubes esportivos. Essas ações inclinam as crianças/alunos/atletas a uma especialização precoce, favorecendo elementos de degradação humana como o doping, bullying, analfabetismo, exclusão social, traumas psicológicos, lesões prematuras (BRACHT, 2005)

Enfim, dentre os autores que têm-se dedicado a esse tema, doravante vamos destacar um autor muito importante para a área da Educação Física, cuja produção: *Dimensões sociais do esporte,* trata-se de Manoel José Gomes Tubino[75]. Essa obra trata diretamente dessa contextualização que fizemos até o momento. É necessário destacar que no momento em que Manoel José Gomes Tubino estava consolidando suas premissas sobre as dimensões sociais do esporte, a sociedade brasileira estava passando por uma redemocratização política – década de 1980, fim da ditadura militar e início do período democrático – e constituição de novas concepções de mundo, sociedade, homem, educação, Educação Física e esporte, estavam também sendo reconfiguradas. Portanto, sob uma perspectiva mais humanista de esporte e não somente tecnicista, Tubino (2011) apresentou características amplas de um fenômeno social

[75] Manoel José Gomes Tubino (1939-2008) natural de Pelotas-Rio Grande do Sul, foi um dos maiores nomes da Educação Física no século XX. Foi presidente da *Féderation Internationale d'Education Physique*. Produziu grandes obras que se notabilizaram no campo da Educação Física, tais como: Dimensões Sociais do Esporte, e, Metodologia Científica do Treinamento Esportivo.

que decisivamente colaborou para nortear as relações sociais no século XX e em nossa atualidade do século XXI é indispensável não tratar de suas funções na vida do indivíduo.

Para apresentar sua teoria, Tubino (2011) destacou o desenvolvimento do esporte moderno ao longo de sua história, remontada nos anos finais do século XIX. Logo, o esporte ao longo do século XX foi apresentando princípios e características diferentes atendendo aos momentos históricos peculiares: 1) Princípios associacionista, 2) Profissionalismo exacerbado, 3) Princípios humanistas. Segundo Tubino (2011) o princípio associacionista do esporte diz respeito a restrição da intensa competição, pois estimulava a violência entre os participantes colocando em risco a integridade física e social dos indivíduos. O princípio do profissionalismo exacerbado foi um forte movimento de desenvolvimento e difusão do esporte, principalmente após o início dos Jogos Olímpicos Modernos. Esse é o momento histórico enfatizado por Surdi e Kunz (2006) para criticar o esporte como algo mecânico, robótico, vinculado somente aos dados estatísticos e ao forte discurso biomédico, pois sob as influências políticas e ideológicas, o esporte se consolidou. Um exemplo que pode ser descrito foi a tentativa fracassada de Hitler em provar a supremacia da raça ariana nas Olimpíadas de Berlim em 1936. Já na segunda metade do século XX, após a segunda Guerra Mundial e no auge da Guerra Fria, os princípios humanistas do esporte tomaram a vez, com manifestos internacionais e cartas da UNESCO, defendendo uma nova visão do esporte (TUBINO, 2011).

Assim sendo, em meio a tantas discussões, reflexões e publicações em nível mundial, e, sobretudo no Brasil em relação a efervescência político-social, Tubino (2001) apresenta as três dimensões sociais do esporte: a) Esporte-educacional, b) Esporte-participação, c) Esporte-performance. Assim, o esporte-educacional é direcionado ao esporte com caráter educativo, com funções voltadas à educação do aluno, um esporte para ser trabalhado na escola. “A educação, que tem um fim eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, tem que exigir do chamado esporte-educação um conteúdo fundamentalmente educativo” (TUBINO, 2011, p. 36).

Para ao autor, o esporte-educacional possui características socioeducativas e passa a receber e provocar novas discussões a seu respeito, pois esse tipo de esporte desempenha funções essenciais no exercício pleno de cidadania dos jovens, “o esporte na escola poder ser um dos meios mais efetivos de formação dos jovens, a prática esportiva como educação social será indispensável no desenvolvimento de suas personalidades e imponderável nos seus processos de emancipação” (TUBINO, 2011, p. 37).

A questão é que essas novas discussões a respeito do esporte-educacional, que pode ser encontrado na vasta literatura sobre o tema, provocaram adesões, mas por outro lado diversas

críticas. Uma das críticas é de Kunz (1994) e do Castellani Filho *et al* (2012), pois para esses autores, há a necessidade de existir um esporte DA escola, com suas próprias regras, adaptações, inclusões, manifestações culturais e não um esporte NA escola[76]. Portanto, por mais que Tubino (2011) defenda uma diferenciação do esporte-performance com o esporte praticado na escola, é justamente esse NA escola, que pode induzir algumas abordagens teóricas a criticar essa visão de esporte de Tubino (2011) ou simplesmente a forma em que foi escrita. Vale ressaltar que não estou afirmando que Kunz (1994) e Castellani Filho *et al* (2012) fizeram uma crítica totalmente direcionada a essa obra de Tubino, mas afirmando que essa obra contribui para ampliar as discussões sobre o esporte trabalhado na escola, gerando críticas e embates teóricos na área da Educação Física.

A outra dimensão social, o esporte-participação "tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes" (TUBINO, 2011, p. 39). O esporte-participação ou o esporte popular têm como uma de suas características a ação voluntária dos indivíduos, o gosto de praticar, a sensação de pertencer a algum grupo.

> Pode-se até concluir, preliminarmente, que os programas de esporte popular mais efetivos são aqueles nascidos nos grupos ou comunidades, e onde os protagonistas voluntariamente tornam-se os idealizadores, os agentes organizadores e os participantes das práticas criadas. Por tudo isto é que o esporte-participação ou popular é reconhecido como aquela dimensão social do esporte mais inter-relacionada com os caminhos democráticos (TUBINO, 2011, p. 40).

Essa dimensão de esporte é muito importante, pois pode ser encontrada em várias partes da sociedade, em quadras, praças, academia ao ar livre, clubes, enfim, locais para práticas de exercícios físicos públicos ou privados, com suas várias modificações e adaptações aos contextos sociais, praticada por pessoas de todas as classes socioeconômicas. Cada qual com suas formas e dinâmicas de praticar, mas o essencial é que essa dimensão social do esporte é muito recomendada pela literatura da área, seja como meio de saúde, iniciação esportiva, inclusão social ou manifestação cultural.

A terceira e última dimensão social é o esporte-performance, que de acordo com Tubino (2011) ao longo do século XX foi considerado como próprio sinônimo de esporte e, acrescentamos que atualmente também. Exige-se uma série de regras universalizadas, códigos, fundamentações complexas e bem orientadas, e, com todo o seu desenvolvimento, sobretudo nas últimas décadas, o esporte- performance está sendo administrado cada vez mais por empresas privadas. Esse esporte é bem emblemático no que diz respeito as discussões que são

[76] Pois o esporte NA escola é uma presa fácil para trabalhar o alto rendimento esportivo nas aulas de Educação Física no ambiente escolar e segundo Kunz (1994) e Castellani Filho *et al* (2012) afirmam que há um reprodução do esporte de alto rendimento no ambiente escolar, marginalizando as reflexões, as contradições, as linguagens, as questões históricas e culturais que constituem o próprio esporte.

tratados sobre o mesmo, seja pela literatura especializada, seja pelas conversas cotidianas no dia a dia, pois é "também a dimensão social que propicia os espetáculos esportivos, onde uma série de possibilidades sociais positivas e negativas pode acontecer" (TUBINO, 2011, p. 41). Constata-se uma ambiguidade aparente nessa terceira dimensão social do esporte, haja vista que entre essas possibilidades sociais negativas estão a especialização precoce, a violência, o doping, bullying, todavia, entre as possibilidades sociais positivas estão formação de atletas, atividade cultural, turismo, a influência pela prática esportiva e exercícios físicos, e sobretudo, a possibilidade de contextualizar nas aulas de Educação Física escolar, ou nas discussões mesmo fora do ambiente escolar, as particularidades constitutivas da competição elementos de formação humana.

Por fim, em meio a essa contextualização sobre esporte pode-se afirmar que este é um fenômeno que está mutuamente relacionado com a vida do indivíduo e que de um modo ou de outro, pelo menos uma vez, esse mesmo indivíduo se verá participante de um momento esportivo, seja como participante ou como espectador. Assim sendo, destacamos que esse fenômeno é uma prática social que se desenvolveu ao longo do tempo e teve seu ápice no século XX e ressaltamos que ela está mutuamente relacionada com outra prática social fundamental para a formação humana, a educação. Mediante a isso, acreditamos que o esporte é o principal exercício físico da Modernidade, com suas complexas especificidades, entre elas, a institucionalização em federações internacionais[77], regulamentação[78], comercialização[79]. Sendo assim, o esporte é uma atividade organizada baseando-se no caráter agonístico, destacando a competição e seus elementos políticos, sociais, culturais, filosóficos e artísticos como sua principal engrenagem.

Portanto, esses elementos constituintes da competição contribuem para ampliar as discussões sobre a relação entre as práticas competitivas e as práticas educativas, sobretudo, em relação a formação humana. Pois, a necessidade de superar o discurso que vincula a competição somente ao esporte, vai ao encontro do que se propõe neste estudo, ou seja, compreender a competição como algo essencial para a vida humana em seus aspectos de sobrevivência, proteção, diversão, formação e também, disputa esportiva.

---

[77] Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA); Federação Internacional de Voleibol (FIVB); Federal Internacional de Basquetebol (FIBA); Federação Internacional de Ginástica (FIG).

[78] Regulamento de determinada as regras e organização do esporte, que por sinal, essas regras são consideradas universal, ou seja, são válidas em todos os países do mundo.

[79] Grandes patrocínios, circulação de dinheiro, empréstimos e financiamentos esportivos vinculados aos setores públicos e privados.

CAPÍTULO 2

COMPETIÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO

No capítulo anterior apresentamos uma nota de rodapé ressaltando que Holanda (2001) enfatiza a mútua relação entre competição e esporte, induzindo a ideia de que um não é possível sem o outro. No entanto, afirmamos que não há esporte sem competição, todavia, existe competição sem esporte, pois a mesma está presente desde os tempos remotos, ou seja, desde que há sociabilidade humana (COTRIM, 2002). A competição não é exclusividade do esporte, "pois reflete valores e objetivos sociais. Desde o nascimento até a morte o ser humano compete pela sobrevivência em todos os setores em que atua: família, escola e trabalho" (ROSE JÚNIOR, 2002a, p. 20). Constata-se que os fatores educacionais proporcionados pelas práticas competitivas vão além da própria competição e do esporte, mas sim, são refletidos na vida como um todo, possibilitando a compreensão de que competir é uma característica humana e seus efeitos tantos os positivos quantos os negativos são verdadeiramente educativos.

Desse modo, é necessário entender que o homem não nasceu correndo, pulando, balançando, jogando essas ações corporais que só foram se desenvolvendo por meio da historicidade humana mediante os vários estímulos para sua sobrevivência (SOARES *et al*, 1992). Em relação ao homem jogar e aprender com o jogo, o autor Huizinga (2018, p. 33) define jogo como "uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida quotidiana'". Assim, o desenvolvimento das capacidades motoras e cognitivas do ser humano ao longo do tempo nos remete a pensar no período paleolítico, em que, segundo Cotrim (2002, p. 26), é o período histórico "que predominaram as sociedades de coletores e caçadores. Os seres humanos viviam da caça, da pesca e da coleta de grãos, frutos e raízes".

Nesse período, os seres humanos ficaram conhecidos como nômades, pois quando se esgotavam os recursos de sobrevivência de uma determinada região, eles mudavam para outra região em busca de novos recursos. Com isso, ao ponto em que foram aprimorando seus meios

de sobrevivência, os seres humanos do período paleolítico foram se organizando socialmente, formando pequenos grupos e dividindo tarefas de acordo com o sexo, homens e mulheres. Isso permitia tempo "para festejar e se divertir com danças e brincadeiras. Isso, no entanto, não significa que desconheciam as dificuldades e conflitos: havia rivalidade entre grupos de regiões diferentes e disputas internas resolvidas por meio da violência" (COTRIM, 2002, p. 28). Logo, percebe-se que as danças, jogos, festividades e até mesmo as disputas faziam parte da cultura humana.

Com mais organização e estratégias de fixação em um determinado local, os seres humanos passaram do período Paleolítico, Idade da Pedra Lascada, para o período Neolítico, Idade da Pedra Polida. O ser humano deixou de ser nômade para ser sedentário e com isso evoluíram os modos de sobrevivência, a agricultura e a criação de animais tornaram-se as principais funções a serem organizadas. As aldeias e as primeiras cidades foram sendo fundadas, assim o processo de civilização foi verdadeiramente se constituindo[80], exemplo disso são as construções de muralhas protetoras, "um templo para o culto a um deus ou um armazém para conservar os alimentos" (COTRIM, 2002, p. 30). Vale destacar que essas muralhas protetoras correspondem ao fato da preocupação de não ficarem expostos a ataques de inimigos, tribos rivais e disputas por recursos já organizados por determinados grupos.

Portanto, constata-se que desde que há cultura, existe também, competição, disputa entre tribos, grupos, civilizações. A competição, então, é uma manifestação da atividade humana formada com a própria constituição histórica do ser humano, caracterizando também a cultura como "múltiplas respostas oferecidas pelos grupos humanos aos desafios de suas existências" (COTRIM, 2002, p. 24). Assim sendo, a título de mais exemplos da presença da competição na história do ser humano, em relação aos gregos antigos, sua força e a saúde eram formadas por meio de sua alimentação sadia, rica em grãos, vegetais, peixe, vinho e também de exercícios físicos, então conhecidos como ginástica[81], que tinha como finalidade "reger em detalhe os exercícios e esforços físicos, não é alcançar a força física de um atleta, mas desenvolver a coragem de um guerreiro" (JAEGER, 2013).

De acordo com Doroy (1996, p. 26) o sistema educacional grego "privilegiava as atividades esportivas. O vigor físico era incentivado. O homem precisava ter força e saúde para

[80] É importante destacar que esse processo de evolução não foi rápido e nem simples, foram anos e anos para se chegar a um parâmetro civilizatório como o que foi citado.

[81] A cultura atlética era promovida porque ali o esporte sempre esteve ligado à evolução do próprio homem. As concepções artísticas manifestadas através da pintura dos ceramistas, das esculturas, das poesias e das obras literárias imortalizariam o êxito do esporte e trouxeram até os nossos dias o entusiasmo que, na época, ele gerou (DOROY, 1996, p. 27).

defender sua cidade em guerras e estádio". Assim, a ênfase na competição dentro de um contexto social desde os tempos remotos foi bem trabalhada para as suas diferentes finalidades: "Nas guerras, a participação era precedida de tristeza, inquietação e medo. Mas o confronto nos estádios gerava disciplina, método, respeito e alegre expectativa. As competições esportivas, talvez por isso, eram muito prestigiadas entre os helenos, e existiram desde tempos remotos" (DOROY, 1996, p. 26).

Já a sociedade feudal ocidental se dividia em três ordens principais: nobres, membros do clero e servos. Nobres em latim significa guerreiros, reconhecidos como a ordem detentora de terras que se "dedicavam basicamente às atividades militares. Em tempos de paz, as atividades favoritas da nobreza eram a caça e os torneios esportivos, que serviam de treino para a guerra" (COTRIM, 2002, p. 125). A educação do corpo apesar não de ter muito reconhecimento nesse contexto histórico, a atenção com os cavaleiros era importante. Muitos cavaleiros não sabiam nem ler e escrever, mas recebiam o prestígio social por suas atividades como combatentes e defensores. Uma de suas principais atividades intelectuais era o xadrez (OLIVEIRA, 2004). As principais práticas corporais desenvolvidas nesses torneios esportivos feudais eram a cavalaria e arco e flecha, que ao passar do tempo, transformaram-se em diferentes práticas esportivas das Olimpíadas Modernas no século XX, evidentemente com novos padrões competitivos. É necessário destacar também que as atividades lúdicas presentes nos jogos na Baixa Idade Média, que séculos antes na Alta Idade Média eram repudiados devido o controle social promovido pela religião, tornaram-se essenciais para novas formas de condicionamento social. A transformação das sociedades rurais em sociedades urbanas, ocasionando diferentes formas de convivência, os jogos com suas características lúdicas contribuição para a educação vinculada aos anseios da Igreja (CAMPOS, 2008).

Nos séculos iniciais da Idade Moderna, em meio aos antigos regimes e os processos revolucionários, ocorreu um fato que modificou o entendimento de construção de um exército. Durante uma guerra civil na Inglaterra, entre Carlos I e o Parlamento (que recebeu apoio da burguesia, a nobreza rural e os camponeses pobres), em uma disputa por poder, as tropas aliadas ao parlamento foram organizadas em um novo modelo de exército "cujo os postos de comando eram conquistados por merecimento militar e não pela origem de família" (COTRIM, 2002, p. 262) e esse critério estimulou o combate, a disputa e o fortalecimento das tropas. A guerra chegou ao fim com a vitória das tropas parlamentares. Esse é um exemplo de competição, disputa, de valorização e consagração do mais forte, pois todo o entendimento sobre competição na sociedade e nos jogos em geral, não é fruto do tempo presente, isso é um processo que se desenvolveu e se aprimorou ao longo da história da humanidade.

Não apenas no aspecto guerreiro, mas também no de pura diversão e entretenimento os jogos e as disputas eram valorizados. No início da Modernidade, quando o Novo Mundo tinha sido recém descoberto, a França promoveu um verdadeiro show com nativos levados do Brasil. A "festa brasileira" foi realizada na Normandia, quando a cidade de Rouen ordenou uma representação teatral com nativos brasileiros para a entrada do rei francês Henri II. Os índios eram dezenas entre os Tabajara e os Tupinambá, os quais exibiram um combate simulado, como informa Franco (1937).

Desta feita, é justamente na Modernidade com seus grandes processos revolucionários, destacando-se as Revoluções Industriais e a Revolução Francesa, marcos significativos de transformações políticas e sociais, a competição foi decididamente sendo aprimorada, principalmente, em relação às demandas do sistema econômico que estava se constituindo, a sociedade de mercado (COTRIM, 2002). Com o advento do Liberalismo[82], o indivíduo, a propriedade privada e a competição, foram enfatizadas na sociedade de um modo geral e se tornando hegemônicas. A Modernidade se constituiu mediante a cultura da luta por direitos individuais. Sendo que: "A luta formativa do liberalismo foi a reivindicação de direitos religiosos, políticos e econômicos — e a tentativa de controlar o poder político" (MERQUIOR, 1991, p. 36). Portanto, a cultura ocidental moderna foi se transformando mediante a doutrina liberal[83] e aos poucos essa doutrina foi sendo difundida pelos países em todo mundo, exceto alguns países cujo predominou o socialismo.

Em relação ao Brasil, especialmente nas décadas finais do século XX, o modo de produção e suas particularidades foram duramente criticadas pelas diferentes áreas de conhecimento, destacando-se a Educação[84] e Educação Física[85]. Nesse momento histórico essas críticas foram endereçadas, principalmente, ao caráter excessivo de valorização da competição, motivada pela concorrência, individualismo, necessidade de superar a qualquer custo os demais competidores, enfim, as análises foram construídas mediante o repúdio ao Liberalismo e ao Neoliberalismo[86] e suas influências ao campo da educação.

---

[82] "Conjunto de ideais que defendiam a liberdade individual dentro da sociedade, nos campos da política, da religião, da economia, etc." (COTRIM, 2002, p. 267).

[83] Para Merquior (1991, p. 36) a "doutrina liberal clássica consiste em três elementos: a teoria dos direitos humanos; constitucionalismo; e 'economia clássica'".

[84] Saviani (2013); Saviani (2012); Freire (2015); Frigotto (2010); Meszáros (2008), Freitas (2012), Libâneo (2016), Libâneo (2013), entre outros.

[85] Medina (1983); Bracht (1986); Soares *et al* (1992); Escobar (1995); Taffarel (2016), entre outros.

[86] Por meio de uma visão crítica, Harvey (2014, p. 12) afirma que neoliberalismo é "em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser mais bem promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas; o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a

2.1 Críticas à competição

A crítica direcionada à competição vinculada aos pressupostos do Liberalismo e Neoliberalismo, sobretudo, nas aulas de Educação Física, geram fervorosos debates, entre eles, é o fato de que na escola, principalmente nas aulas de Educação Física isso acontece quando o aluno sempre quer vencer, sempre quer provar que é melhor que o colega, o desejo de participar e cooperar não é tão radiante, já o de competir e vencer (a qualquer custo) se torna fascinante. O que importa é o primeiro lugar, o segundo, terceiro, quarto lugar são tratados como meros coadjuvantes. Desse modo, assim como no ambiente fora da escola em que existe uma hierarquia social e individual, no ambiente escolar, nas aulas de Educação Física acontece o mesmo, aqueles alunos que se sobressaem nas atividades esportivas, menosprezam e excluem aqueles que não possuem movimentos técnicos tão elaboradas, havendo divisão e monopólio entre os alunos. A discussão do ponto de vista econômico é equivocada, pois a competição sempre existiu na história da humanidade, inclusive nos países e regimes que se declararam anti-liberais ou anti-capitalistas, como foi na União Soviética – uma das principais ganhadoras dos prêmios olímpicos. Como teria ganhado se não tivesse treinado seus desportivas em prolongados e sistemáticos treinamentos competitivos? D'Agati (2013, p. 57) diz: "O espírito rico e competitivo da cultura soviética ajudou a impulsionar muitas das políticas da União Soviética, incluindo aquelas que envolvem a sua participação em desportos internacionais".[87]

Outro exemplo a ser citado é a escolha de atletas/alunos para compor uma equipe que irá disputar os jogos escolares entre as escolas da cidade ou da região. Comporão a equipe somente os melhores, ou seja, aqueles que apresentarem melhor desempenho técnico num determinado esporte que será praticado. Há aqui uma explícita escolha e hierarquização entre os alunos. Somente aqueles que são considerados aptos são os escolhidos para representar a escola. O mesmo acontece com os jogos interclasses, quando a competição ocorre somente entre as classes da mesma escola, ou seja, cada classe escolhe os melhores para essa competição. O interessante é que o consentimento é praticamente geral, até mesmo os próprios alunos que

integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados. Além disso, se não existirem mercados (em áreas como a terra, a água, a instrução, o cuidado de saúde, a segurança social ou a poluição ambiental), estes devem ser criados, se necessário pela ação do Estado".

[87] No original: "The rich and competitive spirit of Soviet culture helped to drive many of the policies of the Soviet Union, including those involving their participation in international sports".

não são escolhidos para participar dos jogos aceitam essa situação, ou seja, há uma evidente comodidade com os processos de exclusão, hierarquia e monopolização das práticas corporais.

Essas exclusões são facilmente realizadas nas aulas de Educação Física, principalmente quando está se trabalhando o esporte, haja vista que o mesmo é uma atividade da cultura corporal própria da Modernidade (BARBIERI, 2001), seja na representação da sociedade de mercado, cuja competitividade e aprimoramento beneficia de algum modo o modo de produção capitalista (TAFFAREL, 2016), seja em qualquer outro modo de produção econômica que considere importante o desenvolvimento dos esportes. O esporte tinha a necessidade de se tornar esporte, ou seja, as condições histórias condicionaram o esporte a constituir suas práticas esportivas, pois, as demandas do próprio modo de produção implicaram nessa necessidade. O esporte é a atividade da cultura corporal mais desenvolvida, haja vista, que o mesmo captou elementos das práticas corporais mais antigas como dança, ginástica, lutas, jogo, e se constituiu justamente mediante as condições históricas, culturais, sociais e políticas.

Os sociólogos Elias e Dunning (1992) nos mostram pelos seus estudos que o esporte é uma atividade organizada, centrada na disputa (caráter agonístico) entre indivíduos ou grupos. Possuem técnicas e exigências físicas, dentre de regras universalizadas, que em outras palavras significa dizer que são oficiais, independente de tradições ou regionalismo, as regras são rígidas (diferentes das regras dos jogos e brincadeiras). Outro autor que nos ajuda a entender o esporte é Damo (2005), que mostra como as confederações e instituições oficiais contribuem para universalização das regras, com finalidade de garantir um equilíbrio durante as competições.

O esporte como marco moderno, possibilita um grande avanço nas atividades da cultura corporal, pois, diferente das mais antigas que tinham relação com ritos, tradições, costumes, atividade marciais, entre outras, o esporte possui uma finalidade própria, que é a própria prática esportiva. Isso é muito importante para o desenvolvendo das práticas corporais, para a competição e principalmente para a formação humana, no entanto, também aparece um movimento complexo, pois na Modernidade tudo tende a se tornar esporte. As lutas, as danças, os jogos, as práticas de aventura podem e tendem a ser transformadas em esporte, quando reduzidas às competições a partir de regras universais em megaeventos (olimpíadas, copas do mundo, panamericanos, etc).

Entretanto, os demais temas da cultura corporal ao serem transformados em esportes, diferente dos tempos antigos, ao redor do Olimpo, perdem suas outras dimensões (estéticas, de defesa do indivíduo ou nação, lúdicas, de aventura etc.) pela supervalorização do caráter agonístico. No esporte, os recordes e os resultados (vitórias) são os elementos que mais interessam, desconsiderando as outras dimensões da vida humana e até mesmo, as demais

possibilidades educacionais proporcionadas pela competição – tem que será abordado no próximo capítulo.

Apresentamos dois exemplos do processo de esportivização: 1) O campeonato Redbull Paranauê, que transforma a capoeira (que por sua vez, possui uma série de ritos, instrumentos, códigos, elementos próprios da roda, tradição e longa duração) em um conjunto de técnicas de combate para se ganhar um troféu. 2) O surf como modalidade olímpica, reduzindo o caráter de fruição entre ser humano e natureza, e a busca pela vertigem e adrenalina à um conjunto de técnicas para se ter uma melhor performance frente a jurados. Além disso, esse processo de esportivização pode condicionar o ser humano a demais elementos que dizem respeito à degradação humana, como o *bullying*, doping, exclusão social e individual, analfabetismo, evasão escolar, treinamento precoce, entre outros (BRACHT, 2009).

Contudo, a contradição é inerente ao esporte, pois, essa prática social potencializa as capacidades humanas de dominar sua conduta e de dominar as ações corporais de seu adversário dentro de um contexto de disputa específico, legitimando a finalidade esportiva. E ao mesmo, limita as demais atividades da cultura corporal, limitando suas potencialidades à dimensão da competição (NASCIMENTO, 2014). Como por exemplo, a capacidade de praticar um esporte como possibilidade de tratamento de doença crônica como a diabete e a hipertensão. Bem como a participação em práticas corporais visando a inclusão social de pessoas com algum tipo de deficiência física ou mental. A dificuldade que se apresenta é não vislumbrar as demais potencialidades proporcionadas pelo esporte e pela competição a não ser simplesmente a vitória.

Desta feita, defendemos a ideia que a Educação Física não pode se limitar a apenas um conteúdo, muito menos somente à prática desse conteúdo. A Educação Física é uma disciplina do currículo escolar que trata dos temas da cultura corporal, sendo estes temas sínteses de múltiplas determinações políticas, culturais, sociais, éticas e estéticas. Assim sendo, a cultura corporal está imbricada na cultura humana, fruto do desenvolvimento histórico e realização das necessidades dos homens ao longo do tempo (LAVOURA, 2020). Portanto, as danças, lutas, jogos, práticas corporais de aventura, jogos eletrônicos, malabarismos, atletismo, entre outros, são temas com enormes dimensões artísticas, culturais, filosóficas, estéticas, para se trabalhar nas aulas.

Desse modo, o homem se apropria da cultura corporal dispondo-se intencionalmente de seus aspectos lúdicos, artísticos, agonísticos, gnosiológicos, vinculados à prática social (SOARES *et al*, 1992). Em relação aos aspectos agonísticos, a competição é um elemento chave, pois, nas práticas esportivas sempre haverá disputas, seja consigo mesmo ou contra

adversários. O desafio é trabalhar essa competição como recurso de formação humana, pois, ao evidenciar a mesma nas aulas de Educação Física, será necessário trabalhar os movimentos técnicos e nesse caso vem à tona uma das grandes discussões da Educação Física que é a preocupação em não tornar essa disciplina uma reprodução dos esportes de alto rendimento, com ênfase nas técnicas, habilidades e aptidões. Para os autores Galvão, Lavoura e Martins (2021) o processo ensino-aprendizagem tem como base a tríade, conteúdo-forma-destinatário, ou seja, o trato com os temas da cultural são mediados de forma contraditória, histórica, espiralada, mobilizando os interesses, motivos, necessidades, técnicas, criatividade, autonomia, liberdade dos alunos com a possibilidade de se reconhecerem como sujeitos ativos e participativos na sociedade.

Assim sendo, o salto qualitativo no ensino e na aprendizagem dos esportes, por exemplo, está na forma em que os próprios esportes poderão ser trabalhados nas aulas. No trato com o conteúdo futebol, por exemplo, os alunos podem ter contato com os fundamentos básicos desse tema da cultura corporal, portanto, o passe, cabeceio, condução de bola, entre outros, são essenciais para o aprendizado e atuação. Para driblar é necessário ter o controle de bola bem aprimorado, no entanto, ao ter esse fundamento bem desenvolvido o aluno terá a possibilidade, também, de exercer uma sua capacidade de liberdade e autonomia para executar diferentes movimentos espontâneos e diversificados no momento de uma partida de futebol, tais como, passar a bola entre as pernas do adversário, esconder a bola realizando gingadas de corpo, jogar a bola por cima da cabeça de seu adversário sem perder sua posse, ou seja, movimentos espontâneos e diversificados que são frutos da imaginação do aluno. Portanto, há, nesse momento, a mútua relação entre o ensino-aprendizagem do esporte vinculado às práticas sociais.

Outro exemplo que apresentamos é a Ginástica, que de acordo com o Soares *et al* (1992), é uma forma particular de exercitação, com ou sem aparelho, e abrem-se possibilidades para atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecendo a cultura corporal de seus praticantes. Seus fundamentos básicos são saltar, equilibrar, rolar, trepar e balançar, são movimentos básicos da prática humana histórica. Podemos pensar e relacioná-las aos objetivos de caça e sobrevivência do homem primitivo, nas guerras antigas, medievais e modernas, em que os soldados superam obstáculos para conquistar territórios inimigos, em brincadeiras espontâneas das crianças em seus momentos de diversão, nos serviços dos trabalhadores em suas várias funções e nos Jogos Olímpicos com movimentos altamente técnicos e sistematizados. Nesse aspecto é que achamos necessário fazer a referência à crítica do

neoliberalismo e ao capitalismo, mesmo *en passant*,[88] para contextualizar e até mesmo problematizar as dimensões que a competição tem tomado nos últimos tempos, mas entendendo-a como um elemento da condição humana, e cuja influência pode implicar em melhoras de modo direto ou indireto nas aulas de Educação Física escolar.

Como foi dito anteriormente, a perspectiva mercadológica imprime no imaginário social e nas subjetividades um desejo de ganhar, de ser melhor que o outro etc. Entretanto isso não é uma primazia exclusiva e isolada do mercado ou do neoliberalismo, pois, o próprio Rousseau (1999c) mostrou que isso está nas raízes do processo social como um todo. Essa é, portanto, a razão de tomar o filósofo genebrino como um dos principais suportes desta tese, dedicando-lhe um capítulo à parte, quando discutiremos um episódio contido no livro *Emílio ou da educação*, que nos ajuda a entender o fato. Considerando que os perigos de um amor-próprio desregulado foram denunciados já no século XVIII, por Rousseau – o perigo denunciado por ele não se refere especificamente à forma de produção econômica, mas muito mais às questões morais. Se aplicarmos suas reflexões às questões do corpo, da corporeidade e dos esportes, a importância desse filósofo vai além da pedagogia, e dos processos educacionais como um todo, e pode ser estendida à Educação Física nas aulas escolares, bem como nas práticas esportivas e exercícios físicos desenvolvidos na sociedade de um modo geral. Em suma, defendemos que Rousseau é um dos grandes pilares da própria Educação Física, uma vez que apresentou elementos fundamentais para a constituição de área na Modernidade, contribuindo com aspectos que podem ser tratados na escola e nos demais ambientes esportivos. Mediante a isso, serão apresentadas a seguir, ideias que objetivam sustentar tal afirmação.

2.2 Rousseau: um clássico da Educação (Física)

O escritor, músico e filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) teve uma produção expressiva em diversos campos do conhecimento. No campo da educação, seus escritos foram tão significativos que muitos o consideram, como o faz Cambi (1999), o "pai da pedagogia moderna". De todas, a obra mais significativa nesse contexto é o livro *Emílio ou da educação*, publicado em 1762. Embora escrito em forma de um romance, esse tratado pedagógico traz profundas reflexões sobre a formação humana, introduzindo conceitos novos e perspectivas inovadoras quanto ao trato da infância. E, como afirma Scott (2020) Rousseau não pode estar falando sério quando afirma que o *Emílio* não é um tratado educacional, pois o

[88] Até porque não é nosso interesse ampliar a discussão sobre esse tema.

romance além de ser um "tratado da bondade original do homem" (ROUSSEAU, 1959, *O.C.*, T. I, p. 934), como Rousseau mesmo admite, traz diversas reflexões que ressaltam essa bondade, fomentando a ideia de uma infância pura e inocente; bem como situações educativas que ampliam o debate acerca da pedagogia moderna, em todos os seus campos, inclusive no campo das atividades recreativas e até físicas. Ademais, concordamos com Francisco (2011) ao afirmar que "nos exemplos" encenados por Emílio, a intenção de Rousseau é permitir ao leitor a compreensão de como suas máximas de educação – enunciadas no plano teórico, abstrato e geral – podem ser transpostas para o plano prático, concreto e particular de uma situação educacional, inclusive no campo da Educação Física. Assim sendo, em alguns trechos da obra, *Emílio*, é possível prospectar alguns episódios, que enriquecem muitas das discussões didáticas inauguradas no século anterior, com a obra *Didática Magna*, de Jan Amos Komenský (1592-1670). O que coloca o *Emílio* como uma das obras cânones da filosofia da educação, da pedagogia e mesmo da didática.

Considerado por muitos como o "pai da didática moderna", Comenius concebeu o trabalho didático de tal modo que suas reflexões contribuíram substancialmente com as bases da escola moderna. Como "chave teórica" (ALVES, 2005) para a superação do ensino artesanal e atendimento aos impulsos de uma sociedade manufatureira, seu tratado tentava propor a economia de tempo, de fadiga, o ensino de tudo a todos, a organização das matérias e um *modus operandi* mais lúdico, mais informal e, portanto, mais prazeroso para as crianças. Pois esse autor se esforça para deixar claro, em sua obra, que os estudantes deveriam ser conduzidos sem enfado ou dificuldades, sem gritos ou pancadas; mas praticamente brincando e divertindo-se com as atividades práticas que poderiam transformar a escola em um lugar mais atrativo, ou seja, em um "lugar de delícias". Contra um ensino puramente verbal[89] e conteudista,[90] o bispo morávio propôs um método de ensino prático[91] e voltado para o desenvolvimento do que Rousseau sinalizou depois como razão sensitiva, isto é, o pensamento racional desenvolvido em conjugação com a prática e a partir das experiências sensíveis. Como o cidadão de Genebra diz em duas passagens do *Emílio*: "É pelo efeito sensível dos sinais que as crianças aferem seu sentido" (ROUSSEAU, 1973, p. 58); e: "Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal; só da experiência ele as deve receber" (Idem, p 78), de fato sua pedagogia complementa as reflexões de Comenius e amplia a questão da sensibilidade física como propulsora do

[89] "Na escola ensinam as palavras antes das coisas" (COMENIUS, 2002, p. 150)
[90] "Portanto erram os instrutores que querem levar a cabo a formação da juventude ditando muitas coisas e obrigando decorá-las, sem uma cuidadosa explicação" (Idem, p. 156).
[91] "Só a prática faz o artífice" (Idem, p. 252).

conhecimento e de sua preparação para a convivência social (PAIVA, 2021), como se pode ver nas experiências do jovem Emílio, proporcionadas por seu tutor.

O *Emílio* é, como diz Paiva (2021), um "mosaico de ideias" que oferece uma ampla visão do fenômeno educativo. Mas, para além disso, a obra traz alguns episódios, ou cenas, ignorados pela maioria dos leitores, nos quais o emprego da ficção, da brincadeira, do jogo e da imaginação tem a clara intenção de favorecer o desenvolvimento moral da criança, mas também o desenvolvimento de seu corpo e de suas capacidades recreativas e até desportivas. Tais cenas possibilitam ao Emílio assistir e vivenciar situações educativas pelas quais tanto o trabalho do preceptor quanto a própria aprendizagem se tornam mais agradável e mais eficaz no que diz respeito à lição moral que subjaz tais atividades. Uma dessas cenas é o *episódio das favas*, quando o preceptor leva o Emílio, ainda criança, para plantar algumas sementes desse legume em uma determinada área, a qual pertencia a outrem e que havia sido trabalhada antes. A cena é extremamente educativa porque introduz a ideia de propriedade privada, de trabalho manual e de respeito para com os bens do próximo, portanto, uma lição moral.[92] Outros episódios aparecem ao longo do texto, um deles é o *episódio dos doces*[93], cuja cena, além de fazer coro a tantas outras que evocam as questões morais, pode ser vista como um incentivo à educação do corpo e à valorização das atividades recreativas, do exercício físico e da competição. Como diz Souza (2016, p. 12), "é uma obra que apresenta uma proposta pedagógica direcionada à educação do corpo do discípulo tanto como da mente".[94]

Essa discussão em Rousseau reproduz, de certa forma, o dualismo platônico (corpo e alma)[95], mas que reforça a interdependência entre as duas partes: "É preciso que o corpo tenha vigor para obedecer à alma: um bom servidor deve ser robusto. (...) O corpo débil enfraquece a alma" (ROUSSEAU, 1973, p. 31). E, como nos lembra Dalbosco (2011, p. 45), que a criança "demonstra possuir mais força física que vontades em sua mente", a ação do preceptor do Emílio tem a intenção de educar essa força, possibilitando o desenvolvimento da sensibilidade física, a qual deve contribuir com o desenvolvimento da sensibilidade moral.

Embora Rousseau defenda uma educação natural, a qual chama de "negativa"[96], não quer dizer com isso a ausência de atividades propositivas e um espontaneísmo pedagógico.

---

[92] Para uma análise desse episódio como a primeira lição moral de Emílio, vide: Francisco (1998).
[93] Será enfatizado no terceiro capítulo deste estudo.
[94] A autora identifica diversas pesquisas que colocam Rousseau como "um dos precursores da concepção de educação voltada para exercício corporal" (loc. cit. p. 37).
[95] "Arriscaria até a afirmar que um deus concedeu à humanidade duas artes, a música e a ginástica, para dois objetivos diversos, o ardor e a filosofia, e só secundariamente para a alma e o corpo, exatamente porque essas duas qualidades se fundem juntas de modo harmônico, atingindo o grau certo de tensão e distensão" (PLATÃO, 2020).
[96] "A educação primeira deve portanto ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro" (ROUSSEAU, 1973, p. 80)

Como diz Dalbosco (2011, p. 143), "a intervenção do adulto é decisiva no sentido de educar a *liberdade desregrada* da vontade da criança, indicando limites à sua ação no mundo". Igualmente, o afastamento do convívio social não quer dizer isolamento, pois, como questiona Paiva (2016, p. 217), "que papel social poderia ter um homem que desde a infância fosse isolado da sociedade?" O próprio Rousseau afirma que Emílio não deve permanecer solitário, mas "feito para viver com os homens, deve conhecê-los" (1973, p. 379). Portanto, sua formação depende de um intenso e constante contato com a natureza, sem negligenciar as experiências pelas quais os "três mestres"[97] trabalham o desenvolvimento do corpo e da alma[98], desde o nascimento da criança, numa interação física constante entre o corpo e a natureza.[99] Tal é o motivo de Rousseau ter sido radicalmente contra os cueiros que, segundo ele, serviam de cadeias que impediam o livre movimento do corpo e o gozo da liberdade: "Assim o impulso das partes internas de um corpo que tende a crescer encontra um obstáculo insuperável aos movimentos que esse impulso exige" (Idem, p. 17).

A educação é um dos principais pilares para compreender o ser humano e suas atividades em meio as relações sociais. Para compreender essa prática social, torna-se importante recorrer à Rousseau – especificamente ao seu romance pedagógico, *Emílio ou da Educação*, obra clássica da área – para discutir e enfatizar suas contribuições, que foram muitas, não somente para as práticas educativas, mas, também, para várias áreas do conhecimento. Mesmo sendo às vezes mais valorizado por seus escritos políticos, percebe-se que implicitamente ou explicitamente, seus pressupostos educativos estão presentes nas discussões e elaborações dos elementos constitutivos da Modernidade, marcando seu pioneirismo em diversos assuntos, por exemplo, o conceito de infância e educação das crianças. Desse modo, com a leitura de sua obra, entende-se que a educação é elemento presente em suas passagens utópicas, românticas,

---

[97] Rousseau comenta, no início do *Emílio*, que a educação é possibilitada pela ação de três "mestres": a *natureza*, o qual tem a ver com o desenvolvimento biopsíquico, isto é, das faculdades e dos órgãos do corpo humano; os *homens*, que remete à ideia das ações humanas, do uso pessoal e social dessas faculdades; e as *coisas*, que são as experiências sensoriais, com os objetos em geral.

[98] Em relação a esse tema da relação entre corpo e alma, Xenofonte (2006, p. 24-25) falando sobre Sócrates diz: "Deve-se acrescentar que ele próprio nunca descurava do corpo, censurando nos outros esse tipo de negligência; (...). Em contrapartida, aprovava o exercício rigoroso que fosse agradável à alma, uma vez que este costume não apenas assegurava a boa saúde como também não impedia o cuidado da alma".

[99] Perspectiva que influenciou a defesa da ginástica ao ar livre, encontrada nos manuais do XVIII até o XX, como o primeiro manual de ginástica: *Gymnastik für die Jugend* (Ginástica para a Juventude), escrito pelo educador alemão *Johann Christoph Friedrich Guts Muths* (1759-1839) e publicado em 1793 (QUITZAU e SOARES, 2019).

provocativas e inovadoras. “Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação” (ROUSSEAU, 1973, p. 10).

Em Rousseau destaca-se uma concepção ampliada de educação, não é possível encontrar em sua obra um sentido restrito de educação, simplista ou reducionista. Para o mesmo, educação é uma prática social que possui três grandes “mestres”, que segundo Rousseau são: a natureza, os homens e as coisas. Na conjugação desses “mestres”, percebe-que há uma intrínseca relação entre três grandes pilares para a educação do ser humano, imbricando questões fisiológicas, psicológicas, motoras, sociais e morais.

> O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas (ROUSSEAU, 1973, p. 10-11).

Há, portanto, uma mútua relação entre indivíduo e natureza, indivíduo e sociedade que consequentemente contribuirá para a educação, sendo necessário destacar que não existe sobreposição de algum dos mestres em detrimento do outro, mas, sim, a contínua permanência das influências desses elementos na constituição do indivíduo como ser consciente, participativo, reflexivo, virtuoso, bondoso. Algo que, segundo o pensador genebrino, acontece desde o nascimento: “Repito-o, a educação do homem começa com seu nascimento; antes de falar, antes de compreender, já ele se instrui. A experiência adianta-se às lições [...]” (ROUSSEAU, 1973, p. 42).

O problema é quando a educação toma caminho que leva aos vícios, à corrupção, à imoralidade, à degradação humana. Situação que contradiz totalmente com as disposições naturais, tal ele diz na abertura de seu tratado educacional: “Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (ROUSSEAU, 1973, p. 9). Ou seja, existe um ambiente perfeito quando as coisas são feitas pela Natureza, mas, quando os homens decidem modificar e alterar sua própria natureza, há imperfeição, há degeneração, é construído um ambiente hostil. Portanto, o homem é o principal responsável pela sua própria deformação moral, ética, estética, educacional a partir do momento em que deseja formar o cidadão e não conservar e desvalorizar as características perfeitas do homem natural.

Nessa linha de raciocínio, Rousseau (1973) critica as instituições públicas de sua época, os cidadãos, as escolas, afirmando não existir verdadeiramente uma educação pública, pois, as mesmas confundiram as finalidades e objetivos educacionais, não formam nem o homem e nem o cidadão, visam um e atingem o outro.

> Não encaro como uma instituição pública esses estabelecimentos ridículos a que chamam de colégio. Não levo em conta tampouco a educação da sociedade, porque essa educação, tendendo para dois fins contrários, erra ambos os alvos: ela só serve

> para fazer homens de duas caras, parecendo sempre tudo subordinar aos outros e não subordinando nada senão a si mesmos. Ora, essas demonstrações sendo comuns não iludem ninguém. São cuidados perdidos (ROUSSEAU, 1973, p. 14).

Essas são críticas contundentes à educação e à sociabilidade de sua época, críticas que devem ser compreendidas com cuidado para não cair no erro de achar que Rousseau estava criticando a instituição social, a escola. Para ele, o homem natural é o tipo de homem sem maldade original, entretanto, esse homem ao nascer é imergido num mundo de regras, hábitos, deveres que devem ser cumpridos para viver em sociedade. Rousseau (1973) entente essa imersão no turbilhão social como algo que irá desvirtuar a natureza humana, irá perturbar sua educação inclinada à bondade. Portanto, ele mesmo elabora a inquietante questão em sua reflexão: "Resta enfim a educação doméstica ou a da natureza, mas que será para os outros um homem unicamente educado para si mesmo?" (ROUSSEAU, 1973, p. 15). Nesse momento, constata-se aquilo que podemos chamar de um dos grandes saltos qualitativos em seu tratado educacional, pois, constrói-se aqui um momento dialético, contraditório, que encontrará a síntese na seguinte afirmação; "Se o duplo objetivo que se propõe pudesse porventura reunir-se num só, eliminando as contradições do homem, eliminar-se-ia um grande obstáculo à sua felicidade" (ROUSSEAU, 1973, p. 15), constata-se que essa felicidade seria um elemento essencial para a constituição de homem em suas plenas faculdades mentais, morais e sociais.

Não existe homem perfeito, não existe a educação plena, por isso, a relação entre natureza e sociedade é contraditória, é complexa, é dinâmica. Desse modo, surge, algumas perguntas inquietantes: há a possibilidade de formar o cidadão com características do homem natural? Os elementos naturais podem embasar um processo de formação humana para a vida social? É possível encontrar nesses elementos alguma base possível e efetiva ao processo educacional? Que tipo de elemento pode auxiliar a Educação Física e como Rousseau pode ser contado entre os que incentivam os exercícios corporais, os jogos e a competição desportiva? Tentaremos responder a isso ao longo desta tese. Porém iniciaremos com a seguinte observação:

> Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem; e quem quer seja bem educado para esses, não pode desempenhar-se mal dos que com esse se relacionam. Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou à advocacia pouco me importa. Antes de vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar (ROUSSEAU, 1973, p. 15).

Estar sempre em seu lugar é a capacidade de se manter puro, virtuoso, bondoso, frente às adversidades mundanas. Nessa fala, afirma-se a necessidade de formar o homem antes de qualquer vocação ou profissão. Emílio deve se reconhecer e ser reconhecido antes de tudo,

como ser humano. Aqui estamos tratando de algo fundamental da obra rousseauniana, que é a formação humana, e, esta passagem é a chave para compreendê-la. Percebe-se que Rousseau propaga uma educação para formar o gênero humano: "Homens, sejais humanos, é vosso primeiro dever; e o sejais em relação a todas as situações sociais, a todas as idades, a tudo o que não seja estranho ao homem" (ROUSSEAU, 1973, p. 61), assim, ser humano é experimentar, sentir, sorrir, chorar, tocar, queimar, quebrar, fortalecer, conhecer, refletir, ganhar, perder e participar.

A formação humana é iniciada na infância e essa prerrogativa foi categorizada por Rousseau, na obra, *Emílio ou da Educação*, que influenciou grandes intelectuais nos séculos posteriores, sobretudo, os autores da reconhecida Escola Nova nas décadas iniciais do século XX no mundo inteiro. Nesse processo de formação humana e atenção com a infância, está intrínseco à liberdade enquanto outro elemento fundamental para a educação, de acordo com Rousseau (1973, p. 73): "O homem realmente livre só quer o que pode e faz o que lhe apraz. Eis minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação vão dela decorrer". Portanto, há aqui uma perspectiva democrática, pois o homem faz o que pode e não o que quer quando bem entender, principalmente, quando se trata de crianças. A preocupação do intelectual genebrino com a infância é algo inovador no momento em que estamos lendo e refletindo sobre seu tratado educacional, principalmente quando aborda os exercícios físicos, dizendo: "Amai a infância; *favorecei seus jogos*, seus prazeres, seu amável instinto" (ROUSSEAU, 1973, p. 61 – grifo nosso). Nessa expressão, aqui destacada, tem início a prospecção teórica e metodológica para se desenvolver a seguinte reflexão: Que tipo de elemento pode auxiliar a Educação Física e como Rousseau pode ser contado entre os que incentivam os exercícios corporais, os jogos e a competição desportiva?

A educação na perspectiva rousseauniana destaca a bondade natural do homem em meio aos malefícios da sociedade. Tem por característica a ênfase na liberdade e felicidade do homem.

> Antes que os preconceitos e as instituições humanas alterem nossas tendências naturais, a felicidade das crianças, bem como a dos homens, consiste no emprego de sua liberdade; mas essa liberdade, nas primeiras, é limitada ela sua fraqueza. Quem quer que faça o que deseja é feliz, se se bastar a si mesmo: é o caso do homem vivendo em seu estado natural. Quem quer que faça o que deseja não será feliz se suas necessidades ultrapassarem suas forças: é o caso da criança no mesmo estado. As crianças não gozam, mesmo em seu estado natural, senão de uma liberdade imperfeita, semelhante a de que gozam os homens na sociedade (ROUSSEAU, 1973, p. 68).

Desse modo, na ordem civil a criança é tolhida em todos seus momentos. E isso de acordo com Rousseau não é apropriado para uma educação que liberta e faz feliz as crianças em sua constituição natural, mesmo vivendo em sociedade. Isso é um obstáculo posto para

formar a condição humana que trilhará os caminhos da virtude. No entanto, quando se fala em educação para liberdade, não quer dizer libertinagem ou liberdade a qualquer custo, liberdade aqui deve ser entendida como algo indicado, algo que possui uma mediação das pessoas mais experientes. Há um meio termo entre a liberdade avulsa e a imposição, somente assim, a formação humana se concretizará na relação educação-felicidade-liberdade. Logo, de acordo com Costa (1960, p. 11) a própria disposição natural da criança para o brinquedo:

> Mostra que ele vem de encontro às suas mais instintivas necessidades. A criança deseja brincar. Sozinha ou em grupo, as atividades de recreação representam para ela uma fonte inigualável de sedução. Cumpre-nos facilitar a recreação, fiscalizá-la sem desmentir a vontade infantil, torna-la adequada a cada fase da criança, menos impondo que obedecendo às suas naturais inclinações.

Assim, a natureza é uma força que está inerente à condição humana, ser humano é levá-la consigo em qualquer ambiente em que esteja, algo que irá indicar suas atividades na sociedade. Para tanto: "A natureza tem, para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer, meios que nunca devemos contrariar. Cumpre não obrigar uma criança a ficar parada quando quer andar, nem a andar quando quer ficar parada" (ROUSSEAU, 1973, p. 69). Portanto, quando uma criança é influenciada a praticar algum esporte ou uma brincadeira, é necessário que o professor ou alguém mais experiente que esteja organizando essas atividades, compreenda as necessidades e as aptidões físicas, mentais e sociais dessas crianças. Por exemplo, crianças pequenas de até 7-8 anos de idade têm muita dificuldade de permanecer em filas, sentadas, paradas, ou, então, crianças maiores e pré-adolescentes, não querem mais praticar atividades de imaginação, preferem correr, saltar, jogar, participar de atividades que verdadeiramente irão desafiá-las. Por fim, é fundamental saber quais atividades que mobilizarão os interesses das crianças que estarão envolvidas nas atividades físicas, é fundamental entender o que a natureza da criança em acordo com sua idade está pedindo.

Assim sendo, todas essas reflexões estão contidas direta ou indiretamente no tratado educacional de Rousseau e, por isso, ele é considerado o pai da educação moderna, tendo em vista a substancial importância de sua obra, pois esse filósofo inaugura o conceito e os pressupostos de infância (ARIÈS, 1973) e justifica a necessidade de compreendê-la para que a formação humana seja valorizada desde os primeiros anos de vida e, na contradição natureza-sociedade vai tecendo seus argumentos. Por inaugurar novas formas de educar, uma de suas principais fontes de críticas é justamente a educação de sua época, como já afirmado anteriormente, principalmente, a educação jesuíta e seus métodos rigorosos, baseados sobretudo na transmissão oral dos conhecimentos, na memorização e na disciplina – não muito condizentes com a formação do homem moderno. E igualmente, sua crítica se volta contra o

filósofo inglês John Locke e sua interpretação de educação, afirmando que este, visava a formação do indivíduo mediante a apropriação da razão. Para Rousseau (1973, p.74), isso significa "começar pelo fim, é querer fazer o instrumento com a obra. Se a criança entendesse razão, não teria necessidade de ser educada". Portanto, a criança deve aprender brincando, isto é, todo seu constructo intelectual deve ser iniciado por experiências lúdicas, empíricas e vivências de sua própria idade, de modo que a razão seja retardada o máximo possível:

> A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de ser homens. Se quisermos perturbar essas ordens, produziremos frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e não tardarão em corromper-se; teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias; nada menos sensato do que querer substituí-las pelas nossas; e seria o mesmo exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura como juízo aos dez anos (ROUSSEAU, 1973, p. 75).

Isso é um marco na história da educação, esse é o princípio de algo que iria influenciar grandes teses sobre a formação humana ao longo da Modernidade, principalmente porque foi um dos pioneiros a ressaltar a importância da idade e os conhecimentos a ela relacionados: "Tratai vosso aluno segundo a idade" (ROUSSEAU, 1973, p. 76). Esse é um propósito fundamental para área da pedagogia e para a Educação Física também, haja vista, que atualmente a segunda é uma disciplina do currículo escolar que trabalha com os elementos da cultura corporal – jogos, dança, brincadeiras, esportes, lutas, saúde – e tratar a criança como criança é demonstrar um salto qualitativo na formação do professor de Educação Física, bem como, em sua atividade pedagógica na formação de seu próprio aluno. Desse modo, estamos diante de algo que revolucionou a formação humana.

Com o princípio de a criança aprender brincando e sentindo, a experiência é algo muito importante no tratado educacional rousseauniano, pois, para Rousseau a natureza da criança é bondosa, virtuosa, não existindo maldade em seu coração: "Ponhamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza são sempre retos: não existe perversidade original no coração humano" (ROUSSEAU, 1973, p. 78). O desafio é manter a criança em seu processo de desenvolvimento e crescimento nos trilhos da bondade. Sendo assim, as práticas educativas devem preservar o coração humano dos malefícios que degradam a humanidade, mantendo-o longe das paixões, das corrupções, dos vícios. Não é uma tarefa fácil de ser realizada, mas, se formos olhar a educação sob a ótica rousseauniana, esse é um trabalho árduo, mas que favorecerá não somente ao indivíduo que está sendo formado, mas, também, as pessoas e os ambientes em que este mesmo indivíduo entrará em contato, visando uma sociedade virtuosa.

Os preceitos da Educação Negativa[100] são instigantes e provocativos, pois, nos levam a refletir sob diversos temas da formação humana e a relação indivíduo-sociedade, sujeito-objeto, subjetividade-objetividade. Assim, percebe-se que a condição humana requer atividade, ação, movimento, experimentação: "Exercer os sentidos não é somente fazer uso deles, é aprender a bem julgar por eles, é aprender por assim dizer, a sentir; porque nós não sabemos nem apalpar, nem ver, nem ouvir, senão da maneira que aprendemos" (ROUSSEAU, 1973, p. 130). Verdadeiramente o problema central não é vivencia humana, mas, sim, o que fazemos com ela.

Desse modo, a educação prática é muito importante para a formação humana, pois oferece à criança a possibilidade de investigar, criar, reconstruir é algo que foge da simples imitação e reprodução de atitudes e conhecimentos: "Eu prefiro que Emílio tenha olhos nas pontas dos dedos a os ter na loja de um vendedor de candelabros" (ROUSSEAU, 1973, p. 131), ou seja, o preceptor deseja que seu discípulo tenha criatividade, tenha autonomia, tenha vontade de descobrir e elaborar coisas novas. Isso vai ao encontro das discussões sobre as brincadeiras que as crianças e jovens praticam atualmente, os brinquedos cada vez mais tecnológicos e robóticos, as pessoas desde pequenos, tornam-se reféns desses equipamentos[101]. O que nos leva a refletir, não por puro saudosismo ou nostalgia, que atualmente é muito difícil ver crianças brincando com objetos criados por elas mesmas ou se divertindo com a simplicidade que o meio ambiente pode proporcionar, por exemplo: casinhas de barro, comidinhas de frutos e folhas de árvores, bonequinhos aproveitados de restos de frutos, cavalinhos com pedaços de madeira, oferecendo a possibilidade das crianças/alunos, desenvolveram a criatividade, liberdade, autonomia, coletividade, como comenta Kishimoto (1996). Em suma, Costa (1960, p. 11) afirma que "no quadro geral da defesa da criança ocupa a recreação lugar excepcional. É uma

[100] "Eu chamo de educação positiva aquela que tende a formar a mente antes da idade e a dar à criança o conhecimento dos deveres do homem. Eu chamo de Educação Negativa aquela que tende a aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar este conhecimento e que prepara para a razão pelo exercício dos sentidos. A Educação Negativa não é ociosa, longe disso. Não dá virtudes, mas evita vícios; não aprende a verdade, mas preserva do erro. Dispõe a criança para tudo que a pode conduzir à verdade quando pode ouvi-la, e ao bem quando pode amá-la" (ROUSSEAU, *Lettre à Christophe de Beaumont*, 1995, *O.C*. T. IV, p. 945 – tradução livre).

[101] Essa reflexão nos leva indica a discussão, anteriormente citada, da constituição dos métodos ginásticos na passagem do século XIX para o século XX. A necessidade de uma ginástica científica que pudesse contribuir com a formação de um novo homem no intuito de atender as novas demandas educacionais, culturais, políticas e sociais. Contudo, existiram outros saberes que também ajudaram a constituir o campo da Ginástica/Educação Física e da educação do corpo, esses conhecimentos tratam-se das "práticas corporais populares de artistas de rua, dos acrobatas e funâmbulos, daqueles que apresentam o corpo como espetáculo" (SOARES, 2001, p. 114), mas com o discurso hegemônico da ciência, esses movimentos populares e espontâneos foram sendo deixados em segundo plano, consolidando a cientificidade na área das práticas corporais. Esse é um fato emblemático na história da Educação Física, pois, esse próprio discurso científico, utilizou desses movimentos considerados populares para fomentar a ciência na educação do corpo "Os pensadores da ginástica científica vão copiar aparelhos e acrobacias de funâmbulos, de acrobatas, de artistas de circo mas, de imediato, atribuem funções ao exercício executado, afirmando que sua prática visa potencializar forças para o trabalho e para as batalhas" (SOARES, 2001, p. 114).

arma contra atitudes antissociais e força capaz de impedir prejuízos de ordem espiritual e física lesivos à boa evolução do ser infantil".

Nesse sentido, importa resgatar as contribuições de Rousseau que, mesmo no contexto do século XVIII deixa reflexões que valem para nossos dias. Suas contribuições transcendem a perspectiva didático-pedagógica da educação em geral e pode ser bem apreendida pela Educação Física escolar. Mais do que isso, elas atingem até uma área puramente mecânica do movimento humano, chegam também a mobilizar outros interesses e fazem relação com a biomecânica, cinesiologia, anatomia humana, fisiologia humana, fisiologia do exercício, ou seja, ciências reconhecidas atualmente no campo de estudo da Educação Física como as biodinâmicas. Vejamos a citação abaixo:

> Há um exercício puramente natural e mecânico que ser para tornar o corpo robusto, sem de modo algum apelar para o julgamento: nadar, correr, pular, chicotear um pião, jogar pedras; tudo isso está muito certo; mas teremos somente braços e pernas? Não teremos também olhos e ouvidos? E tais órgãos serão supérfluos ao uso dos primeiros? Não exerciteis portanto tão apenas as forças, exercitai todos os sentidos que as dirigem; tirai de cada um deles todo o proveito possível e verificai depois o resultado de um sobre o outro. Medi, contai, pesai, comparai. Não empregueis a força senão depois de terdes avaliado a resistência; fazei sempre de modo que a avaliação do efeito precede o emprego dos meios. Interessai a criança a nunca fazer esforços insuficientes ou supérfluos. Se a acostumais a prever assim o efeito de todos os seus movimentos, e a corrigir seus erros pela experiência, não se torna claro que quanto mais ela agir mais se fará judiciosa? (ROUSSEAU, 1973, p. 130).

Essa passagem é algo que atinge várias áreas do conhecimento, podendo chamar a atenção de vários pesquisadores, sobretudo, com relevância para a Educação Física, haja vista que conceitos como atividade física, treinamento esportivo, saúde, corpo saudável, foram ampliados e a literatura da área não aceita mais apequenamentos e reducionismos. No entanto, é necessário destacar que há contradições e embates teóricos na Educação Física como em todo campo do conhecimento, todavia, ressalta-se o fato de que Rousseau traz para as discussões da Modernidade a complexidade das práticas corporais e exercícios físicos, enfatizando a importância dos demais órgãos e sentidos do corpo humano na realização de atividades físicas. Ademais, é imprescindível a economia de energia na realização dos movimentos, pois em uma competição esportiva de alto rendimento – atletas de alta performance – o que diferencia os vencedores dos demais atletas é a execução de movimentos técnicos bem apurados com o mínimo de tempo possível e com menor gasto energético[102], portanto vemos aqui contribuições

[102] "Para a Ginástica/Educação Física do século XIX, e porque não dizer do século XX também, o corpo foi compreendido como lugar das mais distintas manipulações engendradas a partir de uma racionalidade dada pela máquina. Passa, assim, a ser visto como produtor e consumidor de energia. Daí as preocupações com a economia dos gestos, economia de energia no século XIX e com desejo compulsivo de gastar energia nos dias atuais" (SOARES, 2001, p. 118). Constata-se que verdadeiramente o consciente humano é tratado como algo a ser comparado e manipulado como uma máquina no que diz respeito ao esporte de alto rendimento. Essa consciência

que atingem o campo da Educação Física por completo, tanto na licenciatura quanto no bacharelado, formando profissionais para atuarem em diferentes locais e espaços.

> As crianças, grandes imitadoras, tentam todas desenhar: gostaria que a minha cultivasse essa arte, não precisamente pela própria arte e sim para tornar seu olho justo e sua mão flexível. *E, em geral, pouco importa que ela saiba tal ou qual exercício, desde que adquira tal perspicácia do sentido e dos bons hábitos do corpo que se ganham com o exercício* (ROUSSEAU, 1973, p. 145 – grifo nosso).

Aqui talvez seja o marco de Rousseau, ou seja, a inovação em relação aos estudos do corpo e mente, em relação aos sentidos, em relação a educação e, principalmente, à Educação Física. O autor genebrino elucida a questão mais profunda de se praticar uma atividade física, de se praticar esporte, de se praticar alguma competição ou disputa. Enfim, queremos dizer que Rousseau por meio do exemplo de uma prática corporal apresenta a necessidade de o indivíduo ter consciência daquilo que está fazendo, que está aprendendo, que está se mobilizando a ser, dizer, ouvir e sentir. Desse modo, mais importante do que jogar, desenhar, tocar algum instrumento musical, cozinhar ou competir, é compreender qual a importância de tais atividades (práticas corporais) para si próprio e para o ambiente social em que está inserido.

Rousseau enfatizou na e para a Modernidade a necessidade de compreender a importância da relação corpo e mente[103], corpo e espírito, para a formação humana e é por meio da experiência sensível que a condição humana se concretiza buscando a plenitude: "Transformemos nossas sensações em ideias" (ROUSSEAU, 1973, p. 175). Em suma, é justamente com seu tratado educacional que identificamos uma visão ampliada de educação, e, principalmente uma Educação Física capaz de relacionar os benefícios do corpo com a mente e vice-versa[104], ou seja, aqui estamos discutindo as raízes da Educação Física moderna. Mas que em muitos aspectos já foi enunciado por Rousseau. Por exemplo, no trecho: "É um erro lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudique as operações do espírito: como se essas duas ações não devessem andar de acordo, e que uma não devesse sempre dirigir a outra" (ROUSSEAU, 1973, p. 112). Tal perspectiva, bem criticada por Rousseau, parecia ser uma percepção comum, generalizada, pois como diz Barbieri (2001) e Oliveira (2000) desde o Império Romano a perspectiva da formação de soldados combatentes destacava a predominância da valorização da força, estética e saúde corporal em detrimento do intelecto.

---

condiciona o indivíduo a utilizar-se como algo programado em suas múltiplas decisões e atividades, sobretudo, quando se trata de movimento e prática corporal. Assim sendo, constatamos a legado proporcionado por Rousseau nos ditames sobre esporte e exercícios físicos na Modernidade, principalmente, na passagem do século XIX e no decorrer dos séculos posteriores.

[103] "(...) sensações são na verdade fenômenos mentais: sinestésicos, cinestésicos, associativos – o que é outra forma de dizer que corpo e mente são uma unidade" (DISSANAYAKE, 1995, p. 142).

[104] Não somente o treinamento ou preparação física a serviço do desenvolvimento e aprimoramento do espírito como era tratado na república de Platão, uma ginástica a serviço da alma, como apontou Verenguer (1993).

Nesse contexto de educação prática, Educação Negativa, objetivando formar uma criança livre e consequentemente um ser humano autônomo, virtuoso e participativo na sociedade, Rousseau (1973, p. 147) afirma que a educação de sua época ensinava a criança somente a imitar, ou seja, "ao invés de nos ensinar a raciocinar o professor raciocina por nós e só exercita a nossa memória", crítica muito pesada e que por incrível que pareça, essa crítica séculos depois a Rousseau ainda cabe muito bem a escolarização dos dias atuais. Aqui não estamos condenando a imitação que leva à criação e à imaginação, mas, sim, uma imitação por imitação, pois; "Não se pode aprender a bem julgar a extensão e o volume dos corpos, sem aprender a conhecer também suas formas e até a imitá-las" (ROUSSEAU, 1973, p. 145). A questão aqui, analisando-a no campo da Educação Física, é que quando as crianças vão praticar um futebol, voleibol, skate, lutas, danças, apenas reproduzem os movimentos de modo mecanicista, pura e simples imitação. Ao invés disso, deve-se propor a criação de novas estratégias, desempenhos, malabarismos, ou seja, formas de reinventar as práticas corporais. "Evitarei por conseguinte dar-lhe um professor de desenho, que só a levaria a imitar imitações e a desenhar segundo desenhos: quero que ela não tenha outro professor senão a natureza, nem outro modelo senão os objetos" (ROUSSEAU, 1973, p. 145). Bem na perspectiva de Freire (1991), que afirma a necessidade da criação e reelaboração de movimentos, brinquedos e brincadeiras mediante as aulas de Educação Física escolar.

A contradição entre natureza e sociedade se faz presente nesse contexto da educação prática na formação humana. Para Rousseau (1973), pelo fato de o indivíduo viver em sociedade sua condição natural desde o nascimento é afetada, pois somos forçados e forçamos nossos semelhantes a se adequar às normas da convivência social: "Assim se forma pouco a pouco no espírito de uma criança as ideias das relações sociais, mesmo antes de que ela possa ser realmente membro ativo na sociedade" (ROUSSEAU, 1973, p. 209). Nesse caso, viver em sociedade da melhor maneira possível, para Rousseau (1973), é tentar conservar as virtudes oferecidas pela Natureza mesmo no contexto de corrupção generalizada. Ser humano é necessariamente ser contraditório, ser humano é ser cidadão e defender sua condição natural, ser humano é ser natural imerso em um turbilhão social: "O estudo conveniente ao homem é o de suas relações. Enquanto ele só se conhece pelo seu ser físico, deve estudar-se em suas relações com as coisas: é no que se emprega sua infância" (ROUSSEAU, 1973, p. 234). Mais uma vez, Rousseau está proporcionando aos pesquisadores, de sua época, a necessária visão de uma concepção de Educação Física ampla, que não é reducionista e mecanicista, mas que pode efetivamente contribuir com a formação humana na perspectiva de um homem natural vivendo em sociedade. Essa passagem favorece uma compreensão de corporeidade que trazem

elementos para a educação, bem como elementos para serem abordados na intensa discussão sobre a formação do Profissional de Educação Física e, principalmente, sobre o objeto de estudo da mesma.

Nessa imensidão social, entra em destaque, mesmo que de modo implícito ou explícito numa formação humana cuja corporeidade possa se desenvolver na perspectiva da inserção social salvaguardando os elementos possíveis da Natureza e restringindo as paixões. Nossas paixões, que segundo Rousseau (1973, p. 231) "são os principais instrumentos de nossa conservação: é, portanto, empresa tão vã quão ridícula querer destruí-las; é controlar a natureza, é reformar a obra de Deus". Claro que aqui não vamos evocar esse discurso um tanto quanto metafísico e religioso, mas sua observação quanto à restrição das paixões, e não sua eliminação, nos remete diretamente ao caso das competições. Mesmo que as disputas possam alimentar o ego e a projeção narcísica, essa paixão, ou esse "veneno" pode ser usado em benefício da corporeidade e da formação como um todo, se for bem conduzido. É preciso, portanto, conhecer suas origens. Desse modo, Rousseau nos apresenta as origens das paixões humanas:

> A fonte é natural sem dúvida, mas mil riachos a ela estranhos ampliaram-na; é um grande rio que aumenta sem cessar e no qual encontraríamos com dificuldade algumas gotas das primeiras águas. Nossas paixões naturais são muito restritas; são os instrumentos e nossa liberdade, tendem a conservar-nos. Todas as que nos subjugam e nos destroem vêm de fora; a natureza não nos-las dá, nós nos apropriamos delas em detrimento essa natureza (ROUSSEAU, 1973, p. 232).

Portanto, o filósofo genebrino elabora sua argumentação afirmando que existem duas paixões que mobilizam a condição humana: o amor-de-si[105] e o amor-próprio[106]. Dois conceitos

[105] O amor-de-si cria a possibilidade da humanidade, da virtude, inclinando o ser humano ao caminho do bem. De acordo com Dent (1996), Rousseau ao afirmar que dar expressão ao amor-de-si é naturalmente bom, o genebrino quis dizer três coisas: "Primeiro, que as criaturas vivas se esforcem por sua própria conservação não é errado nem perverso – acreditar nisso seria condenar a própria existência de tais criaturas. Segundo, que o amor de si mesmo orienta uma criatura para o seu próprio bem e é, portanto, uma disposição naturalmente saudável, bem ordenada e benigna na criatura. Rousseau inclina-se a dizer que a substância do bem-estar que o amor de si mesmo leva qualquer criatura (incluindo seres humanos) a buscar compreende sua saúde básica e o completo funcionamento físico (...) Em terceiro lugar, Rousseau argumenta que as disposições e condutas que o amor de si mesmo dirige não são, em sua natureza, cruéis e malévolas. Mesmo se, como pode acontecer especial no reino animal, o amor de si mesmo de uma criatura a coloca em conflito com uma outra, esse conflito é breve e não serve a fins de retaliação. Nos seres humanos, tal conflito é adicionalmente suscetível de ser temperado pela COMPAIXÃO; e, de grande importância para Rousseau, o amor de si mesmo não contém o desejo de levar a melhor sobre outrem, como prova de superioridade pessoal" (DENT, 1996, p. 37).

[106] De acordo com Dent (1996, p. 41), o amor-próprio tem como seu "aspecto mais importante e expressivo do seu significado relaciona-se com a avaliação do que é bom e valioso em e para a própria pessoa em função da falta dessas coisas em outros, em função de os outros serem de pouca ou nenhuma valia em comparação com a própria pessoa. Assim entendido, o amor próprio é um desejo agressivo que contém a necessidade de controlar outros e de os obliterar". Assim, o contato social estimula o ser humano ao amor-próprio, pois, "logo que um ser humano forma qualquer espécie de relação ou associação estável com um outro, isso suscita nele um desejo, que rapidamente se torna dominante e absorvente, de estabelecer-se como superior ao outro, em cuja degradação encontra prazer e prova de sua própria importância e valor" (DENT, 1996, p. 40).

muito importante para compreender os elementos essências da obra rousseauniana. As paixões são naturais e sociais.

> A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e não o deixa nunca durante sua vida, é o amor a si mesmo; paixão primitiva, inata, anterior a qualquer outra e da qual todas as outras não são, em certo sentido, senão modificações. Assim, se quisermos, todas são naturais. Mas essas modificações em sua maioria têm causas estranhas sem as quais não ocorreriam nunca; e essas modificações, longe de nos serem vantajosas, nos são nocivas; mudam o primeiro objeto e vão contra seu princípio. É então que o homem se encontra fora da natureza e se põe em contradição consigo mesmo (ROUSSEAU, 1973, p. 232).

Assim, a relação entre o amor-de-si e o amor-próprio no contexto da Educação Física é emblemático, pois, depende de como são tratados os conteúdos de ensino nas aulas, ou então, como são trabalhados os esportes, exercícios físicos nas escolinhas de iniciação esporte e nas academias de ginástica, para verdadeiramente haver uma formação humana adequada para a boa convivência. Por exemplo, a pessoa que está treinando em uma academia de ginástica, está buscando saúde ou a estética corporal?[107] E se estiver buscando somente a modelação corporal (estética) em acordo com os padrões que ditam o que deve ser um corpo perfeito, essa pessoa está visando a comparação e superação dos demais praticantes ou simplesmente está objetivando satisfazer o seu próprio íntimo sem o intuito de simbolizar uma arrogância perante outrem? Essa contextualização é fundamental, pois o próprio Rousseau afirma que: "É preciso portanto que nos amemos para nos conservarmos, é preciso que nos amemos mais do que tudo; e, em consequência imediata do mesmo sentimento, nós amamos o que nos conserva" (ROUSSEAU, 1973, p. 232). Portanto, não estamos aqui condenando a competição ou a comparação entre pessoas, estamos somente problematizando um tema que é pertinente ao assunto tratado neste trabalho, bem como, pertinente as relações sociais que são estabelecidas nas academias de ginástica, nos conduzindo à uma das questões fundamentais elaboradas por Carvalho (2016, p. 95): "A que necessidades a Educação Física atende?". Haja vista que a extrema satisfação em ter um padrão corporal mais adequado que os demais praticantes de exercícios físicos, de modo implícito ou explícito pode gerar o orgulho, arrogância e o ego nas pessoas. Entretanto, essa comparação entre as pessoas, pode gerar também um estímulo a sempre melhorar suas capacidades físicas, fisiológicas, psicológicas, sociais, visando superar

[107] De acordo com Saba (2008, p. 80) começar a praticar exercícios físicos não é o mais difícil, pois, "os apelos em favor da prática de exercícios são abundantes e estão em toda parte, oferecendo a qualquer distraído diversos motivos para experimentar. Quando não são os próprios amigos os portadores de convites e conselhos, as revistas semanais se encarregam de trazer com uma frequência cada vez maior reportagens sobre os riscos do sedentarismo e os benefícios da caminhada; revistas mensais, por sua vez, anunciam as modalidades mais divertidas da temporada; a televisão exibe diariamente modelos de corpos esculpidos em academias para a inveja do sedentário.

seus limites e se tornar um ser humano com uma boa autoestima[108]. Em suma, realmente a discussão sobre o amor-de-si e o amor-próprio no âmbito na Educação Física é problemática, gerando boas e necessárias discussões.

Uma criança ou um adulto que sempre vence, terá amor ao jogo ou esporte que está praticando e desejará manter sua condição de campeão, assim, a paixão aqui é encarada como íntimo, influenciado pela brincadeira ou esporte que está sendo praticado. Já aquele que perde, se não for bem instruído por uma pessoa mais experiente, seja professor ou técnico esportivo, poderá perder a vontade de jogar, praticar algum esporte ou exercício físico. O indivíduo independentemente da idade, amará o sentimento de se manter campeão e poderá detestar o segundo lugar e as demais colocações que sejam o primeiro lugar. No entanto, com o desejo da conservação em sempre se manter campeão, pode haver um caminho que leve à cobiça, à inveja, à necessidade de sempre querer atenção das outras pessoas. Ao ser campeão, amar a si próprio, amar o esporte ou o jogo que está sendo praticado e querer sempre se manter nessa condição, existe nessa condição o desejo de ser adorado e cobiçado pelos outros, ou seja, o amor-de-si pode levar ao amor-próprio.

> O amor a si mesmo, que só a nós diz respeito, satisfaz-se quando nossas necessidades estão satisfeitas; mas o *amor próprio*, que se compara, nunca está satisfeito e não o poderia estar, porque tal sentimento, em nos preferindo aos outros, exige também que os outros nos prefiram a eles; o que é impossível. Eis como as paixões ternas e afetuosas nascem do amo de si mesmo, e como as paixões odientas e irascíveis nascem do *amor próprio* (ROUSSEAU, 1973, p. 233-234).

Portanto, as paixões, as inclinações também são ambíguas e contraditórias. O amor-de-si inevitavelmente nos levará ao amor-próprio por vivermos em sociedade. “Para ser amado é preciso tornar-se mais amável do que outro, do que qualquer outro, ao menos aos olhos do objeto amado” (ROUSSEAU, 1973, p. 235), esse é justamente o momento do despertar da paixão que faz cair nas teias do amor-próprio, pois, essa passagem nos leva a pensar que para ser mais amado é necessário justamente amar mais, é necessário disputar com outras pessoas o amor de alguém, a necessidade de competir e vencer para conquistar o amor de alguém, gera os confrontos. “Daí os primeiros olhares sobre nossos semelhantes; daí as primeiras comparações, daí a emulação, as rivalidades, o ciúme” (ROUSSEAU, 1973, p. 235).

[108] “Em suma, as pessoas têm incentivos de sobra para começar uma atividade física. E o argumento que pesa mais na decisão de começar vaia conforme o que mais importa para cada um. Há quem vá atrás de amigos que já praticam, ou em busca de novas amizades. Há quem precise urgentemente de melhoras biológicas, por recomendação médica. Há quem deseje alterar sua composição corporal e modelar sua silhueta para se tornar mais atraente. Com relação às academias de ginástica, pode-se afirmar sem erro: a busca por melhoras estéticas é o motivo mais decisivo para a maior parte dos frequentadores” (SABA, 2008, p. 80).

Todavia, de acordo com Rousseau (1973), para evitar que as crianças e os homens caiam nos trilhos do amor-próprio sem possiblidades de retorno, basta que tenham poucas necessidades de comparação aos outros, ou seja, é importante que o indivíduo basta a si mesmo, não conduzir sua vida dependendo totalmente das opiniões alheias, ser firme e confiante em suas decisões e escolhas, valorizar o seu próprio eu, mesmo estando em competições ou jogos – porém, vale destacar que essa tarefa, essa luta consigo mesmo está cada dia mais difícil de ser realizada e vencida a favor do amor-de-si, sobretudo, pela forte influência das mídias sociais na vida do indivíduo. Aliás, como confirmam vários estudos na área da Educação Física,[109] a experiência narcisista é a principal motivação do engajamento, seja de professores, seja de estudantes ou desportistas. Assim sendo, afirmamos que existem diferentes estímulos que mobilizam o interesse do ser humano à prática de atividade física, sobretudo, as competições que são construídas nessas práticas, envolvendo elementos como saúde, treinamento esportivo, influencia midiática, entre outros (SABA, 2008; WEINECK, 2003).

Para conservar o amor-de-si ou educar[110] o amor-próprio e fortalecer a condição natural das crianças, o genebrino defende uma certa ingenuidade e inocência das mesmas: "É um espetáculo, a um tempo comovente e divertido, ver os dois sexos, entregues à segurança de seus corações, prolongarem na flor da idade e da beleza seus jogos ingênuos da infância e mostrarem por sua própria familiaridade a pureza de seus prazeres" (ROUSSEAU, 1973, p. 236). Essa afirmação nos leva a pensar nas atitudes das crianças atualmente, em que parece ter perdido a sensibilidade simples e delicada da infância, meninas cada vez mais jovens fantasiando-se toda com suas maquiagens, abrindo espaço para uma espécie de erotização[111] precoce. Da parte dos meninos, ao jogar futebol os mesmos conversam e imitam costumes e gestos de atletas profissionais adultos, ou seja, está cada vez mais difícil encontrar simplicidade e naturalidade nas atitudes das crianças. Mais uma vez é preciso reafirmar que esses comentários não evocam um saudosismo, mas busca refletir, à luz das considerações rousseaunianas, se esse "progresso"

---

[109] Exemplo disso é o estudo *Narcisismo e sua relação com a prática de atividades físico-esportivas*, de Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho (2014), realizado com 178 professores de Educação Física, o qual chega à seguinte conclusão: "Para os professores entrevistados (na juventude, praticantes de atividades físico-esportivas, e hoje não mais), a atividade acadêmico-profissional passou a ocupar o lugar privilegiado na escala hierárquica de objetos que proporcionam prazer narcisista" (p. 202).

[110] A ideia de "educar o *amor próprio*" está sendo desenvolvida por alguns rousseauístas, como Paiva (2021) e Dalbosco (2016). Desse modo, "pretendo investigar o sentido constitutivo do sentimento humano do amor próprio como alavanca da socialização humana e mostrar, ao mesmo tempo, que o fato de tal sentimento ser a sede das paixões odientas e irascíveis não o impede de ser também a fonte impulsionadora da aspiração humana por reconhecimento numa perspectiva virtuosa" (DALBOSCO, 2016, p. 76).

[111] No livro, *O Desparecimento da Infância*, Neil Postman diz (1999, p. 17): "No momento em que escrevo, garotas de doze e treze anos estão entre as modelos mais bem pagas dos Estados Unidos. Nos anúncios de todos os meios de comunicação visual são apresentadas ao público como se fossem mulheres adultas espertas e sexualmente atraentes, completamente à vontade num ambiente de erotismo".

tem sido bom ou ruim para a infância e a juventude. Se essa inflamação do ego, a um ponto claramente narcisista, não provoca a saída precoce (e prejudicial) da infância e não faz dos jovens e das crianças meros objetos da exploração capitalista. Não podemos esquecer também das crianças que são sucessos nas redes sociais, com suas fotos, cantos elaborados, danças coreografadas, entre outros recursos totalmente mercadológicos.

> Se quereis pois suscitar e alimentar no coração de um jovem os primeiros movimentos da sensibilidade nascente, e voltar a seu caráter para a piedade e a bondade, não façais germinar nele o orgulho, a vaidade, a inveja, pela enganosa imagem da felicidade dos homens; [...]. Mostrar-lhe o mundo antes que conheça os homens, não é formá-lo, é corrompe-lo; não é instruí-lo, é enganá-lo (ROUSSEAU, 1973, p. 244).

No campo da Educação Física e do Esporte, isso infelizmente é o que aconteceu na Modernidade, sobretudo em nossa sociedade, pessoas mais experientes ensinam as crianças e jovens a serem profissionais, figuras públicas bem reconhecidas, colocam-nas cada mais vez mais cedo em grandes laboratórios formadores de atletas de alta performance, sem mesmo considerar os aspectos físicos, psicológicos, sociais, éticos, estéticos, dessas mesmas crianças e jovens, e, principalmente, não ensinam a se comportar e a se defender de toda essa pressão (PAES e BALBINO, 2005). Para tanto, mostram o sucesso de grandes empresários, artistas, esportistas para os indivíduos desde pequenos, mas, não os ensinam a conviver com esse dolorido processo. Isso sem dúvida alguma é a exacerbação do amor-próprio em sua excelência, mesmo que a criança ou jovem não tenha ainda total discernimento da estrutura de vaidade que os cercam. O incentivo mercadológico alimenta o amor-próprio a um ponto narcisista, inflando desde cedo o ego da juventude e criando expectativas às vezes ilusórias, exemplo disso é o uso excessivo das redes sociais, alimentando a necessidade de demonstrar seus pertencentes e sua vida supostamente "glamurosa" em busca de elogias e fama. Para Rousseau, isso é um processo que corrompe as almas:

> Gostaria que se escolhessem tão cuidadosamente as companhias do jovem, que ele se pensasse bem dos que com ele vivem; e que lhe ensinassem tão bem a conhecer sua sociedade, que ele pensasse mal de tudo que nela se faz. *Que saiba que o homem é naturalmente bom e julgue o próximo por si mesmo; mas que veja como a sociedade deprava e perverte os homens*; que encontre nos preconceitos deles a fonte de todos os seus vícios; que seja levado a estimar cada indivíduo mas que despreze a multidão; que veja que todos os homens usam mais ou menos a mesma máscara, mas que saiba também que há rostos mais belos do que a máscara que os cobre (ROUSSEAU, 1973, p. 263 – grifo nosso).

O treinamento precoce, a especialização de crianças e jovens que não amadureceram em seus aspectos biofísicos e psicossociais, o analfabetismo, entre outros, são exemplos que acarretam o desejo insano pela vitória e a satisfação pessoal a qualquer custo. Portanto, a Educação Negativa é um artifício imprescindível e revolucionário para a formação humana de acordo com o tratado educacional rousseauniano. Evitar os malefícios que levam o indivíduo à

degradação humana é algo que deve estar presente em todo processo educativo, em toda instituição social: “Onde tudo está certo, nada é injusto. A justiça é inseparável da bondade; ora, a bondade é o efeito necessário de um poder sem limites e do amor a si mesmo, essencial a todo ser que sente” (ROUSSEAU, 1973, p. 320).

Com a discussão desse capítulo, constata-se que é possível ter discernimento dos elementos constitutivos da competição, bem como de seus aspectos históricos, culturais, sociais e políticos que influenciam a constituição humana. É possível compreender como que Rousseau, em seu romance sobre educação, contribuiu decisivamente para a grandes áreas do conhecimento na Modernidade, principalmente, na educação e Educação Física, sendo que seu conceito de Educação Negativa é capaz de auxiliar na análise, interpretação, desmistificação e construção de uma nova síntese sobre a competição e não somente reduzi-la e apequená-la.

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO, CULTURA E FORMAÇÃO HUMANA

Neste capítulo buscamos fortalecer e consolidar ideia que a competição é um elemento da condição humana[112] e aspecto fundamental para a formação cultural. Afirmamos anteriormente que a competição é uma manifestação da cultura que ultrapassa os limites de sua mútua relação com o esporte e trata-se de um elemento da vida humana como um todo, seja na religião, arte, ciência, e em diferentes instituições sociais, como família, trabalho, escola, instituições de formação esportiva, entre outras.

Com a discussão elaborada no segundo capítulo percebe-se que a competição como inerente ao ser humano tem suas contradições e que está presente também em todas as instâncias das relações sociais, das mais individualizadas às coletivas. Percebe-se também que a Educação Negativa – um conceito elaborado por Rousseau em seu tratado educacional, é rico em significações para a educação do amor-próprio e a melhor utilização dos elementos da cultura, como a competição, a fim de remediar os males sociais. Diante do que foi discutido, principalmente o fato elucidado por Rousseau, de que o homem social se deprava por causa das paixões exaltadas, corre-se o risco de que a competição possa ser um elemento prejudicial nesse processo. Isto é, que se não for bem utilizada, a competição, sobretudo nos esportes, pode acelerar o desenvolvimento do amor-próprio e, por conseguinte, uma relação doentia entre os competidores, prejudicando a própria natureza das atividades esportivas. Neste capítulo será

[112] De acordo com Hannah Arendt, em sua obra, A condição Humana, a vita activa é constituída por três elementos: 1) Labor – "é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas introduzidas pelo labor no processo da vida" (ARENDT, 1981, p. 15); 2) Trabalho – "produz um mundo <artificial> de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural" (Idem, p. 15); 3) Ação – "Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política" (Idem). Portanto, o trabalho é uma atividade fundamental para manter o ser humano vivo, o trabalho é a atividade criar coisas, um mundo artificial a serviço da própria atividade humana, por exemplo, crianças que vão limpam um lote baldio para praticar seus esportes (jogar futebol, brincar de pega-pega, etc.), por fim, a ação é a atividade que justamente ocorre entre os humanos, ou seja, relacionando-se com outros humanos, tomando decisões, mudando e moldando o comportamento, jogando, praticando, experimentando, competindo. Desse modo, esses três elementos descritos por Arendt (1981) são mutuamente relacionados entre si vinculados ao uma condição ainda mais geral, o nascimento e a morte. Condição humana, pois o humano condiciona o meio em que vive e ao mesmo tempo é condicionado por ele. Há então, uma reciprocidade nessa relação.

apresentada a ideia do "veneno como remédio", que é outro conceito essencial, presente no *Emílio*, e que está mutuamente relacionado com a Educação Negativa.

Em suma, buscando também em outras fontes e demais conceitos, foi possível construir a tese do presente estudo. Assim, primeiramente iniciaremos pela apresentação e análise do "*episódio dos doces*" que se encontra em seu tratado de educação. Trata-se de uma cena que se iniciou com uma simples brincadeira, transformou-se em disputa e finalizou-se em problemática de formação humana. Daí em diante, daremos seguimento à construção teórica de nossa argumentação para defender a ideia que há o sentido pedagógico, o estético e o filosófico na competição. E por mais que ela possa ser interpretada em um aspecto negativo, prejudicial às relações humanas, defendemos que o "pai da pedagogia moderna" não compartilha essa compreensão e nos deixa uma perspectiva contrária, qual seja a de que a competição tem sua importância, desde que bem utilizada. Isto é, no mesmo sentido de que um medicamento contém seu antídoto, o "veneno" da competição pode ser utilizado do modo virtuoso, como elemento imunizador contra os excessos do amor-próprio e das paixões desregradas.

3.1 O *episódio dos doces*: a competição como elemento educativo[113]

Relatado com detalhes no Livro Segundo, do *Emílio*, o qual abrange a educação da criança dos dois aos doze anos, o personagem Jean-Jacques, o preceptor, complementa sua discussão sobre a importância dos sentidos para a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, dizendo que uma tarde, em um passeio campestre com seu discípulo, resolveu utilizar os pedaços de doce que sempre carregava em seu bolso, para "exercitar na corrida um menino indolente, preguiçoso, sem inclinação para esse exercício" (ROUSSEAU, 1973, p. 141).[114] Resumindo o episódio, ao propor uma disputa em corrida entre dois meninos, o desafio foi logo aceito e as crianças percorreram o trajeto estabelecido a fim de atingir a pedra onde fora colocado o prêmio, isto é, o tão apreciado doce. Para tristeza do tutor, "o ganhante pegou o doce e comeu-o sem piedade aos olhos dos espectadores e do vencido" (ROUSSEAU, 1973, p. 142).

[113] Este texto, com algumas modificações, foi publicado em duas versões (português e inglês) no formato de artigo científico pela Revista *Pro-Posições*, de editoria da Faculdade de Educação da UNICAMP, classificada como Qualis A1. Acesso: https://www.scielo.br/j/pp/a/hn8yJwS9CBRbWMqLwrnZ8Ry/?lang=pt.

[114] Essa perspectiva da preguiça como indutora da inatividade era comum no século XVIII, permaneceu popular nos séculos XIX e XX, e fomentou a criação de programas e políticas de promoção da saúde. Como informam Loch e Guerra (2018, p. 2), "No contexto brasileiro, muito pelo reconhecimento da sua alta prevalência no país, nos últimos anos, importantes políticas públicas foram elaboradas e incluíram o enfrentamento a essa questão, como, por exemplo: a Política Nacional de Promoção da Saúde, Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis no Brasil e o Programa Academia da Saúde, além de a atividade física ter sido reconhecida como um fator determinante e condicionante de saúde".

A fim de mostrar às crianças que o divertimento e o próprio exercício valiam muito mais que o doce, repetiu a competição várias vezes e passou a dar mais de um prêmio; passou mesmo a variar as regras; a premiar mais gente e a excitá-los ao gozo das competições: "aquilo era para eles jogos olímpicos" (Idem, p. 143). Igualmente, na Nona Caminhada, de *Os devaneios do caminhante solitário*, Rousseau relata uma ocasião em Paris que ele e sua esposa caminharam até um bosque e encontraram vinte meninas, conduzidas por uma freira, às quais propôs alguns jogos competitivos, com doces como prêmio, e foram aceitos prontamente. Após a longa diversão, diz Rousseau: "Minha mulher insinuou àquelas que ganhavam bons prêmios que dessem uma parte às suas camaradas, de sorte que a patilha se tornou quase igual, e a alegria geral" (ROUSSEAU, 2017, p. 118).

De volta ao *episódio dos doces*, transcorridos alguns dias, Jean-Jacques resolveu treinar seu discípulo um pouco mais, exercitando seu físico e preparando-o para a competição. Para decepção do tutor, quando saiu vitorioso em algumas das disputas, Emílio comeu apressadamente seu doce, tal como faziam os demais vencedores. Estrategicamente, o personagem educador empreendeu repetidas disputas de modo que, depois de acostumado à vitória, o jovem passou a ser mais generoso e começou a partilhar seu prêmio com os vencidos, demonstrando que havia aprendido a lição de que o que mais importava, além do exercício e do fortalecimento do corpo, era a interação com as outras crianças e a compreensão moral da ajuda ao próximo, do desenvolvimento da piedade e das interações humanas. O preceptor desenvolve aquilo que Neuhouser (2013) e Dalbosco (2016) chamam de "educação do *amor-próprio*", como foi comentado no capítulo anterior, uma vez que é impossível evitar seu desenvolvimento, entendendo com isso uma ação pedagógica que utilize dessa própria paixão para remediar os males do homem social, imunizando-o[115]. Se, como diz Rousseau (1973, p. 134), "a descoberta da causa do mal indica o remédio", ao mesmo tempo que a competição pode inflamar o orgulho e a vaidade, ela pode ser usada como uma encenação pedagógica para desenvolver a autoestima, tal como se fazia com os guerreiros na Grécia antiga.[116]

Portanto, há nesse episódio uma ação pedagógica em benefício do organismo da criança, ampliando não apenas sua capacidade física (contra a lentidão e a languidez), como todos os seus sentidos:

> A vivacidade da infância mal acomodada a tais lentidões; exercitaram-se portanto em ver melhor, em melhor calcular uma distância à vista. Então não tive grande

[115] "(...) entregue ao turbilhão social, basta que não se deixe arrastar pelas paixões" (ROUSSEAU, 1973, p. 286).
[116] Como diz Neuhouser (2013, p. 169, tradução livre), ao comentar o elogio de Rousseau aos guerreiros da Grécia antiga, "distinguir-se como cidadão valente e virtuoso pode oferecer aos indivíduos a oportunidade de conquistar estima, e até mesmo glória, pelas qualidades e conquistas que promovam o bem coletivo".

> dificuldade em ampliar e alimentar tal gosto. Finalmente, alguns meses de experiências e de erros corrigidos formaram de tal modo seu compasso visual, que, quando eu punha pelo pensamento um doce em algum objeto longínquo, ele tinha o golpe de vista quase tão seguro quanto a fita métrica do agrimensor" (ROUSSEAU, 1973, p. 144).

Mas há também uma ação pedagógica para o desenvolvimento social, pois a criança aprende a controlar o ímpeto e não ignora as regras também condicionadas aos demais participantes no ambiente coletivo. Como Rousseau ensina que nessa idade não se deve dar lições verbais,[117] mas experiências práticas, então se as brincadeiras, os jogos, os exercícios físicos e as competições forem utilizadas de modo virtuoso, servem como "remédio" para evitar um mal pior. Como diz Huizinga (2005), o jogo é mais que um fenômeno fisiológico, pois encerra sentidos e se desdobra como linguagem. Nesse caso, a competição representa algo intrinsecamente relacionado à convivência humana, sabendo manter o respeito, a amizade[118] e a consideração, mesmo na disputa com outras pessoas. Por exemplo, o preceptor notou que no início houve trapaças na disputa pelo doce: "seguravam-se mutuamente ou se derrubavam"; ou ainda "punham pedras na passagem um do outro" (ROUSSEAU, 1973, p. 143). Sua resposta foi metódica, pois passou a separar os competidores, fazendo-os partir de pontos distintos. Isto é, em vez de dar-lhes uma lição verbal ou repetir-lhes as regras, criou uma situação na qual não podiam trapacear e, com isso, permitiu que as crianças tivessem condições de, aos poucos, controlarem suas nascentes paixões. De modo que a competição não tem aqui apenas a meta da vitória, ou o prazer degustativo de um doce, mas a meta de proporcionar diversão, ao mesmo tempo que promove o desenvolvimento físico e o desenvolvimento moral.

O preceptor de Emílio procurou dosar o vício ao buscar o meio termo entre o desinteresse e a paixão desregrada. Pois, tão logo percebeu que, por um lado alguns não interessavam e o que realmente importava para outros era a vitória, o prêmio, isto é, o prazer de comer o tão desejado doce, passou a explorar os diversos ângulos que a atividade poderia proporcionar. Diz ele que: "Se o prêmio não era grande, os que o disputavam não eram ambiciosos" (ROUSSEAU, 1973, p.142). E a solução dada foi a seguinte: "Para provocar o *espírito de competição* e dar maior interesse à coisa, eu organizava corridas mais longas e aceitava maior número de concorrentes" (Idem, p. 143 – grifo nosso). O que foi suficiente para instigar quem estava competindo e até mesmo as pessoas que estavam ao redor, caminhantes e passageiros do local, paravam para admirar a disputa pelos doces, ou seja, o espírito de

---

[117] "Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal; só da experiência ele as deve receber" (ROUSSEAU, 1973, p. 78).

[118] Sobre isso, diz Rousseau no *Emílio* (p. 242): "O primeiro sentimento de que é suscetível um jovem cuidadosamente educado não é o amor, é a amizade". Até porque "a adolescência não é a idade nem da vingança nem do ódio; é a da comiseração, da clemência, da generosidade" (p. 243).

competição que se desenvolveu acabou por mobilizar os membros da comunidade e inseri-los naquela atividade desportiva: "Mal se colocavam na pista, já os transeuntes paravam para vê-los; as aclamações, os gritos, as palmas os incitavam; eu via as vezes meu rapazinho fremir, levantar-se, gritar quando um deles se achava prestes a alcançar o outro ou ultrapassá-lo" (Idem, p.143). Cena que nos remete à descrição das festas populares, tão elogiadas por Rousseau na *Carta a d'Alembert*, quando os camponeses se reuniam ao ar livre para pular, dançar, cantar e, enfim, festejar sua felicidade de modo coletivo, sem o desregramento das paixões conflituosas.

Sem essa possibilidade de vivência coletiva, tal como acontece no ambiente rural, entre os camponeses, o Emílio é submetido ao jogo.[119] E como o jogo pode ajudar nesse processo? Enquanto *infans* (primeira fase da natureza, correspondente aos dois primeiros anos de vida), a criança necessita de plena liberdade para desenvolver seus movimentos. Como diz Sahd (2005, p. 110), "esta liberdade de movimento deve ser preservada quando a criança cresce, uma vez que os seus efeitos serão benéficos para o desenvolvimento de seu corpo", principalmente nessa primeira fase quando seu temperando e seu corpo estão em processo de enrijecimento.[120] A criança dos dois aos doze anos, quando entra na segunda fase da *idade da natureza* (*puer*), até os doze anos, deve passar por algumas atividades que a introduzam no mundo moral, ao mesmo tempo que continua a praticar atividades lúdicas, recreativas e físicas. Trata-se de desenvolver a sensibilidade passiva (física), sem, contudo, deixar de estimular a sensibilidade ativa (moral). Pois é na conjugação das duas que a criança constrói seu mundo de significados: "É pelo efeito sensível dos sinais que as crianças aferem seu sentido" (ROUSSEAU, 1973, p. 58). Isto é, desenvolvem sua razão e seu julgamento pela capacidade sensitiva que ela estimula por meio dessas atividades práticas. E aqui entra o papel pedagógico do jogo. Sabemos que as brincadeiras e os jogos, por mais simples que sejam, possuem regras e um conjunto de signos que podem desenvolver a capacidade representativa da criança[121], o respeito aos limites e acordos, bem como ao direito dos outros, o que abre a possibilidade para atividades as físicas e

[119] Aqui se refere aos jogos infantis e brincadeiras próprias à infância e não jogo de azar, ou outra jogatina própria de desocupados: "O jogo não é um divertimento de homem livre, é recurso de desocupado; e meus prazeres me dariam ocupações demais para me deixarem tempo a ser tão mal empregado" (ROUSSEAU, 1973, p. 404). Embora Kishimoto (2001) afirme ser difícil definir o jogo, em Rousseau o termo parece englobar todas as atividades lúdicas nas quais haja o concurso das regras e do acordo mútuo.

[120] Essa é a primeira fase da *idade da natureza* no qual os três mestres dão uma certa primazia ao primeiro, a natureza: "Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica. Ela exercita continuamente as crianças. Ela enrijesse seu temperamento mediante experiências de toda a espécie; ela ensina-lhes desde cedo o que é pena e dor". (ROUSSEAU, 1973, p. 22).

[121] Segundo Kishimoto (2001, p. 18), "admite-se que o brinquedo represente certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de representações: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los".

competitivas. Pois, em relação às regras e respeito ao outro, as atividades físicas nunca podem acontecer descoladas dos princípios éticos, pois desde seu princípio, ao redor do Olimpo, houveram juramentos aos princípios que regiam a seriedade, legalidade e respeito às competições (GODOY, 1996)

Falando da segunda infância, Rousseau comenta que é o momento de prevenir as más inclinações para bem conduzir o desenvolvimento de suas faculdades. Momento propício para fomentar a consciência de si e as noções gerais de felicidade, miséria, necessidade, utilidade e compaixão, com vistas à formação de sua conduta. Até porque, nesse período, para além de um ser físico, "importa portanto *começar* a considerá-la um ser moral" (Idem, p. 60 – grifo nosso). A criança nessa faixa etária precisa receber lições introdutórias e preparatórias como iniciação a uma forma de vida que ela deverá assumir inteiramente ao atingir a idade da razão, isto é, o mundo das relações morais, passando a ser um ser moral.

A fim de definir o que é um ser moral, tendo em vista sua importância nesse contexto, Nascimento (2000), quem se dedicou ao tema[122], afirma que um ser moral é, sem dúvida, um artefato. Sua instauração implica o uso da razão em benefício de uma demarcação necessária entre o mundo físico e o mundo dos contatos humanos, das regras e obrigações que devem ser estabelecidas entre si, para o melhor convívio entre os semelhantes. Rousseau utiliza o termo "ser moral" para definir tanto o Estado[123] quanto o homem artificial (homem do homem) que deverá tomar parte nesse corpo político como uma unidade fracionária[124]. Então a criança, como ser moral, conforme é empregado por Rousseau no trecho acima citado corresponde ao ser que, embora em estágio pueril, deva ser, como afirmamos, introduzida no mundo das regras e normas. A *idade da natureza*, principalmente na primeira fase, representa o grau mínimo de artificialidade e o ponto inicial da ação educativa de preparação para a *idade da razão* e para a vida em sociedade. A preocupação de Rousseau é quanto à posição que Emílio vai tomar entre os homens, a forma como vai lidar com uma sociedade corrompida, perversa e cheia de influências perniciosas, sabendo resistir o suficiente para permanecer virtuoso.

Como a maioria das normas e das regras é estabelecida geralmente a partir da compreensão de mundo do adulto, e ainda de forma hierarquizada, instrumentos punitivos às vezes são necessários para garantir sua observância e o devido cumprimento. Esse tipo de relação acontece na família, na escola e na sociedade em geral, gerando um conflito não apenas

---

[122] Em sua tese de livre-docência: *Figuras do corpo político*: o último dos artefatos morais em Rousseau e Pufendorf (NASCIMENTO, 2000).
[123] Cf. Cap. VI, do Livro Primeiro do *Contrato Social*.
[124] Como diz no *Emílio* (p. 13): "O homem civil não passa de uma unidade fracionária presa ao denominador e cujo valor está em relação com o todo, que é o corpo social".

entre gerações, mas também e principalmente entre a liberdade e a autoridade[125]. Mas Rousseau não pretende amenizar a situação pelo favorecimento da criança ou por uma valorização irrestrita da liberdade, nem tampouco pela defesa da tirania. Até porque, como fala no Livro Segundo, do *Emílio*, pode haver mestres autoritários e, igualmente, crianças caprichosas e mandonas. Valorizar excessivamente um ou outro seria romper com as possibilidades de um profícuo relacionamento pedagógico. A autoridade existe[126] e cumpre um direcionamento bem conduzido para evitar os perigos que rodeiam a criança sem sua formação moral. Para além de um acordo e uma aceitação entre as duas partes, vale dizer que as regras e determinações quase nunca são bem recebidas, principalmente por crianças que não conseguem ainda entender a utilidade delas, mesmo que voltadas para seu benefício e interesse. Para que sejam aceitas pelo coração, é preciso criar um clima de afetividade e promover situações nas quais as regras, normas e preceitos morais sejam desenvolvidos por meio de atividades sedutoras. De nada adiantam as fábulas e os sermões se não tiverem uma ligação com a prática e o prazer da aprendizagem. Tal parece ser, precisamente, o objetivo dos jogos.

Consciente dos perigos que essa idade oferece, Rousseau expressa sua preocupação dizendo: "O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento à idade de doze anos. É o momento em que germinam os erros e os vícios, sem que se tenha, ainda, algum instrumento para destruí-los" (ROUSSEAU, 1973, p. 79). Na complementação da frase, o autor diz que "quando o instrumento se apresenta afinal, as raízes são tão profundas que já se faz impossível arrancá-las" (Idem, p. 79). Por isso a primeira educação deve ser negativa, tentando "preservar o coração do vício e o espírito do erro" (Idem, p. 80).

O desenvolvimento da sensibilidade passiva, realizado através dos exercícios físicos, jogos e brincadeiras diversas, pode ser conjugado com a estimulação da sensibilidade ativa, exercitando seu juízo:

> Há um exercício puramente natural e mecânico que serve para tornar o corpo robusto, sem de modo algum apelar para o julgamento: nadar, correr, pular, chicotear um pião, jogar pedras; tudo isso está muito certo; mas teremos somente braços e pernas? Não

[125] Para discussão em torno desse tema, sugerimos a leitura da obra *Autoridade e autonomia na escola:* alternativas teóricas e práticas, organizada por Julio Groppa Aquino. Nessa obra destacamos o artigo *Autoridade e contrato pedagógico em Rousseau*, de autoria de Maria de Fátima S. Francisco, que procura refletir sobre o conflito entre a autoridade docente e a liberdade discente. A saída seria uma espécie de "contrato pedagógico" que, ressalvadas as diferenças, ajuda-nos a entender o *Contato social*. Como será melhor trabalho no próximo capítulo, uma das principais diferenças é o fato de que enquanto o contrato pedagógico é um acordo entre desiguais, ressaltando a posição ativa e superior do mestre. Se essa desigualdade diminui com o passar do tempo e a criança de passiva vai tomando um papel mais ativo, igualando-se ao mestre, só acontece com o passar do tempo e ainda depende do processo educacional e da arte do educador para dar certo. Enquanto que o fundamental para a realização do contrato social é sua legitimidade fundamentada na igualdade dos contratantes e, assim, todos se tornam partícipes do poder soberano.

[126] Francisco (1999, p. 105) afirma que "o exercício do poder é algo constitutivo, imanente à relação pedagógica. Resta saber, entretanto, que tipo de poder é esse. Nem todo poder é negativo, destrutivo e tirânico".

> teremos também olhos e ouvidos? E tais órgãos serão supérfluos ao uso dos primeiros? Não exerciteis portanto tão apenas as forças, exercitai todos os sentidos que as dirigem; tirai de cada um deles todo o proveito possível e verificai depois o resultado de um sobre o outro. Medi, contai, pesai, comparai. Não empregueis a força senão depois de terdes avaliado a resistência; fazei sempre de modo que a avaliação do efeito precede o emprego dos meios. Interessai a criança a nunca fazer esforços insuficientes ou supérfluos. Se a acostumais a prever assim o efeito de todos os seus movimentos, e a corrigir seus erros pela experiência, não se torna claro que quanto mais ela agir mais se fará judiciosa? (Idem, p. 130).

Além disso, Rousseau comenta sobre a importância dos jogos noturnos para o desenvolvimento da percepção e do julgamento[127], mas também comenta sobre os jogos diurnos, em casa ou ao ar livre, para o exercício do corpo: "Que Emilio corra todas as manhãs descalço, em qualquer estação, pelo quarto, pelas escadas, pelo jardim" (Idem, p. 139). Como ele diz, tudo isso importa para aguçar seus sentidos, para tornar sua constituição física mais resistente, pois "cumpra que aprenda a dar todos os passos que favorecem as evoluções do corpo" (Idem.); porém, se tais exercícios e jogos forem compartilhados com outras crianças, poderão ser também eficientes no desenvolvimento dos preceitos morais.

Uma lição moral que pode ser tirada dos jogos é o da generosidade[128]. Falando das vitórias do Emílio, no *episódio dos doces*, Rousseau comenta: "Quando conseguia raramente vencer, ele comia o doce quase sempre só, como o faziam seus concorrentes. Mas, acostumando-se à vitória tornou-se generoso e o partilhava muitas vezes com o vencido" (Idem, p. 143). E, compreendida a lição, Emílio passava a analisar mais de perto as delimitações, distâncias, medidas e aplicações das regras. Concluindo, o preceptor se satisfaz: "Finalmente, alguns meses de experiências e de erros corrigidos formaram de tal modo seu compasso visual, que, quando eu punha pelo pensamento um doce em algum objeto longínquo, ele tinha o golpe de vista quase tão seguro quanto a fita métrica do agrimensor" (Idem, p. 144).

Malgrado diversos benefícios pudessem ser ressaltados na prática dos jogos, tantos noturnos quanto diurnos, o mais importante deles é a retidão de espírito, ou seja, o exercício da honestidade, da sinceridade, da generosidade e, por fim, da justiça. Como diz Rousseau, "a única lição de moral que convém à infância, e a mais importante em qualquer idade é a de não fazer mal a ninguém" (Idem, p. 94). Excelente lição para a atualidade, quando vivemos uma crise da autoridade docente e uma crise ética em geral que resulta do declínio da fundamentação

---

[127] "Observamos que os cegos têm o tato mais seguro e mais fino do que nós, porque, não sendo mais guiados pela vista, são forçados a tirar unicamente do primeiro sentido os juízos que nos fornece o outro. Por que então não nos exercitam a andarmos como eles na escuridão, a conhecermos os corpos que não podemos alcançar, a julgarmos dos objetos que nos cercam, a fazermos, em suma, à noite e sem luz, tudo o que eles fazem sem olhos?" (ROUSSEAU, 1973, p. 131).

[128] Como afirma Streck (2003, p. 151), "Rousseau fala na compaixão como o sentimento básico a ser cultivado pelo Emílio na medida em que conhece o mundo com as desigualdades criadas pelos homens."

religiosa[129]. No que tange à docência, o sentido de "não fazer mal" pode ser interpretado como um respeito mútuo entre o professor e o aluno do qual podem brotar estima e afetividade se, primeiro, o trabalho docente for desenvolvido com competência, dinamismo e responsabilidade. Segundo, se o comportamento do aluno estiver voltado para o bom aproveitamento do conteúdo e ele mesmo engajado na metodologia como um co-agente[130] do processo de construção do conhecimento, tomando parte de todas as iniciativas didático-pedagógicas como co-agente de sua própria formação.

É dessa perspectiva, isto é, do desenvolvimento da sensibilidade para com o outro que Rousseau elabora suas "máximas". A primeira: "Não é do coração humano pôr-se no lugar das pessoas que são mais felizes do que nós, mas tão-somente das que são mais dignas de pena" (ROUSSEAU, 1973, p. 246). A segunda: "Só temos piedade nos outros dos males de que não nos cremos isentos nós mesmos" (p. 247). A terceira: "A piedade que se tem do mal de outrem não se mede pela quantidade desse mal e sim pelo sentimento que se empresta a quem o sofre" (p. 248). O que se completa com a seguinte frase: "Tornando-se capaz de afeição, ele se torna sensível à dos outros e por isso mesmo atento aos sinais dessa afeição" (p. 259). Isto é, como a piedade é o primeiro sentimento relativo (p. 245), para que a criança se torne sensível e piedosa, é preciso que saiba que "há seres semelhantes a ela que sofrem o que ela sofreu, que sentem as dores que sentiu, e outras de que deve ter ideia como as podendo sentir também" (Idem). Se tais máximas são trabalhadas pelo educador no âmbito das competições, dos jogos e das recreações de toda espécie, haverá indubitavelmente um processo de formação do corpo em total harmonia com a alma, bem nos parâmetros da paideia grega, da didática comeniana e dos princípios gerais defendidos por Rousseau.

Como diz Waksman (2016), as experiências, as sensações são elementos importantes para a aprendizagem dos indivíduos, desenvolvendo características que podem ser utilizadas em momentos futuros em suas várias atividades que serão realizadas. Afinal, o sentido da vida do homem é sempre estar em contato com os outros, com seus semelhantes. Se, por um lado, o objetivo da Educação Negativa, defendida por Rousseau, busca um certo isolamento do Emílio, ou melhor, seu afastamento das condições sociais deturpadas, de uma vida urbana repleta de paixões inflamadas, por outro lado ela forma o caráter e a personalidade da criança para ser boa, mesmo nesse meio corrompido. Uma formação que a condicione a estabelecer relações com o que a rodeia, movendo-se por um amor-próprio bem educado e controlado por uma vida

[129] Cf. Tugendhat (1999).
[130] O termo correto é coagente, mas preferimos com hífen para ressaltar que não se trata de coação, mas de atuação conjunta.

virtuosa baseada no "silêncio das paixões",[131] pode ser considera como formação social, bem como preparação para as relações humanas. Razão pela qual Vargas (1995) classifica o *Emílio* como um tratado de política natural, porque em vez da defesa do estabelecimento de uma ordem política, ou de uma educação pública *tout court*, o que se propõe nessa obra é a formação educativa de um jovem por um movimento de reconciliação entre seu eu e o mundo ao seu redor (PAIVA, 2019).

O conceito de "Educação Negativa" é próprio de Rousseau e fortalece sua concepção de homem. Pois, para o filósofo, a natureza humana é boa, sem vícios, sem preconceitos e discriminações. Portanto, a Educação Negativa serve para manter esse estado de espírito, conduzir o indivíduo mediante a educação a um caminho que não o corrompa aos malefícios da sociedade. "Ela consiste, não em ensinar a virtude e a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro" (ROUSSEAU, 1973, p. 80). Perspectiva que alimentou as reflexões de pedagogos do século XIX, como Pestalozzi, Fröebel, e demais teóricos e defensores de movimentos como o da Escola Ativa, da Escola Progressista e da Escola Nova. Sem deixar de mencionar a influência sobre a obra de Guts Muths, o qual afirma, quase reproduzindo o *episódio dos doces*:

> Quando a corrida vai depender da velocidade, o mestre coloca seus alunos, se quiser exercitá-los todos de uma vez, em linha, junto à primeira árvore. Se nem todos forem igualmente experientes, ele os organiza de acordo com suas habilidades e coloca os mais fracos alguns passos à frente, para que o forte não ganhe com facilidade. Todos ficam parados em seus lugares, enquanto ele prossegue para o final do curso, de onde ele dá o sinal indicado para começar. Todos se esforçam com incrível ansiedade para ganhar o prêmio, que consiste em um galho fino da última árvore (GUTS MUTHS, 1803, p. 229 – tradução livre).

Outra característica da Educação Negativa é saber conhecer bem o indivíduo, a criança, o aluno, ou seja, reconhecer suas características próprias, portanto, valorizar suas aptidões e estimular suas potencialidades, sem restrição ou cerceamento de sua liberdade, como diz Rousseau na mesma página: "Deixai antes de tudo que o germe de seu caráter se revele em plena liberdade, não exerçais nenhuma coerção a fim de melhor vê-lo por inteiro" (Idem).

Aliás, é no gozo da liberdade que a criança pode exercitar seu corpo, seja com as brincadeiras, com os jogos e/ou disputas e competições com seus colegas. Não é à toa que nos lembra, no *Emílio:* "Platão, em sua República, que acreditam tão austera, só educa as crianças com festas, jogos, canções, passatempos: parece que fez tudo ensinando-lhes a se divertirem" (p. 97). Tais atividades não atrapalham as atividades intelectuais, pelo contrário. Como

[131] "Oh! Virtude, ciência sublime das almas simples, serão necessários, então, tanta pena e tanto aparato para conhecer-te? Teus princípios não estão gravados em todos os corações? E não bastará, para aprender tuas leis, voltar-se sobre si mesmo e ouvir a voz da consciência no silêncio das paixões?" (ROUSSEAU, 1999c, p. 214)

Rousseau diz: “É um erro lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudique as operações do espírito: como se essas duas ações não devessem andar de acordo, e que uma não devesse sempre dirigir a outra!” (ROUSSEAU, 1973, p. 112). Essa passagem elucida toda uma grande discussão que hora ou outra tende a ocorrer na área da Educação Física, em relação ao seu objeto de estudo e atuação do profissional de Educação Física. A dicotomia entre corpo e mente, ou, corpo e alma, ultrapassou os dilemas da filosofia e arrasou as terras tranquilas dessa área. Podemos resumir que ao longo do tempo, houve essa dualidade, mas a partir da Modernidade, sobretudo, do século XVIII e século XIX, a relação corpo e mente, começou a ser entendida como inseparável, elementos mutuamente relacionados na formação integral do indivíduo. Um indivíduo capaz de jogar, praticar esporte, promover a manutenção de sua saúde e ao mesmo tempo refletir sobre essas atividades, ou seja, um ser humano consciente e ativo (BARBOSA, 2004; BARBOSA, 2005; CAPARROZ, 1997; SOARES *et al*, 1992; DAOLIO, 2010; FREIRE, 1991).

Nesse aspecto, o mestre deve se atentar para as suas próprias atitudes, com o objetivo de sempre se manter cauteloso em relação às várias cenas que podem induzir o processo de ensino em grandes dramas, como castigos, grandes elogios, ou seja, algo que possa desviar a centralidade e consciência do ato de aprender e ensinar. É necessário manter-se imune às dualidades do processo educativo (nem repreender demais, nem elogiar demais), sobretudo a partir dos 12 anos de idade, quando ocorre o fim da infância, para Rousseau, e quando a criança está mais apta a “viver em sociedade”, ou seja, entender as demandas de uma boa convivência. Tornar-se homem, significa tornar-se adulto, carregado de responsabilidades, compreensivo às regras e às leis que regem a sociedade, passível de responsabilidades e punições. E se é como diz o filósofo, que “o homem é imitador, até o animal o é; o gosto da imitação é da natureza bem ordenada; mas degenera em vício na sociedade” (ROUSSEAU, 1973, p. 94), a responsabilidade do mestre se amplia, pois o mesmo deve ser um modelo, um exemplo para se pensar as brincadeiras, os jogos e todas as atividades nas quais a criança se envolve, em seu processo de desenvolvimento cognitivo e motor, imitando-o e obedecendo as regras a ela passadas pelo educador.

> As crianças, grandes imitadoras, tentam todas desenhar: gostaria que a minha cultivasse essa arte, não precisamente pela própria arte e sim para tornar seu olho justo e sua mão flexível. *E, em geral, pouco importa que ela saiba tal ou qual exercício, desde que adquira tal perspicácia do sentido e dos bons hábitos do corpo que se ganham com o exercício.* Evitarei por conseguinte dar-lhe um professor de desenho, que só a levaria a imitar imitações e a desenhar segundo desenhos: quero que ela não tenha outro professor senão a natureza, nem outro modelo se não os objetos (ROUSSEAU, 1973, p.145 – grifo nosso).

A ideia de sensibilidade em Rousseau se apresenta como algo diferente das teorias empiristas. Pois, em sua obra, o desenvolvimento da sensibilidade leva em conta a dimensão do amor-de-si, que é o sentimento natural de autopreservação. Mas não deixa de considerar a *piedade*, que é o sentimento pelo qual o ser humano se coloca no lugar do outro e procura ajudá-lo. Ademais, abre espaço para o aproveitamento do amor-próprio, que é o sentimento mais pernicioso, problemático e avassalador, pelo qual as paixões são fermentadas e facilmente conduziriam o sujeito ao egoísmo, ao hedonismo e à barbárie. No entanto, o desenvolvimento da sensibilidade se altera aos poucos e intensifica um movimento que vai da sensibilidade física à sensibilidade moral. Todas as atividades desenvolvidas, sejam físicas ou intelectuais, devem atentar para uma sensibilidade ativa, qual seja a do sentimento bondoso, amoroso e cuidadoso. Isto é, de negativa, a educação se torna positiva à medida que consegue educar o amor-próprio, fazendo silenciar as paixões e canalizando-as para o benefício de todos. É quando a sensibilidade deixa de ser passiva para se tornar ativa. No caso da Educação Física, é quando realmente o aluno tem discernimento do potencial educativo proporcionado pelo *fair play* e pelo espírito esportivo nas competições, dando o melhor de si nas disputas, mas, respeitando as regras, o adversário e o professor.

Desse modo, a sensibilidade quando é passiva, é movida pela própria conservação, já quando a sensibilidade é ativa, estende-se a outros. Entretanto, a sensibilidade moral ou ativa, também pode ser movida pela sensibilidade física ou passiva, pelos atributos da arte. “Sendo, portanto, a educação uma arte” (ROUSSEAU, 1973, p. 11), ela se reveste do artifício curativo, tomando o princípio do veneno como remédio, para usar as paixões como elementos didáticos. No momento da competição, da disputa, por exemplo, o desejo é geralmente de sempre ganhar, de ser melhor que o outro, de conseguir sobrepor os obstáculos e sair vencedor. Desse modo, podemos afirmar que impulsionado pelo amor-próprio, o indivíduo buscará o prazer da vitória e a repulsa pela derrota e pela sensação da perda. Mas, existe um elemento muito importante para educação e formação intelectual e ética do indivíduo, que é a capacidade de educar o amor-próprio a fim de desenvolver a sensibilidade moral, a promover no indivíduo o ímpeto pela bondade, pelo respeito e consideração para com os demais participantes do jogo, da brincadeira ou da competição. A “arte” do educador é fazer com que os participantes entendam que o outro não é considerado um inimigo ou alguém que deve ser superado a qualquer custo; mas sim, alguém que tem sentimentos, afetos, sensibilidades e por alguma ocasião está também em uma disputa, tal como o preceptor fez com Emílio, no *episódio dos doces*.

3.2 A competição é uma condição humana

Rousseau colabora de modo fundamental para a discussão sobre a formação integral do indivíduo, abordando questões que relacionam intrinsecamente corpo e mente. Suas reflexões ajudam na compreensão da necessidade do homem adulto e da criança saber compreender e utilizar todos os seus sentidos, não somente a força e a velocidade, mas também a observação e a análise minuciosa das coisas; saber sentir o processo de forma mais humana e saber aproveitar os momentos de jogo e disputa para as trocas significativas e para a ampliação das relações humanas. Além de braços e pernas, mãos e pés, é necessário apropriarmos melhor os olhos e ouvidos, usufruindo dos sentidos que normalmente ficam em segundo plano, mas que são preponderantes para as relações sociais dos indivíduos. Assim sendo, suas reflexões também ajudam a romper as barreiras entre corpo e mente, além de colocar em xeque a supervalorização atual do apelo exagerado ao corpo, à musculação e a todo ideal estético do fisiculturismo, sem o devido desenvolvimento das capacidades psicológicas, sociais, culturais e filosóficas.

Quando Rousseau (1973, p. 131) afirma que o preceptor PREFERE que Emílio tivesse olhos nas pontas dos dedos a os ter na loja de um vendedor de candelabros, querendo enfatizar a importância da criança e do ser humano, independentemente da idade, saber utilizar muito bem seus sentidos. Em vez de sobrevalorizar a mente, representada aqui pelas luzes do candelabro, o educador deve primar pelo desenvolvimento dos sentidos, da sensibilidade física da criança, representada pelos dedos. Tudo começa pelo corpo, isto é, pelas atividades físicas. Quando Rousseau (1973, p. 139) diz: “Que Emílio corra todas as manhãs descalço, em qualquer estação, pelo quarto, pelas escadas, pelo jardim”, está enfatizando a importância do envolvimento do corpo e, por ele, o desenvolvimento dos sentidos, da sensibilidade, do sentir a natureza. O simples fato de correr, saltar, agachar, o indivíduo está desenvolvendo suas capacidades motoras e aprimorando as práticas corporais (DARIDO, 2011, GALLAHUE, OZMUN, 2013). É daí que o trabalho pedagógico parte para um gradual desenvolvimento da sensibilidade moral. Assim, embora se possa pensar que é uma faculdade única, a sensibilidade moral, ao contrário da física, resulta de uma evolução ou de um desenvolvimento. O eu absoluto da criança só pode se tornar, ao longo do crescimento e da convivência com os outros, um eu relativo, ou seja, um eu que se relaciona com seus pares, mesmo quando o tipo de relação que se estabelece não é fixo. A ação do tutor de Emilio intervém nesse processo que levanta todo um programa educacional.

Essa afirmação do preceptor que diz sobre sua preferência de vivência prática de Emílio, também propicia uma discussão ampla sobre o contexto atual da sociedade em que as crianças estão inseridas e o papel da Educação Física. O aprimoramento das atividades físicas deve objetivar o sentido moral? deve priorizar a saúde? a estética? o alto rendimento? a glória olímpica? ou apenas as atividades recreativas? Na questão da saúde, por exemplo, a Organização Mundial da Saúde destacou que 80% dos jovens e crianças estão obesos ou com sobrepeso no mundo inteiro, esse é um fato que diz muito sobre o estilo de vida e a educação dos indivíduos na atualidade. Aqui talvez esteja a grande contribuição de Rousseau, ou seja, a grande inovação desse filósofo em relação aos estudos do corpo e da mente. O autor genebrino, a nosso ver, elucida a questão mais profunda que implica a prática de uma atividade física, seja ela uma competição, um esporte recreativo, uma dança ou qualquer outra prática: o que está em jogo é a formação humana. Ou seja, por meio de uma atividade corporal, puramente recreativa, o autor reflete sobre a necessidade de o indivíduo ter consciência daquilo que está fazendo, dizendo, ouvindo e sentindo. Ter consciência do que está aprendendo, para saber o que quer ser. Desse modo, mais importante do que jogar, desenhar, tocar algum instrumento musical, dançar e/ou competir, é compreender qual a importância de tais atividades (práticas corporais) para si próprio e para o ambiente social em que está inserido. Em síntese, evidenciamos novamente, como citamos nas páginas 93 e 111 deste trabalho, essa passagem em que Rousseau aborda a importância da consciência, do movimento consciente, na formação do ser humano: "em geral, pouco importa que ela saiba tal ou qual exercício, desde que adquira tal perspicácia do sentido e dos bons hábitos do corpo que se ganham com o exercício" (ROUSSEAU, 1973, p. 145).

Por isso que semelhante à injustiça sofrida durante os jogos, a situação do *episódio dos doces* habilita o jovem educando a se sensibilizar com os infortúnios e a procurar uma relação justa com os demais, mesmo que isso signifique prejuízo para consigo mesmo. Tendo assim protagonizado a perda, tanto nesse episódio quanto no das favas, seu senso de justiça é aguçado no sentido de reparar os danos sem, contudo, prejudicar os demais. Colocar-se no lugar do outro e sentir sua perda é o imperativo da compaixão e o liame necessário ao estabelecimento das boas relações sociais.

> De resto é preciso lembrar-se de que todos esses meios pelos quais arranco meu aluno de si mesmo têm contudo uma relação direta com ele, posto que, não somente deles resulta uma alegria interior, como também, em o tornando propenso ao bem dos outros, eu trabalho para sua própria instrução. (ROUSSEAU, 1973, p. 284).

A função da pedagogia do esporte e do profissional que trabalha com esporte, principalmente com crianças e jovens, é, segundo Santana (2005, p. 10), "cultivar um modo de

pensar e agir comprometido com a condição humana das pessoas". Diante disso, o autor continua afirmando que essa perspectiva não exclui o desenvolvimento das capacidades, das habilidades e nem das competições. Mas, vai além: "a tarefa da pedagogia é a de favorecer o bem-estar das pessoas e a sua vida social" (Idem.). O que se desponta como objeto de análise é a possibilidade de uma educação que tenha como foco o desenvolvimento biofísico atrelado ao desenvolvimento moral e social. Enfim, quando analisamos esse episódio, junto aos demais que, no *Emílio*, trazem outras atividades lúdicas pelas quais a criança desenvolve suas habilidades físicas e amplia sua sensibilidade, é possível dizer que Rousseau pretende desenvolver na criança uma racionalidade sensitiva, contrária à perspectiva da razão intelectiva, cartesiana e sem conexão com a realidade concreta.

Um exemplo desse raciocínio é o livro *As aventuras de Telêmaco*, que Sofia leu e apresentou ao Emílio. Esse livro literário de Fénelon foi uma ideia que a partir do "quarto livro da Odisséia de Homero: cansado de esperar a volta do pai e preocupado com os perigos que ameaçam sua ilha, Telêmaco decide sair ao encontro de Ulisses" (BRITO, 2009, p. 33). E essa busca é repleta de aventuras, desafios e obstáculos que foram vivenciados por Telêmaco. Desse modo, vale ressaltar a coragem, a necessidade, as experiências vivenciadas e a formação moral presente nessa obra literária. Desse modo, para Minerva, deusa da sabedoria, incorporada na figura de Mentor, o preceptor de Telêmaco, o filho de Ulisses, instrui o rei de Creta dizendo que um rei precisa zelar pela educação das crianças, encaminhando-as ao encanto da música e às atividades físicas. Diz Fénelon (2006, p. 173 – grifo nosso): "Mentor acrescentou ser sumamente importante criar escolas públicas para afazer a juventude *a intensos exercícios físicos* e evitar a indolência e a ociosidade, que corrompem as melhores naturezas". E ainda continua: "Ele pretendia que grande variedade de jogos atléticos fosse ensinada, não só para infundir ânimo no povo, mas, sobretudo, para tornar os corpos rápidos, leves e vigorosos. Defendia a instituição de prêmios para estimular uma disputa honrada". E, considerando que a obra de Fénelon, *As aventuras de Telêmaco*, faz parte das leituras do personagem Emílio, é impossível afirmar que o pai da pedagogia moderna não tenha valorizado as atividades físicas. Mais do que isso, além de valorizá-las, deu uma outra dimensão ao sentido de competitividade, pelo qual podemos evitar os excessos e melhor compreender a condição humana.

3.2.1 Competição e Educação Física: Formação e Condição Humana

Neste subitem procuramos defender a competição como uma característica importante de vivência e experiência do esporte e demais práticas corporais na área da Educação Física,

considerando as práticas competitivas essenciais para a formação humana. No entanto, não se trata de uma competição simplista com o intuito somente de apresentar os vencedores, que na maioria das vezes os são a qualquer custo, ignorando a prática da boa convivência nas práticas esportivas. Defenderemos uma competição vinculada à formação humana, enaltecendo os valores morais, espírito esportivo, capacidade de reflexão mediante às vivências, experiências e participações nas aulas de Educação Física, seja nas práticas competitivas entre as turmas escolares, entre escolas ou competições fora do ambiente escolar: "A organização da competição não pode ter um fim nela mesma, mas um meio para a educação" (REVERDITO *et al.*, 2008, p. 41).

Ademais, compreendemos competição na área da Educação Física como, "elemento fundamental do esporte, que dá sentido à sua existência, e é nela que a manifestação do esporte se realiza em sua plenitude. Portanto, qualquer ação orientada para o ensino e aprendizagem do esporte não está desvinculada da necessidade de se aprender a competir" (REVERDITO, 2008, p. 37-38). Vamos além, afirmamos que as práticas competitivas não se limitam ao esporte, mas se estendem aos outros conteúdos e temáticas que compõem a Educação Física, tais como os jogos, danças, exercícios físicos, etc. Então, a proposta aqui é ressaltar a competição como elemento formador e pertencente ao ser humano, por exemplo, Huizinga (2018, p. 14) afirma que há uma tensão no jogo. O jogo é tenso quando existe descontração, divertimento e ao mesmo tempo proporciona a necessidade de acontecer algo, uma vitória, alguma coisa "vá ou saia" do lugar, o desejo de realizar alguma tarefa ou superar algum obstáculo: "É este elemento de tensão e solução que domina em todos os jogos solitários de destreza e aplicação, como os quebra-cabeças, as charadas, os jogos de armar, as paciências, o tiro ao alvo, e quanto mais estiver presente o elemento competitivo mais apaixonante se torna o jogo".

De acordo com Rose Júnior (2002a, p. 20) competição em sentido amplo é um processo "que envolve múltiplos aspectos que interagem para proporcionar aos atletas as melhores condições de atuar. Esses aspectos estabelecem uma relação entre o indivíduo (atleta) e os diferentes fatores que fazem parte do meio ambiente competitivo (local, adversários, árbitros, técnicos, torcida, preparação, clima, etc.)". Nesse caso, existem fatores internos como questões biológicas, fisiológicas, psicológicas, motoras, e, fatores externos como expectadores, patrocinadores, colegas de equipe, professores, demais alunos, entre outros elementos que influenciam na atividade competitiva em que os participantes estão inseridos. Portanto, seja na escola ou fora dela, a competição contempla diferentes elementos capazes de formar a personalidade humana.

Assim, pode-se entender que “a competição como um fator cultural, seja considerada como motor de progresso e de desenvolvimento humano e social, pois, apesar de estar diretamente identificada com o esporte, ela também aparece em diferentes setores da vida das pessoas, como a família, a escola e o trabalho” (ROSE JÚNIOR, 2002b, p. 68). Em vista disso, afirmamos que a competição é um elemento essencialmente formativo e constitutivo da condição humana, presente desde as atividades mais simplórias às mais complexas em contextos individuais ou sociais. A competição pode ser definida como:

> A situação na qual é feita uma comparação do desempenho de uma pessoa com algum padrão já existente, com outra pessoa ou com um grupo de pessoas na presença de pelo menos um indivíduo que conhece os critérios para essa comparação e possa avaliar o processo. Esse padrão pode ser um resultado pessoal, um recorde ou uma obtenção de vitória sobre um adversário ou uma equipe (ROSE JÚNIOR, 2002b, p. 69).
> A competição é uma situação de realização social em que o indivíduo tem que demonstrar determinadas capacidades e habilidades na presença de outras pessoas (Idem, p. 69).
> Na sua forma mais simples de interpretação, a competição pode ser entendida como o momento no qual os indivíduos ou os grupos se confrontam para buscar um mesmo objetivo (Idem).

Assim sendo, a competição é um complexo elemento da condição humana, pois, de imediato temos a intenção de estabelecer uma característica coletiva para as práticas competitivas, no entanto, há competições individuais e até mesmo da própria pessoa consigo mesmo. Por exemplo, quando uma pessoa tenta superar os seus limites em uma corrida ou caminhada, visando percorrer um parque em menor tempo possível, ou então, quando o estudante estabelece metas a serem cumpridas em suas tarefas, seja em relação a notas, aprovações ou mesmo escrever um artigo científico. Já em relação ao esporte, pode-se compreender também que a competição está implicitamente ou explicitamente vinculada ao esporte de alto-performance (TUBINO, 2011), pois:

> Competir significa estar preparado para enfrentar os desafios da demanda situacional e desempenhar no mais alto grau de excelência. Sob esse ponto de vista, a competição é o ponto máximo do atleta. É o momento no qual ele demonstra suas qualidades e fraquezas e é avaliado por pessoas especializadas e leigas. A competição exige domínio das habilidades envolvidas, conhecimento teórico (técnico, tático, fisiológico e psicológico) das variáveis presentes no processo e fundamentalmente submissão a intenso treinamento. O objetivo é sempre atingir o melhor resultado e, na maioria das vezes, esse “melhor resultado” significa a vitória (ROSE JÚNIOR, 2022b, 69).

A complexidade da competição é ampla, haja vista que a mesma está presente em quaisquer das atividades humanas, entretanto, como percebe-se, ela se destaca principalmente no esporte de alto rendimento. Algumas particularidades como comparação, confronto, individualidade, força, beleza, saúde, cultura, contribuem na consolidação da competição da pessoa consigo mesmo e com outrem: “Na verdade, competir é um fator normal, pois, desde o

nascimento o ser humano compete pela vida em todas as suas dimensões" (ROSE JÚNIOR, 2002b, p. 71). No esporte de alto rendimento ou nas escolinhas de iniciação esportiva, o atleta ou aluno é submetido a diversas avaliações e comparações, feitas com padrões próprios ou em relação a seus adversários. "O confronto é inevitável" (Idem, p. 71). Existem quatro fatores fundamentais quando se compete, independentemente do nível da competição ou dos competidores, eles são:

> *Confronto*: realizado entre dois ou mais indivíduos ou equipes, direta ou indiretamente, dependendo do tipo de esporte. Algumas vezes o confronto é pessoal, quando o indivíduo tenta superar marcas próprias ou recordes pessoais. *Demonstração*: oportunidade de demonstrar as capacidades e as habilidades aprendidas e desenvolvidas nos treinamentos ao longo da vida esportiva. Fica bem claro que nesse momento também aparecem as fraquezas e as debilidades do atleta. *Comparação*: pode acontecer em função de um padrão próprio ou estabelecida a partir de modelos externos. A comparação pode ocorrer em relação ao próprio desempenho ou ao desempenho de um outro atleta. *Avaliação*: a avaliação do desempenho pode ser qualitativa (quando se avalia o processo ou a qualidade de um movimento realizado) ou quantitativa (quando se leva em consideração o produto a partir de normas de referência numéricas baseadas em algum critério bem-definido). Essa avaliação também depende do tipo de esporte e dos objetivos determinados especificamente para uma competição (ROSE JÚNIOR, 2002b, p. 71).

Desse modo, o grande desafio é saber trabalhar a competição no ambiente escolar, haja vista que a mesma foi alvo de críticas das novas abordagens que se constituíram na Educação Física, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, e que se estenderam aos dias atuais (SOARES *et al*, 1992, 1992; BRACHT, 1986; BRACHT, 2009; KUNZ, 2006; MEDINA, 1983; NASCIMENTO, 2014; SURDI e KUNZ, 2007; TAFFAREL, 2016; entre outros) principalmente pela reprodução na escola dos códigos, linguagens e valores transmitidos do esporte de alto rendimento, em especial a valorização e a busca insana pela vitória – tema que iremos discutir a seguir. Logo, tornou-se uma concepção praticamente unanime de que "a competição deve ser usada com bastante parcimônia e cautelosamente no processo ensino-aprendizagem em EF" (FERREIRA, 2000, p. 98). E como já foi interpretada como algo ruim, é possível aplicar aqui a fórmula rousseauniana do "veneno como remédio" se a dosagem for apropriada.

A autora Dissanayake (1995, p. 12) afirma que a escolha pela colaboração e o desdém para com a competição é devido o tema ter mais chances de atrair a atenção e o interesse do público, pois está relacionada à ideia de participação e ajuda ao outro:

> Uma etologia humana que enfatiza a conectividade humana, a harmonia grupal, a interdependência e a cooperação (embora a serviço do interesse individual) tem mais

> chances de atrair o interesse de um público mais amplo do que uma posição que enfatiza decepção, competitividade e conflito[132].

Não acreditamos ser o caminho correto ignorar ou tentar excluir as práticas competitivas das aulas de Educação Física, por tudo que expusemos neste estudo. Ademais, de acordo com Machado (2006, p. 23) omitir a competição numa sociedade "que a mantém em sua natureza é criar um quadro artificial que levará à aquisição forçada de situações abstratas, servindo mesmo para provocar ou acentuar desajustamentos, marginalização e conflitos diante da realidade social em que se vive de fato". Assim, a competição é um elemento constitutivo da condição humana, ela "assume e transcende à plenitude da própria condição humana e de humanização ao reconhecer os competidores competindo" (REVERDITO *et al.*, 2008, p. 38) e, ignorá-la significa aceitar a fragmentação da prática educativa nas aulas.

Negligenciar, ignorar ou não se apropriar das possibilidades educativas que a competição é capaz de proporcionar significa fragmentar o processo ensino-aprendizagem do esporte e da Educação Física de um modo geral. Uma das principais crítica à competição e que gera sua repulsa, como vimos anteriormente, é a sua característica de poder gerar a violência e alta competitividade, no entanto, como afirma Godoy (1996, p. 65) tratando-se dos Jogos Olímpicos Antigos, "essas competições representavam a cada quatro anos o maior encontro pacífico de todos os gregos, pois iniciavam-se com a suspensão das hostilidades". Ora, a violência pode ter mais a ver com o modo que se trabalha a competição do que com os próprios jogos ou competições em si. Vale destacar que de modo algum estamos negando a possibilidade de violência nas práticas competitivas, sobretudo, nas competições olímpicas antigas e nas competições de gladiadores no Império Romano. Estamos fomentando uma reflexão a partir dos elementos que nos são servidos mediante a discussão dessa emblemática relação entre competição e educação. Porquanto, a concepção geral, de senso comum, tem em vista que as atividades físicas focam muito na questão corporal e deixam de lado o aspecto intelectual, que deveriam caminhar juntos. Ou seja, parece ser uma atividade descolada da cultura. Nada mais errado do que isso, pois desde suas origens os jogos tinham um laço forte com a produção intelectual e cultural como um todo. Godoy (1996, p. 67) acentua bem isso ao dizer que "filósofos, poetas, escritores, oradores, pintores, escultores compareciam para divulgar sua cultura e sua arte" em todos os jogos. Se hoje houve um declínio dessa perspectiva, pode ser

[132] No original: "A human ethology that stresses human bondedness, group Harmony, interdependence, and cooperation (albeit in the service of perceived individual self-interest) is more likely to attract the interest of a wider public than a position that emphasizes deception, competitiveness, and strife" (tradução livre).

por causa do próprio declínio cultural da humanidade, sobretudo do Ocidente, como acentua Bloom (1989) em seu livro *O declínio da cultura ocidental*.

Sendo assim, como alternativa para evitar tais críticas, a competição não pode ser compreendida como um tema qualquer na Educação Física, fomentando a esportivização e desejo de competir por competir com o intuito de apenas provar que é o melhor entre os participantes. Também, a vitória não pode ser encarada como o fim do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, tratá-la como o mais importante desse processo. Conquistar uma vitória representa no ambiente educativo um elemento entre tantos outros fundamentais no trato pedagógico com os jogos, esportes e exercícios físicos de um modo geral. Pois, se o professor e a escola cair na armadilha da valorização e exacerbação da consagração à vitória, poderão contribuir, por exemplo, para a criação de um ambiente traumático e repulsivo para os não vencedores em relação a atividades físicas: "Não é raro conhecermos pessoas que atribuem o desgosto e o afastamento da prática regular da atividade física a experiências negativas na escola, muitas delas relacionadas à competição" (FERREIRA, 2000, p. 97). Assim, o desgosto, a repulsa, a não aceitação das atividades físicas se fortalece no ser humano e o jogo torna-se desestimulante quando o aluno só perde (VIGOTSKI, 2003).

Em relação ao desgosto, repulsa, não aceitação do jogo, esporte e atividade física, torna-se importante destacarmos uma área que muito tem evoluído nas últimas décadas, a Psicologia do Esporte, que investiga os processos psicológicos dos participantes nas práticas esportivas, antes, durante e depois. Especificamente, essa área preocupa-se em trabalhar com "as realizações, decepções, minimizar efeitos negativos das torcidas, ressaltas aspectos positivos de uma liderança, delimitar os papéis dos elementos dos grupos para seus dirigentes, simplificar as cobranças dos pais, fãs e familiares dos atletas" (MACHADO, 2006, p. 5). Em suma, é necessário enfatizar que os processos psicológicos que são estudados pela Psicologia do Esporte são de literalmente todas as pessoas envolvidas com as práticas competitivas e não somente os atletas. Pois, somente assim é possível interpretar o esporte e a competição em sua plenitude, ou seja, ressaltando suas dimensões sociais (TUBINO, 2011), sua capacidade de ser um elemento de espetacularização (BRACHT, 2005), bem como seus aspectos psicológicos, fisiológicos, físicos e motores (TUBINO, 1984; MCARDLE, KATCH, KATCH, 2016; GALLAHUE, OZMUN, GOODWAY, 2013).

Em relação aos aspectos psicológicos, o estresse é um elemento que muito tem mobilizado o interesse dos pesquisadores dessa área devido suas influências no organismo humano causadas pelas práticas competitivas. Vale destacar que o estresse do ser humano não é consequência exclusiva do esporte e da competição. Mas sim, "é uma consequência normal

do nosso envolvimento com as situações do dia-a-dia que nos exigem responsabilidades, decisões, obrigações e nos levam a conflitos. Uma explicação simples é que o estresse é nossa resposta emocional para os acontecimentos da nossa vida" (SABA, 2008, p. 174). Constata-se que o estresse é entendido como "qualquer fator que perturbe o equilíbrio homeostático do corpo, ou seja, que 'bagunce' suas funções" (Idem, p.174) e pode ser compreendido em seus aspectos positivos, "em situações agradáveis, como quando nos apaixonamos, quando nos envolvemos em algum projeto ou trabalho com o qual nos entusiasmamos ou quando praticamos exercícios num ritmo moderado" (Idem, p. 175) e também os aspectos negativos, vinculados "a exigências, cobranças e riscos" (Idem).

Todavia, nas práticas competitivas o estresse é algo emblemático e que normalmente é um fator prejudicial nas tomadas de decisões dos atletas, em suas particularidades técnicas e táticas, e também, em casos específicos da própria saúde dos participantes, principalmente e justamente por essas exigências e cobranças excessivas que são próprias do alto rendimento esportivo:

> O esporte competitivo é um evento causador de estresse, com o atleta desempenhando suas habilidades em níveis muitos altos e sob circunstâncias nas quais há um oponente tentando dificultar a ação; ambos sempre perseguindo a performance. O estresse é vivenciado numa competição quando o atleta percebe que não pode enfrentar com sucesso as situações que se apresentam, antecipando consequências negativas. Ou quando as desempenha com sucesso, mas tem que mantê-las no mesmo patamar, por um determinado tempo, ou até precisa superá-las em seguida, como numa prova classificatória de esportes individuais ou numa seletiva de esportes coletivos, quando os jogos são em dias seguidos (MACHADO, 2006, p. 97).

Desse modo, o estresse é algo fundamental a ser tratado quando falamos em esporte e práticas competitivas, pois, o sucesso ou fracasso nas competições e de suas influências nas práticas educativas dependem do modo que o próprio estresse é trabalhado, sendo negligenciado ou bem conduzido nos períodos de treinamento ou de ensino. Por exemplo, uma atleta de ginástica artística ao se apresentar individualmente, um atleta de basquetebol ao arremessar uma bola decisiva poucos segundos antes do cronometro zerar, um judoca que se prepara no ciclo olímpico durante quatro anos e carrega o peso nas costas de ser eliminado da maior competição esportiva do mundo em cinco minutos ou em apenas um golpe em questão de segundos. Bem como nas aulas de Educação Física escolar quando a turma está jogando voleibol e no momento do saque o aluno falha simplesmente pelo fato de todos estarem olhando para ele. Vários são os exemplos que podem ser citados destacando a influência do estresse nas práticas competitivas condicionando o movimento técnico, a integração entre os participantes e a adesão ou negação ao esporte por parte dos atletas ou alunos.

De acordo com Rose Júnior (1999; 2002a) em circunstâncias esportivas e competitivas podem ser destacadas duas situações de estresse; a) fatores individuais como estado físico, estado físico, condição técnica, características pessoais, experiências, nível de aspiração, nível de expectativa em relação ao desempenho e à carreira esportiva. b) fatores situacionais destacados como local e material dos jogos, preparação e treinamento, situações específicas de jogo, adversários, técnico, arbitragem, torcida, aspectos administrativos e organizacionais da equipe e das entidades organizadoras de eventos, entre outras. Assim, a amplitude do esporte é abordada nessa questão da competição e a busca dos resultados, a busca pela vitória, a busca incessante para ser o melhor, acaba prejudicando o desenvolvimento e a adesão de crianças, jovens e até mesmo adultos ao mundo esportivo. Um caso psicológico que ganhou destaque na mídia internacional foi a desistência, inclusive de uma final do individual geral, da ginasta dos Estados Unidos da América, Simone Biles, nas Olimpíadas de Tóquio em 2021. Mesmo sendo considerada por muitos, a melhor ginasta de todos os tempos, essa atleta após uma avaliação psicológica decidiu interromper sua participação nos Jogos Olímpicos, priorizando sua saúde mental. Isso foi um fato ocorrido com uma atleta de alto rendimento, que teoricamente deveria estar preparada para essas situações (ROSE JÚNIOR, 2002a), imaginamos quais os efeitos traumatizantes que o estresse pode causar em crianças e jovens ainda em formação e que estão em contato direto ou indireto com as práticas competitivas, se as mesmas não forem bem trabalhadas e compreendidas.

Malgrado todos esses riscos, não se trata de eliminar a competição, mas “adoçá-la”, como fez Jean-Jacques, o preceptor de Emílio e compreender tantos os princípios letais quanto os medicamentosos desse “veneno”. Segundo Machado (2006, p. 99) devemos ter uma “percepção do nosso corpo, entender suas necessidades e regularidades, perceber o limite e a possibilidade de superá-lo gradativamente, para termos a capacidade de sentirmos, através dele, o prazer e aceitarmos a dor quando ela aparecer”. Assim sendo, aceitar e compreender que é normal ocorrer dores físicas e entraves psicológicos, como, superar ou ser superado pelos obstáculos, significa ter discernimento de que o processo de treinamento (BOMPA, 2001; DANTE, 1995; WEINECK, 2003, 1999) é natural para o bom desempenho esportivo do atleta e aprendizagem do aluno. No entanto, essa normalidade só ocorre e é realmente bem compreendida quando há uma conscientização sobre os aspectos positivos e negativos dos elementos constitutivos do esporte e da competição. Portanto, somente com a percepção sobre o próprio corpo, sobre as práticas corporais em que as pessoas estão envolvidas, sobre a competição e a vida de um modo geral, o ser humano terá a compreensão de que o estresse

sempre estará presente e o acompanhará em quaisquer atividades rotineiras que forem desenvolvidas, por isso a importância em entender os aspectos positivos e negativos do mesmo.

Desta feita, um desses elementos que caminha ao lado do estresse humano e que mobiliza grandes discussões nas práticas esportivas e competitivas é a questão da saúde, principalmente, no que diz respeito à pergunta se o esporte promove a saúde ou não. A princípio, para responder essa questão é necessário saber qual dimensão social do esporte está sendo mencionada, ou seja, evidenciar se é o esporte de alto rendimento, se é o esporte participativo, o esporte educacional (TUBINO, 2011) ou o esporte espetáculo (BRACHT, 2005) normalmente veiculado pela mídia (BETTI, 2001). Haja vista que o esporte participativo e educacional, sim, oferece a possibilidade da busca pela saúde aos seus praticantes, seja de modo implícito ou explícito. Já o esporte espetáculo é notabilizado como o próprio nome diz, um artifício midiático oferecido aos espectadores apaixonados pelo esporte. Por fim, o esporte de alto rendimento é a dimensão social que merece aqui um destaque maior, pois, tanto para o senso comum – por exemplo, pessoas que não se dedicam aos estudos acadêmicos e científicos sobre esporte – quanto para os estudiosos e pesquisadores do esporte, esse é um tema emblemático mobilizando diversas opiniões. Logo, acreditamos e afirmamos que o alto rendimento não promove saúde. Nesse caso, enfatizamos que para ser um atleta de rendimento e competir em alto nível é necessário como requisito básico, ser saudável. Em suma, no esporte de alto nível, ou é saudável ou não é atleta.

Como já abordado anteriormente, para competir, vencer e conquistar o reconhecimento social ou de si mesmo – autoestima – é fundamental ter os atributos necessários de um vencedor. É necessário ter saúde. Isso não é exclusividade do esporte moderno, esse elemento da competição data de uma longa história, desde os tempos remotos em que os primatas lutavam a todo momento por sua sobrevivência. O que também aconteceu nos primórdios da humanidade, e depois no mundo antigo, com os Jogos Olímpicos Antigos, gerando reconhecimento da sociedade, sendo considerado até mesmo como heróis.

Desse modo, percebe-se que a saúde foi um termo muito citado neste trabalho, pois justamente a compreendemos como um elemento essencial da competição, vinculada intrinsecamente à educação, sociedade, política, cultura e esporte. Logo, foram apresentadas na nota de roda pé número treze, no primeiro capítulo, duas definições bem consideradas pelos estudiosos do campo da saúde: a) definição da Organização Mundial da Saúde (OMS): saúde como um completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade (BATISTELLA, 2007a); b) definição elaborada pelo Ministério da Saúde do Brasil no Relatório Final da 8ª Conferência Nacional da Saúde no ano de 1986: a

saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, saúde é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. É importante grifar que as duas definições são importantes e ajudaram a notabilizar a discussão sobre saúde ao longo do tempo, cada qual em suas particularidades históricas e especificidades. Contudo, a compreensão sobre saúde no decorrer da história foi sendo modificada com o intuito da transformação ou manutenção dos interesses políticos, sociais, culturais e educacionais, no entanto, sempre esteve presente como fio condutor histórico a prerrogativa de um corpo forte, robusto e moldado.

Assim, mesmo que de modo breve, é necessário citar o caminho de transformação histórica da interpretação de saúde e ser uma pessoa saudável, pois, essas modificações acompanharam também a evolução da Ginástica/Educação Física, do esporte e das práticas competitivas. Consideremos as interpretações Mágico-Religiosas, sendo que no Período Paleolítico e Neolítico destacaram-se os seguintes elementos: descoberta e domínio do fogo, linguagem rudimentar, caçadores-coletores, nômades, cultivo da terra, produção de alimentos, domesticação de animais (COTRIM, 2002). Nesse contexto, as doenças e ferimentos que não pudessem ser entendidos por quedas, cortes, lesões durante a caça, eram compreendidos como ação sobrenatural dos deuses ou de demônios. Desse modo, ocorriam as ações de curandeiros e benzedeiros (BATISTELLA, 2007b). Em alguns séculos depois, nasceram as primeiras explicações racionais: a medicina hipocrática[133]. Apogeu da civilização grega e as explicações para os fenômenos da saúde e da doença; as ações de higiene e de educação em saúde estavam baseadas na recomendação de um modo ideal de vida, em que nutrição, excreção, exercício e descanso eram fundamentais. A relação com o ambiente é um traço característico da

[133] "Hipócrates de Cós (460-370 a.C.), filho de médico, aluno de Heródico de Selímbria, nascido de uma família de sacerdotes-médicos - diziam ser descendente de *Asclépio* -, rompeu com o culto estabelecido, não visitou o Oriente nem o Egito (os estágios no exterior da época), praticou e ensinou sua medicina em Larissa, Tasos, Delos, Abdera, Perinto, Crotona e outras cidades, acompanhado de assistentes e auxiliares, conforme o costume da época. Quando Péricles morreu vitimado pela peste em Altina, em 481 a.C., Hipócrates lá se encontrava. Mostrando que quem é bom nasce feito, foi cognominado o "Pai da Medicina", sendo a personalidade central do que é chamada a "Escola Hipocrática", que refugou a visão templista do curandeirismo mágico e, além dos postulados éticos, começou a dar à Medicina uma conotação de corpo integrado por disciplinas, indo do diagnóstico ao tratamento e prognóstico. É importante ressaltar que, embora o Hipócrates histórico, figura totalmente humana, tenha sido famoso como médico e professor, nenhum tratado isolado pode ser seguramente identificado como sendo dele e muitos dos detalhes tradicionais de sua vida são invenções posteriores a ela. Contemporâneo de Sócrates, Platão, Heródoto, Tucidides, Fídias, Polignoto e Péricles em Atenas, vivendo numa época áurea e numa cidade que liderava intelectualmente o mundo e para este mostrava os caminhos da inteligência, da razão, da beleza, da harmonia e da grandeza, deixando um sombrio passado para trás, Hipócrates representou para a Medicina
o que as maiores contribuições de seus iluminados contemporâneos representaram para a filosofia, as artes e a política" (GOTTSCHALL,2007).

compreensão hipocrática do fenômeno saúde-doença. Assim, a saúde aos poucos foi sendo compreendida como equilíbrio entre o ser humano e o meio em que estava inserido (BATISTELLA, 2007b).

Na Idade Média a relação da saúde com a doença é permeada, entre outros fatores, por pressupostos teológicos entre o castigo e a redenção. O tratamento das doenças em acordo com a medicina clássica foi trocado em muitos casos por rezas, penitências, invocações de santos e exorcismos (BASTITELLA, 2007a). Já no Renascimento, novos olhares conduziram o discurso sobre saúde, baseando-se em um conhecimento mais científico, estruturado no empirismo e racionalismo (SEVERINO, 2007). No campo da saúde passam a ser desenvolvidos um maior número de estudos de anatomia, fisiologia, e de individualização da descrição das doenças, fundada na observação clínica e epidemiológica (BATISTELLA, 2007b).

Na Modernidade, ocorre um fenômeno essencial para a sociedade urbana e industrial, o surgimento da medicina social, destacando pontos significativos, por exemplo: Saúde como valor, fonte de poder e riqueza para o fortalecimento dos países. A medicina do século XIX se modifica, introduzindo o controle dos corpos mediante a normatização dos espaços, dos processos e dos indivíduos. Ressalta-se a relação corpo e força de trabalho apresentando estatísticas vitais e de morbidade, vigilância, quarentena, epidemias. Na França, por exemplo, a medicina urbana é uma das grandes responsáveis pela organização da vida em comunidade. Na Inglaterra a medicina social caracterizou-se como medicina dos pobres, da força de trabalho e dos operários, contribuindo com aspectos ideológicos que se constituíam (FOUCAULT, 2018).

No Brasil difundiu-se a necessidade de construção de um país moderno, urbano e industrial (CASTELLANI FILHO, 1998; GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991), fortalecido por um discurso sobre saúde e corpo saudável (GOIS JÚNIOR, 2003; SOARES, 2007), visando a formação de um novo homem mediante os principais pilares: saúde, moral, social e profissional (COSTA, SANTOS, GÓIS JÚNIOR, 2014; GOIS JÚNIOR, 2003; SOARES, 2007). Para concretizar essa nova formação cultural em solo brasileiro, a ginástica – Educação Física escolar – era vinculada aos pressupostos higienistas e militaristas (DARIDO, 2011). Ao passar do tempo, novas abordagens sob diferentes concepções foram se constituindo e ampliando as discussões sobre saúde e sobre considerar um ser humano saudável e, com isso, o esporte e a competição foi acompanhando essas modificações, mediante diferentes eventos esportivos, trabalhos publicados e formação profissional (BÖHME, 2003).

Por conseguinte, entre essas novas abordagens que se dedicaram a saúde, encontram-se as abordagens reducionistas da promoção da saúde, que ao defender uma vida saudável

elaboram denúncias contra *Estilo de vida não saudável*[134]. Outra abordagem é a reconhecida, *Saúde como Direito*[135]; surgem também as *Abordagens Integradoras*[136]: a) o *Enfoque ecossistema da saúde*[137]; b) *Complexidade e processo saúde-doença*[138] e, por fim, c) *A Operacionalização de um conceito amplo*[139]. Desta feita, para compreendermos os elementos constitutivos da competição é fundamental entender esse movimento de evolução e transformação do conceito de saúde, pois, se a competição data desde os tempos remotos, a saúde também a acompanhou e serviu de condicionante decisivo em diversas práticas competitivas ao longo do tempo, seja por sobrevivência na Idade da Pedra, seja por força e destreza de gladiadores no Império Romano ou por exemplificação de corpo sadio nas essenciais transformações sociais da Modernidade.

Portanto, analisar, interpretar e contextualizar os diferentes conceitos de saúde, sobretudo, atualmente, é um salto qualitativo na análise das condições formativas de atletas de alto rendimento, desde a iniciação esportiva quando crianças, até se tornarem adultos como atletas de alto nível. Entretanto, como nosso intento foi ressaltar a importância da competição e geral, sem, contudo, fazer um discurso apologético, sobretudo no que diz respeito aos esportes de alto rendimento, levantamos algumas questões que necessitam de fecundas reflexões devido suas complexidades, por exemplo: Todas as crianças estão em condições iguais no processo de

---

[134] Condicionando a saúde aos exercícios físicos. Carvalho (2005) analisar e critica essas abordagens afirmando que não se trata de questionar o benefício de adoção de determinadas condutas e ações, como receber as vacinas, lavar as mãos, alimentar-se com uma dieta equilibrada, praticar esportes, nem de ignorar práticas nocivas à saúde. Interroga-se, sobretudo, sobre os limites da regulação social sobre os indivíduos e, principalmente, o alcance de suas recomendações diante de condições de vida restritivas. A autora ainda cita que essas abordagens desviam a discussão de fatores sociais, ambientais, econômicos e sobre as condições de trabalho que verdadeiramente influem fortemente no processo saúde-doença.

[135] Por sinal, se contrapõe a anterior e favorece as críticas elaboradas por Carvalho (2005). Ao defender um conceito ampliado e não somente vinculado aos exercícios físicos, a Saúde como Direito, no Brasil foi formulado na histórica VIII Conferência Nacional de Saúde (VIII CNS), realizada em Brasília, no ano de 1986 (Bastistella, 2007a, NEVES *et al.*, 2015; BANDEIRA *et al.* 2022; BAGRICHEVSKI, ESTEVÃO, PALMA, 2006) mencionada anteriormente. Já em aspectos internacionais, os países da América Latina durante as décadas de 1970 e 1980, consolidando as Reformas Sanitárias (BAGRICHEVSKI, ESTEVÃO, PALMA, 2006).

[136] Objetivam integrar os aspectos sociais e econômicos na explicação do processo saúde-doença.

[137] Compreende a relação saúde-doença como um processo coletivo; Uso desmedido dos recursos naturais e de seus impactos ambientais e sociais; Qualidade de vida: aspectos qualitativos x aspectos quantitativos. Desse modo, temos O Modelo conceitual dos determinantes sociais da saúde, afirmando as Iniquidades sociais: desigualdades injustas e inaceitáveis; Condições de vida e trabalho desiguais; Em maio de 2004 na 57ª Assembleia Geral da OMS, foi anunciada a intenção de criar uma Comissão Global sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CDSH); Em março de 2006 foi criada no Brasil, no âmbito do Ministério da Saúde, a Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) (BATISTELLA, 2007a).

[138] Abordagem totalizante; Complexidade dos fenômenos da vida, saúde, doença, sofrimento e morte; Conhecimento novo entre as disciplinas ou núcleos; Disciplinarização e disputas levam ao reducionismo analítico (BATISTELLA, 2007a).

[139] Enfoque político e técnico do processo saúde-doença-cuidado (BUSS, 2003, apud, BATISTELLA, 2007a). Em 1986 no Canadá a I Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde, de 1986 – Carta de Otawa: *Elaboração e implementação de 'políticas públicas saudáveis'; *Criação de 'ambientes favoráveis à saúde'; *Reforço da 'ação comunitária'; *Desenvolvimento de 'habilidades pessoais'; *Reorientação dos serviços de saúde.

formação de atletas na iniciação esportiva? Se esporte é saúde, por que ocorre tantas lesões? Se o esporte não é saúde, por que existe tantas tentativas de adesão das pessoas às práticas esportivas competitivas? Quais são as influências das condições políticas, sociais, culturais e educacionais na formação de atletas? Realmente existe esporte para ricos e esporte para pobres? Qual o problema por parte de alguns pesquisadores e professores de Educação Física em reconhecer a importância da relação entre saúde, competição e educação? A competição realmente é a grande vilã do processo ensino-aprendizagem do esporte e da Educação Física de um modo geral? Entre outras várias indagações que deveriam ser realizadas nos ambientes competitivos, sobretudo, nas aulas de Educação Física escolar, visando a conscientização dessa emblemática relação entre competição e saúde[140].

Esse é um processo que compreendemos como tomada de consciência. Essa tomada de consciência é fundamental no trato com a competição e seus elementos constituintes, pois, a educação, a saúde, a cultura, a beleza, a política, entre outros, são justamente os fios condutores para continuarmos tecendo a linha de raciocínio objetivando evidenciar a competição como elemento de formação humana. Para fortalecer essa ideia, destacamos a necessária relação entre Educação Física e Filosofia, no intuito de estabelecer uma conexão em que uma contribui com a outra em suas particularidades investigativas, sobretudo, da Filosofia da Educação Física. Igualmente, destacamos a importância da relação entre Educação Física e Educação, isto é, sua relação, como campo específico, com os processos educativos em geral.

Essas relações são muito importantes para a formação humana, uma formação em que o indivíduo tenha consciência de seus movimentos nas práticas corporais, de suas atitudes ao assistir o esporte, ao analisar os eventos esportivos e até mesmo na prática das simples atividades físicas, como caminhar, correr, saltar, agachar. Saber o que fazer e quando fazer, representa o marco inicial de um indivíduo que vai além das amarras reducionistas que dentem a aprisioná-lo no fazer por fazer, sem mesmo ter discernimento de suas atividades. Não queremos dizer que o indivíduo deva refletir o tempo todo em qualquer atividade em que for desenvolver, mas, o intuito aqui é enfatizar a conscientização em suas práticas corporais no ambiente em que está inserido, seja no trabalho, nos estudos, no lazer, no esporte e no descanso, principalmente, na competição. Enfim, que essa pessoa tenha entendimento de suas capacidades motoras e cognitivas.

[140] Como abordamos na nota de roda pé número 15, a ênfase na saúde como sinônimo de corpo forte, robusto e bem treinado, mutuamente relacionado ao esporte, é uma herança dos gregos antigos (GODOY, 1996) à Modernidade. É sobre essa concepção que se consolida o fio condutor do discurso médico-biológico sobre a relação saúde, competição, educação.

Educar, analisar, interpretar, compreender e transformar o movimento, significa ir além do simples movimentar de modo robótico. Haja vista que esse objetivo de educar somente o físico já foi ultrapassado, porquanto é impossível educar unicamente o corpo, amputando literalmente nossas reflexões. Se acreditarmos que isso é possível, iremos retornar à velha dualidade entre corpo e mente dos séculos passados. Do mesmo modo, refletir, não é unicamente atribuição de um filósofo, pois a reflexão induz o ser humano a investigar os fenômenos que interferem em nossa realidade social.

> Assim, quando nos referimos à relação necessária entre *educação física* e *filosofia*, queremos enfatizar que aquela não se define sem esta. Uma educação física que não tenha em sua constituição o viés filosófico, ou melhor, a educação física que não se mostre como uma constante atitude filosófica diante da sociedade em que se insere, caracteriza-se como um simples conjunto de movimentos corporais alienados (BARBOSA, 2005, p.17).

Desse modo, defendemos a necessidade da mútua relação entre Educação Física e Filosofia, sobretudo no ambiente escolar, em que os alunos verdadeiramente devem ter a noção de suas práticas corporais desenvolvidas nas aulas, seja nas brincadeiras, nos esportes, nas danças, nas ginásticas, enfim, em qualquer tema da cultura corporal. O fundamental é que o mesmo possa compreender a ação educativa em suas atividades, perceber as regras, as modificações estabelecidas, as transformações que podem ocorrer, a satisfação em participar, reconhecer e respeitar as diferenças entre os seus colegas e não somente em vencer. Essas são caraterísticas que não são desenvolvidas mecanicamente, mas sim, de modo que o aluno tenha capacidade de pensar sobre o que está fazendo nas aulas de Educação Física, somente assim, essa disciplina estará cumprindo o seu papel pedagógico e social ao mesmo tempo.

De acordo com Barbosa (2005, p.23), a filosofia "representa a procura pela verdade, não sua posse". Desse modo, procurar a verdade na área da Educação Física, significa evidenciar os agentes envolvidos com as práticas corporais, professores e alunos. Com isso, defendemos a ideia de que esses agentes não devem unicamente reproduzir os exercícios físicos, mas sim, produzir, construir, adaptar, criar, para as diferentes realidades em que se encontram. Com esse pressuposto, provoca-se no ambiente de ensino, indagações pertinentes, como: por quê jogar? Onde jogar? Como jogar? Por que se jogar assim e não do outro jeito? Quais as características políticas, culturais e sociais desses jogos? Quais as diferentes formas de desenvolver elementos técnicos e táticos para competir? Quais são nossas diferentes estratégias para competir e possivelmente vencer? Queremos vencer, mas somente isso basta no esporte? Isso é um modo de manifestar a reflexão nas aulas, visando formar indivíduos verdadeiramente conscientes. Assim, ressalta-se que a reflexão "é um pensamento consciente de si mesmo, capaz de

interrogar-se a si próprio" (BARBOSA, 2005, p.24) e acrescentamos, que a reflexão é a capacidade também, de o ser humano interrogar o mundo a sua volta.

Logo, a ênfase na vitória nas aulas de Educação Física traz consigo o desejo em mecanizar, robotizar, aprimorar os movimentos técnicos e isso pode gerar a marginalização do trabalho de outros elementos essenciais nas aulas, tais como questões sociais, políticas, históricas, éticas e estéticas, dos conteúdos. O jogar por jogar, competir por competir, praticar por praticar, faz "com que as aulas de EF, muitas vezes, sejam semelhantes a sessões de treinamento de clubes desportivos, com os alunos correndo em volta da quadra para aquecer e dispostos em filas para treinar as habilidades motoras de um desporto, por exemplo" (FERREIRA, 2000, p. 98). Assim, a busca pelo saque perfeito no voleibol, o arremesso perfeito no basquetebol, o salto perfeito na ginástica, o golpe perfeito nas lutas, enfim, a excelência do movimento torna-se o principal a ser alcançado nas aulas, ignorando a inclusão, participação, cooperação, adaptação de regras e demais aspectos culturais das práticas corporais, que se bem trabalhados podem ser aspectos motivadores nas aulas.

Quando o primordial nas aulas de Educação Física é reconhecer e ressaltar o vencedor[141], é atingir o ápice dos movimentos técnicos e táticos, é simplesmente a vitória, assim, o mérito dos demais participantes são omitidos: "A vitória seduz de tal maneira que são esquecidos aqueles que não vencem e cujos gestos desportivos são, às vezes, de uma plasticidade tão bonita quanto a dos vencedores" (FERREIRA, 2000, p. 97). Portanto, há beleza[142], arte[143], espírito esportivo e cooperação na competição. Em suma, nessa linha de raciocínio, as atividades competitivas devem ser "competitivo-colaborativa, facilitando uma significativa melhora no grau de cooperação entre companheiros e adversários, para que, assim, todos possam apropriar-se dos benefícios da competição" (REVERDITO *et al.*, 2008, p. 41), ou seja, há elementos além da vitória a serem ressaltados na competição.

A questão da cooperação na competição pode parecer contraditório, no entanto, REVERDITO *et al.* (2008, p. 42) citam a importância de "jogar com o colega adversário ao

[141] Esse é uma questão histórica das competições, haja vista que embora o título de "olimpiônico" era importante da na sociedade da Grécia Antiga, a vitória era essencial para o respeito e glorificação total do atleta (DOROY, 1996, p. 73).

[142] As práticas competitivas, os exercícios físicos, o jogo estão ligados ao domínio da estética porque tem uma tendência para ser belo (HUIZINGA, 2005).

[143] A seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1982 disputa na Espanha, apresentou o considerado futebol arte, por demonstrar plasticidade e improvisos de movimentos, diferentes dribles, diferentes ações técnicas e táticas nas partidas. As Ginásticas de um modo geral, demonstram graça, harmonia, beleza em seus movimentos, relacionando o corpo dos próprios atletas com os aparelhos. As diferentes danças e lutas possuem seus elementos harmônicos, movimentos técnicos imbricados com movimentos descompassados e improvisados, entre outras várias práticas corporais.

invés de contra" e esse adversário jamais deverá ser considerado um inimigo a ser derrotado a qualquer custo, fazendo alusão a uma guerra. Os autores Faria, Caregnato e Cavichiolli (2019, p. 5) chamam a atenção para a necessidade de resgatar os valores "educacionais do esporte, como o compromisso da solidariedade, do respeito humano, a importância do jogar como companheiro, e não contra o adversário". Para Freire (1991, p. 153) a cooperação na competição é um elemento lógico:

> Talvez pudéssemos prestar um pouco de atenção no fato, absolutamente lógico, de que, na ausência de um vencido, não poderia existir um vencedor. Alguém já imaginou que, aquele que é o primeiro colocado numa disputa de corrida a pé, só o é porque houve um outro que foi segundo? E que sua vitória terá sido ainda maior se atrás dele chegarem também um terceiro, um quarto e um quinto? Agradeça, vencedor, àquele que permitiu sua vitória! Bastaria que todos os competidores, menos um, se retirassem da pista, para que não houvesse vencedor, nem vencidos, nem competição.

Sendo assim, a capacidade de gerar a compreensão de que é possível jogar, praticar, competir com algum adversário sem se desmotivar, é essencial para a formação do indivíduo mediante o trato com o esporte. Pois, as aulas de Educação Física não são simplesmente um ambiente de reprodução de movimentos técnicos e táticos, mas sim, um ambiente de criação, produção, construção, liberdade de movimentos corporais, expressão corporal. De acordo com Reverdito *et al.* (2008, p. 39) "é possível promover a restauração do humano, em face da necessidade de construirmos um mundo melhor, a partir das virtudes educativas existentes na competição pedagógica" seja nos ambientes esportivos e competitivos fora da escola em escolinhas de iniciação esportiva com crianças e jovens e, principalmente, no ambiente escolar. Especificamente sobre os professores e sua função diante da competição como um tema a ser trabalhado e contextualizado nas aulas, Freire (1991, p. 153) afirma que: "Professores realmente preocupados com o desenvolvimento das características humanas, ao invés de tentar eliminar o caráter competitivo dos jogos, deveriam procurar compreendê-lo e utilizá-lo para valorizar as relações. Creio ser mais educativo reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir". Afirmação que reverbera a ação do preceptor do Emílio, embora Rousseau não a tenha verbalizado, o qual não condenou ou suprimiu a competição pelos doces, mas procurou agir estrategicamente para fazer Emílio compreender o jogo, sua importância e o envolvimento de seus colegas. Desse modo, segundo Ferreira (2000, p. 97) "é importante que se defina o espaço que a competição deve ter no processo ensino-aprendizagem nas aulas de educação física".

Os autores Reverdito *et al.* (2008) chamam a atenção e a responsabilidade para os professores de Educação Física que muitas vezes reproduzem em suas aulas e seus eventos esportivos na escola, uma competição alienante, individualista e seletiva, sem reflexão, sem

discussão, sem problematização e contextualização. Esse é um problema real, haja vista que esses profissionais podendo acomodar-se com o sistema educativo, tornam suas aulas pouco atrativas, sem motivação, sem relação aos interesses, necessidades e aptidões dos alunos (PIAGET, 2008). Por conta disso, os esportes, os jogos, as brincadeiras, tornam-se conteúdos simplórios, fomentando a prática pela prática, o jogar pelo jogar, o exercitar pelo exercitar. Junto ao problema da responsabilidade dos professores de Educação Física escolar em relação às dificuldades de trabalhar a competição, acrescenta-se a infraestrutura escolar, falta de recursos didáticos, glorificação e reprodução do esporte de alto rendimento, formação continuada precária dos professores, desvalorização da Educação Física escolar, por vezes tratada como simples mecanismo de diversão dos alunos, vinculando-a ao recreio escolar ou então, as aulas são utilizadas para ensaios de festa junina, entre outras atividades extracurriculares.

Contrapondo a esses obstáculos, afirmamos que a Educação Física não é uma área responsável somente para trabalhar o corpo pelo corpo, é uma área em que visa formar pessoas de modo integral, relacionando as práticas corporais com fatores psicológicos, sociais, culturais, políticos e históricos, compreendendo o ser humano também como um agente dinâmico, capaz de transformar o mundo e ao mesmo tempo ser transformado por esse próprio mundo. Em suma, constata-se que seja no bacharelado ou na licenciatura, o profissional que atua na área da Educação Física deve ter consciência de suas ações, sem reducionismos. Do mesmo modo que a filosofia "não aceita a naturalização dos fenômenos, não admite respostas prontas e acabadas" (BARBOSA, 2005, p. 19).

Porquanto, no intuito de superar alguns entraves no trabalho com a competição, visando também a valorização da Educação Física, Reverdito *et al.* (2008) citam a importância da mesma ser considerada um tema interdisciplinar, trabalhado nas demais disciplinas do currículo escolar, sendo que "as competições ou eventos esportivos estarão integrados no programa curricular, como produto do Projeto Político-Pedagógico da escola". Assim, há a necessidade em desenvolver projetos curriculares ou extracurriculares que envolvam a comunidade escolar, atividades lúdicas como possibilidade para o ensino do esporte, vivência de esportes-jogos paradesportivos, adaptações de esportes visando maior participação, peças teatrais que mobilizem o interesse pelas práticas esportivas e competitivas, utilização da mídia e comunicação como método de ensino-aprendizagem. Essa diversificação sobre o processo de apropriação da competição é muito importante no trato educacional, pois, "o fracasso e o sucesso dos conteúdos do esporte e da competição dependem diretamente das condutas e

princípios pedagógicos utilizados pelo professor" (FARIA, CAREGNATO E CAVICHIOLLI, 2019, p. 11).

De acordo com Rose Júnior (2002b, p. 74) alguns objetivos podem ser facilitadores do processo de competição infanto-juvenil, eles são:

> Sensibilizar os adultos sobre o processo competitivo e a participação da criança e do jovem nesse processo, suas necessidades, capacidades e expectativas. Entender que a criança não é um adulto em miniatura e, portanto, a competição deve ser organizada para ela e não para agradar os adultos. Proporcionar aos jovens experiências positivas na competição. Encorajá-las a desenvolver autoconfiança, bem como uma imagem, valorização e conceito positivos de si mesmos. Ajudá-los a desenvolver habilidades interpessoais. Competir por diversão e apreciar a competição. Proporcionar um ambiente agradável, que permita à criança obter senso de competência.

O aluno aprende a competir, competindo (REVERDITO *et al.*, 2008), logo, são nas práticas democráticas, participativas e conscientes da competição que esse aluno se reconhecerá como um sujeito ativo em seu ambiente de aprendizagem, mesmo com a possibilidade de perder ou ganhar alguma disputa, a sensação de pertencimento às práticas competitivas, serão fundamentais em sua formação: "Com isso, temos a valorização da competição em nível formativo e de conscientização, contribuindo para a formação de uma personalidade mais livre e segura: autônoma" (MACHADO, 2006, p. 23). Nesse caso, o processo é o que interesse na competição encarada como atividade educativa, "por exemplo, o professor estaria mais interessado em discutir com seus alunos os fatores que contribuíram para o resultado final (tática utilizada pelas equipes, falhas, acertos etc.) do que bradar aos sete ventos o nome do vencedor ou da equipe vencedora" (FERREIRA, 2000, p. 99). Assim, discutir e oferecer a possibilidade de o aluno expor suas ideias, suas estratégias de jogo, diferentes táticas para superar os obstáculos que seu adversário poderá oferecer no campo de disputa é o caminho a ser trilhado visando uma competição que verdadeiramente forme o cidadão.

Como proposta de modificação da estrutura organizacional da competição, apresentamos estratégias visando a promoção de maiores participações da comunidade escolar, integrar pais e responsáveis nas disputas escolares, possibilitar práticas competitivas de professores contra alunos, oferecer a oportunidade de os alunos vivenciarem a arbitragem esportiva, visando a prática do respeito entre os próprios alunos e dos demais participantes, "pois sentiram por eles mesmos a dificuldade e a responsabilidade da função" (FERREIRA, 2000, p. 100). Colocá-los para elaborar relatórios sobre suas experiências nas competições, produzir atrações audiovisuais pós competição para deixar registrados os momentos, ou seja, colocar o aluno em atividade de diferentes formas dentro da competição. De acordo com Scaglia, Medeiros e Sadi (2006) o trato educativo com a competição nas aulas de Educação

Física não se inicia quando a bola começa a rolar, há todo um contexto antes, durante e depois da competição propriamente dita, vejamos:

> O ensino de esportes antes, durante e depois das competições é um desafio para os professores de educação física, já que nessa lógica o esporte torna-se um meio de educação e não um fim de competição. As competições podem marcar um sentido de congraçamento, de relação social complexa entre as pessoas, porque elas não iniciam quando o árbitro apita o jogo, e não se encerram no próprio jogo, mas desde a preparação do evento, passando por uma série de manifestações, de relações complexas, sociais e culturais, entre os estudantes, a partir de uma participação ativa e motivante garantida na organização e desenvolvimento da prática e do conhecimento do esporte. Por isso defendemos um ensino de esportes antes, durante e depois das competições por meio não só de técnicas corporais, mas de imitações pela imaginação, inteligência tática, atividades de cooperação e conhecimento do esporte. As tecnologias digitais da atualidade permitem que esse ensino seja processado, de forma ágil, veloz, democrática e produtiva (SCAGLIA, MEDEIROS e SADI, 2006, p. 2).

Parte integrante e participativa do processo competitivo, é a percepção que a escola mediante a aula de Educação Física estará possibilitando ao aluno, pois, verdadeiramente a apropriação da competição irá ultrapassar os muros da escola, podendo transformar a realidade social desse aluno. Esse momento de transformar seu local de convívio pode ser exemplificado como a elaboração de novos jogos para serem desenvolvidos com seus amigos ou parentes, desempenhando diferentes funções nesses mesmos jogos; ampliar suas possibilidades de práticas corporais, seja no esporte, na dança, nas lutas, no exercícios físicos, ou seja, a imaginação e o potencial criativo dos alunos não tem limite, principalmente, tratando-se de jogos e brincadeiras espontâneos e simples de serem realizados. Bem como, e tão importante quanto a transformação de seu contexto social, existe também a mudança individual, mudança de perspectiva e de mentalidade da pessoa, pois, para além questões sociais, há mudança em nível pessoal, por exemplo, a educação do amor-próprio, tomando ainda o termo rousseauniano.

Em relação à apropriação da competição com um elemento essencial da formação humana, destacamos o artigo de Mello et al. (2011) em que os autores investigaram um projeto social sobre esporte que foi iniciado com uma perspectiva metodológica mais cooperativa, com adaptações de regras e ocorria também a minimização ou exclusão da competição. No entanto, ao longo do desenvolvimento do projeto e suas atividades, houve uma grande evasão e desmotivação dos participantes, que eram crianças e jovens. Todavia, os autores citam que o projeto mudou sua perspectiva metodológica adotando a competição como uma de suas principais práticas visando a manutenção e captação de participantes, e, como conclusão foi verificado que essa nova abordagem realmente surtiu efeito a médio e longo prazo. Portanto, a competição serviu como um instrumento de sobrevivência do projeto social, ou seja, as práticas competitivas foram consideradas mais atrativas aos olhares dos participantes, consolidando a maior presença de crianças e adolescentes no mesmo.

O ocorrido nesse projeto social é muito importante para o presente trabalho, pois, mobiliza a grande problemática da competição, ou seja, no lugar de afirmar ou negar de modo simplista os efeitos dos elementos constitutivos da competição na formação humana, Mello *et al.* (2011) investigaram as próprias percepções dos participantes e ex-participantes desse projeto social. Coube a nós aqui, evidenciá-lo e buscar suas contribuições para nossa discussão. Por exemplo, a própria competição, a disputa, os Jogos Olímpicos para os gregos tinham uma função fundamental na formação do homem. No entanto, podemos perceber uma dualidade na função educativa dos jogos. A primeira é a capacidade de formação e educação da sociedade grega, fomentando a capacidade de fortalecer o corpo e ressaltar os valores morais em que as competições possibilitavam. Por outro lado, destacava-se também a necessidade da glorificação dos vencedores, sendo até mesmo tratados como heróis do povo, recebendo estátuas e prestígio social. Há aqui uma supervalorização do campeão. Entretanto, com o intuito de interpretar esse contexto de educação mediante a competição e supervalorização dos vencedores, compreendemos que é justamente essa exaltação dos vencedores que estimulavam os participantes e elevavam o patamar de reconhecimento social dos jogos gregos. Em meio a isso, eram enfatizados também os valores morais proporcionados pela disciplina, respeito, dedicação aos jogos e sua representação, pois, como vimos, as competições apresentavam um caráter de idolatria aos deuses.

Assim sendo, o ponto central não é somente dizer sim ou não à competição, mas contextualizar e problematizar seus elementos formativos, que como sabemos, a competição possui uma longa data. Em suma, Mello *et al.* (2011, p. 179) analisaram "o esporte na perspectiva dos seus praticantes, dando-lhes 'voz' para que expressem o consumo produtivo que fazem dessa manifestação cultural". Para tanto, o foco dos pesquisadores foi verdadeiramente a "análise dos discursos dos participantes e dos evadidos" (Idem, p. 181). Desse modo, analisando as fichas cadastrais dos participantes do projeto social, notou-se que "a média de retenção de participantes de um ano para o outro era de 9,4%, o que significa que 90,6% abandonavam o projeto no período de um ano, muitos deles não permanecendo mais do que um trimestre" (MELLO, *et al.*, 2011, p. 182). Com isso, uma parte considerável dos entrevistados citaram a importância do trabalho com os gestos técnicos, fundamentos e com as táticas no ensino do esporte e não somente a prerrogativa da cooperação e adaptação de regras. Sendo mais incisivos, afirmaram que as competições podem ser "um meio de avaliação do aprendizado/domínio das modalidades esportivas, a figura do aprender que eles tinham como referência" (Idem, p. 184), bem como, a competição é um meio de verificar "a aptidão adquirida e os limites individuais" (Idem, p. 185) e que também, "competindo, eles garantem

visibilidade ao seu talento" (Idem, p. 185). Nesse caso, as práticas competitivas são vislumbradas como instrumentos de superação de limites, perspectiva de desafio consigo mesmo e uma possibilidade de transformação de sua condição econômica e social mediante o esporte.

Enfim, no projeto social, houve "uma gradativa abertura para treinamento e participação em competições esportivas, em função das expectativas e interesse dos participantes" (MELLO *et al*, 2011, p. 188). Porquanto, o caso do artigo é emblemático e necessário para nossa discussão, pois, essa mudança de metodologia de trabalho que se tornou uma estratégia de sobrevivência do próprio projeto social esportivo, representa não somente o trato com o esporte, mas sim, a importância de valorizar a competição como condição humana.

Portanto, ao destacarmos à educação, saúde, cultura, política, ética e estética como elementos fundantes da competição, afirmamos que ao longo da constituição histórica da Educação Física, encontram-se dois polos que mobilizam os embates sobre a presença da competição na Educação Física escolar e na vida do ser humano de um modo geral, sobretudo, crianças e jovens. Assim, o Apêndice 2 demonstra essa disputa de um polo com o outro e, enfatizamos nossa tese como um terceiro polo, não com o objetivo de solucionar as tensões e as contradições entre o polo 1 e o polo 2, mas sim, apresentar um caminho diferenciado de intepretação da competição como elemento de formação humana, afirmando que na própria competição há um sentido pedagógico.

Desse modo, percebe-se que os polos 1 e 2 defendem suas perspectivas e as particularidades da relação esporte, competição e educação de acordo com suas visões de mundo, metodologias e concepções. O polo 1 com a visão específica de um caráter crítico e negativo do esporte e competição, já o polo 2, defende a competição como uma prática que deve ser vivenciada, amenizando seus efeitos não inclusivos. Esse embate iniciou-se nas décadas de 1970, 1980, 1990 (BRACHT, 1986 e 1999; CASTELLANI FILHO, 2013; CAPARROZ, 1997; CASTELLANI FILHO *et al*, 2012; DAOLIO, 2010; DARIDO, 2011; FREIRE, 1991; KUNZ, 2006; LAZAROTTI FILHO, 2011; LIMA, 2000; MEDINA, 1983; VAGO, 1996 e 1999; TUBINO, 2011), com a crise de identidade da Educação Física (BRACHT, 2014) e que ampliou-se ao longo do tempo. Essa competição de discursos e produção de conhecimento na área da Educação Física tornou o esporte um verdadeiro campo[144]

[144] Aqui podemos compreender esse assunto mediante a conceitualização de Bourdieu. Se para esse autor a Sociologia é a ciência do social e o social tem dois modos de existência, *Campo* e *Habitus*, a história feita em corpo e o corpo feito em história. Há, portanto, uma relação dialética entre *Campo* e *Habitus*. Campo é um espaço social com estrutura própria (educação, política, religião, etc.). Cada indivíduo busca se ajustar a lógica de determinado campo, aceitando as regras do jogo de cada campo, inclusive os processos de dominação. Todo campo

de disputa pela hegemonia na própria produção do conhecimento encontrados em teses e dissertações nos programas de pós-graduação, em congressos e eventos científicos da área em todo o Brasil.

Portanto, nosso terceiro polo é um caminho que indica o movimento do real, evidencia as transformações da educação e sua relação com a competição ao longo do tempo, desde os tempos remotos até as contradições atuais. Esse terceiro caminho ressalta a importância da contextualização sobre saúde, política, cultura, estética, nas discussões sobre competição, afirmando que são justamente esses os elementos que tornam a competição essencial à formação humana. Enfim, para compreender e reconhecer a fundamental contribuição das práticas competitivas para a educação, é necessário saber investigar, interpretar e trabalhar essas mesmas práticas competitivas sem reducionismos e preconceitos metodológicos. Pois, a competição é uma condição humana. Há sempre um sentido pedagógico na competição, desde que bem trabalhada, como procuramos defender nesta tese.

possui um *habitus* diferente. Campo propõe uma interação entre os agentes. Espaço social propõe uma socialização entre os agentes. O indivíduo deve conhecer como o campo funciona. O *habitus* não é mecânico. A prática é indicada pelo *habitus*. Mas o *habitus* é constituído de múltiplas determinações. *Habitus* é constituído no próprio campo. Cada indivíduo age em acordo com suas determinações, constituições, formações (BOURDIEU, 1983, 1998, 2007). Desse modo, o esporte, é um campo de disputa entre os indivíduos, pesquisadores, mediante suas visões de mundo e metodologias de pesquisa, que objetivam defendem sua concepção de esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central destacar os elementos constitutivos da competição para a formação humana, abordando suas características essenciais nas relações sociais e na própria constituição do ser humano, tais como, a educação, saúde, política, cultura, filosofia, entre outros aspectos fundantes das práticas competitivas. Assim, realizou-se uma discussão desde os tempos remotos aos dias atuais, visando desmistificar e elucidar a competição como uma prática de sobrevivência, sociabilidade e principalmente, uma ação educativa.

A realização do presente trabalho permitiu compreender a intrínseca relação entre educação, Educação Física, Filosofia, saúde e práticas competitivas na formação humana, pois, discutir a importância da competição para a formação humana exigiu romper com barreiras teóricas e superar reducionismos acadêmicos objetivando verdadeiramente compreender o movimento do real, ou seja, apropriar-se do objeto de estudo em suas múltiplas determinações. Logo, houve a necessidade de percorrer, estudar e refletir mediante os escritos de autores clássicos da Grécia Antiga, Modernidade e Contemporaneidade, com suas diferentes teorias, concepções de mundo, sociedade, educação e homem.

Desse modo, evidenciar a competição como elemento essencial de formação humana, significa ressaltar a área da Educação Física e suas diferentes interpretações sobre seu objeto e suas diversas transformações ao longo do tempo. Isso enfatiza o ser humano como um ser biofisiológico, mas também, psicossocial e histórico-cultural, haja vista que a necessidade de sobrevivência do próprio homem, por exemplo, na Idade da Pedra, fez com que sua relação com o mundo concreto o transformasse e transformasse também esse mesmo mundo em que estava inserido. Modificando suas relações orgânicas, psicológicas, sociais e culturais, mesmo que seja para alimentação, proteção, habitat, disputas por territórios, esportes, entre outros. Em suma, as práticas competitivas do ser humano seja com outrem ou com ele mesmo, promovem alterações motoras, cognitivas, afetivas, estimulando-o a sua adaptação e transformação ao ambiente.

Em meio a esse contexto de discussão sobre a competição e sua relação e função com a formação humana, a saúde, o esporte, a educação, a política, são temas essenciais nessa

reflexão, pois, ao discutirmos a Grécia Antiga, por exemplo, podemos constatar todos esses elementos unidos numa caracterização de sociedade civilizada e intelectualizada. Para competir nos Jogos Olímpicos Antigos – assim como nos Jogos Olímpicos Modernos e em qualquer competição de alto rendimento – era necessário ser saudável, ter o corpo disciplinado, rígido, robusto, treinado, consciente de suas funções. Com isso, a educação, a cultura, a política, a arte, a estética, mediavam essa formação cultural da época. E que ao passar dos tempos, a sociedade ocidental herdou e aos poucos foi modificando e contribuindo com as interpretações sobre o que significa ser saudável, sobre o que é esporte, sobre a função da Educação Física na Modernidade e, sobretudo, sua relação com a educação.

Assim sendo, acreditamos que um dos principais pilares que edificaram essa tese de doutorado foi enfatizar a significância das reflexões do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau para a área da Educação Física, contribuindo de modo direto e indireto, explícito e implícito, nas discussões sobre corpo e mente, educação ativa, jogos espontâneos, motricidade, relação do ser humano com seu meio de convivência e com a natureza, mas, principalmente, sua herança teórica e intelectual aos autores da Modernidade. Sendo considerado o pai da educação moderna (CAMBI, 1999), Rousseau é reconhecido no campo da Educação e Filosofia, no entanto, é fundamental também, reconhecer seu legado para a Educação Física, haja vista a importância como fonte básica dos autores escolanovistas no Brasil e no mundo.

Conceitos como Educação Negativa, amor-de-si, amor-próprio, sua bipolaridade nas reflexões entre natureza e cultura, o tema do veneno enquanto remédio, o empirismo pensante e consciente, o seu interesse pelas artes, música, literatura, a educação sendo o eixo de seu pensamento, expresso em seu tratado educacional, O *Emílio: ou da Educação*, são exemplos de uma ampla produção ao longo de sua vida, captando, analisando, interpretando e transformando, diferentes concepções nas mais diferentes áreas de conhecimento. Já em relação à Educação Física, todos esses elementos aqui citados são partes constituintes dessa área que atualmente é ampla, emblemática, complexa, mas que possui em Jean-Jacques Rousseau uma de suas principais bases teóricas, seja para a licenciatura, seja para o bacharelado, e em suas diversas ramificações.

Portanto, a competição é apresentada como algo a ser trabalhado, pensado, refletido, discutido nas aulas de Educação Física e nos demais espaços esportivos e recreativos. Utilizando-se desses conceitos rousseaunianos, ampliamos a visão sobre as práticas competitivas, ultrapassando a barreira do somente vencer por vencer, vencer a qualquer custo, o que importa é participar, delineamos um meio termo entre os diferentes caminhos que a competição nos indicam, no entanto, defendemos a mesma como algo essencial na formação

humana, vinculada a saúde, cultura, filosofia, pedagogia. Refletindo e agindo como o tutor do jovem Emílio, Jean-Jacques, no *episódio dos doces*, afirmamos que os profissionais que atuam diretamente com a competição devem tratá-la como elemento fundamental na formação de alunos, aprendizes, futuros atletas, enfim, ser humanos. O tutor adaptou, criou e recriou diferentes condições de competir, modificou as regras, soube utilizar os interesses, necessidades e aptidões de seu pupilo, e principalmente, utilizou da competição como uma tarefa moral, algo com que seu aprendiz pudesse evoluir não somente como competidor, mas também, como um ser humano íntegro, bondoso, dedicado, propício a boa convivência. Em síntese, a competição é tratada tanto nesse episódio como neste trabalho como uma ação educativa, independentemente de seu período histórico, composta por diversos elementos constitutivos da sociedade e do próprio ser humano. Há sempre um sentido pedagógico na competição, desde que bem trabalhada. A competição é uma condição humana.

Assim sendo, para discutir competição e sua relação com a formação humana, torna-se imprescindível destacar o próprio desenvolvimento histórico e epistemológico da Educação Física, pois, esta é a área em que mais se aborda esse tema, principalmente quando se trata de Educação Física escolar, tornando-se um tema polêmico. Em relação a polêmica, a própria constituição da Educação Física é tratada como algo complexo, emblemático, repleto de análises e intepretações. Sabe-se que as teorias são engendradas na materialidade das relações sociais, portanto, ao longo do tempo com várias transformações sociais, sobretudo, na Modernidade, com as revoluções industriais e a Revolução Francesa, os discursos sobre política, economia, cultura e formação social, influenciaram decisivamente a área da Educação Física, tendo o corpo humano e o trabalho um de seus principais assuntos.

Desse modo, o debate sobre corpo e mente iniciado na Grécia Antiga foi sendo modificado ao passar dos séculos e com a Modernidade recebeu maior atenção com o desenvolvimento da ciência moderna. Assim, a ginástica, primeiro nome da Educação Física, foi se transformando e contribuindo com as mudanças sociais no mundo ocidental. No Brasil especialmente, a ginástica se consolidou mediante o campo militar e médico-higienista, fomentando o discurso de urbanização, expansão industrial, nova formação cultural, saúde e moral. Com isso, a relação entre saúde e educação, tornou-se sinônimo próprio de Educação Física, uma área capaz de educar o físico, bem como, a moral e, formar novos indivíduos aptos a atender as demandas do desenvolvimento.

Com a sociedade brasileira em transformação, os métodos ginásticos tornaram-se uma das principais bandeiras rumo ao progresso. A ginástica científica advinda da Europa, sobretudo da Suécia, França e Alemanha, foi ditando os rumos a caminhar e formar corpos sadios, ativos

e disciplinados. Em paralelo a isso, o movimento da Escola Nova com seus intelectuais contribuiu para a nova formação cultural do povo brasileiro, cada qual com seus interesses e campos de atuação, no entanto, todos com um só propósito, superar a educação tradicional e ultrapassada que nada tinha a contribuir com o novos caminhos a serem trilhados pela sociedade brasileira.

Por conseguinte, novos ventos sopraram rumo ao desenvolvimento e progresso. Na Educação Física, além da consolidação dos métodos ginásticos, tivemos o renascimento dos Jogos Olímpicos Modernos, na passagem do século XIX para o século XX. Isso significou um levante muito importante nesse período histórico para a área, principalmente pelo caráter humanista e científico que o esporte mergulhou. As áreas biodinâmicas que se dedicaram ao esporte se desenvolveram muito a partir dessa época, preconizando estudos sobre periodização do treinamento esportivo, princípios do treinamento esportivo, nutrição esportiva, entre outros. Assim, as tendências higienista e militarista, vinculadas ao esporte, se tornaram hegemônicas em quase todo o século XX no Brasil e no mundo. Todavia, no Brasil as décadas de 1970, 1980 e 1990 trouxeram um forte discurso de pedagogização para a área, trazendo ao debate contribuições da Filosofia, Sociologia, Psicologia, Pedagogia, visando criticar e superar o que os autores dessas vertentes chamavam de biologização da Educação Física, ou seja, uma Educação Física que valorizava o esporte em detrimento dos demais conteúdos. Com isso, trabalhavam somente o desenvolvimento da aptidão física dos alunos, ficando à margem do processo ensino-aprendizagem a reflexão, a discussão, a criação, a autonomia, etc. Desde então, há na área da Educação Física o que chamamos de crise de identidade, pois foram elaboradas diferentes abordagens teóricas, cada uma desenvolvendo suas concepções, objetos de estudo e métodos.

Ainda assim, mesmo em meio a esse turbilhão político, social, cultural e acadêmico que a Ginástica/Educação Física teve de atravessar, podemos captar um fio condutor quando tratamos de competição e sua relação com a educação: ação educativa. Desta feita, as práticas competitivas foram e são utilizadas na formação humana vinculadas aos discursos de educação, saúde, ética, estética, cultura e arte, mobilizando questões macro e micro tratando-se da própria formação humana.

Constata-se que os fatores educacionais proporcionados pelas práticas competitivas vão além da própria competição e do esporte, mas sim, são refletidos na vida como um todo, possibilitando a compreensão de que competir é uma característica humana e seus efeitos, tantos os positivos quantos os negativos, são verdadeiramente educativos. Logo, falar sobre competição e limitar-se ao campo esportivo ou ao campo econômico – que é recorrente na

atualidade – é um erro. Erro esse que acreditamos ter superado neste trabalho, pois, grandes e notáveis estudos foram desenvolvidos vinculando o capitalismo, por exemplo, ao processo ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física. Acreditamos que esse movimento político-acadêmico foi um fato importante e necessário para ampliar o debate intelectual, sobretudo nas décadas finais do século XX, entretanto, condenar a competição nas aulas dessa disciplina do currículo escolar, reduzindo e estreitando sua atividade educativa somente ao modo de produção, sim, acreditamos ser um erro. Pois, como foi abordado neste trabalho, como ignorar as competições existentes para sobrevivência dos homens primatas? Como não ressaltar a glorificação dos Jogos Olímpicos Antigos na Grécia Antiga, ou mesmo sua importância na *Paideia* como um todo? E sobre a mitologia grega que influenciou a cultura do mundo ocidental, ignoramos as grandes disputas e duelos entre os deuses do Olimpo? Desse modo, destacamos que debater sobre competição e sua função na formação humana é imperioso romper com algumas barreiras predispostas a impedir a produção intelectual.

Vale ressaltar que não estamos relativizando os malefícios que são causados pela competição exacerbada, tais como o doping, *bullying*, treinamento precoce, violência, analfabetismo, exclusão social e individual no âmbito esportivo. Esses são temas que merecem uma atenção especial dos profissionais que trabalham com as práticas competitivas e de pesquisadores na produção de conhecimento, exigindo muita discussão e atenção com jovens atletas ou alunos nas aulas de Educação Física escolar. Nosso intuito é verdadeiramente buscar as mediações que ocorrem na relação entre competição e formação humana, levantando temáticas que por vezes polêmicas, mas necessárias para a apropriação do conhecimento.

Nessa prerrogativa de apropriação do conhecimento, ampliar a visão sobre o objeto de estudo, superar os reducionismos e analisar os fundamentos da Educação Física, e também da educação, enfatizamos a obra: *Emílio ou da Educação*, de Rousseau (1972) não como um rótulo ou uma receita a ser seguida, mas sim, um livro fundamental para a Educação Física de um modo geral, contribuindo desde questões sobre jogos e brincadeiras à aprendizagem motora e fisiologia do exercício. Uma obra que realmente promoveu rupturas na relação indivíduo-sociedade, racionalismo-empirismo, corpo e mente, entre outras dicotomias e paradoxos que se constituíram ao longo do tempo. As cenas pedagógicas que se desenvolvem ao longo dos 5 livros do *Emílio*, além do *episódio do doce* que foi abordado neste estudo, apresentam diferentes lições morais e comportamentais que podem e devem ser tratadas na escolarização dos alunos em diversas situações educativas, inclusive na competição.

O legado de Rousseau para a Modernidade é gigantesco, mas destacamos sua herança reconhecida e valorizada pelos escolanovistas nas décadas iniciais do século XX no Brasil,

contribuindo com a consolidação em solo brasileiro da chamada ginástica científica e educação ativa. Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira são alguns dos grandes expoentes desse movimento renovador da cultura brasileira. O tratado educacional rousseuniano, *Emílio*, sem dúvidas é uma obra que deve constar na lista de fundamentos da Educação Física moderna, pois, uma educação ativa, funcional, motora, reflexiva, capaz de relacionar questões biológicas e fisiológicas com questões psicológicas e sociais, é decisivamente um marco na história da Educação Física.

Rousseau colabora de modo fundamental para a discussão sobre a formação integral do indivíduo, abordando questões que relacionam intrinsecamente corpo e mente. Suas reflexões ajudam na compreensão da necessidade do homem adulto e da criança saber compreender e utilizar todos os seus sentidos, não somente a força e a velocidade, mas também a observação e a análise minuciosa das coisas; saber sentir o processo de forma mais humana e saber aproveitar os momentos de jogo e disputa para as trocas significativas e para a ampliação das relações humanas. Além de braços e pernas, mãos e pés, é necessário apropriarmos melhor dos olhos e ouvidos, usufruindo dos sentidos que normalmente ficam em segundo plano, mas que são preponderantes para as relações sociais dos indivíduos. Assim sendo, suas reflexões apresentadas no *Emílio*, uma obra clássica, nos ajuda a discutir sobre questões atuais como o modismo do mundo fitness que de certo modo fugiu do controle dos treinadores e atletas de alto rendimento, atingindo e influenciando pessoas de todas idades, principalmente adolescentes, a somente reproduzir o que é propagado pelas redes sociais, sem a necessária reflexão ou ajuda profissional. Desse modo, a competição é uma manifestação da cultura que ultrapassa os limites de sua mútua relação com o esporte e trata-se de um elemento da vida humana como um todo, seja na religião, arte, ciência, e em diferentes instituições sociais, como família, trabalho, escola, instituições de formação esportiva, entre outras. Nota-se que a competição como inerente ao ser humano tem suas contradições e que está presente também em todas as instâncias das relações sociais, das mais individualizadas às coletivas.

Portanto, defendemos uma competição vinculada à formação humana, não uma competição simplista que se limita a destacar vencedores e perdedores, mas sim, aquela capaz de enaltecer os valores morais, espírito esportivo, capacidade de reflexão mediante às vivências, experiências e participações nas aulas de Educação Física, seja nas práticas competitivas entre as turmas escolares, entre escolas ou competições fora do ambiente escolar em escolinhas de iniciação esportiva, independente da modalidade. O ideal a se fazer é trabalhar visando a ação e reflexão, a criação e recriação, o agir e o transformar, o jogar e pensar, é possibilitar a oportunidade do aluno ou atleta ter discernimento de suas práticas corporais, ter noção da

função de seus movimentos, para si próprio e para outrem. O fundamental é que o mesmo possa compreender a ação educativa em suas atividades, perceber as regras, as modificações estabelecidas, as transformações que podem ocorrer, a satisfação em participar, reconhecer e respeitar as diferenças entre os seus colegas e não somente em vencer. Essas são caraterísticas que não são desenvolvidas mecanicamente, mas sim, de modo que o aluno tenha capacidade de pensar sobre o que está fazendo nas aulas de Educação Física, somente assim, essa disciplina estará cumprindo o seu papel pedagógico e social ao mesmo tempo.

E tudo isso já estava presente no contexto do mundo grego, ou melhor, para retomar a metáfora do título desta tese, “ao redor do Olimpo”. De modo que, temos muito a aprender com os gregos antigos em relação aos verdadeiros valores das competições, temos muito a aprender com os desportistas de Olímpia, haja vista que nos arredores do grande monte, passavam-se 7 dias em competições variadas, mas ao final o encerramento caracterizado por festas, cerimônias e celebrações conjuntas. Isso é o que deveria acontecer na atualidade, em contraposição à barbárie que por vezes é promovida pelas torcidas organizadas no futebol, por exemplo. Falta-nos hoje esse “espírito” que dominava o ambiente ao redor do Olimpo. É, pois, tarefa da escola, da educação como um todo e da Educação Física, especificamente, tentar desenvolver nas crianças e jovens esse “espírito”.

Afirmar que a competição é uma condição humana significa mergulhar na longa trajetória histórica da humanidade. Significa compreender as contradições existentes nas próprias práticas competitivas, analisando seus aspectos positivos e negativos. Significa, também, um esforço intelectual objetivando captar o movimento do real em suas múltiplas determinações, superando amarras que tendem a ser entraves na produção intelectual. Enfatizar a competição como elemento de formação humana é construir um polo diferenciado da ambiguidade entre a crítica e negação, e, adesão e aceitação. É evidenciar um polo em que a competição propicia a valorização do processo, vencer e perder, problematizar e contextualizar, trabalhar de modo interdisciplinar, vivenciar valores morais, entre outros. Significa dizer que há um sentido pedagógico na competição.

Por fim, vamos à David Le Breton que ao encerrar seu livro, *A sociologia do corpo*, diz que a importante tarefa que temos à frente é "dedicar-se ao inventário metódico das modalidades corporais em uso nos diferentes grupos sociais e culturais, distinguir as formas e as significações, as vias de transmissão" (LE BRETON, 2012, p. 94). Ora, inventariar é fazer um levantamento de todos os bens de um falecido, avaliando, numerando, dividindo e analisando tudo para deixar algo aos sucessores. Se herdamos muito da cultura grega, por que não inventariá-la? Foi o que tentamos fazer com a competição, uma vez que ela nasceu ao redor do

Olimpo quando Hércules, o maior herói do mundo heleno, após ter terminado suas 12 tarefas, homenageou Zeus ao criar esse espaço físico e simbólico tão rico que são os jogos olímpicos (BRANDÃO, 2013). Como preservar essa herança se eliminarmos um de seus princípios ativo, isto é, a competição? O problema é, como levanta Le Breton, desenvolver as melhores vias de transmissão. Eis o desafio das escolas e da educação como um todo, ao qual penso que esta tese pode ajudar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter; VAZ, Alexandre. Classificações epistemológicas na educação física: redescrições... **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 241-263, out/dez de 2012.

ALVES, Gilberto Luiz. **O trabalho didático na escola moderna**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

ANTUNES, Mitsuko. Psicologia e Educação no Brasil: uma perspectiva histórica. In: **Anuário do GT Psicologia da Educação ANPEd. Psicologia**: análise e crítica da pratica educacional. Nº1, 2000.

ANDRADE, Leonardo Carlos de. **Educação Física e Pedagogia Histórico-Crítica:** Aproximações históricas e apropriações teóricas. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física e Dança, Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal de Goiás, 2022.

AQUINO, Julio Groppa (Orgs.). **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. 4ª. ed. São Paulo: Summus, 1999.

ARAÚJO, Saulo de Freitas. Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, vol.17 n.1 p. 09-14, 2009.

ARCE, Alessandra. Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. **Revista Brasileira de Educação**, n.20, 2002.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1973.

AYOUB, Eliana. **Ginástica Geral e Educação Física Escolar**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BAGRICHEVSKI, Marcos., ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre., MARCOS da Ros., (orgs). BAGRICHEVSKI, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre. **A saúde em debate na Educação Física**. v.2, Blumenau: Nova Letra, 2006.

BANDEIRA, Rodrigo Ossoda Moura; MAGNAGO, Carinne; FREIRE FILHO, José Rodrigues; FORSTER, Aldaísa Cassanho. Inserção de Profissionais de Educação Física no Sistema Único de Saúde: história, avanços e desafios**. Movimento**, v. 28, 2022.

BARBIERI, Cesar Augustus Santos. **Esporte educacional**: uma possibilidade para restauração do humano no homem. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

BARBOSA, Cláudio Luis de Alvarenga. **Educação Física e Filosofia**: a relação necessária. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Educação Física escolar**: da alienação à libertação. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BATISTELLA, Carlos. Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde**.** In. FONSECA, Angélica Ferreira; CORBO, Ana Maria D'Andrea (org.) **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007a.

BATISTELLA, Carlos. Saúde, Doença e Cuidado: complexidade teórica e necessidade histórica. In. FONSECA, Angélica Ferreira; CORBO, Ana Maria D'Andrea (org). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007b.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BERTINNI, Vivian Maria Reis. O pensamento de Joffre Dumazedier e de Nelson Carvalho Marcellino: algumas convergências e diferenças no campo do lazer. **Licere**, v.8, n.1, p.111-125, 2005.

BETTI, Mauro. Educação Física. In: GONZALEZ, Fernando Jaime; Fensterseifer, Paulo Evaldo. **Dicionário Crítico de Educação Física** (orgs.). 3ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

_____. Mídias: Aliadas ou Inimigas da Educação Física Escolar? **Motriz**, vol. 7, n.2, 2001, pp. 125-129.

BÖHME. Maria Tereza. Silveira. Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo. 2003. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. Brasília. v.11, n.3, 2003.

BLOOM, Allan. **O declínio da cultura ocidental**: da crise da universidade à crise da sociedade. São Paulo: Editora Best Seller, 1989.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

BOMPA, Tudor. **Periodização:** Teoria e Metodologia do Treinamento. São Paulo: Phorte, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro, ed. Bertrand, 1998.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n.48, ago., 1999.

_____. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 7(2), 62/68, 1986.

_____. **Educação Física e Ciência:** Cenas de um casamento (in)feliz. 4ª ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

_____. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. 3ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 3. vol. 20a. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. [(Constituição 1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em 29/05/2022.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Ministério da Previdência e Assistência Social. **Relatório Final da 8ª Conferência Nacional da Saúde**. Brasília: MS; 1986.

BRITO, Maria Helena de Oliveira. Memória da Educação em Anísio Teixeira. In: TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes; NEPOMUCENO, Maria de Araújo (orgs.). **Pensamento Educacional Brasileiro**. Goiânia: Ed. PUC-Goiás, 2006.

BRITO, Tarsilla Couto de. As aventuras de Telêmaco: história crítica e releituras. **Revista Criação e Crítica**, n. 3, 2009, p. 33-45.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CAMPOS, Flávio. A agonia lúdica: guerra, competição e fortuna nos jogos medievais. **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre**, BUCEMA [En ligne], Hors-série n° 2, 2008.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física NA escola e a Educação Física DA escola**. Vitória: UFES, 1997.

CARVALHO, Yara Maria de. Entre o biológico e o social: tensões no debate teórico acerca da saúde na Educação Física. **Motrivivência**, Ano XVII, n.24, p. 97-105 jun. 2005.

_____. **O "mito" da atividade física e saúde**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

CASTELLANI FILHO, Lino. As concepções de Educação Física no Brasil. **Horizontes – Revista de Educação**, n.2, v.1, jul./dez. 2013.

_____. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas-SP. Papirus. 1988.

CASTELLANI FILHO, Lino; *et al*. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2012

CASTRO, Aldemar Araújo. (2001). Revisão sistemática e meta-análise São Paulo: **Usina de pesquisa**. Recuperado a partir dettp://metodologia.org/wp-content/ uploads/2010/08/meta1.PDF

CAVALCANTE, Fernando Resende; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho, LAZZAROTTI FILHO. Rui Barbosa e a educação física nos pareceres para o ensino primário de 1883: influências e proposições. **Movimento**, v. 26, jan./dez. 2020.

COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Narcisismo e sua relação com a prática de atividades físico-esportivas. São Paulo: **Psicologia e Sociedade**, n. 26, v. 1, p.194-203, 2014.

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Disponível em: <www.cbce.orgs..br>.

COLOMBANI, Fabiola; MARTINS, Raul Aragão. O movimento higienista como política pública: aspectos históricos e atuais da medicalização escolar no Brasil. **RPGE– Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v.21, n.1, p. 278-295, 2017.

COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COSTA, Dante. **Infância e Recreação**. Ministério da Saúde. Departamento Nacional da Criança. 6ª ed. Rio de Janeiro: Coleção do D. N. Cr. 1960.

COSTA, Luciene Henrique da. SANTOS, Marysol de Souza. GÓIS JUNIOR, Edivaldo. O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**; v. 28, n.2, p.273-282, 2014.

COSTA, Magda Suely Pereira. Maria Montessori e seu método. **Linhas Críticas**, Brasília, v.7, n.13, jul./dez. 2001.

COTRIM, Gilberto. **História Global:** Brasil e Geral. Volume único. 6ª edição reformulada – 2002. Editora Saraiva.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: São Paulo: Editora Record, 1998.

CUNHA, Marcos Vinícius da. A dupla natureza da Escola Nova: Psicologia e Ciências Sociais. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, Nº88, p.64-71, 1994.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Condição humana e educação do *amor-próprio* em Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Loyola, 2016.

_____. **Educação natural em Rousseau:** das necessidades da criança e dos cuidados do adulto. São Paulo: Cortez, 2011.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de doutorado, Porto Alegre, UFRGS/PPGAS (Disponível no site http://www.biblioteca.ufrgs.br/Bibliotecadigital).

DANTAS, Estelio Henrique Martin. **Prática da preparação física.** 3ª ed. Rio de Janeiro, Shape, 1995.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola:** Questões e Reflexões. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2011.

D'AGATI, Philip. **The Cold War and the 1984 Olympic Games**. Palgrave Macmillan, 2013.

DENT, Nicholas J. H. **Dicionário Rousseau**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

DIAS, Kamila Gusatti; CARMARGO, Kênia Guimarães Furquim; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. Anísio Spínola Teixeira. In: TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes; RAMOS NETO, João Oliveira (orgs.). **Intelectuais da modernização**: biografia dos 26 signatários do manifesto dos pioneiros da educação nova de 1932. Curitiba: Publishing, 2020. [recurso eletrônico].

DISSANAYAKE, Ellen. **Homo Astheticus**: Where art comes from and why. Seattle and London: University of Whasington Press, 1995.

DOROY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga.** São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia.** 12.ed. São Paulo: Melhoramentos,1978.

_____. **A Educação Moral**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

ELIAS, Nobert. DUNNING, Erich. **Memória e Sociedade a Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESCOBAR, Micheli Ortega. Cultura corporal na escola: tarefas da Educação Física. **Motrivivência**, Ano VII, n.8, 1995.

FARIA, Flaviane; CAREGNATO, André Felipe; CAVICHIOLLI, Fernando Renato. O esporte e a competição na educação física escolar: perspectivas educacionais a partir dos conceitos da pedagogia do esporte. **Revista Kinesis,** Santa Maria, RS, v. 37, p.01-16, 2019.

FÉNELON, François S. M. **As aventuras de Telêmaco**: filho de Ulisses. Trad. Maria Helena C. V. Trylinski. São Paulo: Madras, 2006.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação Física: atividade epistemológica e objetivismo. **Filosofia e Educação**, Revista Digital do Paideia, vol. 2, n. 2, outubro de 2010 – março de 2011.

FERREIRA, Marcos Santos. A competição na Educação Física Escolar. **Motriz**, vol. 6, n. 2, p. 97-100, 2000.

FONTENELLE, José Paranhos. **Higiene**. Rio de Janeiro, Ed. Leite Ribeiro, S/D.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder.** São Paulo: Paz e Terra. 2018.

FRANCISCO, Maria Francisco S. A Primeira Lição Moral - O Episódio das Favas no Emílio de Rousseau. **Cadernos de História & Filosofia da Educação**, São Paulo/SP, v. 2, n.4, p. 35-42, 1998.

_____. Emílio, o aluno imaginário e as cenas pedagógicas no *Emílio* de Rousseau. **International Studies on Law and Education**, 9, set-dez 2011.

FRANCO, Affonso Arinos de Mello. **O índio brasileiro e a Revolução Francesa**: as origens brasileiras da theoria da bondade natural. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro**: teoria e prática da educação física. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Luiz Carlos. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério a destruição do sistema público de educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr.-jun. 2012.

FREITAS, Marcos Cesar; BICCAS Marilena de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo. Biblioteca básica da história da educação brasileira; v.3. Cortez editora. 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6 ed. São Paulo: Cortez.

FRISSELLI, Ariobaldo; MANTOVANI, Marcelo. **Futebol**: teoria e prática. São Paulo: Phorte, 1999.

GALLAHUE, David. L.; OZMUN, John. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GALVÃO, Ana Carolina; LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Lígia Márcia. **Fundamentos da didática histórico-crítica.** Campinas: Autores Associados, 2019.

GASPARIN, João Luis. **Comênio**: a emergência da Modernidade na educação. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GEBRIM, Virgínia S. **Psicologia e educação no Brasil:** uma história contada pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Goiânia: Ed. UFG, 2002.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista:** A Pedagogia Crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. Edições Loyola, São Paulo, 1991.

_____. **História da Educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. Modernismo, raça e corpo: Fernando de Azevedo e a questão da saúde no Brasil (1920-1930). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol.30, n.2, p. 35-56, 2009.

_____. **O Século da Higiene:** uma História de Intelectuais da Saúde (Brasil, século XX). (Tese de Doutorado). Universidade Gama Filho. 2003.

GOTTSCHALL, Carlos Antônio Mascia. **Medicina hipocrática**: antes, durante e depois. Porto Alegre: Stampa, 2007.

GUTS MUTHS, Johann Christoph Friedrich. **Gymnastics for Youth**: or pratical guide to health and amusing exercises. Philadelphia: Byrne, 1803.

HARVEY, David. **O neoliberalismo:** história e implicações. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2005.

JAGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAEGER, Werner. **Paidéia***:* a formação do homem grego. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. Jogo, brincadeira e educação física na pré-escola. **Motrivivência**, São Paulo, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Orgs.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5a. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí. Editora Unijuí. 7ª ed. 2006.

LAVOURA, Tiago Nicola. Natureza e Especificidade da Educação Física na Escola. **Unisul,** Tubarão, v.14, n. 25, p. 99-119, Jan/Jul 2020.

LAZAROTTI FILHO, Ari. **O *modus operandi* do campo acadêmico-científico da Educação Física no Brasil**. 147f. Tese (Doutorado em Educação Física). Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEMME, Paschoal. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira. **RBEP**, Brasília, v.86, n.212, p.163-178, jan./abr. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Internacionalização das políticas educacionais e repercussões no funcionamento curricular e pedagógico das escolas. In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; LIMONTA, Sandra Valéria. (orgs.). **Qualidade da escola pública: Políticas educacionais, didática e formação de professores.** Goiânia-GO. Ceped Publicações. Editora Kelps. 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, v.46 n.159 p.38-62 jan./mar. 2016.

LIMA, Homero Luis Alves de. Pensamento epistemológico da Educação Física brasileira: das controvérsias acerca do estatuto científico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 21 (2/3), jan/mai, 2000.

LIMA, Wanderson Pereira; REIS JÚNIOR, José dos; BANDEIRA, João Pedro Barbosa. Treinamento Esportivo: um estudo introdutório sobre suas bases científicas. **Itinerarius**

Reflectionis, Revista Eletrônica de Graduação e Pós-Graduação em Educação, vol.16, n.3, 2020.
LOCH, Mathias Roberto; GUERRA, Paulo Henrique. A preguiça como explicação da inatividade física: comentários e reflexões sobre discrepâncias entre as evidências científicas e o discurso jornalístico. **Cadernos de Saúde Pública**, v.34, n. 18, 2018.

LOCKE, John. Some **Thoughts Concerning Education**. Mineola: New York: Dove, 2017.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Introdução ao estudo da escola nova**. 14a ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

MCARDLE, William D; KATCH, Frank I; KATCH, Victor L. **Fisiologia do exercício**: Nutrição, energia e desempenho humano. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

MACHADO, Afonso Antônio. **Psicologia do Esporte**: da Educação Física escolar ao Esporte de Alto Rendimento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer:** uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2002.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. 13ªed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCASSA, Luciana; MASCARENHAS, Fernando. Lazer. IN: Fernando, GONZALEZ; FENSTERSEIFER, Paulo. **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3ª ed. São Paulo, Unijuí, 2016.

MEDINA, Joao Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo ... e "mente"**: bases para a renovação e transformação da educação física. Campinas: Papirus, 1983.

MELLO, André Silva. *et.al*. Educação física e esporte: reflexões e ações contemporâneas. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.2, p.175-193, abr./jun., 2011.

MERQUIOR, José Guilherme. **O Liberalismo**: antigo e moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MESZÁROS, István. **A Educação para além do capital.** 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MIREAUX, Émile. **A vida quotidiana no tempo de Homero**. Lisboa: Livros do Brasil, [s/d.].

NASCIMENTO, Carolini Picchetti. **A atividade pedagógica da Educação Física**: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal. 2014. 295f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NASCIMENTO, Milton Meira. **Figuras do corpo político:** o último dos artefatos morais em Rousseau e Pufendorf. São Paulo: Depto. De Filosofia da FFLCH da USP, 2000. (Tese de Livre Docência).

NEUHOUSER, Frederick. **Rousseau's Theodicy of Self-Love**: Evil, Rationality, and the Drive for Recognition. Oxford: Oxford University Press, 2013.

NEVES, Ricardo Lira de Rezende; ANTUNES, Priscilla de Cezario; BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro; ASSUMPÇÃO, Luis Otávio Teles. Educação Física na saúde pública: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 23, p. 163-177, 2015.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física?** 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OVIDE DECROLY. In: HISTEBR. Coleção: "**Navegando pela história da Educação Brasileira**". Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/ovide-decroly>. Acessado em 12/05/2023.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do Esporte:** contextos e perspectivas. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2005.

PAIVA, Wilson Alves de. A arte da representação cívica no Emílio de Rousseau. **Filosofia**. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto,** 33 (2016) 211-224 211 DOI: http://dx.doi.orgs./10.21747/21836892/fil33a13.

_____. As relações humanas como uma questão pedagógica: a conectividade humana em Rousseau. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 45, e191470, 2019.

_____. Como o método positivo pode ser positivo? **Revista Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v.9, n.1, p.27-48, jan/abr. 2014.

_____. Emílio: texto e contexto. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. 45-2, 5-26, 2011.

_____. Natureza e natureza: dois conceitos complementares em Rousseau. **Controvérsia** – v.3, n.2, p. 60-65, jul-dez, 2007.

_____. **O Emílio de Rousseau e a formação do cidadão do mundo moderno**. 2a. ed. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

_____. Os óculos de Rousseau : visão de um mundo (im)possível. **Aphonline**: Trindade-GO, v.1, n.1, p.65-82, jan./jun. 2011.

PAIVA, Wilson Alves de; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. A infância no pensamento pedagógico de Rousseau. **Revista Tecnia**, vol. 8, n. 1, 2023.

PEREIRA, Ana Maria; CESÁRIO, Marilene. **Da ginástica ao nascimento da educação física e o advento do racionalismo**. XVIII SEDU - Semana da Educação I Congresso Internacional de Educação Contextos Educacionais: Formação, Linguagens e Desafios. Universidade Estadual de Londrina. 2019.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Educação**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 2008.

_____. **Seis Estudos de Psicologia**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 2013.

PILETTI, Nelson. Fernando de Azevedo. **Estudos Avançados**, v.8, n.22, 1994.

PISSARRA, Maria Constança Peres. **Rousseau**: a política como exercício pedagógico. São Paulo: Moderna, 2002.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: La Fonte, 2020.

_____. **Protágoras, Górgias, Fedão**. 2ª ed. Belém: EDUFPA, 2002.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 16ª ed., São Paulo: Ática, 1996.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

QUINTANEIRO, Tania. Émile Durkheim. In: QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardência Monteiro de (orgs.). **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

QUITZAU, Evelise Amgarten. "O trabalho na forma de alegria juvenil": a ginástica segundo Johann Christoph Friedrich Guts Muths. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 359-373, abr./jun. 2012.

QUITZAU, Evelise Amgarten; SOARES, Carmen Lúcia. O ideário de vida ao ar livre nas sociedade ginásticas teuto-brasileiras (1880-1938). **Pro-Posições**. Campinas: SP v. 30, 2019.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Disponível em: < www.scielo.br/j/rbce>.

REVERDITO, Riller Silva. Competições Escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, Goiânia, 11/1: 37-45, jan./jul. 2008.

ROSE JÚNIOR, Dante de. A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento,** Brasília, v. 10 n. 4, 2002a, p. 19-26.

_____. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: ROSE JÚNIOR, Dante de (orgs.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002b.

_____. **Situações específicas e fatores de estresse no basquetebol de alto nível**. (Tese de Livre Docência) Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. S. Paulo: Nova Cultural, 1999a. (Coleção Os Pensadores; volume II).

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Maria Ermanita Galvão; cronologia e introdução Jacques Roger. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999c.

_____. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. S. Paulo: Nova Cultural, 1999b. (Coleção Os Pensadores; volume II).

_____. **Do contrato social**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. S. Paulo: Nova Cultural, 1999c. (Coleção Os Pensadores; volume I).

_____. **Emílio ou da Educação**. São Paulo, 2ª ed. rev. Difel, 1973.

_____. **Oeuvres complètes** (5 volumes). Paris: Gallimard, 1959-1995.

_____. **Os devaneios do caminhante solitário**. Trad. Intr. e Notas Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

RUBIO, Katia. Do Olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Rev. paul. Educ. Fís.** São Paulo, 16(2): 130-43, jul./dez. 2002.

SABA, Fábio. **Mexa-se**: atividade física, saúde e bem-estar. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2008.

SAHD, Luiz Felipe N. de A. S. A noção de liberdade no Emílio de Rousseau. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 28(1): 109-118, 2005.

SANTANA, Wilton Carlos de. Pedagogia do Esporte na Infância e na Complexidade. In: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do Esporte:** contextos e perspectivas. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 16ª ed. Campinas, Autores Associados, 1996.

_____. **Escola e Democracia**. 42 ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

_____. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. Campinas. Autores Associados. 11ªed. 2013.

SANTANA, Wilton Carlos de. Pedagogia do Esporte na Infância e na Complexidade. In: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do Esporte:** contextos e perspectivas. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2005.

SCAGLIA Alcides José; MEDEIROS, Mara; SADI, Renato Sampaio. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **Revista virtual EFArtigos**, Natal-RN, v. 3, n. 23, 2006.

SCOTT, John. **Rousseau's reader**: strategies of persuasion and education. Chicago: University of Chicago Press, 2020.

SGANDERLA, Ana Paola; CARVALHO, Diana Carvalho. A psicologia e a constituição do campo educacional brasileiro. **Psicologia em Estudo**, v.15, n.1, p.107-115. Jan/mar.2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23ªed. São Paulo, Cortez, 2007.

SILVA, Graziella Moraes Dias da. **Sociologia da sociologia da educação:** caminhos e desafios de uma policysciense no Brasil. (1920-1979). Bragança Paulista. EDUSF, 2002.

SOARES, Carmem Lúcia. Corpo, Conhecimento e Educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmem Lúcia (orgs.). **Corpo e História.** Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **Educação Física:** raízes europeias e Brasil. 4ª ed. São Paulo: Autores Associados. 2007.

_____. Métodos Ginásticos. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3ª ed. rev. e ampl. Ijuí: Unijuí, 2014.

SOARES, Carmem Lúcia; *et al*, 1992. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA NETO, Samuel de; *et al*. A formação profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan. 2004.

SOUZA, Rachel Ramos de. **Educação, corpo e natureza na obra "O Emílio" de Jean-Jacques Rousseau**. Campinas, SP: [s.n.], 2016. (Dissertação de mestrado).

STRECK, Danilo R. **Educação para um novo contrato social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. O pensamento moderno e a crise na Educação Física. **Roteiro**, Unoesc, v. 32, n. 1, p. 7-36, jan./jun. 2007.

VAGO, Tarcísio Mauro. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer a educação física na escola. Cadernos Cedes, ano XIX, no 48, 1999.

_____. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Movimento**, Porto Alegre, Ano-III, n. 5, 1996.

VIEIRA NETO, João Martins. Educação Física e Indústria Cultural. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1019-1044, set./out. 2009.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Pedagogia Histórico-crítica e metodologia de ensino Crítico-superadora da educação Física: nexos e determinações. **Nuances: estudos sobre Educação**, v.27, n.1, p.5-23, jan./abr. 2016.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Metodologia científica do treinamento esportivo.** 3ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1984.

TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. Trad. do grupo de doutorandos do curso de pós-graduação em Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul; revisão e orgs.anização da tradução Ernildo Stein e Ronai Rocha. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 3ª. edição, 1999.

VARGAS, Yves. **Introduction à l'Émile de Rousseau**. Paris: PUF, 1995.

VERENGUER, Rita Cássia Garcia. Ginástica e Platão: que dupla é essa? **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.7, n.l, 69-76, 1993.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6º ed. 6ª tiragem, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WAKSMAN, Vera. **El laberinto de la libertad**: política, educación y filosofia em la obra de Rousseau. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

WEINECK, Jürgen. **Atividade Física e Esporte**: para quê? Barueri: Manole, 2003.

_____. **Treinamento Ideal**. 9ª ed. Barueri: Manole, 1999.

XENOFONTE. **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates**. Bauru: EDIPRO, 2006.

ANEXO

Anexo 1

Quadro 1 - Principais características das Abordagens Desenvolvimentistas, Construtivista, Saúde Renovada, Crítico-superadora, Sistêmica**.**

	Desenvolvimentista	**Construtivista**	**Saúde renovada**	**Crítico-superadora**	**Sistêmica**
Principais Autores	Tani, G. Manoel, E.J.	Freire, J. B.	Ghedes Nahas	**Coletivo de Autores, 1992:** Soares, C.L. Taffarel, C. Ortega, M. Varjal, M. Castellani Filho, L. Bracht, V.	Betti, M.
Livro	Educação Física Escolar: uma Abordagem Desenvolvimentista	Educação de corpo inteiro		Metodologia do Ensino de Educação Física	Educação Física e Sociedade
Área de base	Psicologia	Psicologia	Fisiologia	Filosofia Política	Sociologia Filosofia
Autores de base	Gallahue, D. Connoly, J.	Piaget, J.	Vários	Saviani, D. Libâneo, J.	Bertalanfy Koestler, A.
Finalidade	Adaptação	Construção do conhecimento	Melhorar a saúde	Transformação social	Transformação social
Temática principal	Habilidade, aprendizagem, desenvolvimento motor	Cultura popular, jogo, lúdico	Estilo de vida ativo	Cultura corporal, visão histórica	Cultura Corporal, motivos, atitudes, comportamento
Conteúdos	Habilidades básicas, habilidades específicas, jogo, esporte, dança	Brincadeiras populares, jogo simbólico, jogo de regras	Conhecimento, exercícios físicos	Conhecimento sobre o jogo, esporte, dança, ginástica	Vivência do jogo, esporte, dança, ginástica

Fonte: (DARIDO, 2011, p.11 - 21).

Anexo 2

Quadro 2[145] - Principais características das Abordagens Crítico-emancipatória, Cultural, Jogos Cooperativos e Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

	Crítico-emancipatória	**Cultural**	**Jogos cooperativos**	**Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs**
Principais Autores	Elenor Kunz	Jocimar Daólio	Fábio Brotto	Marcelo Jabu e Caio Costa
Livro	Transformações didático-pedagógicas do esporte	Da cultura do corpo	Se o importante é competir o fundamental é cooperar	PCNs, 3º e 4º ciclos (5º a 8º séries)
Área de base	Filosofia, Sociologia, Política	Antropologia	Psicologia	Psicologia e Sociologia
Autores de base	Habermas	Mauus Geertz	Terry Orlick	Vários
Finalidade	Reflexão Crítica emancipatória dos alunos	Reconhecer o papel da cultura	Indivíduos cooperativos	Introduzir o aluno na esfera da cultura corporal de movimento
Temática principal	Transcendência de limites	Alteridade	Incorporação de novos valores	Conhecimentos sobre corpo, esportes, lutas, jogos e brincadeiras e atividades rítmicas e expressivas
Conteúdos	Conhecimento, esportes	Técnicas corporais	Jogos cooperativos	Conhecimentos sobre corpo, esportes, lutas, jogos e brincadeiras e atividades rítmicas e expressivas

Fonte: (DARIDO, 2011, p.21).

[145] Devido a questões de formatação do texto, destacaremos aqui nesta nota de roda pé, as características fundamentais da Abordagem Psicomotrocidade: 1) Principais autores: Jean Le Bouch; 2) Livro: Educação pelo Movimento; 3) Área de base: Psicologia; 4) Autores de base: Wallon, Piaget, Luria, Ajuriaguerra; 5) Finalidade: Reeducação psicomotora; 6) Temática principal/Conteúdos: Consciência corporal, lateralidade e coordenação/Exercícios (DARIDO, 2011, p. 21).

APÊNDICE

Apêndice 1: Área da Educação Física e suas vertentes.

Fonte: elaborada pelo próprio autor desta tese, segundo a leitura de Bracht (2014).

Apêndice 2: Esquema de interpretação da Competição em 3 polos.

Fonte: elaborada pelo próprio autor desta tese.